



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA  
DOUTORADO EM LITERATURA BRASILEIRA**

**A POÉTICA DE HENRIQUETA LISBOA: ABORDAGEM SOB  
UMA PERSPECTIVA TRANSCENDENTE**

**ADRIANA LEVINO DA SILVA RAMOS**

**BRASÍLIA**

**2012**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA**  
**DOUTORADO EM LITERATURA BRASILEIRA**

**A POÉTICA DE HENRIQUETA LISBOA: ABORDAGEM SOB  
UMA PERSPECTIVA TRANSCENDENTE**

Tese apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do grau de Doutor em  
Literatura Brasileira do programa de Pós-  
Graduação em Literatura da Universidade de  
Brasília

**ADRIANA LEVINO DA SILVA RAMOS**

**BRASÍLIA**

**2012**

**ADRIANA LEVINO DA SILVA RAMOS**

A POÉTICA DE HENRIQUETA LISBOA: ABORDAGEM SOB  
UMA PERSPECTIVA TRANSCENDENTE

**Banca avaliadora:**

Profa. Doutora Hilda Orquidea Hartmman Lontra

(orientadora - presidente)

Prof. Doutor Antonio Donizeti da Cruz

(membro convidado)

Profa. Doutora Micheline Lage

(membro convidado)

Profa. Doutora Elga Perez Laborde

(membro convidado da UnB)

Prof. Doutor Sidney Barbosa

(membro convidado da UnB)

Profa. Doutora Ana Maria Lisboa de Mello

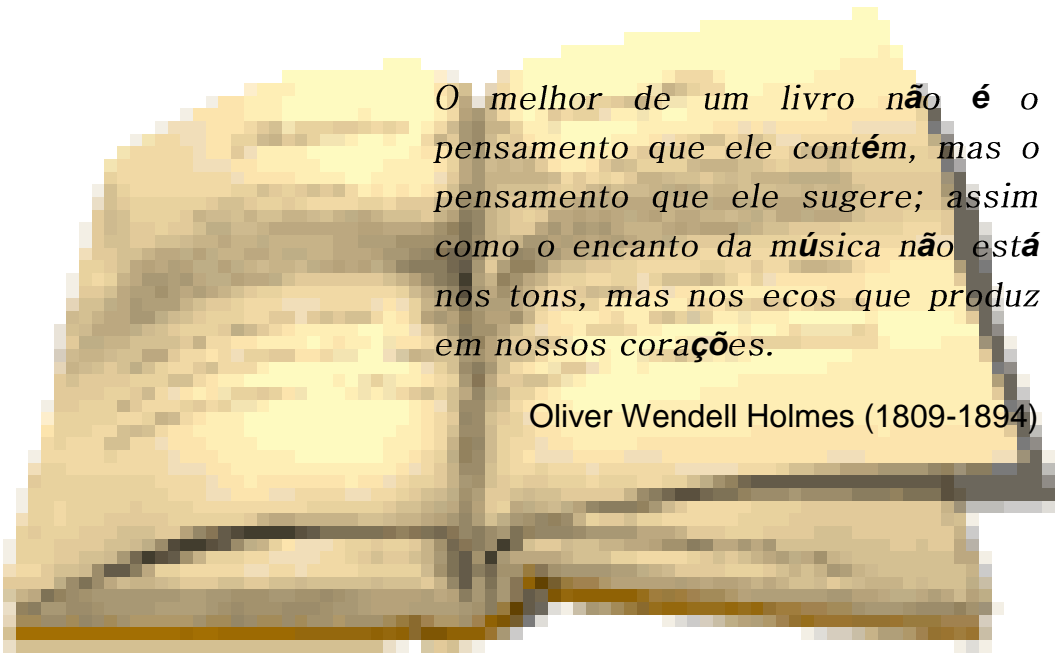
(membro convidado - suplente)

Prof. Doutor Piero Luís Zanetti Eyben

(membro convidado - suplente)

BRASÍLIA

2012



*O melhor de um livro não é o pensamento que ele contém, mas o pensamento que ele sugere; assim como o encanto da música não está nos tons, mas nos ecos que produz em nossos corações.*

Oliver Wendell Holmes (1809-1894)

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela dádiva da vida.

Aos professores do Doutorado pelas aulas e incentivo constante.

À Hilda Orquídea Hartmann Lontra pela orientação sábia, presença amiga e árvore de luz e sonhos que me faz transcender.

À equipe de secretaria: Dora, Ana Maria, Gustavo e Luciana, pelo atendimento gentil.

À Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, pelo afastamento remunerado.

À equipe do Acervo de escritores mineiros e bibliotecários da UFMG, pela recepção cordial.

Aos professores e estudantes que participaram da pesquisa experimental.

Aos membros da banca de qualificação, professores doutores Piero Luís Zanetti Eyben e Celina Cassal Josetti, pelas críticas e importantes sugestões para o desenvolvimento do trabalho.

Às queridas amigas: Carmen Sílvia Batista, Cleonice Meneses, Maria Elvira H. Tajés, Neurélia de Souza Santos, Patrícia Resende, Rosângela Lemos, Tânia Maria B. G. Dassow Dias, pelo apoio, atenção, colo e sorrisos compartilhados.

Aos meus pais e irmãos, pela torcida, estímulo, orações e presença encantada em todos os momentos.

Aos sobrinhos André, Régis, Felipe, Danielle, Caroline, Lucas, Lívia, Isabella e aos meus filhos do coração: Dalila e João Pedro, pelo carinho e suporte tecnológico.

Ao meu esposo Gabriel, pelo amor que nos une.

E a todos que direta ou indiretamente colaboraram para a realização desta pesquisa, minha gratidão.

*Para os seres-espacos de meu afeto:  
minha famíliã, pelos laços materiais e  
espirituais.*

## RESUMO

RAMOS, Adriana Levino da Silva.

A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente.

Programa de Pós-graduação em Literatura

Tese de Doutorado, defendida em 7 de dezembro de 2012.

Orientação da professora doutora Hilda Orquídea Hartmann Lontra.

Palavras-chave: Henriqueta Lisboa, hermenêutica, transcendência, poesia, filosofia.

O presente estudo objetiva ampliar os horizontes hermenêuticos de poéticas de lavra feminina; situa-se na linha de pesquisa LEME: LEITURA, ENSINO E MEDIAÇÃO DA LITERATURA, tem caráter hermenêutico, voltado ao *corpus* constituído de poemas das *Obras Completas I – Poesia geral* de Henriqueta Lisboa (1929-1983), cuja temática está intimamente relacionada à transcendência. A pergunta desencadeadora da pesquisa reside no fato de que a lírica de Henriqueta Lisboa apresentando, com ênfase, a reiteração e o entrelaçamento de imagens e situações metafísicas, torna-se difícil, hermética, aos leitores menos habilitados. Negando-a, estruturamos o trabalho em capítulos, com a seguinte distribuição: primeiro apresenta-se uma abordagem teórico-reflexiva em que se regatam as origens e dimensões do verbete transcendência, bem como as concepções contemporâneas. Após, são apresentadas a biobibliografia e fortuna crítica de Henriqueta Lisboa. Em seguida, passa-se à análise dos poemas em que a transcendência na e pela lírica revela-se por meio de verbetes, expressões ou fragmentos textuais que apontam para além das contingências vitais, das limitações temporais. Finalmente, apresenta-se a pesquisa aplicada, feita a partir do poema *O tempo é um fio*, de Henriqueta Lisboa, junto a um grupo heterogêneo de sujeitos, com o intuito de mostrar que, independente de instrução, os leitores apreendem os aspectos transcendentais a partir da imanência dos textos. Como pesquisa qualitativa, com paradigma fenomenológico e hermenêutico, este estudo evidencia que, desde remotas eras, o homem busca compreender e refletir acerca da transcendência, descobrindo algo que está além do visível (vida), do inexplicável (morte), do espaço (alcance visual, tátil), do tempo (além da história). Henriqueta Lisboa, em seu poetar, revela, de modo singular, a transcendência em diferentes níveis, na tentativa de apreender o inefável e ressignificar a existência humana. Defende-se que o universo da produção artística desta Autora deve ser amplamente difundido entre os jovens leitores, alargando as fronteiras de literatura brasileira de contribuição feminina, ampliando o entendimento do ser humano e da vida.

## ABSTRACT

RAMOS, Adriana Levino da Silva.

Henriqueta Lisboa's poetic: approach under a transcendent perspective.

Programa de Pós-graduação em Literatura

Tese de Doutorado, defendida em 7 de dezembro de 2012.

Orientação da professora doutora Hilda Orquídea Hartmann Lontra.

Keywords: Henriqueta Lisboa, hermeneutics, transcendence, poetry, philosophy

The present research aims to broaden the hermeneutic horizons of female poetics; it is situated in the research line LEME: READING, TEACHING, AND LITERATURE MEDIATION, has the hermeneutic nature, returned to the *corpus* constituted by poems from the Complete Works I – *General Poetry* of Henriqueta Lisboa (1929-1983), whose theme is closely related to transcendence. The triggering of the research question lies in the fact that the lyric of Lisbon featuring Henriqueta Lisboa, with emphasis, repetition and interweaving of images and metaphysical situations, it becomes difficult, hermetic, less skilled readers. Denying it, we structured the work into chapters, with the following distribution: first presents a theoretical-reflexive with the origins and dimensions of transcendence entry, as well as contemporary designs. Following, are presented Biobibliography and critical fortune of Henriqueta Lisboa. Then move on to the analysis of the poems in which the transcendence and the lyric reveals itself through entries, expressions or textual fragments which point beyond the contingencies vital, the time limitations. Finally, we present the applied research, made from the poem *Time is a wire*, from Henriqueta Lisboa, to a heterogeneous group of subjects, in order to show that, regardless of education, readers perceive the transcendent aspects from the immanence of texts. As qualitative research, phenomenological and hermeneutic paradigm, this study shows that since remote times, man seeks to understand and think about transcendence, finding something that is beyond the visible (life), the inexplicable (death), space (range visual, tactile), time (besides the story). Henriqueta Lisboa in his poetry, reveals a unique way to transcendence in different levels, trying to grasp the ineffable and reframe human existence. It is argued that the universe of Henriqueta Lisboa's artistic production should be widespread among young readers, pushing the boundaries of Brazilian literature of female contribution, increasing the understanding of the human being and life.



## LISTA DE ABREVIATURAS DOS POEMAS ANALISADOS

AA: Ausência do anjo  
AC: As Coleções  
ACO: Aconchego  
ACM: A cidade mais triste  
ACR: As crianças  
AD: Adolescência  
ADL: Adeus à lua  
AFL: A face lívida  
AG: Água  
AL: As lembranças  
ALI: Além da imagem  
ALM: Alma  
AM: As madrugadas  
AMA: Amargura  
AMS: A menina santa  
AN: Angelitude  
AP: As provações  
APL: A paz, a lua  
APM: A paisagem do morto  
AR: Ar  
ARV: Árvore  
AT: À tua espera  
ATR: Átrio  
CA: Camélia  
CAN: Canção  
CG: Canção grave  
CH: Chuva  
CJ: Crianças no jardim  
CL: Calendário  
CO: Companhia  
CP: Casa de pedra  
DBH: Drama de Bárbara Heliodora  
DE: Descoberta  
DI: Diferença  
DIM: Diante da morte  
DMU: Do mutilado  
DOC: Do cego  
DOI: Do idiota

DOP: Do poeta  
DSD: Discurso para Santos Dumont  
DSU: Do surdo  
EL: Elegia  
ELM: Elegia de Mariana  
ES: Espacial  
EST: Estrelitzia  
ET: Eu te perdô, vida...  
EU: É uma criança  
EX: Experiência  
EXP: Expectativa  
FA: A fonte azul  
FI: Fim  
FLO: Flor da morte  
FM: Fascinação do mar  
FO: Fogo  
FR: Frutescência  
GO: A gota de orvalho  
HE: Hora eterna  
HOL: Holderlin  
HU: Humildade  
ID: Idílio  
IF: Irmão Freitas  
IL: Irmão Lourenço  
IN: Intermezzo  
IND: Os indícios  
INF: Infância  
INI: Iniciação  
INO: Inocência  
INT: Intimidade  
IQ: Inspiração que se perdeu  
LA: Lágrima  
LC: Longas caminhadas  
LSM: Lamento do soldado morto  
ME: Mensagem  
MI: Miradouro  
MSU: A mais suave  
MS: Mar de sombra  
MT: Momento no tanque grande  
NM: Na morte  
OA: O ausente  
OAH: O alvo humano  
OC: O cortejo

OCO: O coro  
OD: O dom  
ODE: Oração no deserto  
OE: Os estágios  
OEX: O excepcional  
OM: O milagre  
OMF: Oração do momento feliz  
ON: Ó noite  
OQD: O que dorme  
OR: Oração  
OS: O silêncio  
OTF: O tempo é um fio  
PA: Poeminha do amarelo  
PAS: Pastor  
PMA: Poesia de Mário de Andrade  
PN: Prisioneira da noite  
PO: Poder obscuro  
PRO: Procissão  
PS: Poema da solidão  
QNV: Quarteto nostalgítalia:Veneza  
RA: Raiz amarga  
RE: Ressonância  
ROA: Romance do Aleijadinho  
RP: Rincão de paz, ilha de sombra  
SA: Serena  
SD: Saudação a Drummond  
SEG: Segredo  
SE: Serenidade  
SI: Sinal  
SIN: Singular  
SO: Solidão  
SOD: Sant'ana dos olhos d'água  
TA: Três amores  
TEM: Tempestade  
TF: Teu filho  
TN: Terra negra  
TPA: Tuas palavras, amor  
VA: Valor  
VAL: Os Valores.  
VB: Vida breve  
VI: Visita  
VO: Vocábulo  
VPM: Vida, paixão e morte do Tiradentes



## SUMÁRIO

Lista de abreviaturas dos poemas analisados	
APRESENTAÇÃO DO TRABALHO	15
CAPÍTULO 1: TRANSCENDÊNCIA: REFLEXÕES TEÓRICAS	23
1.1. Etimologia	23
1.2. Volta às origens	24
1.3. Concepções atuais	28
1.3.1 Reflexões de base filosófica	29
1.3.2 O idealismo pós-kantiano	33
1.3.3 Filosofia e religião	41
1.3.4 Os santos filósofos	42
1.3.5 Pensadores da matriz filosófica cristã	47
CAPÍTULO II: REFLEXÕES CONCEITUAIS	59
2.1 Linguagem conceitual vs. linguagem simbólica	60
2.2 Tempo vs. Espaço	61
2.2.1. O regime diurno da imagem	61
2.2.2 O regime noturno da imagem	64
2.3 Essência vs. Aparência	67
2.4 Forma vs. Substância	68
CAPÍTULO III: BIOBIBLIOGRAFIA E FORTUNA CRÍTICA DE HENRIQUETA LISBOA	71
3.1. Aspectos biográficos: Cronologia	71
3.2. Personalidade	75
3.3. Crítica da poética	77
CAPÍTULO IV: A PERCEPÇÃO TRANSCENDENTE NA LÍRICA DE HENRIQUETA LISBOA	83
4.1. Visão geral da lírica de Henriqueta Lisboa	83
4.2. Outros componentes das <i>Obras Completas</i>	89
4.3. Os grandes temas relacionados à transcendência	93
4.3.1. Natureza	94
4.3.2. Sentimentos dominantes	101
4.3.3. Religiosidade	104
4.3.4. Morte e Transcendência	107

CAPÍTULO V: A RECEPÇÃO DO TEXTO DE HENRIQUETA LISBOA	113
5.1 O objetivo da pesquisa	113
5.2. O texto	114
5.3. Os informantes	114
5.4. <i>Corpus</i> da pesquisa experimental	122
5.5. Análise das respostas	126
CAPÍTULO VI. DA IMANÊNCIA À TRANSCENDÊNCIA: A POÉTICA DE HENRIQUETA LISBOA	131
Bibliografia	139
Anexos	145

## APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Para acompanhar esta reflexão acerca da abordagem transcendente na lírica de Henriqueta Lisboa, em que as sutilezas de transcendência se fazem constantes, contaminando a leitura, é necessário partir do pressuposto (e partilhar da convicção) de que a natureza humana, a constituição cultural de homens e de mulheres, não é simples. Os seres vivos, inseridos no amplo conjunto a que se denomina humanidade, não são constituídos apenas de matéria, de corpo. Unidades híbridas, entes compostos de elementos díspares, os humanos são formados de uma parte material e de uma parte não-material. Independentemente de dogmas de carácter religioso. Para se refletir a respeito de transcendência é necessário se estar convicto de que os seres humanos, devido a sua própria natureza, são capazes de transcender da matéria para o evanescente, do concreto à abstração.

Existe, quando se põe em pauta a questão da transcendência, uma série de argumentos que não dependem da faticidade, de qualquer forma de experiência, por serem gerados no interior da própria razão. É o caso de se pensar os sentimentos, as empatias, as reações, os valores individuais e coletivos, o temperamento, enfim, tudo o que nos<sup>1</sup> move cuja causa extrapola o organismo e o corpo físico. Neste estudo, uma série de seleções lexicais e de argumentos sintáticos e semânticos estão considerados além da realidade sensível.

A premissa mais importante, de ordem metafísica, consiste em entender que o aspecto físico – ou seja, o que é concernente às leis da natureza; corpórea, material – é apenas uma parte relativa ou pertencente ao ser, ao seu estudo ou às suas características e que a matéria se relaciona ao ente, o existente múltiplo.

---

<sup>1</sup> A opção pela primeira pessoa do plural será usada em toda a tese. Cabe ressaltar que não é uma escolha de maneira majestática, mas sim por entender que, em qualquer discurso escrito, a singularidade é relativa, atinente apenas à originalidade da escolha vocabular, uma vez que, conforme ensina Mikhail Bakhtin (2009), na fala individual ecoam múltiplas vozes que constituem o horizonte de experiências tanto dos escritores quanto dos leitores.

O ente possui componentes irreversíveis (ditados por outro corpo físico que o antecede): aspectos biológicos, biótipos, cor da pele, altura, etc... Subsume, também, a não-matéria (que pode ser denominada por espírito, alma, conhecimento), constituída de pensamento, de energia, de movimento. Considerar a não-matéria física (associada ao significado) é ser capaz de entender o que está além dos limites da matéria (aproximável ao significante); reconhecer algum atributo ou qualidade superior; exceder, salientar-se; transcender.

Etimologicamente, transcender vem do latim *transcendo, is, di, sum, ère* “passar subindo, atravessar, ultrapassar, transpor”, e pela primeira definição já abrange um caráter de elevação, ascendente. Desde as mais remotas eras, atentar para a transcendência consiste em buscar entender e estudar algo que está além do visível (vida), do inexplicável (morte), do espaço (do alcance visual e tátil) do tempo (além da história). E os *leitmotivs* dicotômicos vida/morte, espaço/tempo, natureza/cultura, desde sempre são matéria da literatura.

Assim, esquadrihar as manifestações – a partir da palavra literária – de uma percepção de mundo que vai além do que pode ser observado pelos sentidos na realidade concreta, visão essa oriunda de uma elevada (portanto, já transcendente) acuidade feminina – a obra completa de Henriqueta Lisboa – é o propósito desta pesquisa.

Com ela, objetivamos perscrutar, amparados em estudos interdisciplinares<sup>2</sup>, a partir de análises, a poemática de Henriqueta Lisboa que se manifesta pela reiteração, recombinação e entrelaçamento de imagens e situações metafísicas que constituem o *leitmotiv* da escritora. Ademais, pretendemos oferecer uma colaboração singular para a ampliação do universo de conhecimentos a respeito da Autora e, em decorrência, para o alargamento das fronteiras da literatura brasileira de contribuição feminina.

Leituras prévias de Henriqueta Lisboa levaram à certeza de que ainda não foi suficientemente explorada, no universo acadêmico, a obra desta importante

---

<sup>2</sup> Parte desta pesquisa é bibliográfica, em que se dá o cruzamento da crítica do imaginário com outros campos do saber humano, principalmente filosóficos e antropológicos. Outra parte é hermenêutica, quando serão abordados poemas da *Lírica Completa* da Autora. Apresentamos, também, uma experiência de interpretação feita com sujeitos docentes.



*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

artista brasileira do século XX. Contudo, esta produção literária de indiscutível valor iniciou sua jornada com *Enternecimento*, no ano de 1929, desdobrou-se, de modo profícuo, durante o período Modernista e atingiu a Pós-Modernidade, ao longo de uma carreira que abarcou cinquenta anos de ininterrupto labor intelectual e literário.

A possibilidade de estudo aprofundado de uma das facetas da poeta<sup>3</sup>, ou seja, sua ânsia constante pelo transcendente, configura-se oportunidade ímpar de reflexão a respeito da realização literária feminina em nosso país. As inúmeras pesquisas feitas sobre sua vida e obra<sup>4</sup> confirmam-na como uma das poetisas mais homenageadas do país.

Na produção de Henriqueta Lisboa é possível constatar a presença de distintas correntes de nossa lírica. Algumas obras, a exemplo de *Enternecimento* (1929), *Velário* (1936) e *Prisioneira da noite* (1941) constituem, segundo os críticos contemporâneos, um prolongamento do Simbolismo em plena vigência modernista. Seu repertório lexical e as suas opções temáticas revelam a presença de símbolos comuns a seu tempo<sup>5</sup>, porém com tratamento singular, no que tange à distribuição e à recorrência de imagens fundamentais. É oportuno acrescentar ainda que se constata na obra de Henriqueta Lisboa outra vertente do Simbolismo – a dos poetas mineiros do século XVIII –, com uma nuance rococó. Não pode ser esquecida, por fim, a tendência barroca, que dialoga com a expressão rococó, materializada nas miniaturas, nas descrições de objetos ornamentais, como também na manifestação sutil dos sentimentos.

Entregue à aventura de sondar o esotérico, subjetivar o cosmos em rasgos humanos de presença, lança *Celebração dos Elementos – Água Ar Fogo Terra* (1977). Sua última obra, *Pousada do Ser* (1982), parece revelar o mundo

---

<sup>3</sup> Utilizamos o verbete “poeta” em toda a tese, em consonância com os estudos de Blanca Lobo Filho, por ser a mais antiga estudiosa da obra henriquetiana de que se tem notícia, uma vez que é dessa forma “universal” que ela se manifesta acerca de Henriqueta Lisboa.

<sup>4</sup> A biografia e a fortuna crítica de Henriqueta Lisboa foram recuperadas na biblioteca central da Universidade Federal de Minas Gerais e no Acervo de Escritores Mineiros, onde se encontram todos os documentos dela de que se tem notícia.

<sup>5</sup> A revisão crítica acerca dessa Autora far-se-á no capítulo terceiro e confirmará o que se afirma agora.

que nos cerca, ou, talvez, o próprio corpo onde a alma transitoriamente habita<sup>6</sup>. A hipótese que norteia esta investigação afirma ser a ânsia pelo transcendente uma característica intensa em Henriqueta Lisboa.

Vários autores críticos já bordejaram a lírica henriquetiana. Entre eles, os trabalhos mais significativos são, certamente, “Interpretação da Lírica de Henriqueta Lisboa” (LOBO FILHO, 1965); “A Poesia de Henriqueta Lisboa” (LOBO FILHO, 1966); “A Lírica de Henriqueta Lisboa” (LUCAS, 1985); “Essa mineiríssima Henriqueta; ensaio de interpretação da obra poética de Henriqueta Lisboa” (RANGEL, 1987); “Henriqueta Lisboa: Poesia Plena” (DUARTE, J.A.M., 1996); “Henriqueta de Minas, Minas de Henriqueta. Henriqueta Lisboa: o mistério da criação poética” (LEÃO, 2004); “Henriqueta Lisboa: a morte como florescimento do ser” (MACHADO, 2007) e “Henriqueta Lisboa – Uma biografia intelectual” (DUARTE, 2010).

Os mais antigos, de Lobo Filho e de Rangel, iluminam com profundidade histórica a lírica de Henriqueta. Lobo Filho, por exemplo, distribui em oito ciclos tal lírica. São uma síntese da vida e dos pensamentos da Autora que sugerem, cronologicamente, a história de uma natureza singular e, ao mesmo tempo, revelam a evolução gradual e constante da estética henriquetiana. Por intermédio desses oito ciclos é possível perceber os temas recorrentes na obra: o amor, a religião, a infância, o folclore e o patriotismo e, o mais constante, a morte.

Por sua vez, Rangel apresenta minucioso estudo realizado a respeito da obra lírica de Henriqueta Lisboa, desde *Enternecimento até Pousada do ser*, nota-se a ligação da poeta com as suas origens, sua terra natal, a ânsia pelo transcendente. Já Fábio Lucas, um dos maiores estudiosos da produção de Henriqueta Lisboa, ao analisar a lírica com perspicácia, procura entender a obra henriquetiana sob a luz das grandes vozes da literatura brasileira. Duarte (1996), contribui para que se mantenha viva a imagem humana e intelectual de Henriqueta Lisboa. Ele caracteriza cada um dos livros com nuances de beleza e expressão, incluindo *Fogo-Fátuo*, de 1925.

---

<sup>6</sup> Cabe esclarecer que, embora o tema transcendência esteja mais vinculado a tais obras, elas não são os exclusivos objetos de análise; mas, sim, será perpassada a obra poética inteira da Autora.

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

Os trabalhos mais recentes têm dado valiosa contribuição para a percepção da obra henriquetiana. Duarte (2010) vem desenvolvendo interessantes pesquisas acerca da obra poética de Henriqueta Lisboa, situando-a criticamente perante os seus contemporâneos, mineiros e nacionais, observando os laços existentes entre poesia e vida intelectual. Tem estudado e organizado a correspondência de Henriqueta com diversos autores, entre os quais, destacam-se Cecília Meireles, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Gabriela Mistral.

Para demonstrar nossa hipótese de que a obra de Henriqueta Lisboa se sustenta em uma visão transcendente dos seres naturais e dos objetos culturais, o trabalho estrutura-se em cinco partes. Na primeira, apresenta-se um esboço teórico-reflexivo, em que se resgatam as origens e as dimensões do vocábulo transcendência, seguido das concepções contemporâneas deste. Walter Bruggler, José Mora, John Burnet, Leon Robin, Platão, Immanuel Kant, Fichte, Schelling, Schleiermacher, Heidegger, Michel Richard, Allan Kardec e Leonardo Boff ofertam os embasamentos teóricos e filosóficos que subsidiam a pesquisa.

Na segunda parte, faz-se um breve resgate conceitual de termos plurissignificativos que estarão presentes na análise da obra poética. Gilbert Durand, Gaston Bachelard e Mikhail Bakhtin apresentam os elementos que propiciam a ancoragem conceitual da análise.

Na terceira parte, são apresentadas a biobibliografia e a fortuna crítica de Henriqueta Lisboa, a partir da recuperação, no Acervo de Escritores Mineiros e na biblioteca central da Universidade Federal de Minas Gerais, de todos os documentos de que se tem notícia a respeito dela e de sua obra: Blanca Lobo Filho, Fábio Lucas, Constância Lima Duarte, José Afrânio Moreira Duarte, Pascoal Rangel, entre outros, dão conta dos estudos analíticos e críticos henriquetianos.

Na quarta, apresenta-se a análise de poemas extraídos das *Obras Completas I – Poesia Geral* (1929-1983). A transcendência na lírica henriquetiana transparece por meio de verbetes, expressões ou fragmentos textuais que apontam para além das contingências vitais, das limitações

temporais; presentifica-se o pensamento-expressão que se debruça sobre o espaço do distante, buscando as reverberações culturais que emanam dos conjuntos de elementos naturais.

Nesse sentido, optamos por redistribuir os textos de maneira distinta daquela em que se encontram nas obras; a leitura dos poemas será evidenciada a partir de lexemas recorrentes cujo sentido denotativo aparece revestido de camadas de significação conotativas, voltadas à uma visão expandida e alegorizada com a qual a Autora deixa vazar seu “sentimento de mundo”. Para tanto, foram selecionados poemas em que dominam os grandes temas relacionados à transcendência: natureza, sentimentos, religiosidade e morte.

Finalmente, na quinta parte, apresentamos a análise dos textos com as respostas dos informantes de uma pesquisa realizada em quatro espaços brasileiros diferentes: três Estados e no Distrito Federal, junto a professores, licenciandos e bacharéis em Letras e alguns estudantes do ensino médio, a partir do poema *O tempo é um fio*, relacionado ao tema transcendência. O objetivo dessa parte experimental (pesquisa de campo) foi aferir a facilidade/dificuldade da recepção da Autora, com vistas a estimular a inserção de sua obra no ambiente estudantil de ensino médio e superior, no Brasil contemporâneo.

Por isso, o presente estudo, situado na linha de pesquisa de Leitura, Ensino e Mediação da Literatura, destina-se à melhor compreensão da poética de Henriqueta Lisboa. Elegemos como leitoras preferenciais as mulheres, professoras que favorecem a leitura da literatura brasileira, de autoria feminina, em qualquer ambiente cultural, principalmente em estabelecimentos de ensino, com o que visam ampliar, nos estudantes, a significação da leitura literária para a existência humana.

Por fim, cabe salientar que a contribuição deste trabalho para o panorama científico está no resgate de uma voz feminina com seus ecos transcendentais, em que sobressai a tentativa de apreender o inefável e ressignificar a experiência humana pela poesia.

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

O esforço de Henriqueta Lisboa por definir o homem, não se reduz a indicar limites, mas a alargar os limites do Homem<sup>7</sup> por intermédio de um desafio que o humaniza.

---

<sup>7</sup> Sempre que nos referirmos a Homem (com maiúsculas) estamos generalizando para ser humano independente de sexo biológico.



## 1. TRANSCENDÊNCIA: REFLEXÕES TEÓRICAS

*É pelo corpo, por meio das sensações, que estamos em relação com o devir; mas pela alma, por meio do pensamento, é que estamos em comunhão com o verdadeiro, o qual dizeis vós, é sempre idêntico a si mesmo e imutável: enquanto que o devir varia a cada instante.*

Platão, *Diálogos: Sofistas*

### 1.1 Etimologia

Walter Brugger (1987), em seu *Dicionário de Filosofia*, informa que o vocábulo transcender origina-se do latim “*transcendere*” e que etimologicamente significa a ação de superar. Do ponto de vista epistemológico, transcendência diz respeito à independência de consciência. Em relação à experiência humana, transcendente significa o supra-sensível e o inexperimentável pelos sentidos; este último signo, no sentido de especulação do pensar.

Brugger destaca que, na atualidade, a filosofia existencial redescobriu a transcendência. Menciona as concepções de Jaspers e de Heidegger: para o primeiro, a existência humana se constitui pela transcendência, ou seja, por sua abertura ao absoluto; Heidegger compreende a transcendência como elevação do ente isolado ao mundo em geral, ao ente-no-todo, ao ser, apesar de não determinar o que seja este “ser”.

José Ferrater Mora (1977) ressalta, em seu *Dicionário de Filosofia*, que o termo transcendente costuma ser entendido como ao que está para lá de alguma coisa; transcender é sobressair. Amiúde se tem admitido que algo transcendente é superior a algo imanente. A esse respeito, Mora exemplifica que, ao se destacar a superioridade infinita de Deus em relação ao ser criado, se diz que Deus transcende o criado, logo, Deus é transcendência. Nesta acepção, assinala ainda a existência de várias teses no tocante à transcendência divina, ligadas a questões teológicas e metafísicas.

Este autor considera, também, o ponto de vista gnoseológico acerca do conceito de transcendência, ponto no qual desempenha um importante papel o modo de conceber a relação sujeito-objeto. Declara que a doutrina dos transcendentais mais conhecida, apesar de não ser a única, é a de São Tomás,

ao defender que aquilo que o intelecto apreende, antes de tudo, é o ente enquanto ente; portanto, o ente enquanto abstração suprema.

Mora, entre as doutrinas mais importantes relativas à transcendência, destaca o sentido de transcendental explorado por Kant, uma vez que nele se manifestam um novo uso e, além disso, uma transformação do emprego tradicional. Assim, para Kant, o transcendental está determinado pelo conceito de possibilidade de conhecimento: “Chamo *transcendental* a todo conhecimento que se ocupa não tanto dos objectos como do modo de os conhecer, na medida em que este modo é possível *à priori*.” O sistema de tais conceitos pode ser chamado de filosofia transcendental.

## 1.2 Volta às origens

*Em qualquer análise, é sempre indispensável, antes de tudo, estar de acordo sobre o seu próprio objeto, servindo-nos de razões que o definam, e não apenas sobre o seu nome.*

Platão, *Diálogos: Sofistas*.

Para avançar nesta reflexão acerca do tema norteador desta pesquisa, é necessário tecer algumas considerações a respeito dos primeiros documentos escritos de que se tem notícias no mundo ocidental, que tocam no assunto. Assim, recuperamos a obra com título *Fedon*,<sup>8</sup> de Platão, na versão em português de 1941, com tradução de Miguel Ruas.

*Fedon*<sup>9</sup> é reconhecido por vários estudiosos, entre os quais John Burnet como uma narrativa histórica<sup>10</sup> daquilo que “verdadeiramente” ocorreu no dia da morte de Sócrates.

Contudo, Leon Robin discorda do posicionamento de Burnet e dos seus colegas. Para Robin, *Fedon* é uma exposição, realizada por Platão, de suas

---

<sup>8</sup> Sempre que nos referirmos à obra *Fedon*, estamos nos reportando à seguinte edição: PLATÃO. *Fedon*. Tradução de Miguel Ruas. São Paulo: Athena Editora, 1941. Biblioteca Clássica, vol. XXXV.

<sup>9</sup> Esta obra é considerada como pertencente à fase de maturidade de Platão. Trata de um diálogo entre Sócrates e seus discípulos: Fedon, o narrador; Cebes, Símas, Criton, Echebrates e um outro de cujo nome Fedon disse não se lembrar, no último dia de vida de Sócrates. O diálogo ocorre na prisão, onde, por ordem dos Magistrados, o filósofo condenado teria que beber a sicuta antes do por-do-sol, dando fim a sua existência terrestre. Todas as passagens literais da obra *Fedon*, identificadas pelo número da página, foram colhidas da edição aqui referida.

<sup>10</sup> A informação de que esta obra tem um fundo histórico ampara-se nos estudos de John Burnet, que se encontra na “Apresentação” da obra *Fedon* (1941:5-6)



*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

próprias ideias acerca da morte e da imortalidade da alma, ideias essas relacionadas com outras doutrinas, como a teoria das ideias e da reminiscência, que abordam o assunto.

Sem entramos no mérito da discussão histórica – realidade vs ficção – ou teórica, – a distinção entre autor implícito e autor explícito em paralelismo – partimos do fato literário de que esta obra, escrita cerca de quatrocentos anos antes de Cristo, já revela a compreensão que filósofos daquela época partilhavam acerca da constituição bio-psíquica-espiritual da pessoa humana.

A leitura revela que Sócrates, questionado acerca de a pessoa dar-se morte a si mesma, explica seu ponto de vista, argumentando que vivemos numa “espécie de cárcere.” Apesar disso “é nosso dever não nos libertarmos a nós mesmos nem nos evadirmos<sup>11</sup>.”

Sócrates acrescenta que “são os deuses que nos têm sob sua guarda, e nós, os homens, somos parte da propriedade dos deuses.” (15) Assim sendo, o arbítrio das ações humanas é restrito, uma vez que a pessoa humana não detém total autonomia por seus atos. Não se “pertencendo”, tem de consultar o “proprietário”. Essa visão filosófica de ser humano aponta, desde remotas eras, que há um condicionamento divino pelo qual a pessoa é sujeita a algumas limitações em seus atos.

Em uma passagem de *Fedon*, Sócrates afirma que “todos os que se dedicam à filosofia, no sentido preciso da palavra, correm o risco de ser mal compreendidos”, visto que os demais homens julgam que a única sina a que não podem se eximir é a de morrer, e de estarem mortos “por séculos e séculos.” (19). Isso já revela a consciência de que abordar o tema da (i)mortalidade de

---

<sup>11</sup> Um texto de Martha Medeiros, que circulou pela internet, em fevereiro de 2011, vem ao encontro dessa percepção. Diz assim: *O psiquiatra Paulo Rebelato, em entrevista para a revista gaúcha Red 32, disse que o máximo de liberdade que o ser humano pode aspirar é escolher a prisão na qual quer viver. Pode-se aceitar esta verdade com pessimismo ou otimismo, mas é impossível refutá-la. A liberdade é uma abstração. Diga-me qual é a sua tribo e eu lhe direi qual é a sua clausura. São cativos bem mais agradáveis do que o Carandiru: podemos pegar sol, ler livros, receber amigos, comer bons pratos, ouvir música, ou seja, uma cadeia à moda Luis Estevão, só que temos que advogar em causa própria e hábeas corpus, nem pensar. Tudo que lhe dá segurança ao mesmo tempo lhe escraviza. Uma vida mundana, sem dependentes para sustentar, o céu como limite: prisão também. Você se condena a passar o resto da vida sem experimentar a delícia de uma vida amorosa estável, o conforto de um endereço certo e a imortalidade alcançada através de um filho. Se nem a estabilidade e a instabilidade nos tornam livres, aceitemos que poder escolher a própria prisão já é, em si, uma vitória.*

parte da natureza humana é tema controverso, passível de diferentes hermenêuticas.

Indagado a respeito do que é a morte, Sócrates responde que esta é “a separação da alma do corpo”. Para ele, “estar morto consiste em, de um lado, separado da alma, o corpo isola-se em si mesmo: do outro, a alma, separada do corpo é isolada em si mesma.” (19-20). Firma-se, dessa forma, a concepção dual da natureza humana.

Assim, até hoje há pessoas que partilham da mesma teoria: o Homem não é o corpo, finito, material que se decompõe e volta ao pó; é constituído também de espírito, imaterial, que, desligado do corpo, vai se reunir a “outras almas” que o precederam e com as quais mantém afinidades.

Sócrates prossegue, afirmando que até no tocante “à aquisição do conhecimento”, o corpo é “um entrave”. Entre os sentidos do corpo, “a vista e o ouvido são sem exatidão e incertos. Dessa feita, não se pode aguardar coisa melhor dos outros sentidos, todos inferiores àqueles.” (21).

O filósofo acrescenta, ainda, que a alma atinge a verdade “quando está isolada o mais possível em si mesma, afastando o corpo; e quando, interrompendo, na medida do possível, todo o contato com ele, aspira ao real.”(21). Essa “aspiração ao real” consiste nos princípios da transcendência, ou seja, tendo natureza múltipla, o ser humano deseja permanecer no tempo, no éter, além da finitude do corpo.

Nesta perspectiva, Sócrates continua: liberta a alma, ou seja, “quando estivermos mortos”, “nos pertencerá aquilo de que nos dizemos amantes: o pensamento”. E “aqueles que filosofam, se exercitam a morrer”; a ideia de morte é “coisa muito menos temível do que para qualquer outra pessoa”, uma vez que os filósofos podem ir com “alegria para o lugar onde, uma vez chegados, iriam encontrar aquilo que amaram durante toda a vida – o saber – e, além disso, onde se sentiriam livres.” (26)<sup>12</sup>

Contudo, a maioria dos homens lamenta o instante da morte, fato que revela a ausência de sabedoria, pois eles “amam” o corpo e estão fortemente

---

<sup>12</sup> Surpreendeu-nos, durante a leitura, essa aproximação radical: pensar em liberdade é transcender às contingências limitadoras do humano: liberdade de pensamento (saber), de condicionamentos físicos, de pressões sociais.

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

apegados a ele, assim como se encontram ligados “às riquezas, honrarias, coisas que eles não poderão conduzir a outra realidade.” (27)

Sócrates trata da ideia dos contrários para esclarecer aos amigos o seu pensamento acerca da preexistência e da imortalidade da alma: “as almas dos mortos encontram-se no Hades.<sup>13</sup> Lá se encontram as almas que foram daqui, e que, de novo, voltam para este mundo e se tornam a gerar, dos mortos, em novos seres. Assim, devemos admitir que as nossas almas lá se encontrarão.” (31)

Uma vez mais, questionado acerca da ideia dos contrários, Sócrates esclarece que “tanto proveem os vivos dos mortos como os mortos dos vivos”. E complementa que “isso nos podia parecer uma prova bastante para admitir que as almas dos mortos existam em algum lugar, onde tornam a nascer”. E reforça que “é uma realidade o reviver; dos mortos provêm os vivos” e insiste que “a sorte das almas boas é a melhor, a pior é a das almas más<sup>14</sup>” (34-5). Eis a teoria da pluralidade das existências e da destinação das almas, à qual a ideia de reminiscência<sup>15</sup> está intimamente relacionada.

A esse respeito, Sócrates pontua: “o nosso saber não é precisamente outra coisa senão reminiscência”. Logo, torna-se notório, que “em tempos anteriores, tenhamos aprendido aquilo de que, presentemente, nós nos recordamos” (36). Isso só é possível pelo fato de que a alma é imortal.

Para esclarecer a distinção entre corpo e alma-pensamento, Sócrates menciona o argumento da semelhança. Afirma que há duas espécies de realidades: “uma visível e outra invisível”. E que “há em nós, precisamente, duas cousas, sendo uma o corpo e a outra a alma”. Reforça que o “corpo tem mais semelhança e parentesco” com a “espécie visível”, e que a alma, com o “invisível” (49).

<sup>13</sup> Hades, conforme acepção vigente na Antiguidade Clássica, é o ambiente que abriga todas as almas, sejam elas boas ou más. A distinção entre Hades (lugar das punições) e Eden (lugar das bonificações) é bem posterior, cronologicamente, no pensamento, com Dante Alighieri.

<sup>14</sup> Foi com expansão do Cristianismo, pela Igreja Católica Apostólica Romana, que se firmou, no (in)consciente ocidental, a distinção entre os destinos dos bons e dos maus espíritos.

<sup>15</sup> Vale ressaltar que certos princípios basilares da Doutrina Espírita, conforme codificada por Allan Kardec, em meados do século XIX, já circulavam desde as mais remotas eras, anterior ao Cristianismo, entre os povos do Ocidente. Veja-se, por exemplo, as crenças dos druidas, na Gália pré-romana.

Destaca que ao falar do que é “visível e de o que não o é”, está se referindo, evidentemente, “à natureza humana”. E que a alma é “coisa que não se pode ver”. E que ela, às vezes, “utiliza-se do corpo para examinar uma questão qualquer, servindo-se da vista, do ouvido, ou de outro sentido; pois é o corpo que é o instrumento; quando por meio de um sentido se faz o exame. Este estado de alma, declara Sócrates, “é o que chamamos de pensamento” (49-50).

Pode-se inferir que filósofos socráticos foram precursores das ideias acerca da preexistência e da imortalidade da alma. Eles defendiam que, enquanto estivermos mergulhados na matéria, nunca possuiremos o objeto dos nossos desejos: a verdade. Com efeito, o nosso corpo impõe-nos vários obstáculos pela necessidade em que nos achamos de cuidar dele, uma vez que ele nos enche de desejos, apetites, temores, quimeras, tolices... Para Sócrates e seus discípulos, somente a alma, liberta do corpo, será capaz de compreender a essência das coisas.

Eis a razão por que os filósofos se exercitam em morrer e a morte não se lhes afigura, de modo algum, temível. Reside aí, o princípio das faculdades da alma obscurecidas por motivos dos órgãos corporais e o da expansão dessas faculdades depois da morte.

Dessa feita, mais uma vez estão aqui destacadas as primeiras ideias relativas à transcendência no mundo Ocidental. Vejamos as concepções mais recentes.

### **1.3 Concepções atuais**

Desta maneira, a transcendência é um termo filosófico que pode conduzir a distintas, todavia interrelacionadas, definições. Todas elas tiveram origem na raiz latina de ascender ou ir além, englobando as características denominadas *transcendentais, de unidade, verdade e bondade*.

Transcendência, enquanto capacidade de ultrapassar os limites do mundo concreto, admite a flexão adjetiva “transcendental”, ou seja, uma característica que pode ser atribuída a entidades de diferentes naturezas. Disso advém a possibilidade de se cogitar uma transcendência filosófica, enquanto a faculdade de chegar ou ultrapassar algum conceito ou limite filosófico, bem como uma transcendência religiosa, correspondente à proximidade ou distância de Deus em relação a um determinado sujeito.

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

Dessa forma, abordaremos 4 desdobramentos, a saber: reflexões fundamentadas na filosofia, a metafísica kantiana dos costumes, a percepção religiosa de transcendência e um diálogo real/virtual entre pensadores modernos.

### 1.3.1 – Reflexões de base filosófica

Immanuel Kant<sup>16</sup> deu ao vocábulo *transcendental* uma significação inovadora, se comparada à que vinha sendo estabelecida até então, porque, em sua teoria do conhecimento, encontrava-se preocupado com as possibilidades condicionais do próprio conhecimento. Deu à doutrina por ele fundada, no século XVIII, o nome de *idealismo transcendental*.

Kant entende por transcendental todo o conhecimento que, em geral, se ocupa menos do objeto cognoscível do que do nosso modo de conhecer. Segundo Kant, o conhecimento absoluto é aquele que deve ser possível *a priori*. O método kantiano é essencialmente o da crítica, ou seja, o da análise reflexiva, que consiste em levar o conhecimento às origens, às condições que o tornam legítimo. A expressão *a priori* deve ser entendida como o conjunto de juízos necessários e universais, independentes dos azares da experiência, costumeiramente particular e contingente.

Na perspectiva de Kant, os juízos *a priori* são juízos analíticos, cujos predicados estão contidos nos sujeitos. O juízo fornece a matriz para toda a filosofia kantiana. O “eu penso”, a unidade transcendental originária e suprema da autoconsciência, é que permite a ocorrência do juízo. Ilustremos com um exemplo:

Tomemos o vocábulo casa. Todos temos uma concepção da imagem casa, por ser um conceito derivado do geral partilhado por uma comunidade,

---

<sup>16</sup> Considerado o pensador mais influente dos tempos modernos, nasceu em Königsberg, atual Kaliningrado. Publicou em 1781 a *Crítica da Razão Pura*, obra que abriu espaço para a modernidade e que traz implicações para a metafísica, a epistemologia e a ética, procurando responder à questão: O que eu posso saber? Kant faz uma distinção entre os vocábulos transcendental e transcendente, da seguinte forma: o primeiro alude ao que torna possível o conhecimento da experiência; o segundo refere-se ao que se encontra mais além de toda a experiência.

independente de valores: bom, mau, feio, bonito, grande, pequeno etc... Porém, os juízos sintéticos, aqueles cujo atributo enriquece o sujeito (Esta casa azul é minha), são naturalmente, *a posteriori*; alguém só sabe que a casa é azul porque a viu. Tal conhecimento nada tem de necessário (uma vez que a casa poderia ser de qualquer outra cor) nem de universal, pois nem todas as casas são azuis.

As categorias espaço e tempo são quadros *a priori*; logo, necessários e universais nos estudos de Kant. Cabe destacar que este filósofo desvela tais ideias na primeira parte da *Crítica da Razão Pura*, denominada *Estética transcendental*.<sup>17</sup> Assim, espaço e tempo são quadros *a priori* do espírito, nos quais a experiência vem se depositar.

A experiência oportuniza-nos a matéria do conhecimento. Todavia, é o espírito que disponibiliza a experiência em seu quadro espacio-temporal e imprime-lhe ordem e coerência por meio de suas categorias. Neste sentido, Kant assevera que: “O conhecimento não é o reflexo do objeto exterior. É o próprio espírito humano que constrói – com dados do conhecimento sensível – o objeto do seu saber.”

Kant reforça a necessidade de colocação da Estética dentro da Filosofia, ou seja, para ele, da associação da ética e da moral com a estética resulta o belo<sup>18</sup>.

A *Crítica da razão pura* representa, além de um ponto clímax na obra de Kant, também um enorme abalo na filosofia moderna. Seu principal objetivo é a investigação da possibilidade de a Metafísica<sup>19</sup> – ou seja, o conhecimento que ultrapassa o físico, o que está além da experiência material, concreta – ser considerada uma ciência nas fronteiras da razão humana.

---

<sup>17</sup> Estética diz respeito à teoria da percepção, enquanto transcendental significa *a priori*, isto é, simultaneamente anterior à experiência e condição da experiência.

<sup>18</sup> O site [www.mundodosfilosofos.com.br/Kant.htm](http://www.mundodosfilosofos.com.br/Kant.htm) foi consultado em abril de 2011 para resgatar dados de vários filósofos. É oportuno destacar que a consulta do site orientou a nossa leitura, buscando extrair o que cada um dos filósofos pensava a respeito da transcendência. Não devemos sintetizar os postulados de cada filósofo, uma vez que esta pesquisa situa-se na área da literatura. Interessa-nos, apenas, rastrear, no campo do saber humano, quantos e quais preocuparam-se com o mundo metafísico.

<sup>19</sup> A metafísica, segundo o pensamento kantiano, por não ter sido compreendida, tornou-se estranha até mesmo para os amigos e discípulos de Kant, que aguardavam uma metafísica nos moldes tradicionais; a fim de esclarecer seus postulados. O filósofo publicou, em 1783, a obra com o título de *Prolegômenos*. A finalidade deste segundo texto foi apresentar, com uma exposição mais simples e popular, a recepção da sua obra crítica, considerada árida e de difícil leitura.

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

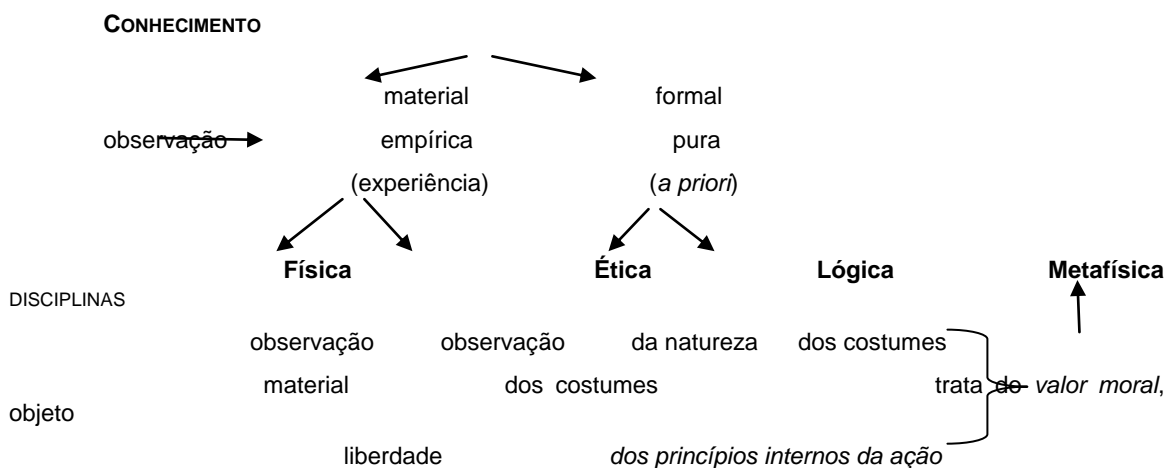
A partir deste prisma, a Metafísica torna-se objeto de investigação da crítica da razão. Immanuel Kant (2011:02) declara que

Uma Metafísica dos costumes é, pois, rigorosamente necessária, a fim de indagar a origem dos princípios práticos que existem *a priori* em nossa razão, mas também porque a própria moralidade está sujeita a toda a espécie de perversões, enquanto carecer deste fio condutor e desta norma suprema de sua exata apreciação.

Segundo a metafísica dos costumes, todo conhecimento racional é ou *material* e refere-se a qualquer objeto, ou *formal* e ocupa-se exclusivamente com a forma do entendimento e da razão.

*Empírica* é toda filosofia que se apoia em princípios da experiência; e *pura*, a que deriva suas doutrinas exclusivamente de princípios *a priori*. Esta, quando simplesmente formal, chama-se *Lógica*. Circunscrita a determinados objetos do entendimento, da razão, denomina-se *Metafísica*. O objetivo de Kant é *fundamentar* a doutrina dos costumes sobre uma metafísica, e torná-la *acessível* a todos, por meio da vulgarização.

O esquema a seguir evidencia as relações derivadas da filosofia kantiana, a partir dos *Prolegômenos*.



Para Kant, a filosofia material divide-se em duas: Física (leis da natureza) e Ética (leis da liberdade). A primeira é denominada Filosofia natural; a segunda, Filosofia dos costumes. Assim, há uma dupla metafísica: *da natureza* e *dos*

*costumes*. Esta trata de valor moral, em que o importante não são as ações exteriores que se veem, mas os princípios internos da ação<sup>20</sup>, que se não veem.

Assim, a razão se manifesta naquilo a que se dá o nome de ideias. Sua principal função, distinguindo o mundo sensível do mundo inteligível, marca o entendimento dos seus limites. Nesta perspectiva, um ser racional deve, *enquanto inteligência*, considerar-se como pertencente, não ao mundo sensível, mas ao mundo inteligível.

Os seres cuja existência não depende precisamente de nossa vontade, mas da natureza, quando são seres desprovidos de razão, só possuem valor relativo, valor de *meios* e por isso se chamam *coisas*. Ao contrário, os seres racionais são chamados *pessoas*, porque a natureza deles os designa já como fins em si mesmos, isto é, como alguma coisa que não pode ser usada unicamente como meio, alguma coisa que, conseqüentemente, põe um limite, em certo sentido, a todo livre arbítrio (e que é objeto de respeito). Ante o exposto, Kant assevera que “todo ser racional, como fim em si, deve poder, relativamente a todas as leis, a que ele possa estar sujeito, considerar-se ao mesmo tempo como legislador universal, pois é precisamente esta capacidade para constituir uma legislação universal que o distingue a todos os puros seres da natureza” (2011:30).

É oportuno ressaltar que costumes, moral, dever, perfeição, felicidade são temas que transcendem à natureza material do homem, sendo, essencialmente formais. Eles têm existência pela razão.

Para Kant, boa vontade, inteligência, faculdade de julgar, o dom de apreender as semelhanças das coisas, e os demais *talentos* do espírito, ou a coragem, a decisão, a perseverança nos propósitos, como qualidades do *temperamento*, podem ser considerados coisas boas e apetecíveis; contudo estes dons da natureza podem tornar-se extremamente maus e prejudiciais, se não for boa a vontade que deles deve servir-se; é o que se denomina caráter.

O conceito de dever, na perspectiva kantiana, liga-se ao de boa vontade, com certas restrições e com entraves subjetivos, que o salientam por contraste e

---

<sup>20</sup> Para este trabalho, interessa-nos, soberanamente, a metafísica dos costumes, porque o homem encontra realmente em si uma faculdade, por meio da qual ele se distingue de todas as outras coisas sensíveis. Esta faculdade é a razão.



*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

o realçam. Para Kant, conservar a própria vida é um dever. Por isso, a solicitude muitas vezes angustiante que a maior parte dos homens demonstra pela vida é destituída de todo o valor intrínseco, e a máxima, que exprime tal solicitude, não tem nenhum valor moral.

Pontua ainda que, independentemente do dever, todos os homens carregam dentro de si uma tendência bastante forte e profunda para a felicidade, visto que justamente nesta ideia de felicidade unem-se todas as suas tendências. E para tanto, destaca a sabedoria, – que, aliás, consiste mais na conduta do que no saber – e que precisa também da ciência, não para dela tirar ensinamentos, senão para garantir as suas prescrições, influência e estabilidade.

Dessa forma, todas as coisas na natureza operam segundo leis. Apenas um ser racional possui a faculdade de agir *segundo a representação* das leis, ou seja, só ele possui uma *vontade*, que outra coisa não é senão a razão prática.

Por fim, Kant reafirma que o imperativo universal do dever revela-se à medida em que as ações são pautadas pela nossa vontade, constituindo, assim, em lei universal da natureza. E que o dever moral é, portanto, o querer necessário para todo membro de um mundo inteligível, e deve ser concebido por este como dever apenas à proporção em que ele se considera como membro do mundo sensível.

### 1.3.2 O Idealismo Pós-Kantiano

O centro do pensamento moderno é representado por Immanuel Kant. Todo pensamento posterior depende dele, especialmente o idealismo clássico alemão, que expandiu o conceito de criatividade do sujeito, de síntese *a priori*, e de autonomia do espírito, com vistas a um monismo imanentista, no qual toda realidade se soluciona nos limites da experiência, e esta é produto do espírito.

Os filósofos, em sua maioria, visam à inteligibilidade perfeita e à unidade total. Para Kant, nessas condições, o entendimento não pode conhecer o fundo das coisas e se limita a “soletrar os fenômenos”. Se ordenado pelas categorias do espírito, de que maneira o mundo sensível se deixa organizar? E por que

Kant sustenta *essa coisa em si que*, conforme declara, não podemos conhecer nem designar?

Dessa feita, os sucessores de Kant propõem sistemas, nos quais a irreduzível oposição entre “coisa” e “espírito” será eliminada. É oportuno mencionar que o Romantismo europeu, fenômeno artístico e literário da primeira metade do século XIX, liga-se, de modo paralelo e correspondente, ao movimento filosófico do idealismo, especialmente o alemão. O Romantismo é caracterizado também, pelo conceito de criatividade e liberdade do espírito, como o do idealismo; e com este último, tem em comum o historicismo, o conceito de desenvolvimento e, em consequência, a valorização da nacionalidade e da religião, que constituem produtos históricos.

Além dos conceitos de criatividade do espírito e de síntese *a priori*, Kant deixou alguns dados, frente aos quais o espírito é passivo: o mundo dos noumenons<sup>21</sup>, que o espírito não atinge, não conhece. Esse mundo de dados é representado de um lado por uma matéria misteriosa, e de outro, por um mundo inteligível, de onde deriva toda a ação organizadora e criadora do espírito, no mundo empírico.

O idealismo clássico nega o transcendente mundo kantiano dos noumenons e reduz tudo à mais absoluta imanência do espírito. Este é transcendental – e não transcendente – com relação à multiplicidade e ao vir-a-ser do mundo empírico, no qual unicamente, no entanto, o espírito vive, realiza-se e concretiza-se a si mesmo de maneira indefinida, livre e plenamente cognoscível a si mesmo.

João Amadeu Fichte é considerado o primeiro e maior discípulo de Kant, visto que mantém o conceito kantiano do espírito como eticidade. Fichte defende que a razão fundamental, pela qual opta em prol do idealismo e não em favor do realismo, seria a moral prática, uma questão de caráter. Ele concebe toda realidade idealisticamente, seja espiritual, seja material, como uma produção do eu, de um eu universal, absoluto, transcendental, ou seja, *Eu puro*, de que o *eu empírico*, os variados “eus empíricos”, configurariam concretizações particulares,

---

<sup>21</sup> Essa expressão foi extraída do site [www.filosofia.ufc.br/argumentos/pdfs/edicao](http://www.filosofia.ufc.br/argumentos/pdfs/edicao) em 3/03.

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

no tempo e no espaço. Unicamente neles, o Eu puro vive, opera e desenvolve-se, em um processo infinito, ético, no qual está a sua infinita divindade.

Ao desenvolver a doutrina kantiana por meio da razão prática, pensa Fichte que a natureza íntima, profunda, originária do eu seja atividade, moralidade. Assim, para realizá-la, o eu criaria o mundo da natureza, oporia a si mesmo o *não-eu*. Este seria o campo de sua atividade, o obstáculo a ser superado a fim de que a sua eticidade se realizasse. O processo é ascendente e infinito, porque, se findasse, a realidade cairia no nada, uma vez que se apagaria a vida do espírito.

Esta série proposta por Fichte, ideal da atividade do espírito tem por finalidade a mais perfeita realização do próprio espírito: a sua liberdade, a consciência da sua natureza absoluta e divina; por intermédio dela é que se percebe o progresso na sociedade de seres livres, no estado. Cabe declarar que o Deus de Fichte não é transcendente, criador, como o Deus do teísmo e do cristianismo; isto é, imanente, impessoal, gerador do mundo. Fichte percebeu esta grave deficiência da demolição de Deus em sua primeira reflexão. Em uma segunda fase do seu pensamento, ele volta-se para uma concepção de Deus absoluto e imutável, ideal para o qual tende a evolução humana, que almeja valores espirituais e morais.

Frederico Guilherme Schelling, apesar de contemporâneo e colega de Fichte, em sua primeira fase de especulação filosófica, assume a concepção romântica em seu sistema, em virtude da qual toda a natureza é espiritualizada, e o espírito humano alcança a essência metafísica da realidade por meio de uma intuição estética.

Considerado um autor variado e fecundo, Schelling apresenta duas faces de seu pensamento: o período da filosofia da identidade, e o da filosofia da liberdade. Fundamentalmente idealista é a sua filosofia, pois o espírito, o sujeito, o eu, constituem o princípio de tudo.

Este pensador procura demonstrar que a natureza é espiritualidade latente e progressiva, por meio da racionalidade imanente na própria natureza, e

mediante a sua finalidade. Com o surgimento da sensibilidade, nasce no universo a consciência espiritual, começa o desenvolvimento do espírito humano, que constitui progresso, com respeito ao desenvolvimento da natureza.

De acordo com Schelling, a unidade, a identidade profunda entre natureza e espírito deveria ser aprendida via intuição estética, revelada na obra de arte, que é a obra do gênio. Para ele, o gênio só se encontra no campo estético, não no científico. Somente o gênio artístico atinge e revela o artista misterioso que atua no universo.

A passagem de Deus, do mundo ideal da possibilidade, ao mundo empírico e contingente, não se pode realizar mediante uma simples dedução lógica; porquanto há essencial heterogeneidade entre o perfeito, o imutável, o universal (ideal) e o imperfeito, o temporal, o particular (empírico). Tal passagem pode ser explicada ante um ato da vontade, de liberdade. Isto é possível, visto que as ideias eternas participam da natureza divina. Entretanto, elas podem se destacar do Absoluto, decair no empírico mundo da multiplicidade, da individualidade, do contingente, do devir.

Ao filósofo Schelling pode-se ligar o filósofo Schleiermacher, pois ele também possui fortes relações com o Romantismo e, junto a este movimento, procura valorizar e justificar a religião expulsa da vida do espírito, pelo racionalismo iluminista.

Schleiermacher afirma que não podemos conhecer nada a respeito de Deus, teoreticamente. De maneiras distintas, repete Schelling, afirmando que a realidade é *uma*, e que o espírito humano em sua plena atualidade é a consciência de Deus imanente. Schleiermacher acredita que o Absoluto não é atingível por via prática, moral e sim pelo sentimento potenciado romanticamente em sentido metafísico com raiz comum às outras atividades psíquicas. E assinala, ainda, que o privilégio de apreender a unidade metafísica do ser é devido ao sentimento, valorizado metafisicamente.

Ante o exposto, pode-se perceber em Schleiermacher<sup>22</sup> uma religiosidade em sentido amplo, com um sentimento indeterminado da Unidade indeterminada, e uma religiosidade em sentido específico, que se refere a variadas e mutáveis

---

<sup>22</sup> Consultar o site [www.mundodosfilosofos.com.br/poskant.htm](http://www.mundodosfilosofos.com.br/poskant.htm)

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

determinações da autoconsciência ao Absoluto, ao mais elevado e puro Eu, que constitui a nossa essência. Para este filósofo, a religião ocupa o mais alto grau da atividade humana, assim como o sentimento ocupa o vértice da vida espiritual.



Não se pode continuar este resgate teórico-filosófico sem nos referirmos à filosofia humanista de Martin Heidegger, uma vez que já foram usadas reiteradamente as palavras “ser” e “ente”. Filósofo, escritor, professor universitário e reitor da Universidade de Freiburg, foi um dos grandes pensadores do século XX.<sup>23</sup>

Sua obra é marcada pela persistência em lutar para uma radicalização do pensamento metafísico, fato que o tornou um dos filósofos mais célebres do século.

Todos os textos de sua autoria foram publicados integralmente durante sua vida; à exceção de *Ser e Tempo* (1927), que ficou inacabado. A linguagem, para Heidegger, será o elemento mais característico da essência humana. E só por meio de uma linguagem apropriada é que a verdade de todas as coisas pode aflorar.

Nesta perspectiva, a linguagem é a base sobre a qual os fenômenos se expõem com clareza. O homem, enquanto portador de linguagens, é um ser privilegiado. Para responder como o “ser-aí” deve ser compreendido na sua condição temporal. Heidegger procura mostrar que as relações das coisas existentes é provisória e atrelada ao tempo em que elas ocorrem. Ao se

<sup>23</sup> Este filósofo nasceu na pequena cidade católica, Messkirch, Alemanha no ano de 1889 e aí faleceu em 1976. Em 1909, ele ingressou na Universidade de Friburgo e iniciou o curso de Teologia. Simultaneamente, prosseguiu seus estudos acerca de Aristóteles e iniciou as primeiras leituras de Husserl, que o conduziram ao método fenomenológico. Vale ressaltar que Husserl o influenciou em toda a sua obra sobre o “Ser” e transmitiu a ele a doutrina fenomenológica. Após o lançamento de *Ser e Tempo*, em 1927, Heidegger foi considerado o grande nome da filosofia metafísica. Consultar: [www.educacao.uol.com.br/biografias/martin-heidegger.jhtm](http://www.educacao.uol.com.br/biografias/martin-heidegger.jhtm) Aconselhamos ler Heidegger, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. 2ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, na Coleção Os pensadores.

manifestar de várias maneiras, o ser revelaria a sua essência no tempo, ao contrário da concepção aristotélica que visava sua classificação, conforme os diversos modos de existir atemporais.

Heidegger compreendia o homem como um ser portador da verdade: sua essência seria a preservação dessa verdade, por intermédio de um pensar radical, calcado na origem do pensamento pré-socrático. Dessa feita, a nova metafísica por ele proposta supõe haver um único significado autêntico do ser, a saber, aquele cuja essência se encontra na temporalidade própria. Qualquer outra forma de reconhecimento do ser, baseada em uma experiência científica, provocaria o esquecimento e a ocultação da verdade do ser.

O conceito de *Dasein*, traduzível em português por “ser-aí”, possui fundamental importância na metafísica heideggeriana, uma vez que é o “ser-aí” que possibilita o entendimento do ser, em três níveis de conhecimento, a partir do próprio ser. No nível *ôntico*, o “ser-aí” seria determinado pela presença do ser, entre os entes. No estágio *ontológico*, o “ser-aí” é compreendido como existência num tempo determinado, “aí”, fundamentando o ser. Finalmente, na esfera *ôntico-ontológica*, o “ser-aí” é determinado pelo ser em sua atuação no mundo, princípio de realização de todas as ontologias tradicionais. Perante essas três etapas de conhecimento do ser, Heidegger propõe uma nova ontologia que se funde na verdade do ser irreduzível a sua entificação e prática cotidiana.

Na concepção heideggeriana, no mundo, somente o homem existe como um “ser-aí” capaz de revelar-se, sem se esgotar. Por ser dotado de linguagem, o homem possui a condição necessária para manifestar o próprio ser no tempo, trazê-lo à luz e apresentar-se enquanto tal, não como objeto tradicional das ciências e filosofia ocidental, mas na forma de uma subjetividade entrelaçada, na qual sujeito e objeto se mesclam em um pensamento originário. Pensa-se que essa seja a grande contribuição de Heidegger à Filosofia. Chamando a atenção para a linguagem como veículo de manifestação do ser, Heidegger almeja dizer que tanto nos significados das palavras, como nos sons que elas transportam, há um ser que fala por meio da língua.

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

Em 1943, na França, Jean-Paul Sartre havia publicado *O Ser e o Nada*, assinalando o advento do existencialismo francês. No entanto, Heidegger manteve-se, desvinculado da corrente existencialista, não só porque era contra qualquer classificação do pensamento, mas, sobretudo, por discordar do papel fundamental exercido pelo conceito de “nada”, entre os franceses.

Para Heidegger, a noção de nada seria capaz de obscurecer o ser ao se tornar mais um ente entre os outros. Heidegger não escreveu uma obra com teor explicitamente “humanístico” e “ético”. Seu equivocado vínculo com o partido nazista, até o final da Segunda Guerra Mundial, deixava suas intenções um tanto quanto suspeitas. Perante tal situação, Jean Beaufret, existencialista francês que buscava relacionar a obra de Heidegger ao existencialismo, escreve uma carta solicitando ao pensador alemão que elucidasse o significado que poderia ser aplicado ao humanismo, abalado então por duas violentas guerras mundiais.

Sua obra intitulada *Carta Sobre o Humanismo* (1947) é a resposta dada por Heidegger aos questionamentos de Beaufret. O filósofo alemão irá propor, embasado no fragmento 119 de Heráclito<sup>24</sup>, que a **ética** abandone o moralismo superficial e o legalismo dos códigos de costumes e procure *encontrar a sua raiz na morada do próprio ser humano*. A partir desse entendimento radical da morada do ser no homem, seria possível compreender como emergem todos os comportamentos e costumes cotidianos de cada um.

Desse modo, o humanismo de Heidegger é aquele que pensa a humanidade do homem desde a proximidade do ser. Logo, o que se ressalta não é o homem, mas a sua história e origem, do ponto de vista da verdade do ser. O êxito desse humanismo, para além do homem, depende da linguagem e do acesso do pensamento originário àquela verdade que pertence à linguagem. O humanismo deve voltar-se não para o ente humano, porém buscar a sua existência autêntica na verdade do ser-no-mundo. A verdade do ser pensada originalmente encontra a humanidade do homem, além do humano. Nesse contexto, a humanidade está a serviço dessa verdade que abandona a

---

<sup>24</sup> Essa informação foi extraída da obra *Heráclito: Os Pré-socráticos*, item Fragmentos: Heráclito de Éfeso. Tradução do José C. de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

perspectiva técnica do homem biológico das ciências naturais. Para Heidegger<sup>25</sup>, o homem é a morada do ser. Assim, ao pensamento compete a tarefa de construir a casa do ser, lugar onde o homem habitaria na verdade.

Paulo Ghiraldelli Jr.<sup>26</sup> propõe um exercício que pode conduzir ao entendimento do que Heidegger projetou para escapar da condição moderna e deteriorada em que estaríamos vivendo. Tal exercício consiste em observarmos uma determinada paisagem e, em seguida, começarmos a descrevê-la. Assim, perceberemos que cada coisa que se enuncia – carros, céu, pessoas, animais – não indica uma experiência nossa com o que é enunciado, por nossa deliberação. O que se constata é que cada palavra enunciada já estava dada antes, criada e estabelecida junto a uma rede de outras palavras.

Todavia, a paisagem e tudo nela podem deixar de ser percebidos como nomes dados por nós, e podem surgir como de fato são. Tudo isso é o que a linguagem diz; e a linguagem é essa rede anterior a nós. Essa experiência fenomenológica pode ocorrer, se nós ouvirmos a linguagem. É ela, a linguagem, que fala, e não nós que falamos com ela.

Nesta perspectiva, o melhor é prestarmos atenção nela e, com sorte, ouviremos o *ser* que se manifesta em sua morada, a linguagem. Essa capacidade de ver o fenômeno da linguagem, em uma dimensão profunda que escapa da maneira moderna de comunicar-se (que implica no sujeito-objeto e na representação) foi o método de Heidegger. Foi isso, que ele propôs como filosofia. De certa forma, é a volta ao princípio: o *Verbo* (linguagem, palavra, carne, ser).

### 1.3.2 – Filosofia e religião

Na Teologia, diz-se que Deus é transcendente (*hyperbekós*) da Criação, à proporção em que Ele está acima dela e não está limitado por ela; portanto, não

---

<sup>25</sup> De acordo com Heidegger, a ética, como os demais ramos da Filosofia, surge a partir de Platão. Antes dele os antigos pensadores helênicos não a conheciam. O *éthos* – palavra grega da qual se derivou *ética*; pode ser traduzida por morada ou costume – era a maneira originária pela qual os helenos, como Heráclito, pensavam essa questão.

<sup>26</sup> Filósofo da cidade de São Paulo e autor do artigo: O meu Heidegger essencial. Consultar: <http://www.heideggeraofilosofia-da-irrupcao>.



*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

limitado pelo espaço e pelo tempo das coisas e das pessoas. A transcendência de Deus relaciona-se diretamente com um de seus atributos, conhecido por infinitude. Em uma perspectiva metafísica, transcendente é o caráter daquilo que é de uma natureza superior, radicalmente distinto e separado do mundo sensível, a exemplo: Deus.

Para Michel Richard,<sup>27</sup> a transcendência possui um caráter irreduzível de um dado ao que dele se percebe ou dele se conhece. É a realidade cujo princípio constitutivo não é fundado em si mesmo, mas por outra coisa que o ultrapassa e o justifica. Deve ser também entendida como aspiração para o alto e capacidade de ultrapassamento para mais possibilidade e liberdade. Designa em geral o caráter único e específico do homem enquanto liberdade.

Transcendência, sob tal perspectiva, deve ser entendida como aquilo que está para além de toda a experiência possível. Os escolásticos denominavam as propriedades do ser como transcendentais. Em decorrência, pela transcendência gnosiológica, transcende o objeto em relação ao sujeito cognoscente (em oposição ao idealismo que afirma a imanência do objeto). A transcendência ontológico-metafísica compreende a dos seres não acessíveis a forma alguma de experiência sensível, por exemplo: Deus.

Transcendental pode referir-se, ainda, ao transfenomenal, o que está atrás das aparências. O que está para além do escopo quer da razão quer da experiência, porém presumivelmente dentro da área religiosa ou do idealismo subjetivo.

Segundo a corrente pós-aristotélico-escolástica, transcendental caracteriza os atributos que, ultrapassando as categorias de Aristóteles, se aplicam a todos os seres: o uno, o verdadeiro e o bom são categorias transcendentais. Todavia, esta acepção de transcendental só será usada a partir de meados do século XIII nas sistematizações lógicas da escolástica tardia.

---

<sup>27</sup> A fonte de tais informações foi igualmente extraída do site:

<http://marcoareliofilosofia.blogspot.com/2010/12/-o-homem-transcendencia-na-imanencia>

Acesso em 23/01/11.

### 1.3.3.1 Os santos filósofos: Agostinho, Tomás de Aquino e Inácio de Loyola

Aurélio Agostinho<sup>28</sup>, ou Santo Agostinho, foi um grande filósofo cristão, pertencente à Igreja Católica Romana. Foi arrancado ao paganismo pelo fulgor da verdade quando, entregue aos excessos, sentiu em sua alma uma singular vibração que o fez voltar a si e compreender que a felicidade estava alhures, que não nos prazeres enervantes e fugitivos. Como tantos, ele vê com os outros olhos do espírito ou da alma o que não via enquanto homem.

É considerado o mais profundo filósofo da era patrística<sup>29</sup> e um dos maiores gênios teológicos de todos os tempos, cuja influência plasmou a filosofia

[conversao de santo agostinho\\_miguel\\_lucas\\_brasil\(2\)](#)



e a Teologia da Idade Média. As obras de Aurélio Agostinho que apresentam interesse filosófico são, sobretudo, os diálogos filosóficos *Contra os acadêmicos*, *Da vida beata*, *Os solilóquios*, *Sobre a imortalidade da alma*, e *Sobre a quantidade da alma*. Interessam também à filosofia os escritos contra os maniqueus *Sobre os costumes*, *Do livre arbítrio*, *Sobre as duas*

*almas*, *Da natureza do bem* e também as obras teológicas e religiosas, especialmente *Da Verdadeira Religião*, *As Confissões*, *A Cidade de Deus*, *Da Trindade*, *Da Mentira*.

<sup>28</sup> Nasceu em Tagaste (Numídia, norte da África) em 13 de novembro de 354. Em 374, ao ler o *Hortensius*, de Cícero, sentiu-se atraído por uma vida menos sensual e mais dedicada à busca da verdade. De 375 a 383 estabeleceu-se em Cartago, como professor de eloquência, indo depois para Milão, onde travou conhecimento com o neoplatonismo. Ao mesmo tempo, ouvia regularmente os sermões de Santo Ambrósio, onde percebia um catolicismo mais sublime do que o imaginado, e lia os textos de São Paulo, o apóstolo da gentilidade. Em 395, no porto de Hipona, sagrou-se bispo. Nesta localidade desenvolveu intensa atividade teológica e pastoral, compartilhando à manchaia seus extraordinários dotes no plano da especulação, da exegese e da penetração psicológica da alma humana.

Conferir site [www.feparana.com.br/biografias/santoagostinho](http://www.feparana.com.br/biografias/santoagostinho). Acesso em setembro de 2011.

<sup>29</sup> Por era patrística entende-se o período característico da filosofia da Idade Média que corresponde, quanto ao conteúdo, à sua essência espiritual, designada como o pensamento filosófico do ocidente que, desde Agostinho obedece ao lema: saber para crer, crer para poder saber. A filosofia, que em si mesma tem por objetivo tratar dos grandes problemas do mundo, do homem e de Deus, só com as forças da razão, une-se nesta época com a fé religiosa, e esta com aquela. Assim, é uma fase em que se vive na certeza da existência de Deus, da sua sabedoria, poder e bondade. Conf. [www.consciencia.org/filosofia-medieval](http://www.consciencia.org/filosofia-medieval).

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

Agostinho, platonicamente, considera a *filosofia* a solução para todo problema da vida, à qual só o cristianismo pode dar uma solução integral. Todo o seu interesse está, portanto, circunscrito às questões relativas a Deus e à alma, uma vez que, segundo ele, constituem os aspectos mais importantes e os mais imediatos para a solução integral do problema da vida. A existência *de Deus* é provada, fundamentalmente, *a priori* enquanto no espírito humano há uma presença particular de Deus.

Santo Agostinho asseverava que o homem só tem acesso ao conhecimento quando iluminado pela divindade. Com tal pensamento agostiniano, a crença angariou substância doutrinária com vistas a orientar o processo educativo em voga, em um período no qual a cultura helenística havia entrado em declínio e a nova religião, ainda que fundamentada quase exclusivamente na fé e na difusão espontânea, congregava cada vez mais novos adeptos e sentia necessidade de fundamentar-se melhor filosoficamente.



universidade.

**Tomás** de Aquino<sup>30</sup> nasceu em 1225, no castelo de Roccasecca, na Campânia, da família feudal dos condes de Aquino. Foi unido pelos laços de sangue à família imperial e às famílias reais de França, Sicília e Aragão. Recebeu a primeira educação no grande mosteiro de Montecassino, passando a mocidade em Nápoles como aluno daquela

universidade. Após ter estudado as então denominadas artes liberais, entrou na ordem dominicana, renunciando a tudo, salvo à ciência<sup>31</sup>. É oportuno ressaltar que

<sup>30</sup> Fonte da imagem: [http://religiosocritico.blogspot.com.br/2012/10/especial-cinco-vias-de-sao-tomas-de\\_13.html](http://religiosocritico.blogspot.com.br/2012/10/especial-cinco-vias-de-sao-tomas-de_13.html)

<sup>31</sup> Este acontecimento ocasionou uma forte reação por parte de sua família. Entretanto, Tomás triunfou da oposição e se dedicou ao estudo assíduo da teologia, tendo como mestre Alberto Magno na universidade de Paris e depois em Colônia. Em 1252 Tomás voltou para a universidade de Paris, onde ensinou até 1269, quando regressou à Itália, chamado à corte papal. Dois anos depois, em 1274, viajando para tomar parte no Concílio de Lião, por ordem de

Tomás considera a *filosofia* como uma disciplina essencialmente teórica, para resolver o problema do mundo. Julga também a filosofia como absolutamente distinta da teologia – não oposta – visto ser o conteúdo da teologia arcano e revelado, o da filosofia evidente e racional.

Na filosofia de Tomás de Aquino, o aspecto inteligível é o meio pelo qual a mente entende as coisas extramentais. E isto corresponde perfeitamente aos dados do conhecimento, que nos garante conhecermos coisas e não ideias; contudo as coisas podem ser conhecidas apenas por meio das espécies e das imagens, e não podem entrar fisicamente em nosso cérebro.

A metafísica tomista é dividida em geral e especial. A metafísica geral – ou *ontologia* – tem como objeto o ser em geral e as atribuições e leis relativas a ele. A metafísica especial estuda o ser em suas grandes especificações: Deus, o espírito, o mundo. Daí temos a *teologia* racional – assim chamada, para distingui-la da teologia revelada; a *psicologia racional* (racional, porquanto é filosofia e se deve distinguir da moderna psicologia empírica, que é ciência experimental); a *cosmologia* ou filosofia da natureza (que estuda a natureza em suas causas primeiras, ao passo que a ciência experimental estuda a natureza em suas causas segundas).

Para Tomás de Aquino, no homem existe uma alma espiritual – unida com o corpo, mas transcendendo-o – porquanto, além das atividades vegetativa e sensitiva que são materiais, manifestam-se nele também atividades espirituais, como o ato do intelecto e o ato da vontade. A atividade intelectual é orientada para entidades imateriais, como os conceitos; e, por consequência, esta atividade tem que depender de um princípio imaterial, espiritual, que é precisamente a alma racional.

Dessa feita, a vontade humana é livre, indeterminada – ao passo que o mundo material é regido por leis físicas necessárias. Logo, a vontade não pode ser senão a faculdade de um princípio imaterial, espiritual, ou seja, da alma racional, que pelo fato de ser imaterial, isto é, espiritual, não é composta de partes e, por conseguinte, é imortal.

---

Gregório X, faleceu no mosteiro de Fossanova, entre Nápoles e Roma. Tinha apenas quarenta e nove anos de idade.

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

Como a alma espiritual transcende a vida do corpo depois da morte deste, isto é, é imortal, assim transcende a origem material do corpo e é criada imediatamente por Deus, com relação ao respectivo corpo já formado, que a individualiza. Mas, diversamente do dualismo platônico-agostiniano, Tomás sustenta que a alma, espiritual embora, é unida substancialmente ao corpo material, de que é a forma. Desse modo, o corpo não pode existir sem a alma, nem viver. A alma, por sua vez, ainda que imortal, não tem uma vida plena sem o corpo, que é o seu instrumento indispensável.

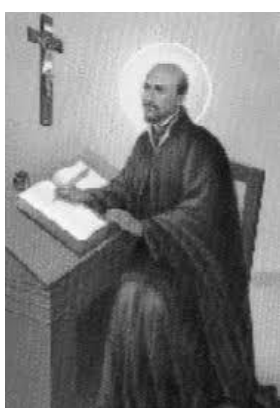
Tomás de Aquino inspira-se na filosofia de Aristóteles e é considerado o maior vulto da filosofia metafísica cristã. São Tomás afirmava que para aqueles que têm fé, nenhuma explicação é necessária. Para aqueles sem fé, nenhuma explicação é possível ou suficiente. As *XXIV Teses Tomistas* foram consignadas justamente para revelarem os postulados da autêntica filosofia de S. Tomás: conceitos de criação das coisas por Deus, da temporalidade da matéria-prima, do próprio ser, levando a suas últimas consequências aquilo que o filósofo apenas esboçara.

“*As razões principais das coisas*”, eis o ponto de partida do Tomismo. Das coisas existentes, apreendidas pelos sentidos, conceituadas, após, pela inteligência, sobe S. Tomás até as explicações últimas das mesmas. E é subindo das percepções mais primitivas das coisas que S. Tomás chega à certeza do supremo Criador delas. Vindo das mudanças das coisas, da causalidade existente entre elas, da contingência, das perfeições, e da ordem harmoniosa das mesmas, é que S. Tomás atinge a sublimidade, a suma perfeição, o ato puro, de Deus. Compreende assim a última explicação das coisas que está em Deus.

Por isso, o realismo tomista é a filosofia do ser e a filosofia da verdade. A verdade é a obsessão de S. Tomás, justamente porque a verdade corresponde à associação da mente com as coisas. Em primeiro lugar, as coisas; depois, a mente. Em primeiro lugar, o objeto; depois, o sujeito. Do conúbio sujeito-objeto nasce a construção tomista, que tem os pés no chão: foge dos devaneios, por vezes atraentes, das filosofias que partem da negação da “coisa espiritual” e reduzem as coisas ao mundo corpóreo. Evidentemente, como não pode haver

concordância do tomismo com tais filosofias, não pode também haver concordância com o materialismo.

Santo Inácio de Loyola ou Loiola<sup>32</sup>, nascido Íñigo López, em Azpeitia, país Basco, em 31 de maio de 1491, foi o fundador da Companhia de Jesus, cujos membros são conhecidos como os jesuítas, uma ordem religiosa católica romana, que teve grande importância na Reforma Católica. A finalidade desta Companhia não é somente ocupar-se com a graça divina, da salvação e perfeição da alma própria, mas, com a mesma graça, esforçar-se intensamente por ajudar a salvação e perfeição da alma do próximo.



Santo Inácio de Loyola<sup>33</sup> estudou na Universidade de Alcalá. Além dos estudos, dedicava-se à pregação e a dar os exercícios espirituais<sup>34</sup>. Ganhou suspeita da Inquisição, que o denunciou ao vigário de Toledo. Era época de perseguição aos alumbrados, o que levantou as suspeitas sobre Inácio. Esteve preso, durante um mês e meio. Na prisão, continuava a ensinar e a pregar. Por fim, nenhum mal foi encontrado em seus ensinamentos, mas foi-lhe obrigado vestir-se comumente e proibida a pregação.

Em 1528 entrou para a Universidade de Paris, onde ficou sete anos e estendeu sua educação literária e teológica, buscando sempre cativar o interesse dos outros estudantes para os seus exercícios espirituais. Em 15 de Agosto de 1534 Inácio e os seus seis seguidores fundaram a Companhia de

<sup>32</sup> Inácio foi o mais novo de treze irmãos. Devido a leituras, empolgou-se com a ideia de uma vida dedicada a Deus, emulando os feitos heróicos de Francisco de Assis e outros líderes religiosos. Resolveu dedicar a sua vida à conversão dos infiéis na Terra Santa. Durante esse período, Inácio desenvolveu os primeiros planos dos *Exercícios Espirituais*, que iriam adquirir uma grande influência na mudança dos métodos de evangelização da Igreja. Decidiu partir em segredo e dedicar-se ao serviço divino. Assumiu, então, um estilo de vida mendicante, impondo-se rigorosas penitências à imitação dos santos. Viviu de esmolas, privava-se de carne e vinho, frequentava a missa diária e rezava a Liturgia das Horas. Costumava visitar o hospital e levar comida para os doentes. Conferir em Villoslada, R. G. *Santo Inácio de Loyola*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

<sup>33</sup> Fonte da imagem: [Inacio+de+loiola.bmp.sdpv.blogspot.com](http://Inacio+de+loiola.bmp.sdpv.blogspot.com)

<sup>34</sup> “Entende-se, por Exercícios Espirituais, qualquer modo de examinar a consciência, meditar, contemplar, orar vocal ou mentalmente e outras atividades espirituais” (Inácio de Loyola). Trata-se, pois, de uma metodologia de desenvolvimento espiritual, proposta por Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus (Ordem Religiosa dos Padres e Irmãos Jesuítas). A sua primeira redação, pelo próprio Inácio, se deu no ano de 1522, refletindo sua experiência espiritual. Mais tarde, foi enriquecida com sua experiência apostólica e sua formação intelectual.” Confira-se em [www.domtotal.com](http://www.domtotal.com). Acesso em outubro de 2012.

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

Jesus<sup>35</sup> na capela cripta de Saint-Denis, na Igreja de Santa Maria, em Montmartre. O papa Paulo III concedeu-lhes a aprovação e permitiu que fossem ordenados padres.

### 1.3.5 Pensadores da matriz filosófica cristã

François de Salignac de la Mothe<sup>36</sup>, cujo nome literário é Fénelon, foi um prelado e escritor francês que nasceu no castelo de Fénelon, em Périgord, a 6 de agosto de 1651. Ordenou-se sacerdote em 1675 e passou a dirigir uma instituição que tinha por finalidade reeducar as jovens protestantes convertidas ao catolicismo.

Foi enviado pelo rei, na qualidade de missionário, às regiões de Aunis e Saintonge. Seu *Tratado da educação das jovens*, que surgiu em 1687, valeu-lhe a nomeação de preceptor do filho do duque de Borgogne. Fénelon dedicou-se, na área educativa, a trabalhar no sentido de corrigir o comportamento do príncipe por meio de fábulas, que ele próprio ia escrevendo. Aos quarenta e dois anos foi eleito acadêmico e aos quarenta e quatro, tornou-se arcebispo de Cambrai.<sup>37</sup>

Quanto à sua obra *Diálogo dos Mortos*, engenhoso e criativo texto, Fénelon põe aí a dialogar com personalidades históricas, empenhadas em

---

<sup>35</sup> Atualmente, a Companhia de Jesus constitui a maior ordem religiosa do mundo, segundo fonte consultada no site [www.mundodosfilosofos.com.br/santoinaciodeloyola](http://www.mundodosfilosofos.com.br/santoinaciodeloyola), com cerca de 30.000 membros, 500 universidades e colégios e 200.000 estudantes anuais.

<sup>36</sup> Estas informações foram consultadas inicialmente no site [www.feparana.com.br/biografias/](http://www.feparana.com.br/biografias/). Acesso em setembro de 2011, para que se tivesse uma sequência de nomes que tratam da questão da espiritualidade. No entanto, não ficamos reduzidos às informações bibliográficas apresentadas, ampliando a pesquisa em outras obras de referência.

<sup>37</sup> A partir da publicação de sua obra *Explicação das máximas dos santos*, no ano de 1697, passa a declinar as graças oficiais. Dois anos mais tarde, a Santa Sé condena a obra e seus títulos e pensões são confiscados. Cai em desgraça perante Luís XIV, que descobre críticas a seu governo no romance pedagógico de sua autoria, *As aventuras de Telêmaco* em 1699. Apesar de estar exilado, Fénelon não para de escrever e publicar. E no período compreendido entre 1700 a 1712, lança *Fábulas e Diálogos dos mortos*, sendo este último produzido para o duque de Borgogne. Com a obra *O exame de consciência de um rei*, revela as suas esperanças em uma reforma política, ao passo que seu apego a Antiguidade clássica se faz notar em *Cartas sobre as ocupações da Academia francesa*. Falece em Cambrai em 7 de janeiro de 1715.

(re)avaliar seus próprios e atos e postura alheios. Eis aí um dos traços transcendentais na vida e obra deste pensador.

Blaise Pascal<sup>38</sup> foi filósofo, matemático, físico, teólogo e escritor. De origem francesa, nasceu em Clermont Ferrand, região de Auvergne, a 19 de junho de 1623. Na condição de matemático genial, físico e inventor, Pascal legou à posteridade notáveis obras no campo da matemática e da física. Trabalhou com mecânica dos fluidos, geometria, probabilidades e cálculo infinitesimal.

Ele se destacou ainda como o primeiro grande prosador da literatura francesa, tornando-se um dos alicerces notáveis nessa área, devido à amplitude e à riqueza de seu estilo. Além disso, foi filósofo de profunda sensibilidade e grande espiritualidade, ao pensar a condição falível e pequenina da matéria e comparando-a com a grandiosidade do espírito que busca Deus. Nota-se a relação de Pascal com a transcendência, visto que em meio às pesquisas ele, de repente, abandona suas atividades favoritas para estudar a religião ou, como ele afirma no seu livro *Pensées*, “contemplar a grandeza e a miséria do homem”. Seus derradeiros anos de existência foram dedicados a Deus e às questões religiosas.

Félicite Robert de Lamennais nasceu em Saint-Malo, França, em uma família burguesa em 19 de junho de 1782. Tornou-se reconhecido como notável escritor e um vulto influente na história da igreja francesa, além de filósofo e político

Após a revolução de 1830, ocorrida em julho, Lamennais, acompanhado por Henri Lacordaire e Montalembert fundaram o jornal *L’Avenir*, em que Lamennais defendia, entre alguns princípios democráticos, a separação da Igreja do Estado. Com estas ideias criou embaraços para si, tanto com a hierarquia eclesiástica francesa, quanto com o governo do rei Luís Felipe.

Por suas ideias voltadas a aspectos transcendentais, Lamennais pode ser considerado um precursor da Democracia Cristã e de um pensamento católico liberal, com suas preocupações sociais.

Jean-Baptiste Henri Lacordaire nasceu em 12 de maio de 1802, em uma cidade pequena perto de Dijon. Apesar de seus pais serem fervorosos religiosos, o jovem Lacordaire permaneceu por alguns anos declarando-se ateu, até que

---

<sup>38</sup> Conferir em *Nova Enciclopédia de filosofia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.



*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

uma profunda experiência religiosa o levou a abraçar a carreira de advogado, na Teologia.

Ao concluir os estudos no seminário, abraçou o magistério e, na condição de professor, pode constatar o descaso dos seus alunos pelas questões religiosas. Com a finalidade de despertar a afeição pública para a Igreja, como colaborador do jornal *L'Avenir*, lutou pela liberdade religiosa, independente da assistência e proteção do Estado.

Em 1839 entrou para a Ordem Dominicana na França, trabalhando pela sua restauração, uma vez que a Revolução Francesa a havia subvertido e alterado largamente.

Discípulo de Lamennais, afirmava, com preocupação, que a união da liberdade de consciência e do Cristianismo seria a única possibilidade de salvação no futuro. Defendia que o estado devia cercear seu controle sobre a educação, a imprensa, o trabalho, de modo a possibilitar ao Cristianismo florescer efetivamente dentro dessas áreas. Vale informar ainda que Lacordaire foi Membro da Academia Francesa e foi reconhecido pela posteridade como uma das altas inteligências de seu século.

Hipolyte Léon Denizard Rivail, conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec,<sup>39</sup> nasceu em Lion, França, a 3 de outubro de 1804 em uma antiga e tradicional família de magistrados. Seu pai, Jean-Baptiste-Antoine Rivail, era juiz. O filho recebeu, desde o berço, formação baseada em todo um passado de virtudes, de honra. Muitos dos seus antepassados haviam se destacado na advocacia e na magistratura, pelo talento, saber e escrupulosa probidade.

O menino Rivail realizou em Lion os estudos iniciais e os complementou em Yverdun (Suíça), com Pestalozzi, o célebre educador, de quem logo se tornou um dos mais eminentes discípulos e colaborador.

O discípulo tornou-se mestre. Bacharelou-se em letras, em ciências e em pedagogia. Linguista insigne, conhecia com profundidade e falava fluentemente o alemão, o inglês, o italiano e o espanhol. Tinha ainda noções do holandês, e podia exprimir-se com facilidade nesse idioma.

---

<sup>39</sup> Conferir Biografia de Allan Kardec por Henri Sausse em KARDEC, Allan. *O que é o espiritismo*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010.

Fundou em Paris um educandário semelhante ao de Yverdon. À noite, ao serão, costumava escrever gramáticas, aritméticas, livros para estudos pedagógicos superiores. Traduzia obras inglesas e alemãs e preparava os cursos de Levy-Alvarès, frequentados por discípulos de ambos os sexos. Organizou ainda, em sua residência, cursos gratuitos de química, física, astronomia e anatomia comparada, entre 1835 e 1840.

Entre os anos de 1854 a 1856, um novo horizonte se descortinou para esse pensador de grande profundidade e observador sagaz. Rivail, envolto em inúmeras dúvidas<sup>40</sup>, decidiu investigar fenômenos paranormais, uma vez que pessoas de seu círculo de amizade, dotadas de grande cabedal de instrução, probas e de caráter firme, o convidaram a assistir às experiências que se realizavam em torno das mesas girantes.<sup>41</sup>,



Ele assim o fez. Durante três anos, realizou os seus primeiros estudos sérios perante a nova ciência. Aplicou o método da experimentação: observava atentamente, comparava, deduzia as consequências. Dos efeitos procurava remontar às causas pela dedução, pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo como válida uma explicação, senão quando ela podia resolver todas as dificuldades da questão.

Compreendeu, desde o princípio, a gravidade da exploração que empreenderia. Identificou em tais fenômenos a chave do problema obscuro e controvertido do passado e do futuro. Deparou-se com uma revolução nas ideias e nas crenças. Um dos primeiros resultados de suas observações foi que os espíritos, não sendo senão as almas dos homens, não tinham nem a soberana sabedoria, nem a soberana ciência; que o seu saber era limitado ao grau de seu adiantamento, e que a sua opinião não tinha senão o valor de uma opinião pessoal.

<sup>40</sup> Fonte da imagem: KARDEC5.JPG espiritismogi.com.br

<sup>41</sup> A sua missão o chamava para uma tarefa mais onerosa, a uma obra maior. Foi em 1854 que o Professor Rivail ouviu falar, pela primeira vez, dos fenômenos das mesas girantes por intermédio do Sr. Fortier, magnetizador, com quem tinha contato, em razão de seus estudos referentes ao Magnetismo. Inicialmente, declarou que acreditaria em tais fatos quando visse e quando lhe provassem que uma mesa tivesse cérebro para pensar, nervos para sentir, e que pudesse se tornar sonâmbula. Este era, a princípio, o estado de espírito do Prof. Rivail. Não negando simplesmente algo, mas exigindo provas e desejando ver e observar para crer.

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

Para Rivail, só o fato da comunicação com os espíritos, o que quer que eles pudessem dizer, provava a existência de um mundo invisível. Tratava-se já de um ponto capital, um imenso campo franqueado às explorações, a chave de uma multidão de fenômenos inexplicados. O segundo ponto era conhecer o estado desse mundo e seus costumes. E assim, tal mundo foi-lhe pouco a pouco desvendado pelos espíritos.

Rivail ressalta que agiu com os espíritos como teria feito com os homens: eles foram meios de colher informações e não reveladores predestinados. Kardec, em seu propósito investigativo, participou de inúmeras sessões espíritas e ainda analisou cinquenta cadernos de comunicações diversas que haviam sido reunidas pelos homens de ciência tais como Carlotti, René Taillandier, membro da Academia das Ciências, além de Tiedeman-Manthèse, Sardou, pai e filho e Didier, editor, que acompanhavam havia cinco anos o estudo dos chamados fenômenos das mesas girantes.

Nesta época, em uma noite, Rivail recebeu uma comunicação pessoal<sup>42</sup>, por um médium, da tarefa que lhe estava destinada. A partir daí, lançou-se à obra: tomou os cadernos, anotou-os cuidadosamente. Depois de leitura atenta, suprimiu as repetições e colocou na respectiva ordem cada ditado, cada relatório de sessão. Assinalou as lacunas a preencher, as obscuridades a aclarar, e preparou as perguntas necessárias para chegar ao resultado.

Agindo assim, buscou solucionar os problemas que o interessavam sob o ponto de vista da filosofia, da psicologia e da natureza do mundo invisível. Comparecia a cada sessão com uma série de questões preparadas e metodicamente dispostas. Estas eram respondidas com precisão e profundidade de modo lógico.

Mais tarde, percebeu que tudo aquilo formava um conjunto e tomava as proporções de uma doutrina. Rivail decide, então, publicar, para o conhecimento de todos, essas mesmas questões que, sucessivamente desenvolvidas e

---

<sup>42</sup> Este espírito prometeu-lhe ampará-lo na tarefa importante a que ele fora chamado: sistematizar os princípios da Doutrina Espírita. Numerosas outras comunicações, procedentes dos mais diversos pontos da França e do mundo, vieram reafirmar e corroborar a primeira comunicação obtida a esse respeito. O mesmo se deu quanto à missão que tinha a desempenhar, qual seja, a de “codificar” a nova Doutrina.

completadas, constituíram *O Livro dos Espíritos*, publicado em 1857 e que é considerado o mesmo do Espiritismo moderno.

Com o êxito de *O Livro dos Espíritos*<sup>43</sup> (a primeira edição foi logo esgotada e no ano seguinte, reeditada), Allan Kardec criou uma *Revista Espírita*<sup>44</sup>, em 1º de janeiro de 1858 que, durante onze anos ininterruptos, circulou como poderoso auxiliar na difusão do Espiritismo.

Nesse mesmo ano, a 1º de abril de 1858, foi fundada a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Esta aglutinou grande número de adeptos da nova doutrina que rapidamente se espalhou pelas terras francesas e para vários outros países europeus. Allan Kardec prosseguia em seu labor de codificar a Doutrina Espírita. Lançou em janeiro de 1861 *O Livro dos Médiuns*<sup>45</sup>, que trata do ensino especial dos espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os tropeços que se podem encontrar na prática do Espiritismo.

Neste espaço, julgamos necessário esclarecer alguns postulados da filosofia kardecista:

1. Espiritismo é uma ciência porque trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal. Em vista disso,

---

<sup>43</sup> O trabalho prosseguia. Rivail examinava, comparava, propunha questões que pareciam melindrosas. Meditava. Ele continuou a frequentar as reuniões espíritas e, com o auxílio de mais de dez médiuns que prestaram sua colaboração a esse trabalho de comparação e de fusão de respostas, em 18 de abril de 1857, a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*. Esta obra contém os princípios da doutrina espírita e versa sobre a imortalidade da alma, a natureza dos espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o futuro da humanidade segundo o ensinamento dado pelos espíritos superiores com o auxílio de diversos médiuns. Ele optou por assinar a obra com o nome de Allan Kardec, uma vez que seu nome Hippolyte Léon Denizard Rivail era muito conhecido no mundo científico e da Educação em virtude de seus trabalhos anteriores.

<sup>44</sup> Kardec lançou em 1862 uma *Refutação às críticas contra o Espiritismo*, no ponto de vista do materialismo, da ciência e da religião oficial. Em abril de 1864 publicou *O Evangelho segundo o Espiritismo*, com a explicação das máximas morais do Cristo, sua aplicação às diversas situações da vida. Em 1865, Allan Kardec fez surgir uma nova obra: *O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo*, na qual são mencionados numerosos exemplos da situação dos espíritos, no mundo espiritual e na Terra, e as razões que motivaram essa situação. Allan Kardec, em janeiro de 1868, com *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*, mostra sob o ponto de vista científico, a síntese dos quatro primeiros volumes já publicados. Esse grave filósofo, depois de haver discutido pontos mais difíceis da psicologia e da metafísica transcendental, mostrava-se expansivo, conservando-se sempre digno e sóbrio em suas expressões. Mas os desgastes físicos e mentais foram inúmeros. Uma doença cardíaca o minava surdamente. Em 31 de março de 1869, aos 65 anos, em Paris, foi acometido pela ruptura de um aneurisma, que o levou a óbito, estando enterrado no cemitério Père Lachaise.

<sup>45</sup> *O Livro dos Médiuns* é o *vade-mécum* de quantos desejem se entregar com proveito à prática do Espiritismo experimental. É o guia mais seguro de que os cidadãos se podem servir para explorar, sem perigo, o terreno da mediunidade.

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

constituindo a Doutrina Espírita um sistema de princípios filosóficos e éticos, de comprovação científica, apresenta três notórios aspectos: o filosófico, o científico e o religioso.

2. Crença na existência e sobrevivência da alma imortal, espírito.
3. Crença na reencarnação, pois, sendo o espírito imortal, volta à matéria e progride continuamente.
4. Comunicabilidade: há mediunidade intra espíritos (comunicabilidade das almas) e entre espíritos (seres humanos desencarnados) com seres vivos, historicamente situados em diferentes planos do espaço.
5. Há, também, pluralidade dos mundos habitados. Há vida na Terra, em outras dimensões e em outros planetas.

Nos limites do século XXI, o teólogo Leonardo Boff (2000) compreende a transcendência como um desejo e uma capacidade do ser humano para superar a si mesmo, ou seja, de sair de seu estado atual para buscar algo novo. Destaca que o ser humano é um projeto infinito. Embora a finitude seja inerente à condição humana, porque caminhamos para a morte, o homem busca o infinito, e aí reside a dimensão da transcendência.



Boff<sup>46</sup> assinala que “somos seres de enraizamento e seres de abertura”. Eis, então, os sentidos de imanência e transcendência. “A raiz nos limita porque nascemos numa determinada família, numa língua específica, com um capital limitado de inteligência, de afetividade, de amorosidade”. Esta é nossa dimensão de imanência. “Mas somos simultaneamente seres de abertura”, visto que ninguém amarra as emoções, ninguém é capaz de nos aprisionar totalmente. Esta é a nossa dimensão da transcendência, a qual nos oportuniza romper limites, ir além, superar e violar os interditos.

Boff ressalta:

Creio que a transcendência é talvez o desafio mais secreto e escondido do ser humano. Ele se recusa a aceitar a realidade na qual está mergulhado porque se sente maior do que tudo o que o cerca. Com seu pensamento, ele habita as estrelas e rompe todos os espaços. Essa capacidade é o que chamamos de transcendência, isto é, transcende, rompe, vai para além daquilo

<sup>46</sup> Fonte da imagem: leonardo-boff.jpg paoevinho.wordpress.com

que é dado. Numa palavra, eu diria que o ser humano é um projeto infinito (2000:4).

É possível, pois, afirmar que a dimensão da transcendência impulsiona o homem a buscar novos modos de vida e de sobrevivência, a interagir com os outros, a criar e recriar a cultura, que vitaliza e nutre o ser humano, a se erguer ante as vicissitudes existenciais e acreditar na possibilidade de um novo tempo, um novo mundo, um novo homem.

Leonardo Boff, em seu ensaio *O preço de não escutar a natureza*<sup>47</sup>, assevera que

Somos, em grande parte, ainda devedores do espírito científico moderno que identifica a realidade com seus aspectos meramente materiais e mecanicistas sem incluir nela, a vida, a consciência e a comunhão íntima com as coisas que os poetas, músicos e artistas nos evocam em suas magníficas obras. O universo e a natureza possuem história. Ela está sendo contada pelas estrelas, pela Terra, pelo afloramento e elevação das montanhas, pelos animais, pelas florestas e pelos rios. Nossa tarefa é saber escutar e interpretar as mensagens que eles nos mandam. Os povos originários sabiam captar cada movimento das nuvens, o sentido dos ventos e sabiam quando vinham ou não trombas d'água. Chico Mendes com quem participei de longas penetrações na floresta amazônica do Acre sabia interpretar cada ruído da selva, ler sinais da passagem de onças nas folhas do chão e, com ouvido colado ao chão, sabia a direção em que ia a manada de perigosos porcos selvagens. Nós desaprendemos tudo isso. Com o recurso das ciências lemos a história inscrita nas camadas de cada ser. Mas esse conhecimento não entrou nos currículos escolares nem se transformou em cultura geral. Antes, virou técnica para dominar a natureza e acumular.

Em suas reflexões, Boff<sup>48</sup> assinala que se voltarmos o olhar para o passado, em um processo da antropogênese, é possível constatar que a crise atual, semelhante às anteriores, não nos conduzirá à morte, todavia, a uma integração urgente e precisa da Terra com a Humanidade. Ele denomina este fato de geosociedade. Em consequência, tal fato objetivo conduz a um dado subjetivo, uma vez que propiciará o surgimento de uma consciência planetária

---

<sup>47</sup> Aconselhamos conferir tais declarações em [www.leonardoboff.com/site/lboff.htm](http://www.leonardoboff.com/site/lboff.htm), acesso em setembro de 2011.

<sup>48</sup> Estas reflexões foram pesquisadas no artigo Terra e Humanidade: uma comunidade de destino. Consultado em [www.leonardoboff.com/site/lboff.htm](http://www.leonardoboff.com/site/lboff.htm), acesso em setembro de 2011.

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

com a percepção de que constituímos uma única espécie, que ocupa um habitat comum com o qual formamos uma comunidade de destino.

Este filósofo e teólogo ressalta ainda que há um processo em curso há milhões de anos: a ascensão rumo à consciência. A partir da geosfera (Terra) surgiu a hidrosfera (água), em seguida a litosfera (continentes), posteriormente a biosfera (vida), a antropofesfera (ser humano) e para os cristãos, a cristosfera (Cristo). Segundo Boff estaríamos na aproximação de outro salto evolutivo: o surgimento da noosfera, isto é, o encontro de todos os povos no planeta Terra e com uma comum consciência planetária. O vocábulo noosfera, do grego, significa mente e inteligência e denota a convergência de mentes e corações que originará uma unidade mais alta e complexa.

Contudo, para que isto ocorra, Boff assevera a necessidade de uma declaração Universal do Bem Comum da Terra e da Humanidade capaz de coordenar as consciências e fazer convergir as diferentes políticas. No século XX, foi proposta uma Carta dos Direitos Humanos Universais. Este fato foi uma luta grandiosa e uma vitória cultural.

É preciso alargar os horizontes e não pensar apenas no bem comum de cada país, mas na Humanidade como um todo, e a Terra, entendida como um superorganismo vivo do qual nós, humanos, somos sua expressão consciente. Nesta perspectiva, como assegurar os direitos da Terra e da Humanidade?

A carta da Terra, surgida no início do século XXI, tem por finalidade atingir esta demanda.

Filósofo	Concretude	Imaterialidade	Observações
Platão	Corpo - cárcere	Alma - invisível	os homens, somos parte da propriedade dos deuses
Sócrates	Corpo – finito - entrave	Alma = pensamento	“é uma realidade o reviver; dos mortos provêm os vivos”
Kant	Mundo sensível	Mundo inteligível	Transcendental é o pensamento que se ocupa não do objeto mas do modo de conhecê-lo
	Objetos: valor de meios e pessoas: fins em si mesmos	Conhecimento <i>a priori</i>	O conhecimento não é o reflexo do objeto exterior. É o próprio espírito humano que constrói – com dados do conhecimento sensível – o objeto do seu saber
	Experiência	Espírito = juízos analíticos	Espaço e tempo são dados a priori
	Abstrações apetecíveis	Caráter determina o uso	Todas as coisas na natureza operam segundo leis. Apenas um ser racional possui a faculdade de agir <i>segundo a representação</i> das leis; ele possui uma <i>vontade</i> = a razão prática
Pós-kantianos	Criatividade	Historicismo	oposição entre “coisa” e “espírito” será eliminada
Fichte	Eus empíricos	Eu puro	Eticidade = moralidade
	Mundo da natureza	Não-eu oposto ao “eu”	atividade do espírito tem por finalidade a sua liberdade, ascensão a consciência da sua natureza absoluta e divina
Schelling	natureza espiritualizada	intuição	espírito humano alcança a essência metafísica da realidade por meio da intuição estética
	Identidade	liberdade	essencial heterogeneidade entre o perfeito, o imutável, o universal e o imperfeito, o temporal, o particular (empírico)
Schleiermacher	religiosidade em sentido específico, que se refere a variadas e mutáveis determinações da autocons-ciência	uma religiosidade em sentido amplo, com um sentimento indeterminado da Unidade indeterminada	a religião ocupa o mais alto grau da atividade humana, assim como o sentimento ocupa o vértice da vida espiritual justificar a religião expulsa da vida do espírito, pelo racionalismo iluminista
Heidegger	Ente - verdade do ser é irreduzível a sua entificação e prática cotidiana.	Ser-á se encontra na temporalidade	Humanismo, além do homem, depende da linguagem e do acesso do pensamento originário àquela verdade que pertence à linguagem
Santos filósofos	Princípio constitutivo da realidade não são coisas conhecidas	Deus é transcendente da criação	transcendental caracteriza os atributos que se aplicam a todos os seres: o uno, o verdadeiro e o bom são categorias transcendentais
Sto. Agostinho	Homem	Conhecimento	homem só tem acesso ao conhecimento quando iluminado por Deus



*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

Tomás de Aquino	Coisas extramentais	Intelecto	no homem existe uma alma espiritual – unida com o corpo, mas transcendendo-o: além da atividade vegetativa que são materiais, se manifestam atividades espirituais, como intelecto e vontade
Santo Inácio de Loyola	Pessoas não cristãs	Tarefa divina	Missão educativa associada à evangelização
Pascal	Matéria falível e pequenina	Grandiosidade do espírito	Contemplativo da miséria humana e grandiosidade divina
Lamennais	Estado	Igreja	Precursor da democracia cristã e do pensamento católico liberal
Kardec	Ciência não é incompatível com a Filosofia, sequer com a Religião		Visão científica da relação corpo vs alma
	Natureza visível	Natureza do mundo invisível	Concilia o filosófico, com o científico e o religioso
	O corpo apreende o espírito	O espírito necessita de um corpo para se manifestar	Crença, com fundamentação científica, na reencarnação do espírito e da comunicabilidade corpos/almas de mortos com os corpos/almas de vivos
Leonardo Boff	Seres de enraizamento, corpos finitos	Seres de abertura, elevação ao infinito	Transcendência é o desejo e a capacidade humana de ultrapassar a si mesmo
			O homem é um projeto infinito Pela transcendência, busca-senovos modos de sobrevivência, de (re)criar a cultura, em um novo tempo, um novo homem, uma nova humanidade

Ante o exposto, sentimos necessidade de estabelecer, em quadro-resumo, a evolução do pensamento filosófico acerca de imanência e transcendência, pelo eixo cronológico, destacando as passagens (a partir de verbetes) mais importantes de cada expoente pesquisado, a fim de comprovar nossa hipótese inicial de que a constituição bio-psíquica-social do ser humano, homem ou mulher, não pode ser resumida a aparências, formas, corpos físicos que transitam no espaço terrestre, apenas. É necessário destacar-lhes, ou, ao menos, considerar-lhes a essência, o intangível aos cinco sentidos, a contraface imaterial.

Constata-se, assim, que, desde sempre, pensadores ocidentais percebem que a constituição do homem é híbrida, sendo uma parte material e outra imaterial; se são (in)dependentes, não importa. O que se verifica é que em todos

os filósofos há preocupação com categorias que não têm correspondentes materiais: tempo, espaço, essência, aparência, forma, substância, dentre outros.

Dessa feita, firma-se a certeza de que para se refletir acerca da transcendência, é necessário partir *a priori* de que os seres humanos da cultura não são seres simples, não são apenas constituídos por matéria/corpo. É preciso estar convicto da veracidade de que os seres humanos são capazes de transcender, porque são compostos por uma parte material e uma parte não-material, a qual impulsiona o Homem para cima, em busca do entendimento do Absoluto.

O corpo físico não é ôntico. Ele possui componentes irreversíveis (ditados por outro corpo físico que o antecede): aspectos biológicos, biótipos, cor da pele e altura, entre outros. A não-matéria (que pode ser denominada por espírito, alma, conhecimento e até por energia) é constituída de pensamento. Estudar a não-matéria – energia – é estudar a possibilidade de transcender.

As manifestações de transcendência decorrem, nas relações intersubjetivas, do modo de pensar e dos atos; do objetivo comum a mais de uma pessoa; das paixões de caráter predominante; da simpatia e de uma certa similitude de pensadores, tendências e graus de elevação; do espírito de solidariedade intemporal; da consciência das necessidades comuns; do caráter distintivo de um povo. Tudo isso constitui o nexos essencial que liga e solda os tempos, conciliando uma nação com a mudança evolutiva.

Há um impulso dos povos que se projeta do passado, alcança o presente e se dirige ao futuro, tanto no mundo terreno quanto no espiritual, na busca de níveis evolutivos mais elevados e na mesma rota da transcendência histórica. Isso se pode perceber de várias formas, atualmente:

1) pelo esforço empregado pelos homens de bem para conseguir que as nações se adiantem moral e intelectualmente.

2) pela atração positiva que a nação, por sua vez, exerce sobre os homens que já progrediram.

3) pelos esforços dos cidadãos que, pouco a pouco, melhoram-se, instruem-se e se desenvolvem material e socialmente.

4) pelo impulso ascendente dos homens de gênio e daqueles dotados de autoridade como instrumentos de Deus.

## 2 REFLEXÕES CONCEITUAIS

*As imagens não valem pelas raízes libidinosas que escondem mas pelas flores poéticas e míticas que revelam.*

Gilbert Durand

Para proceder a leitura dos poemas, pelo viés da hermenêutica filosófica, teremos de nos valer de conceitos, entendidos estes como as representações mentais de um objeto abstrato ou concreto, que se mostra como um instrumento fundamental do pensamento em sua tarefa de identificar, descrever e classificar os diferentes elementos e aspectos da realidade.

Em decorrência, elaboramos a seguinte concepção de **transcendência**, que estará permeando todas as reflexões, a partir de agora: capacidade humana, subjetiva, de superar e superar-se, de romper os próprios limites, de interação harmônica com o próximo; criação e recriação cultural com vistas ao crescimento moral e espiritual da humanidade; abertura às dimensões de finito e infinito. Crença na existência e sobrevivência da alma.

Outro conceito que dará sustentação à leitura é o de **realidade**, ou seja, a capacidade subjetiva, cognitiva, do intelecto humano de apreender os fatos, eventos e seres, por um ou mais dos nossos sentidos, como existência objetiva; sentimento de verdade, concebida como a correspondência, a adequação ou a harmonia passível de ser estabelecida, por meio de um discurso ou pensamento, entre a subjetividade e a existência objetiva.

Assim, trabalharemos com afirmativas (ou negativas) que têm valor axiomático, em que, a partir da linguagem artística, a realidade surge como premissa considerada necessariamente evidente e verdadeira, fundamento da demonstração, porém ela mesma indemonstrável; originada, segundo a tradição racionalista, de princípios inatos da consciência ou, segundo os empiristas, de generalizações da observação empírica.

Há outros conceitos necessários à compreensão de nossa análise que, sendo explicitados, vão propiciar que haja compartilhamento de informações e

de entendimento entre a elocução (discurso enunciado) e a leitura (interpretação realizada).

Entre os que serão mais evidenciados, destacamos:

### **2.1 Linguagem conceitual vs linguagem simbólica**

A linguagem é elemento constituinte do humano, pois com ela o homem significa pensamentos, sentimentos, emoções, interesses, vontades e atos. Com ela, organiza o mundo humano, construindo sentido para o que faz e aprende, bem como para o que existe e acontece no mundo.

De acordo com Marilena Chauí (*Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.) “Fundamentalmente, a linguagem simbólica opera por analogias (semelhanças entre palavras e sons, entre palavras e coisas) e por metáforas (emprego de uma palavra ou de um conjunto de palavras para substituir outras e criar um sentido poético para a expressão)”.

A linguagem simbólica realiza-se principalmente como imaginação. A linguagem conceitual procura evitar a analogia e a metáfora, esforçando-se para dar às palavras um sentido direto e não figurado ou figurativo. Isso não quer dizer que a linguagem conceitual seja puramente denotativa. Pelo contrário, nela a conotação é essencial, mas não possui uma natureza imaginativa ou imagética.

Assim sendo, indagamos: a filosofia consegue se expressar apenas no espaço da linguagem conceitual (ainda que a lógica assim o faça)? Estamos convencidos que não: a história da filosofia ainda que privilegie as expressões formais, está marcada pelas representações simbólicas culturais.

A denotação (concepções filosóficas e linguísticas retiradas do *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* 2009) é compreendida como vínculo direto de significação (sem sentidos derivativos ou figurados) que um nome estabelece com um objeto da realidade. Em uma extensão do conceito que constitui o significado de uma palavra; propriedade que tem um significante de se referir genericamente a todos os membros de um conjunto. Designa o sentido literal das palavras. E ainda, diz respeito a uma relação significativa objetiva

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

entre marca, ícone, sinal, símbolo etc., e o conceito que eles representam, por exemplo, a relação entre *cruz* e 'hospital', entre *caveira com dois ossos cruzados* e 'perigo' ou 'veneno', entre a forma sonora [masã] *maçã* e 'fruto da macieira' etc.)

## 2.2 Tempo vs Espaço

O tempo costuma ser definido como a sucessão dos anos, dos dias, das horas e minutos que envolve, para o homem, a noção de presente, passado e futuro. Momento ou ocasião apropriada para que uma coisa se realize, simboliza um limite na duração do ser humano na terra. Por definição, o tempo humano é finito e o tempo divino infinito ou, melhor ainda, é a negação do tempo, o ilimitado. A unidade de medida do tempo humano é o século; a do tempo divino, a eternidade. Não há entre eles nenhuma medida comum possível. Santo Agostinho afirmou que o tempo é *a imagem móvel da imóvel eternidade*<sup>49</sup>

De conformidade com os estudos de Gilbert Durand<sup>50</sup>, ao analisar a imaginação, ela aparece, na maior parte das vezes, no seu próprio movimento, como resultado de um acordo entre os desejos do ambiente social e natural, configurando-se como origem de uma libertação. Dessa feita, a arquetipologia antropológica esforça-se por distinguir, por meio de todas as manifestações humanas da imaginação, os conjuntos, as constelações em que as imagens vêm convergir em torno de núcleos organizadores.

Tais núcleos constituem os regimes diurno e noturno da imagem, nos quais o tempo é tema preponderante.

### 2.2.1 O regime diurno da imagem

Este regime é definido como o trajeto representativo que implica os reflexos posturais, bem como a argumentação de uma lógica da antítese e do

<sup>49</sup> Essa afirmação foi extraída de CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain *in Dicionário de símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro, José Olympio, 1995, p.876.

<sup>50</sup> Gilbert Durand foi professor de Antropologia Cultural e de Sociologia na Universidade de Grenoble, na França; junto com Léon Cellier e Paul Deschamps, fundou o Centro de Pesquisas sobre o Imaginário na década de 1960. A sua principal tese encontra-se na obra *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

“fugir daqui” platônico. Assim, a tendência do homem em se manter ereto vai-se configurar em esquemas ascensionais na busca da elevação, do cume, da luz, em oposição à queda que remete às trevas, à escuridão.

Em termos gerais, as constelações imagéticas que representam esse regime são luz vs trevas, ar vs miasma, arma heroica vs laço, batismo vs mancha, cume vs abismo, céu vs inferno, chefe vs inferior, herói vs monstro, anjo vs animal, asa vs réptil, puro vs sujo, claro vs escuro, alto vs baixo. E os esquemas verbais são separar vs misturar, subir vs cair.

Há, nesse regime, um tema preponderante que é o medo diante da fuga do tempo, simbolizado pela mudança e pelo ruído, nos quais os símbolos teriomórficos, nictomórficos e catamórficos estão estruturados. Em oposição aos três símbolos mencionados, configuram-se os símbolos ascensionais, espetaculares e diairéticos. Esses temas não só se constituem os homólogos antitéticos das faces do tempo, como também estabelecem uma estrutura profunda da consciência, esboço de uma atitude metafísica e moral.

Assim, podemos esquematizar:

REGIME DIURNO DA IMAGEM		
medo diante da fuga do tempo evidenciado pelos símbolos		
teriomórficos		ascensionais
nictomórficos	TAMBÉM PELOS SÍMBOLOS	espetaculares
catamórficos		diairéticos

#### Símbolos teriomórficos

Os símbolos teriomórficos dizem respeito às imagens de animais, representações comuns desde a infância. A representação imagética dos animais procura estabelecer primeiro o sentido do abstrato espontâneo que o arquétipo animal representa em geral. Assim, algumas de suas características são sobredeterminadas e não se ligam diretamente à animalidade, o que faz associar, por exemplo, o voo do pássaro com a flecha.

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

### Símbolos nictomórficos

Os símbolos nictomórficos evidenciam toda a angústia humana perante a passagem do temporal. As trevas são associadas ao caos e ao ranger de dentes. As trevas noturnas constituem o primeiro símbolo do tempo. O simbolismo da noite (mesmo no regime diurno da imagem) liga-se ao simbolismo do animal, devido ao fato de a noite recolher em sua substância “maléfica” todas as valorizações negativas precedentes.

### Símbolos catamórficos

Quanto aos símbolos catamórficos, estes residem nas imagens dinâmicas da queda. A imagem da queda é reforçada desde a primeira infância pela prova da gravidade que a criança experimenta quando da aprendizagem penosa do andar. Ela poderá vir a ser a experiência dolorosa fundamental que constitua para a consciência a componente dinâmica de qualquer representação do movimento e da temporalidade.

A queda resume e condensa os aspectos temíveis do tempo, dá-nos a conhecer o tempo que fulmina. Ela é simbolizada pela carne quer seja digestiva ou sexual, unificadas pelo grande tabu do sangue. Há um deslize especulativo para o moral. A carne, essa parte animal que vive em nós, conduz sempre à meditação do tempo.

Em oposição aos três símbolos mencionados, relativos ao regime diurno da imagem, ainda segundo Durand, configuram-se os símbolos ascensionais, espetaculares e diaréticos.

### Símbolos ascensionais

Os símbolos ascensionais marcam a preocupação fundamental da simbolização verticalizante ascendente, acima de tudo assemelhando-se à escada levantada contra o tempo e a morte. A ascensão repousa no contraponto negativo da queda. Assim, as imagens que gravitam nesses símbolos são as

morais, que reforçam o sentido de retidão, elevação e todas que remetem à verticalidade, tais como a asa, a águia, a pomba, a flecha, a cabeça e o anjo.

### Símbolos espetaculares

Já os símbolos espetaculares, em complementação ao isomorfismo ascensional, ligam-se diretamente ao que conduz o ser humano a tudo que remete à luz. Desse modo, as cores frias como o azul, o branco e, em algumas acepções, o dourado remetem-nos à figura solar que significa, antes de tudo, luz suprema.

### Símbolos diairéticos

Estes remetem ao aspecto dialético da transcendência, em que a intenção profunda que os guia é a polêmica que os põe em confronto com os seus contrários. Assim, a luz tem tendência de se tornar raio ou gládio, e a ascensão pode espezinhar um adversário vencido. Esses símbolos envolvem ainda os rituais de purificação em que o herói, na busca da transcendência, purifica-se pelo batismo na água ou no fogo e pelo corte de lâmina.

Todos os símbolos anteriormente mencionados integram o regime diurno da imagem. A seguir, apresentamos os símbolos que fazem parte do regime noturno.

#### 2.2.2 O regime noturno da imagem

Ao contrário do regime diurno, o noturno não antagoniza com o tempo, mas, sim, procura conciliar-se com ele. O regime noturno da imagem está constantemente sob o signo da conversão e do eufemismo. Em torno desse regime gravitam os símbolos que remetem a imagens de inversão, de intimidade, bem como aos símbolos cíclicos.

Em termos gerais, as constelações imagéticas que representam esse regime são o fogo (a chama já não queima, mas ilumina), o microcosmo, a criança, a cor (clara, suave, amenizadora), a noite (que já não provoca medo,



*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

mas que traz a lua, benfazeja), a mãe, o recipiente, a moradia, o centro, a flor, a mulher, o alimento, a substância. E os esquemas verbais associados ao regime noturno são amadurecer, progredir, voltar, enumerar, descer, possuir, penetrar.

A noite que, ao contrário da simbologia do regime anterior, é símbolo do inconsciente; permite às recordações perdidas subir ao coração, semelhante às névoas noturnas. A noite introduz uma valorização positiva do luto e do túmulo. O eufemismo que as cores noturnas constituem em relação às trevas é similar ao da melodia em relação ao ruído. Enquanto o pensamento solar nomeia, a melodia noturna contenta-se com penetrar e dissolver.

O regime noturno da imagem compreende símbolos que podem ser distribuídos em três grupos.

#### Símbolos de intimidade e da inversão

Em relação aos símbolos da intimidade, a valorização da própria morte e do sepulcro é invertida e sobredeterminada pelo complexo do regresso à mãe. Essa inversão permite o isomorfismo sepulcro = berço. A terra torna-se o berço mágico e benfazejo porque é o lugar do último repouso. O sepulcro e o ventre materno são dois marcos da representação que agregam ainda o simbolismo da gruta como matriz universal que se apresenta aos grandes símbolos da maturação e da intimidade tais como a crisálida, a casa, a caverna, a floresta.

#### Símbolos cíclicos

Os símbolos cíclicos giram em torno da procura e da descoberta de um fator de constância no próprio seio da fluidez temporal e esforçam-se por sintetizar as aspirações da transcendência ao além e as intuições imanentes do devir. Desse modo, a lua aparece como a primeira medida do tempo; é o arquétipo da mensuração, pois ela sugere sempre um processo de repetição. O simbolismo lunar liga-se à obsessão do tempo e da morte. A lição dialética do

simbolismo lunar é sintética, uma vez que a lua é ao mesmo tempo morte e renovação, obscuridade e clareza, promessa através e pelas trevas.

Com relação ao tempo, consideramos suficientes as concepções apontadas. Com respeito ao espaço, devemos considerar que ele se liga a uma área ou volume entre limites determinados. O espaço transcendente tem dimensão indefinida. Segundo Houaiss, diz respeito à extensão ideal, sem limites, que comporta todas as extensões finitas e todos os corpos existentes ou possíveis. Pode ser considerado também um período ou intervalo de tempo; campo abrangido idealmente por determinada área de conhecimento e fazeres humanos. O filósofo francês Gaston Bachelard (1884-1962) em sua obra *A Poética do Espaço*, ao proceder a uma específica análise de espaços e lugares, cria uma reflexão singular a que denomina “Poética do Espaço”. É nesse caminho que seguiremos. Este autor revela a intenção de dar à palavra a missão de elevar o objeto de sua análise, os lugares e os espaços, em nível poético do devaneio. Bachelard mostra que há poesia nos principais espaços prediletos do homem: casa, sótão, porão, gaveta, cofre, armário, ninho, concha e miniaturas. Ele tem a capacidade de mostrar- nos a fenomenologia do homem e sua relação com o mundo por meio de análises de textos que revelam que há poesia dentro do homem e ao seu redor.

A imaginação, faculdade humana por vezes esquecida, é capaz de fazer nascer, renascer e criar novos modos de vida e de interioridade, concedendo às coisas o lastro humano que elas não ostentam quando ficam pensando em sua material solidão. Há poesia nos principais espaços preferidos pelo homem. Há poesia dentro do homem e à sua volta. Poesia profunda de sentido metafísico e psicológico. Poesia que pode e deve ser partilhada pelos seres humanos atentos, sensíveis, imaginativos e abertos ao devaneio.

O ser humano, em sua experiência cotidiana, conhece a materialidade e a resistência do solo em que pisa. É capaz de sentir a fluidez do ar que respira em um determinado ambiente. Identifica, também, os muros da casa que habita. Na condição de ser inteligente, escolhe e frequenta espaços para habitar, se divertir. Por meio de sua sensibilidade e interesses, busca, viaja, conquista os espaços. Em muitas ocasiões, compra espaços. Neste sentido, o espaço é como uma

vertente de seu movimento. Nasce e cresce nele o desejo e a volúpia de ter e de possuir espaços.

Transparece na filosofia de Bachelard a evidência de que o homem solitário pode descobrir a qualquer momento a voz do acolhimento em espaços próximos, assim como o sentido da vida em símbolos que ele manipula no dia a dia, uma vez que a poeticidade, o devaneio e o cogito do sonhador elevam a consciência e a alegria do viver.

### **2.3 Essência vs Aparência**

Essência é o que constitui o cerne de um ser. Numa acepção filosófica, diz-se que essência é o que constitui a natureza de um ser, independentemente de este ser existir de fato, real ou virtual.

Segundo o *platonismo*, o ser verdadeiro é conhecível na medida em que o espírito supera o caráter enganoso e ilusório das impressões sensíveis, tornando-se apto à contemplação das formas eternas e imutáveis da realidade.

Conforme o *aristotelismo*, essência é o conjunto de qualidades, propriedades e atributos universais que caracterizam a natureza própria de um indivíduo concreto, em oposição às alterações circunstanciais ou características excepcionais que possam eventualmente acometê-lo, a que se dá o nome de aparência.

Para a *escolástica*, especialmente no *tomismo*, essência é a conceituação universal, captável somente pelo pensamento, e relativamente separada da realidade existencial, particular e concreta. Essência é aquilo que constitui a natureza das coisas; é a substância, a existência. A essência de algo é o seu ser verdadeiro e profundo (por oposição às aparências). Uma propriedade de um objeto é essencial quando sem ela esse objeto não poderia existir.

A aparência está relacionada àquilo que se mostra à primeira vista; aspecto. Aquilo que parece realidade sem o ser; ilusão. No sentido filosófico, a aparência liga-se à simulação da realidade e, portanto, ao ocultamento de uma

realidade diferente. Pode ainda ser entendida como a manifestação, total ou parcial, da realidade.

Aparência (concepção filosófica retirada do *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 2009*) é a dimensão superficial, exterior, ilusória da realidade, que corresponde, no âmbito da cognição humana, a todos os obstáculos que impedem a percepção plena da verdade, tais como as opiniões supersticiosas ou irrefletidas do senso comum, as ilusões na captação da natureza pelos sentidos ou as paixões e inclinações que deformam a compreensão objetiva dos fatos. Vale destacar que posicionamos somente Deus como essência e existência, inteiramente, coincidentes.

#### **2.4 Forma vs Substância**

A forma é, por princípio, a configuração física característica dos seres e das coisas, como decorrência da estruturação das suas partes; formato, feitio.

Ela diz respeito aos limites exteriores da matéria de que é constituído o corpo, e que conferem a este um feitio, uma configuração, um aspecto particular. É propriedade do ser ou objeto confusamente percebido, e cuja natureza não se pode precisar.

Para o *platonismo*, consiste em cada uma das realidades transcendentais que contêm a essência imaterial dos objetos concretos, captáveis somente pelo intelecto que supera as impressões sensíveis; arquétipo, ideia.

Segundo Aristóteles, é princípio que determina, modela ou delinea a matéria bruta, fazendo com que cada ser adquira uma identidade imagética, um traçado definido, uma configuração característica.

A substância refere-se àquilo que lhe define as qualidades imateriais. O que é necessário à permanência material de alguma coisa; o que tem propriedades de força, vigor, resistência. O que é necessário à vida, o que alimenta. O que não é aparente ou superficial, o que realmente importa ao espírito.

No *aristotelismo* e na *escolástica*, formal é a realidade que se mantém permanente sob os acidentes múltiplos e mutáveis, servindo-lhes de suporte e

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

sustentáculo; aquilo que subsiste por si, com autonomia e independência em relação às suas qualificações e estados.

Substância relaciona-se a Deus, à realidade suprema que, para existir, não exige qualquer outra nem qualquer conceito prévio causal ou explicativo.

Percebe-se, pelas concepções acima, uma divergência entre Platão (para quem a forma já é uma realidade transcendente – que contém a essência) e Aristóteles, cujo conceito aproxima-se mais da visão moderna: a forma como atributo (recorte) da matéria.



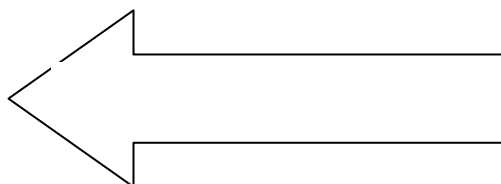


### 3. HENRIQUETA LISBOA:

#### BIOBIBLIOGRAFIA E FORTUNA CRÍTICA

*Aí está a sua grandeza como poeta: o dom de jungir o evanescente e o preciso, mantendo-se fiel ao tom original, ao murmúrio da alma, sem procurar a retumbância e a eloquência. Por outro lado, Henriqueta é moderníssima quanto à qualidade da emoção, à fatura dos versos, à consonância com seu tempo.*

J. G. Moutinho (1995:562)



#### 3.1 Aspectos biográficos

##### Cronologia

Henriqueta Lisboa nasceu em Lambari, no dia 15 de julho de 1901<sup>51</sup>, no sul de Minas, quando a cidade ainda era conhecida como “Águas Virtuosas”. Era uma dos nove filhos de Maria Vilhena (conhecida como dona Sinhá), de prendas domésticas, autodidata, nascida em Campanha – Minas Gerais e de João de Almeida Lisboa, natural de Macaé, no Estado do Rio de Janeiro, farmacêutico que se tornou deputado federal e político de expressão na primeira república. Ambos eram de descendência espanhola e portuguesa. Constata-se que Henriqueta cresceu no seio de uma família que soube educar os seus filhos de forma integral, levando-os a prezar as artes, a ciência, a política e a religião. Suave, discreta, elegante, quase etérea, assim é lembrada por muitos amigos.

No lar e na escola o ambiente era propício ao desenvolvimento harmônico de Henriqueta e dos irmãos, que desempenhariam, na idade adulta, papéis sociais relevantes, cada um no caminho que escolhera – fosse a medicina, o

<sup>51</sup> No início do ano de 2001, Abigail de Oliveira Carvalho, professora aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), recebeu de um cartório de Lambari, no sul de Minas, uma certidão de nascimento que eliminou de vez uma dúvida gerada por um erro de registro em um outro documento. Sua ilustre tia, a poeta mineira Henriqueta Lisboa, nascera em 15 de julho de 1901 e não em 1904 como se pensara durante muito tempo.

direito, o magistério superior, a educação em geral, ou as letras. A poeta passou a infância no sul de Minas, fez o curso primário no Grupo Escolar “Dr. João Bráulio Júnior”, em Lambari, diplomando-se, mais tarde, normalista no tradicional Colégio Sion, de Campanha, onde estudou os clássicos de língua portuguesa e francesa. Nesse colégio se cultivava a leitura com grande ênfase.

Ângela Vaz Leão (2004) informa que, devido ao prestígio e ao bem-estar de que desfrutava a família Lisboa na região, a carreira política do pai, como deputado federal e depois como membro da Constituinte Mineira, levou-os a transferências: primeiro para o Rio de Janeiro, em 1924, em seguida para Belo Horizonte. No Rio de Janeiro, a poeta pode, além de usufruir das belezas naturais da cidade, sedimentar sua vida intelectual. Foi também nessa cidade que Henriqueta Lisboa conheceu e se tornou amiga da poeta chilena, Prêmio Nobel de Literatura, Gabriela Mistral.

Blanca Lobo Filho (1966) declara que a poeta descobriu o mundo da arte no Rio de Janeiro. Começou a visitar museus, galerias de arte e a frequentar concertos, bem como assistir a peças teatrais nacionais e estrangeiras.

Na capital mineira, a família fixou residência a partir de 1935, quando então Henriqueta foi nomeada inspetora federal de ensino secundário. Nessa época, ela passou a frequentar a Academia Mineira de Letras, em Belo Horizonte, onde se relacionou com conceituados escritores da época, como Olegário Mariano e Ademar Tavares. De Belo Horizonte, Henriqueta não mais se afastaria, a não ser para breves passeios. Vale ressaltar que em 4 de julho de 1963, tornou-se Henriqueta Lisboa, assim, a primeira mulher a entrar para uma Academia de Letras em Minas Gerais.

Pela época da mudança para Belo Horizonte, a poesia de Henriqueta Lisboa já era conhecida. Seu livro de estreia, *Fogo fátuo*, fora publicado em 1925. Seguiu-se, em 1929, *Enternecimento*, com o qual obteve o prêmio Olavo Bilac da Academia Mineira de Letras, conferido em 1931. Vieram depois outras coletâneas de poemas: *Velário*, em 1936; *Prisioneira da noite*, em 1941; *O menino poeta*, em 1943; *A face lívida*, em 1945. Em 1949, publicou *Flor da morte*, que mereceu o Prêmio Othon Lynch Bezerra de Melo, da Academia Mineira de Letras. Em 1956, veio à luz *Azul profundo*; em 1959, *Montanha viva* –



*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

Caraça, que foi objeto de tradução latina. Seguiram-se *Além da imagem*, em 1963; *Belo Horizonte bem-querer*, em 1972; *O alvo humano*, em 1973; *Reverberações*, em 1976; *Miradouro e outros poemas*, também em 1976; *Celebração dos elementos: água ar fogo terra*, em 1977. E finalmente, em 1982, editou o seu último livro de poemas, *Pousada do ser*, pelo qual obteve o “Prêmio de Poesia” do Pen Clube do Brasil.

A criação poética, faceta mais importante de toda a sua obra, surge ao lado das inúmeras traduções de grandes mestres da literatura; por exemplo, Dante Alighieri e Gabriela Mistral. Também se credita a Henriqueta a organização de uma antologia poética para a infância e juventude, publicada em 1961 pelo Instituto Nacional do Livro, com quase três centenas de poemas traduzidos, selecionados com bom gosto da obra de artistas em língua portuguesa e em outros idiomas. Pela frequência com que alguns nomes aparecem nessa antologia, feita somente de poesia alheia<sup>52</sup>, pode-se deduzir a preferência da Autora.

Dos próprios poemas publicou três antologias: *Lírica*, em 1958; *Nova lírica*, 1976; e *Casa de pedra*, em 1979. Também publicou, em 1968, uma antologia em prosa de caráter didático, intitulada *Literatura oral para a infância e a juventude*, sendo composta de lendas, contos e fábulas populares do Brasil.

A obra de Henriqueta não se limita à poesia. Compreende também alguns ensaios, como o a respeito de *Alphonsus de Guimaraens*, de 1945; e outras reflexões em *Convívio poético*, de 55; *Vigília poética*, de 68; e *Vivência poética*, de 79. Nesses livros, Henriqueta Lisboa reúne trabalhos teóricos referentes à poesia, bem como faz a análise crítica da obra de vários poetas nacionais e estrangeiros, incluindo também estudos da prosa poética de Guimarães Rosa.

Outros ensaios críticos de Henriqueta Lisboa apareceram em periódicos especializados ou em livros editados em co-autoria. O alto nível dessa obra

---

<sup>52</sup> Carlos Drummond de Andrade, Ribeiro Couto, Alphonsus de Guimaraens, Augusto Frederico Schmidt, Fernando Pessoa e Gabriela Mistral são, pela ordem, seus poetas prediletos. Infere-se que a modéstia de Henriqueta a impedira de incluir poemas seus entre os de seus ídolos.

teórica explica o fato de Henriqueta ter sido convidada para ministrar aulas de literatura em nível superior, o que fez no antigo Curso de Letras Neolatinas, da Universidade Católica de Minas Gerais (atual PUC Minas), onde lecionou Literatura Brasileira e Literatura Hispano-americana e no Curso de Biblioteconomia, da Universidade Federal de Minas Gerais, onde ensinou História Geral da Literatura.

Constata-se que as tendências gerais subordinam-se às especificidades do poetar da escritora e ao refinamento de sua linguagem. A expressão simbolista, num primeiro momento é, de certa maneira, contaminada pela relativa “desordem” modernista. Por isso, os versos longos, confessionais, que ocorrem em *Velário*. E ainda os versos brancos predominantes, em oposição à métrica e à rima.

Na obra *Prisioneira da Noite* a poeta aprofunda as temáticas do amor irrealizado e os mitos da infância destruída. Verifica-se, então, a combinação do lirismo e do drama em sua obra poética. Já em *O Menino Poeta* (1943), o tema da infância é retomado de modo feliz, visto que é uma obra de memória e contemplação, representação do evanescente.

Dois núcleos temáticos se destacam na produção poética desta escritora, em que *Eros* e *Thanatos* lutam, dialeticamente. A presença da morte, algo que a relaciona aos simbolistas, surge como um desafio, um enigma a ser decifrado. As obras *A Face Lívida* (1945) e *Flor da Morte* (1949) são exemplos interessantes. O outro núcleo diz respeito ao relacionamento da artista com o mundo exterior, uma vez que ela exalta heróis literários, civis e religiosos. Seus versos desvelam um canto de liberdade com um tom polêmico, ao inserir interditos psicossociais, revestidos de mitos e símbolos com uma índole metafísica ou ontológica. Exemplificamos com as obras *Azul Profundo* (1969), *Além da Imagem* (1963), *O Alvo Humano* (1973) e *Miradouro* (1976).

Vale ressaltar que, no livro *Além da Imagem*, a poeta busca um possível paralelismo entre a evolução humana e o desenvolvimento dos três reinos ou processos naturais, para, em conclusão, “prenunciar o surgimento de um quarto reino – o do puro espírito”, como ela própria afirma na conferência Poesia: Minha Profissão de Fé inserida em *Vivência Poética* (1979).

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

Ante o exposto, é possível identificar a qualidade da produção de Henriqueta quanto à intensidade da sua obra poética e da sua crítica. Constatase, a seu favor, o reconhecimento nacional, representado pelo “Prêmio Machado de Assis” que lhe conferiu a Academia Brasileira de Letras em 1984 pelo conjunto de sua obra. Recebeu-o por ela sua sobrinha, a escritora Ana Elisa Lisboa Gregori, em julho desse mesmo ano. Quinze meses depois, em outubro de 1985, faleceu Henriqueta Lisboa, calando-se uma das mais altas vozes da poesia de Minas e do Brasil.

### **3.2. Personalidade**

Yeda Prates Bernis (1992), amiga e ex-aluna, apresenta Henriqueta Lisboa com afetividade; ressalta alguns valores morais de sua mestra, entre os quais destaca a grandeza de sua personalidade que contrastava com sua frágil aparência física. Assídua em sua arte de ensinar, comparecia Henriqueta às aulas carregada de textos datilografados, com inúmeras informações acerca de escritores latino-americanos, suprimindo o difícil acesso à bibliografia naquela época.

Lendo os vários estudos referentes à Henriqueta Lisboa, deduz-se que ela era exemplo nítido de mineiridade, no que isto significa de melhor, ou seja, falava pouco, observava muito. Aristocrata por berço e vocação, sua poesia é perpassada pelo espírito de Minas. Seu amor à terra mineira, à sua gente e à sua história estão inscritos poeticamente em sua obra.

Outra característica é o comedimento com que sempre viveu. Em sua residência recebia a todos com simplicidade, trajava-se sem ostentação – embora elegantemente. Sabia ouvir; e preferia usar o silêncio à voz. Expressava em voz amena, buscava a sabedoria de quem viveu em profundidade e em equilíbrio, conhecendo a fugacidade de tudo e colocando o amor e a prudência como norteadores de sua fala. A serenidade era sua meta de vida e a exercitava mesmo nos momentos de maior desafio. Quando sofria, fazia-o em silêncio.

Henriqueta sempre demonstrou exercitar o autodomínio, a meticulosidade, a ordem e o espírito disciplinado; foi uma cristã devotada. Ligava-se também aos aspectos do cotidiano: gostava de Chico Buarque, torcia pelo Cruzeiro Sport Clube e admirava homens bonitos.

Maledicências ou conversas frívolas jamais as admitia. Era discreta em relação a algum escândalo, qualquer que fosse o acontecimento nele envolvido. Era fiel às suas amizades, não permitindo qualquer censura a quem quer que fosse, mesmo que merecidas.

Yeda Prates Bernis ressalta que Henriqueta

Era apaixonada pela poesia. Tinha respeito pelos poetas, mesmo aqueles ingênuos ou iniciantes. É que via neles o desejo de reverenciar a arte que foi o *leitmotiv* de sua vida. Também a literatura infantil foi alvo de seu desvelo, tanto no trabalho pessoal como no incentivo aos escritores deste ofício. E deixava claro que esta literatura deve conter, sempre que possível, a poesia e a linguagem depuradas, reivindicando para a criança a capacidade de apreensão da beleza. Assim, incentivou escritores infanto-juvenis, como é o caso de Bartolomeu Campos Queiroz, a construir textos poéticos de alto nível literário, instigando a sensibilidade e a inteligência da criança (1992:13).

Bernis informa, ainda, que a poeta era tímida, temia assaltos. Seu temor tinha justificativa. Nos últimos anos de sua vida, Henriqueta pouco saía de casa, uma vez que acompanhava as notícias violentas por meio dos jornais e da televisão. Assistia, com entusiasmo, a algumas novelas, quando estas mereciam sua aprovação crítica.

Henriqueta tinha consciência de que sua obra não era acessível ao grande público, mas não fazia concessões nesse sentido. Buscando e enaltecendo a qualidade em vez da popularidade, afirmava preferir ser compreendida por poucos, a ter que simplificar o conteúdo de suas emoções<sup>53</sup>.

A poeta manteve de 1940 a 1945 uma intensa correspondência com Mário de Andrade, cujas cartas foram reunidas pela editora José Olympio, em 1990, no livro “Querida Henriqueta”. Amigo da escritora mineira e frequentador do

---

<sup>53</sup> Esta afirmativa encontra-se na obra *Presença de Henriqueta*, organizada por CARVALHO, SOUZA e MIRANDA.

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

apartamento da Rua Pernambuco, no horário entre 3 e 6 da tarde, o escritor José Moreira Afrânio Duarte (1996) em *Henriqueta Lisboa – Poesia Plena* lembra que havia um “afeto profundo, mas platônico” entre Henriqueta e Mário de Andrade. E observa que, por um desses desígnios da poesia – ou do amor – ela não se casou nem teve filhos. Faleceu no dia 9 de outubro de 1985, data de aniversário do grande amigo Mário de Andrade.

### 3.3 Crítica da poética

Henriqueta é considerada uma das grandes vozes da poesia brasileira por vários críticos literários, entre os quais destacamos Mário de Andrade, Blanca Lobo Filho, Sérgio Milliet, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Antonio Cândido, Otto Maria Carpeaux, Fábio Lucas, Constância Lima Duarte, Nelly Novaes Coelho, Pascoal Rangel, entre outros<sup>54</sup>.

Segundo Nelly Novaes Coelho (2002), Henriqueta é uma “poeta culta, de natureza intimista/metafísica, ensaísta da aguda percepção.”<sup>55</sup> Faz sentido relacionar a produção de Henriqueta ao seu signo, uma vez que, conforme Coelho, “ao que parece, já na esfera astral, esta teve determinado o seu destino de poeta-mater voltada para a sondagem das raízes da vida, interagindo com elas e tentando trazer à luz das palavras, o seu enigma” (2002:258). Essa pré-

<sup>54</sup> A fortuna crítica de Henriqueta Lisboa é vasta. No presente estudo, tivemos acesso às fontes supracitadas, em sua maioria, na UFMG, por ocasião de visita a esta instituição em setembro de 2010. Em 1989, por ocasião da Semana Henriqueta Lisboa na Faculdade de Letras da UFMG, foi comemorada a chegada do arquivo pessoal da escritora, junto com o de outros autores que compuseram o Acervo de Escritores Mineiros (AEM): Murilo Rubião, Cyro dos Anjos, Osvaldo França Júnior e Abgar Renault e, mais recentemente, Fernando Sabino, Otávio Dias Leite, Wander Piroli e Lúcia Machado de Almeida. Tais acervos têm o intuito de recriar o ambiente de trabalho dos respectivos autores. Como espaço de investigação cultural, o AEM, em virtude do seu caráter museológico, possibilita o estudo de inúmeras trajetórias e conjugações biográficas e documentais.

O Fundo Henriqueta Lisboa foi doado pelos familiares à UFMG quatro anos após a morte da poeta. Nele se encontram documentos pessoais, quadros, móveis, fotografias, periódicos, correspondências com outros intelectuais, primeiras edições de seus livros, poemas manuscritos, datilografados e sua biblioteca. É válido registrar que nas bibliotecas do Distrito Federal, encontra-se o mínimo de referências a respeito de Henriqueta Lisboa.

<sup>55</sup> Vale ressaltar que o seu nascimento se deu, pela conjunção de astros sob o signo de câncer, símbolo da água original, do arquétipo materno, associado à lua, ao psiquismo inconsciente, da pulsão vital. COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 258-61.

determinação foi algo que a poeta costumava admitir nas muitas entrevistas que concedeu, ao falar de sua vocação poética. E também está em sua conferência intitulada: “Poesia, minha profissão de fé”, publicada na obra *Vivência poética*.

Constância Lima Duarte<sup>56</sup> destaca, em seu artigo, publicado na internet, que a produção de Lisboa constitui-se em relevante referência ao conhecimento da poesia não só mineira, mas, também, nacional. Informa que a crítica reconhece o talento de Henriqueta com o verso livre e a sua insubordinação às correntes da poesia modernista, bem como o seu profundo conhecimento quanto aos recursos da arte poética. Em alguns de seus poemas há um predomínio da artifice, em detrimento da inspiração, emoção.

Henriqueta Lisboa é comparada à Cecília Meireles e a Manuel Bandeira, por Antonio Cândido<sup>57</sup>: “A não ser em alguns versos do Sr. Manuel Bandeira e da Sr<sup>a</sup> Cecília Meireles, não sei de outra poesia brasileira moderna que seja mais fluida e mais éterea do que a da Sr<sup>a</sup> Henriqueta Lisboa. É uma delícia a perfeição com que sugere e descreve” (1985:561).

A crítica<sup>58</sup> é unânime em apontar a perfeição com que constrói seus poemas e o poder sugestivo de suas imagens. Tal perfeição identifica-se, às vezes, por meio dos versos curtos e das frases contidas, na busca pela palavra exata, concisa; outras vezes, por intermédio de versos livres, brancos para dar vazão aos sentimentos. Mário de Andrade utilizou a expressão “contenção antipalavrosa e sintética” para descrever o seu fazer poético e comparar a sua força estilística à de Gabriela Mistral – poeta com a qual Henriqueta constituiu amizade profícua, segundo os estudos de Adriana Rodrigues Machado<sup>59</sup>.

---

<sup>56</sup> Tive oportunidade de trocar alguns e-mails com a professora, escritora e crítica feminista, Constância Lima Duarte acerca de Henriqueta Lisboa. Um estudo dessa pesquisadora de título *Henriqueta Lisboa – uma biografia intelectual* encontra-se disponível em <<http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigos/henriqueta.html>. Acesso em 14 de junho de 2010.

<sup>57</sup> Comentário extraído da obra básica para os poemas em análise.

<sup>58</sup> Entendemos por *crítica* a arte ou faculdade de examinar e/ou julgar as obras de caráter literário ou artístico, a partir de uma perspectiva teórica, e, por extensão, o coletivo referente às pessoas que exercem essa atividade.

<sup>59</sup> Estudiosa de Henriqueta Lisboa, defendeu dissertação de mestrado a respeito da poeta. MACHADO, Adriana Rodrigues. *Henriqueta Lisboa: a morte como florescimento do ser* in Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas - Comunicações de fóruns PPG- LET- UFRGS- Porto Alegre- vol. 03, n.02- jul/dez 2007.

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

Em consonância com os estudos de Constância Duarte, Fábio Lucas<sup>60</sup>, em seu ensaio acerca de Henriqueta Lisboa, declara que

O leitor não deve assustar-se com o repertório precioso de Henriqueta Lisboa. Antes, precisa explorá-lo à exaustão, a fim de colher o maneirismo dramático da poeta, que associa a tradição setecentista mineira, meio barroca, meio clássica, eminentemente rococó, com a tonalidade musical do Simbolismo. Repetem-se vocábulos da têmpera simbolista: reposteiro, vergel, lua, orvalho, asas, lírio, arco-íris, zéfiro, elfo, nácar, luz, musa, nardo, pomba, paz, etc.

Fábio Lucas ressalta um aspecto interessante na produção de Lisboa, a saber: o jogo entre o sim e o não, “umas vezes feroz, outras, pungente na representação do mundo e da vida.” Inúmeros são os poemas iniciados pelo advérbio de negação, que consiste em uma maneira cumulativa para acentuar a contradição, isto é, a afirmação final do conteúdo lírico, geralmente de cunho elegíaco. Fábio Lucas considera a negação como premissa de um silogismo de uma epifania lírica.

Tome-se, a exemplo dessas considerações mencionadas, o poema “A face lívida”<sup>61</sup>, que inicia a obra de mesmo título, publicada em 1945:

*Não a face dos mortos.  
Nem a face  
dos que não coram  
aos açoites  
da vida.  
Porém a face  
lívida  
dos que resistem  
pelo espanto.*

*Não a face da madrugada  
na exaustão  
dos soluços.  
Mas a face do lago*

<sup>60</sup> Fábio Lucas é um dos grandes estudiosos da obra de Henriqueta Lisboa na atualidade. Publicou vários artigos referentes à poeta. Entre tantos, consultar: *A lírica de Henriqueta Lisboa*. <<http://www.letas.ufmg.br/henriquetalisboa>> Acesso em 06 de junho de 2010.

<sup>61</sup> LISBOA, Henriqueta. *Obras completas: I poesia geral 1929 – 1983*. São Paulo: Duas Cidades, 1985. p. 105. A partir daqui, quando mencionados os poemas desse livro, serão citadas, no corpo do estudo, só as páginas e, quando necessário, o título do poema.

*sem reflexos  
quando as águas  
entranha*

*Não a face da estátua  
fria de lua e zéfiro  
Mas a face do círio  
que se consome  
lívida  
no ardor. (105)*

Outro aspecto recorrente nos poemas de Henriqueta é a busca do ser, a qual se confunde com a busca da verdade poética. Percebe-se uma condensação da linguagem elaborada pelo aprofundamento de sua força motriz: o eterno enigma da existência a desafiar a poeta. Oscar Mendes, a esse respeito, pontua que “é tudo essencial, claro, definido. Há mesmo em alguns poemas um excesso de síntese, que lhes dá um tom de *hai-kai japonês*”, e complementa, “esse despojamento vocabular nada tira entretanto a força emotiva dos versos” (1970:95 -117).

O poema *Canção*, de *A face lívida*, composto de quatro versos, exemplifica a busca pela síntese, pelo essencial, sem ornamentos desnecessários:

*Noite amarga  
sem estrela.*

*Sem estrela  
mas com lágrimas. (112)*

Sérgio Milliet (1950) afirma que Henriqueta Lisboa é (hoje) um dos poetas mais puros do Brasil. A forma límpida, “cristal sem jaça de sua poesia”<sup>62</sup>, a agudeza das imagens, a densidade das palavras, a segurança do ritmo, sua humildade, constituem sua força expressiva e comunicativa.

Pascoal Rangel<sup>63</sup>, acerca de Henriqueta Lisboa, assinala que

Ela que parece tão em–si, de repente é história, é geografia, Mariana, Caraça, Ouro Preto, Aleijadinho, Bárbara Heliodora, o arcebispo Dom Silvério; é epopéia lírica, romanceiro; é vibração religiosa, é infância, é metafísica, “pousada do ser”; é lucidez, é

<sup>62</sup> É conveniente consultar a obra coletiva, ver na bibliografia, em que encontramos a passagem transcrita. A expressão “cristal sem jaça de sua poesia” remete ao que é transparente, translúcido; portanto, Milliet insinua um aspecto transcendente na poeta.

<sup>63</sup> Este estudioso destaca a paisagem cultural de Minas Gerais relacionada à produção de Henriqueta Lisboa.



*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

erudição, é agudeza crítica, é enigma (“reverberações”), visão onírica, é cimo e fundo, lavras e céu, isto e aquilo. (1987:15)

Manuel Bandeira (1957) definiu Henriqueta como “um dos nossos mais fortes e perfeitos poetas” em *Brief History of Brazilian Literature* (Washington, Pan American Union, 1958); contudo na versão em português “Apresentação da Poesia Brasileira”, sequer referiu o nome da poeta. Em 1959, todavia, escreveu um artigo sobre ela no *Jornal do Brasil* (22/04/1959), aproximando “Dante e Henriqueta”.<sup>64</sup> Otto Maria Carpeaux afirma: “Sei – e apoio-me nesta autoridade – que Manuel Bandeira é da mesma opinião: Henriqueta Lisboa é dos maiores poetas em língua portuguesa” (1985:561).

Blanca Lobo Filho assevera que depois de

analisar seu trabalho e de ouvir a crítica de seus contemporâneos, depois de estudar sua poesia nas suas várias fases de crescimento, pode-se encontrar em Henriqueta Lisboa uma beleza, uma intensidade de pensamento que ganha expressão ao ser criada com admirável perfeição e harmonia. Tomou ela o melhor de cada escola literária que, numa época ou noutra, a influenciou, combinando com estilo único os elementos do Simbolismo e Classicismo com os dos românticos e parnasianos. Nesta síntese, transcendeu qualquer escola e tornou-se um poeta moderno que cabe ao mesmo tempo em todas as categorias e em nenhuma delas. (1965: 31 e 32)

Em muitas ocasiões, no conjunto de sua produção, é possível notar o uso da metalinguagem como forma de expressão da essência poética. A linguagem literária é uma metalinguagem uma vez que não pertence ao universo estabelecido do discurso que transmite o estado de coisas existente, à medida em que transmite um outro mundo, o qual obedece a outros critérios, valores e princípios, como negação de realidades prontas.

---

<sup>64</sup>Perante a fortuna crítica mencionada, mas, especificamente a respeito dos posicionamentos de Manuel Bandeira e de Otto Maria Carpeaux, gostaríamos de levantar algumas dúvidas. Qual seria o critério pelo qual Henriqueta Lisboa não teria sido incluída na antologia de Manuel Bandeira? Talvez em uma crítica genética teríamos condições de saber. Quais as razões desse paradoxo? Esquecimento involuntário? Falta de material? Outras causas? Talvez Carpeaux tenha acreditado que Henriqueta Lisboa era grande demais para ser incluída em sua *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*.



**4. A PERCEPÇÃO TRANSCENDENTE NA LÍRICA HENRIQUETIANA**

*A vida não passa de uma  
oportunidade de encontro; só  
depois da morte se dá a junção;  
os corpos apenas têm o abraço,  
as almas têm o enlace.*

Victor Hugo (1802-1885)

*O Homem surgiu por fim: a louca pretensão  
De atravessar o umbral, tão transcendente, d'alma,  
E penetrar o arcano imenso de sua essência.*

Helena Kolody (2004:211)

**4. 1. Visão geral<sup>66</sup> da lírica<sup>67</sup> de Henriqueta Lisboa**

A obra lírica de Henriqueta Lisboa está contida em dezesseis livros escritos entre 1929 e 1980. A *Lírica* constituída entre os anos de 1929-1955, é uma coleção de oito ciclos, cada um dos quais se refere a um livro de poemas agregados sob um nome em particular. Tais ciclos, se analisados separadamente, revelam uma específica fase da trajetória da poeta. Por outro lado, em conjunto, sintetizam a vida e a cosmovisão henriquetianas. Em uma perspectiva cronológica, apontam para o gradual e crescente traço evolutivo de sua arte poética. Cabe ressaltar que, por meio dos oito ciclos da *Lírica*, podem ser identificados temas típicos do poetar de Lisboa, a saber: o amor, a religiosidade, a volta à infância, o folclore, o patriotismo e a morte.

---

<sup>66</sup>Inicialmente apresentamos uma visão geral da *Lírica* de Henriqueta Lisboa, após o que mergulharemos nos poemas selecionados. Para a leitura dos poemas destacamos as manifestações verbais que se relacionam a uma postura epistemológica que valoriza o transcendente. Lemos a partir de verbetes, expressões ou fragmentos textuais, passagens que apontam para o além das contingências vitais, das limitações temporais; o pensamento-expressão que se debruça sobre o espaço do distante, buscando as reverberações simbólicas que exalam dos conjuntos de elementos naturais.

Nesse sentido, optamos por redistribuir os textos de maneira distinta da que se encontram nas obras e percorremos os poemas que constituem o *corpus* para análise a partir dos grandes temas relacionados à transcendência, que são recorrentes ao longo de sua produção. Foram destacados a) natureza, b) sentimentos, c) religiosidade, d) morte e transcendência.

<sup>67</sup> O vocábulo *Lírica*, grafado em itálico, diz respeito ao conjunto dos oito livros que compõem os oito ciclos do poetar henriquetiano. Os poemas ou fragmentos serão sucedidos por um número entre parênteses, correspondendo à página da edição consultada.

O que se chama de primeiro ciclo (ou parte da *Lírica*), denominada *Enterneçamento*, mostra uma faceta romântica de Lisboa. Os poemas são ternos e emotivos. Revelam um acentuado amor à natureza. No poema *Serenidade* (21), o eu poético afirma que *A alma é um parque sob o luar./ Passa de leve a onda do vento, / Fica a ilusão no seu lugar. E, adiante: Ouve! O silêncio vai falar! / Mas não falou... / Foi-se o momento... / E não me canso de esperar.* Evidencia-se um estado harmônico do eu lírico: um misto de paz e encantamento, êxtase e advento, expectativa e espera.

Em sua segunda obra, *Velário*, produzida entre os anos 1930-1935, Henriqueta desvela seu pendor para a poesia simbolista, de influência francesa. Seu tom agora é interior, permeado de religiosidade. Seu poetar se transfigura: torna-se introspectivo, velado, íntimo. O poema *Eu te perdô, vida...* exemplifica tais percepções, principalmente nos fragmentos: *Eu te perdô, Vida, pela tua estranha beleza! / - as noites frias que gelaram / a carne tenra dos órfãos pequeninos, / os ventos ríspidos que fustigaram / a choupana dos velhos e dos enfermos, / as tempestades em que naufragaram / os barcos leves dos pescadores, nos mares ermos... / Eu te perdô por ti mesma, Vida, / pela tua beleza ardente e inviolável de esfinge!...* (30-1). O discurso é uma conversa do eu lírico com a vida e suas facetas permeadas de estranha, misteriosa, enigmática, ardente beleza inviolável de esfinge. Há incessante busca para decifrar o sentido existencial. Neste poema, o eu poético reconhece a beleza do viver e a difícil arte de decifrá-lo.

*Prisioneira da noite* (1935-1939), terceira obra de Henriqueta, trata do amor irrealizado e da morte infantil. O conflito substitui o lirismo, e a fé se presentifica na maior parte dos textos, aliada à ansiedade e luta. Constata-se também certo pessimismo nos textos, que agora são breves, concisos. Tal obra rompe com o estilo anterior e assinala uma fase de maturação da escritora.

É o caso de Singular,

*Em vez de amar singelamente  
uma casa pequena com jardim,  
uma varanda com pássaros,  
uma janela em que ao sereno há uma bilha de barro  
um pessegueiro, uma canção e um beijo*

*– o pessegueiro de seu pomar,  
a canção popular  
e o beijo que poderia alcançar –*

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

*a minha musa ama precisamente  
o que não existe neste lugar.*

(59)

O poema alude à luta que se trava no íntimo do ser humano. A enumeração de quadros e fatos cotidianos, que para a maioria das pessoas é motivo de alegria, satisfação, resulta em sentimentos contrários: angústia, desgosto. Exala uma ânsia pelo que não há, pelo que não se vê ou se vivencia. A leitura de tais versos faz-nos refletir acerca da questão existencial: Quem de nós não sonha com outro tipo de vida em várias circunstâncias, principalmente diante de situações delicadas em que nos sentimos fragilizados ou desapontados?

Em outros momentos, a poeta revela uma depressão filosófica e impessoal, como no caso de Vida Breve em que se lê

*Vida frágil  
corpo de haste  
alma de flor  
se esfolhou...*

E adiante:

*Vida breve  
por amor  
fruto em nácar  
nas entranhas  
carregou...*

*Vida aérea  
corpo de alma  
nenhum rastro  
deixou.*

(62-3)

A intensa adjetivação ao substantivo *vida* conota a efemeridade, fragilidade e fugacidade vital. Para tanto, o eu lírico recorre a anáforas e enumerações: *Vida frágil / Vida curta / Vida breve / Vida aérea*. Henriqueta Lisboa usa metáforas de modo frequente para “pintar” estados mentais, ou seja, implicitamente compara uma emoção a outra coisa, tornando o sentimento mais compreensível. É o que se pode constatar em *corpo de haste / alma de flor / se esfolhou... / vida aérea / corpo de alma / nenhum rastro / deixou...* Percebe-se a recorrência à teoria dos contrários preconizada por Sócrates, porque o adjetivo

aérea remete à liberdade, a que participa das propriedades do ar. Já o corpo de alma, imaterial, não deixou marcas, pois alcançou a transcendência.

A quarta obra, *O menino poeta*, concebida entre os anos de 1939-1941, marca uma fase de muita alegria da poeta. Configura-se como um hino à juventude com as reminiscências infantis da Autora. Bastante musical, traz características do folclore brasileiro infantil. Cabe destacar que nesta fase ainda se verificam alguns traços melancólicos da obra anterior. Tais características podem ser constatadas nos exemplos de Segredo: *Andorinha no fio / escutou um segredo. / Foi à torre da igreja, / cochichou com o sino. / E o sino bem alto / delém-dem / delém-dem / delém-dem / dem-dem! Toda a cidade / ficou sabendo* (83).

O volume *A face lívida*, escrito durante a Guerra, entre 1941 e 1945, é uma obra dedicada a Mário de Andrade; Lisboa, que havia adotado o Modernismo e suas inovações técnicas, analisa certos conflitos de ideias. Rejeita a injustiça, rebela-se contra a ignorância, o pessimismo e o caótico estado do mundo. Em sua batalha, aponta para os valores espirituais. Seus versos são impetuosos e denotam traços de um realismo. Todavia, o tom é frequentemente lírico e simbólico<sup>68</sup>.

Em alguns versos de *A paz*, a lua há associação de ideias entre brancuras. *Eu quero a paz, a grande paz / da lua sozinha no céu.* Astro dos ritmos da vida, a lua controla os planos cósmicos regidos pela lei do vir-a-ser cíclico; também é para o homem o símbolo da passagem da vida à morte e da morte à vida: *A paz que precedeu às sombras, / a que antes das tréguas nasceu* (108-9).

A sexta produção de Henriqueta, *Flor da morte* (1945-1949), foi escrita num período particularmente infeliz da autora, visto que perdera seu pai e dois amigos queridos. Acuada por memórias tristes e subitamente consciente do poder da morte, este tema foi como que lhe imposto, após o término da II Grande Guerra. A infelicidade suscitou outras mágoas. Assim, esta obra densa e complexa parece mais impregnada da expressão dos problemas da vida além-túmulo do que preocupada com a técnica.

---

<sup>68</sup> Já foi destacado o vínculo e o autor da *Paulicéia desvairada*. Convém destacar que o livro vem a público pouco tempo depois do falecimento do grande amigo cuja “face lívida” ela presenciou.

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

Fragmentos do poema Elegia exemplificam este período:

*A princípio os mortos  
eram dois ou três.  
Não mortos, sombras:  
um velho, uma criança,  
mais alguém talvez.*

*Tranqüilos corpos  
sob uma lápide.  
Em cima e em torno  
flores e pássaros.*

*Os mortos pertenciam à morte  
como as pedras e as plantas  
a seus reinos.*

*Nesse tempo a morte  
pertencia ao cotidiano.*

*Foi então que o raio  
caiu sobre o cedro.  
Seiva da minha seiva  
corria dentro do cedro.*

*De então nas curvas  
das cordilheiras  
surpreendo os mortos  
nos seus espasmos.*

*De então na mesa  
tenho-os presente:  
cada conviva  
com seu silêncio.*

*De então nas ruas  
caminham soltos.  
E tocam flautas  
uns pelos outros.*

*Esse da esquina  
de amplas espáduas  
vede: está morto.  
Porém não sabe.*

(154-6)

Neste poema cujo tom é terno e triste, a poeta parece contar histórias: *A princípio os mortos / eram dois ou três*. Henriqueta Lisboa vai enumerando fatos, situações como quem pinta quadros ao leitor, tanta a descrição. Ante um fato irremediável, o eu poético se depara com a realidade que se abate sob seus entes queridos: *Foi então que o raio / caiu sobre o cedro. / Seiva da minha seiva*

/ corria dentro do cedro. E se depara também com mortos-vivos, no cenário de sofrimento ante a “indesejada das gentes”.

*Madrinha lua* nasceu entre 1941 e 1946. Exalta heróis, poetas, personagens bíblicos, fatos e lendas mineiros, nacionais e internacionais, bem como as cidades históricas de Ouro Preto, Mariana, e Congonhas. É constituída por poemas longos, narrativos. Revela um forte sentimento da Autora para com sua pátria e para com Minas Gerais. Em muitos poemas, é possível notar uma interpenetração do tema folclórico no tema religioso<sup>69</sup>.

*Azul Profundo*, obra iniciada em 1950 e concluída 1955, assinala o ciclo final e o clímax de *Lírica*. Revela de modo instigante o refinamento e a purificação das qualidades singulares do poetar henriquetiano. Observa-se nesta obra a união do subjetivo ao objetivo, o tom religioso e místico. O poema *Ó noite* ilustra tais considerações: *Ó noite, ensina-me / o teu magno / segredo: / iluminar da sombra. / Da sombra permitir / a visão mais profunda. / Projeta pela sombra / o roteiro dos astros. / Quanto mais te recolhes, / ó noite, nos teus véus, / tanto mais fulgem / as constelações. / Serás acaso humilde, / generosa, / ou apenas criadora / de beleza? / Ó noite, ensina-me / o teu magno / segredo* (245-6).

Nos fragmentos supracitados, o eu lírico parece constatar a realidade circundante ao interpelar a noite. O movimento imagético, nesses versos, marcados pelo regime noturno da imagem, leva a crer que a poeta clama por uma vontade de apaziguar, de amenizar, de transpor a agonia sentida ao implorar a revelação da noite com seus enigmas transcendentais.

Um aspecto que merece destaque é o esvaziamento da palavra em seu sentido mais pleno. A ausência de adjetivação sublinha a falta que o simbolismo noturno conota.

---

<sup>69</sup> Eles não fazem parte do *corpus* porque fogem ao tema de minha pesquisa. Alguns exemplos: *Romance do Aleijadinho / Antônio Francisco Lisboa / no catre de parálítico. / Antônio Francisco Lisboa / está nos últimos dias. / - Sobre meu corpo, ó senhor, / põe teus divinos pés. / Ao penitente perdoa / ira, luxúria e soberba.* (207). *História de Chico Rei / Nos tempos da escravidão / Francisco Rei Africano / aprisionado e vendido / com sua família e tribo. / Na travessia do Atlântico / forte como um rei, Francisco / perde a esposa, perde os filhos / quase todos, menos um.* (209) *Drama de Bárbara Heliadora / Linda, lendária Princesa, / por quem chora já sem lágrimas / pobre mulher desvairada / de olhos que olham mas não vêem. / Chora Bárbara Heliadora / Guilhermina da Silveira. / E em suas artérias corre / o sangue de Amador Bueno! / Chora, porém já sem lágrimas.* (213).



*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

É notório que *Lírica* reflete as experiências, as tentativas, os conflitos espirituais e as deliberações intelectuais de Henriqueta Lisboa. A *Lírica* testemunha a evolução da poeta desde o seu florescimento até o ápice de sua maturação. Há, na poética, uma lúcida capacidade de espírito para transpor as barreiras tradicionais e alçar largos voos, conquistando o lugar que lhe cabe na literatura brasileira.

#### **4.2 – Outros componentes das *Obras Completas***

As demais produções que compõem as *Obras Completas* apresentam novas fases da produção de Lisboa, em que a Autora modifica o olhar, tornando-o mais leve.

Em *Montanha viva Caraça* (1956-1958), obra com que homenageia a Serra do Caraça<sup>70</sup>, Lisboa define o vocábulo *Caraça* como um conceito de vida, uma forma de existir, uma filosofia tanto mais real quanto mais poética. A análise de alguns fragmentos do poema *Descoberta* ilustra o supracitado: *Quem fora temerário, quem galgara / da compacta montanha / os degraus para além da natureza? / Quem as fauces / de antros, abismos e desfiladeiros / ousara desafiar com o próprio peso? / Quem romperá o silêncio de milênios / igual na majestade ao que precede / à criação no caos latente / para do peito desarraigar / palavras de alicerce que entre as pedras / como se firmam: / - “Esta é a minha morada para sempre?!”* (287). A partir da dubitação, o eu poético revela a ânsia transcendente daqueles que trabalharam na montanha ou mesmo dos que a visitam com vistas a um momento íntimo para se atingir o inefável, o indizível que a atmosfera circundante propicia.

Outro exemplo encontramos em *As provações*: *É a montanha dos porfiosos granitos, / é a montanha das vigílias e do sono propiciatório, / a montanha viva. / O coração humano desconhece repouso. / Cada dia é mister*

---

<sup>70</sup> Assim denominada por seu desenho semelhante a um perfil de homem, que guarda em sua verde concavidade, repleta de acidentes naturais um mundo grandioso – monumento histórico, santuário místico, fonte cultural de humanidades e ciências, campo de formação do corpo e do espírito, sementeira de paz e santidade que a poeta buscou interpretar, conforme se encontra na introdução deste livro, dentro das *Obras Completas*.

*renascer para a luta. / Sem trégua as picaretas golpeiam a rocha à procura de linfa / os olhos queimam de sol a sol decifrando enigmas* (299). Nesta perspectiva, o eu lírico que, de modo metafórico associa a rotina e a vida extenuante dos operários da montanha com a dos demais homens, revela que a artista da palavra se irmana com seus iguais, por intermédio de seu labor: a criação artística.

Ao se tomar contato com os poemas de *Além da imagem* (1959-1962), o leitor sente-se alertado para que momentos significativos sejam bem aproveitados. É como se a Autora sacudisse o espírito acomodado, protegendo-nos do mal, da guerra e da violência, do desespero e da fome pela justiça, pelos valores éticos: amor e vida, fé e virtudes.

Isso se pode apreciar em *Além da imagem*.

*Além da Imagem: trama do inefável  
para mudar contorno definido.  
Ou não bem definido. Além da Imagem  
treme de ser lembrança o que era olvido.*

(356)

O poeitar de Henriqueta propicia um renascimento, uma descoberta do homem por ele mesmo. A imagem focaliza e inclui a continuidade, ou talvez uma renovação.

*O alvo humano* (1963-1969) é matéria de poesia pura: reconstrução universal das variadas influências recebidas de seus autores prediletos: Dante, Leopardi, Holderlin, Rilke, Tagore, Ungaretti e Jorge Guillén, além das reflexões de Santo Agostinho e Schiller, dos simbolistas franceses, dos românticos ingleses e alemães, dos místicos espanhóis e dos medievais portugueses.

Há exemplos significativos em *O alvo humano*.

*Sobre este caos somente  
perdido ramo de oliveira  
entre longos milênios e milênios  
uma seta*

– CRISTO –

*O alvo humano*

*acerta.*

(359-61)

Ao lermos os demais poemas desse livro não há como não pensar em caminhos e caminhadas paralelos. Somos contagiados pela inquietação que o eu poético nos sugere. E, neste sentido, constatamos que válida é a arte, que

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

tumultua a alma humana e faz reverberar o eco da palavra, do Verbo em nosso íntimo. Em nossas leituras aprofundadas, percebemos que *O alvo humano* é um prolongamento da obra anterior, *Além da imagem*.

O texto de *Reverberações* (1975), dedicado a poetas, linguistas, lexicógrafos, professores e amantes da Língua Portuguesa, configura-se, segundo a Autora, como a interpretação, ou sugestão, dos verbos<sup>71</sup> que mais a impressionaram. O vocábulo reverberar – em uma acepção primeira – diz respeito ao ato de refletir luz ou calor. Já o nome reverberação é o ato de reconduzir ao caminho correto.

Consciente de que a palavra possui uma dupla existência, de acordo com o contexto, ora ela é utilizada a serviço da razão, ora da emoção, Henriqueta parece brincar, de maneira sutil e criativa, com os substantivos de A até Z do alfabeto brasileiro (na época com 23 letras). Leiamos alguns verbetes:

ACONCHEGO

*Chamamento  
de colo fofo  
quando o fruto  
sucede à flor*

(411)

ALMA

*Etéreo véu  
diáfano e solto  
para a levitação  
do corpo*

(412)

EXPECTATIVA

*A fruta ainda  
não madura  
à hora em que saliva  
a gula*

(425)

<sup>71</sup> Ao se empregar “verbos”, estamos nos referindo ao substantivo que, segundo Houaiss, significa palavra, discurso. Justifica-se o título da obra, pois reverberar é, também, “voltar ao verbo original”; pela etimologia “ação de fazer entrar pelo bom caminho, repreensão, correção”. Ressalta-se, ainda, que os poemas desta obra são pequenos, todavia não chegam a ser haicais; contudo exprimem a visão de mundo da Autora.

Ao reescrever o dicionário de modo muito peculiar, visto que demite as ausências que os léxicos impõem, Henriqueta recria a palavra desmaterializada pelo conceito tradicional, conhecido, pois ela amplia as possibilidades interpretativas a partir de sua cosmovisão, e cada vocábulo ressurgue com movimento, luz, calor, vida.

Ela provoca o milagre da ressurreição, não de uma só, porém, de ressurreições múltiplas. Voltamos a conviver com seres vivos num mundo torturado pela posse, pelo autoritarismo, pela ganância. Revitalizadas, não precisamos fugir das palavras para confraternizar com os seres. O vocabulário que um dia nos humanizou retorna e, à luz do talento henriquetiano, nos re-humaniza renovados pela poesia.

Em relação à *Miradouro* (1968-1974) parece-nos ter sido dividida em duas partes. A primeira revela a ânsia transcendente, a partir das perspectivas do olhar e de sentir da poeta. Para Henriqueta, não basta olhar; é preciso ver, enxergar para além das aparências, sondar o espírito. Não basta sentir, urge apreender a essência profunda das coisas, dos seres, dos homens, da natureza além da matéria.

Ela nos convoca a captar o inefável, o indefinível, o indizível; a sondar novos prismas. Os versos a seguir ilustram: *E os olhos que miram / pesquisando enigmas / ardem de tão frios.* (467) Ou ainda: *Constelação de humano pranto / em trajetória / – da infinitude do aspirar / às barreiras do conhecer* (461). Os versos de Plotino – *O que em mim contempla produz / o objeto de contemplar* – constituem a epígrafe desta obra, na qual os poemas conotam o diáfano, o etéreo, por intermédio da simbologia do pássaro, da flor, da mulher, da lua, das pedras preciosas, da terra, da árvore, entre outros símbolos do regime noturno da imagem, que reforçam a ânsia pelo transcendente.

A segunda parte é permeada de homenagens, citações, alusões a escritores prediletos de Lisboa, entre eles Drummond e Holderlin; artistas como Portinari ou ainda amigas e familiares; as cidades de Brasília e algumas cenas italianas. As imagens ocorrem, de modo abundante. Tomemos como exemplo alguns versos do *Estrelitzia*, dedicado a Yeda Prates Bernis: *Assim te vejo, flor /*

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

*de bravura, aportada / do continente negro: Pássaro de asas estalantes / a rigor o estridor / dependurado em gancho* (463). O poema Holderlin é um exemplo das várias homenagens que Henriqueta fez aos amigos e aos poetas: *Belo teu nome em doces lábios / Holderlin. / Tuas palavras / nascidas entre dois crepúsculos / ainda hoje tremem de orvalhadas* (492).

*Celebração dos elementos*, lançado em 1977, caracteriza-se por extenso poema de cunho investigativo das origens naturais em que os elementos água, ar, fogo e terra são ressaltados de modo ímpar em uma perspectiva transcendental. Exemplificamos: *a essência da água permanece: / no tecido humano que se instala / à seiva das plantas preside / dá de beber aos seres vivos / acelera massas e máquinas / à transcendência se dispõe. / E amanhã será como foi no seu destino de doação* (Água, 505-6). E ainda: *Ar azul de azul invisível / feito de espírito e matéria / tu és vitória sobre a morte* (Fogo, 507-8).

*Pousada do ser* (1976-1980) é o nome dado ao último livro que, do ponto de vista conceptual e técnico, de conformidade com os estudiosos e críticos da obra henriquetiana, entre os quais Fábio Lucas e Pascoal Rangel, constitui a obra mais madura e representativa da escritora mineira. Com possível influência heideggeriana no tocante a uma atmosfera de opinião, a Autora incorpora ao texto poético reflexões sucessivas a respeito da natureza do ser. Henriqueta fecunda, de maneira especialíssima, a exploração de sua particular Ontologia. O poema *Os Valores* ilustra o que almejamos revelar: *O sentido da vida está por um fio / Frágil entre os mais frágeis: / talo de flor em pugna com os ventos / primeiro brinquedo em mãos de criança / franja de pranto adolescente. / O sentido da vida palpita – quem sabe? – / no derradeiro prolongado alento / do visionário pronto ao sacrifício / pelo que lhe resta de humano* (517-8).

### **4.3. Os grandes temas relacionados à transcendência**

Em seu poetar, Henriqueta elegeu e explorou, de forma magistral, temas que se ligam ao aspecto transcendente. São, entre eles, a natureza, os sentimentos, a religiosidade, a morte e a transcendência. Todos eles se

manifestam por uma cosmovisão que procura sondar, inquirir, suscitar, decifrar, no âmago do leitor, os sentidos da existência humana. Para tanto, o repertório lexical utilizado pela Artista é rico e multifacetado. As figuras de linguagem estão presentes e lançam luzes nas construções poemáticas.

Lisboa desvela o lugar e o sentido da mediação imaginativa<sup>72</sup>; descobre que a imaginação humana é mais do que simples mediação; é intuição estética (segundo Schelling), via de acesso às teofanias, anjo do conhecimento e da revelação que torna possível à alma humana o acesso vertical.

#### 4.3.1. Natureza

Desde o Romantismo, a natureza, não só como sistema simbólico totalizante, mas também com a manifestação sígnica de seus elementos, tem sido apresentada na Literatura Brasileira como relacionada à paisagem tropical: muito sol, verde denso, intensa luminosidade, profusão de cores.

Todavia, os elementos da paisagem exterior, desde o Simbolismo, passam a ser admirados e sublimizados, de forma não tão alegre, pelo olhar do poeta. Com o Modernismo, então, a estética laudatória dá lugar a uma análise crítica, permeada de subjetividade, com resquícios de melancolia. Isso ocorre, também e insistentemente, na poética de Henriqueta Lisboa<sup>73</sup>.

Na *Lírica*, a natureza está intimamente relacionada a Deus. Ela é dual como o homem, pois revela seu lado de luz e sombra. É personificada e está representada por várias sinestésias e relacionada a aspectos transcendentais, como nos versos: (*Natureza, teu equilíbrio / simples, em plano extraordinário / está nas mãos da Providência: / o corpo e o espírito vivem / como os esteios da balança / de uma compensação de forças*). Nessa natureza estão presentes

<sup>72</sup> É oportuno assinalar que utilizamos as informações de Durand(1997), Bachelard(1993, 1997, 1988)e de Chevalier & Gheerbrant (1995) nas análises poemáticas.

<sup>73</sup> Para a análise dos elementos relativos à natureza, presentes nos poemas de Henriqueta Lisboa, constituímos um quadro composto de três colunas. Na primeira coluna aparecem os elementos dos paradigmas da natureza e o número de ocorrência daquele verbete na lírica. Na segunda, sob o título de exemplos, algumas daquelas ocorrências, e, na terceira coluna, a codificação do título dos poemas, de onde foram retirados os fragmentos. Confira o quadro mencionado e os demais na seção de anexos.

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

elementos não-humanos – sol, lua, noite, mar, rio, seiva, árvore, bosque, flor, chuva, animais – e também os humanos: criança, filho, mãe, pai, irmão.

Na *Lírica*, o sol (símbolo maior do regime diurno) é uma manifestação da divindade. É fonte de luz, do calor, da vida, percebidas a partir de sinestésias tátil e visual. Seus raios representam as influências celestes, recebidas pela terra; é, também, a luz que manifesta as coisas; corresponde à dimensão do espaço e à dimensão extracósmica por, situado acima da matéria, possibilitar que os seres naturais se manifestem à consciência humana. Simboliza ressurreição e imortalidade, havendo uma identificação entre a árvore da vida e o raio solar. Isso se pode notar em *Ao sol que a chuva de ouro espalha / pela terra fragrante, em doidos / galeios de luz e de cor, / as crianças brincam no jardim*. Também nos fragmentos *Na sua faina de artista / o sol com pincéis de espiga / é o próprio dom do amarelo* destaca-se a luminosidade e a cor que vêm do alto metafisicamente.

Os vocábulos lua/luar sublinham a passagem da vida à morte e da morte à vida. Em *A alma é um parque sob o luar*, reforça-se a existência da alma, conforme Aristóteles já mencionara: há um espaço onde as almas se encontram. E ainda, é possível constatar a dimensão da alma, sua grandeza a partir da ideia implícita de que a alma associada ao parque, espaço do lúdico, onde brincamos e nos expandimos, é o lugar da leveza. Em oposição, o corpo revela-se como o peso, o cárcere, em consonância com Sócrates e Platão. Os excertos exemplificam passagem do começo e do fim da trajetória humana: *A lua sem anjo ou demônio, / alheia aos mares que descobre / no caminho da solidão / para lá da vida e da morte*. Outros versos dão conta das reflexões do eu lírico, de seu estado de espírito melancólico ante a beleza do astro. É oportuno ressaltar que a lua, em contraparte do sol, é o símbolo maior do regime noturno; ela é fonte de fecundidade. Liga-se às águas primordiais de onde procede a manifestação divina. É o receptáculo dos germes do renascimento cíclico, a taça que contém a bebida da imortalidade: *Eu quero a paz, a grande paz / da lua sozinha no céu*. Henriqueta Lisboa associa a fria luminosidade lunar com o sentimento humano: *aos poucos, uma lua triste / levantava sobre a colina / por*

*entre pontilhadas jóias / pendentes, prestes a cair / em gotas, como as nossas lágrimas.*

O vocábulo “noite,” numericamente de maior recorrência no quadro anexo, ao lado de “lunar”, ocorre na maior parte dos poemas de Henriqueta Lisboa com uma conotação de tristeza, de melancolia, de escuridão *Eu sou a prisioneira da noite*. Em vários poemas, surge acompanhado do verbete lunar. O eu poético revela-se prisioneiro noturno e sofre ao exprimir o seu desalento. / *A noite envolveu-me nos seus liames, nos seus musgos, / quero fugir dos braços da noite e estou perdida*. Confirma-se a predominância de imagens do regime diurno, porque a noite nessa circunstância provoca medo, ansiedade.

Poucos são os versos que revelam a noite com acepção positiva, de conforto, de suavidade, de bálsamo. *Fico a esperar-te a toda hora, / como a noite espera a aurora, mergulhada em seu carinho*. Ou ainda *A noite, suave como um bálsamo dormente... / Ténue perfume de magnólia ungiendo o ambiente...*

Sabe-se que a noite simboliza o tempo das gestações, das germinações, das conspirações, que vão desabrochar em pleno dia como manifestação de vida. Mas entrar na noite é voltar ao indeterminado, onde se misturam os pesadelos, os medos e as ideias negras. *Dentro da noite violenta e negra, / cheia de gritos abafados, / há um navio – esqueleto branco ressurgido do ossário*. A noite, imagem do inconsciente, apresenta um duplo aspecto: o das trevas onde fermenta o vir a ser, e o da preparação do dia, de onde brotará a luz da vida: *Depois de cada noite amarga / sempre aguardastes o milagre / sem saber que milagre – com a infinita paciência / de quem sempre viveu à espera*. Como obscuridade, a noite convém à purificação do intelecto; enquanto vazio e despojamento, diz respeito à purificação da memória; e aridez e secura, à purificação dos desejos e afetos sensíveis, até mesmo das aspirações mais elevadas. É o que se pode constatar em *A noite é escura, a noite é escura. / A noite escura os olhos cega, / os pés resvalam – que miséria!* Nos versos de Lisboa ficam evidenciados os simbolismos da noite em ambos os regimes da imagem. Porém, a poeta confia que a noite trará o abrandamento de seus temores, o que se constata em *A alma se alonga para o fim / já sem desejos e*



*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

*sem ânsia / como um fantasma em noite aziaga. E a minha alma esmoreceu ao luar dessa noite, / ilha branca da paz, num sonho acordado...*

O mar, representando a dinâmica da vida e também um estado transitório entre as possibilidades ainda informes e as realidades configuradas do ser, reveste-se de uma situação de ambivalência, que é a de incerteza, de dúvida, de indecisão. Para o eu lírico, em algumas circunstâncias, a metáfora marítima é sinônimo de alegria em seu viver *Sonhei com o mar. / Olhei o mar. / Aproximei-me do mar. / Fui para o mar. / Amei o mar.* Contudo, em muitas outras, é símbolo de desencontros, de dor, de esquecimento, de descaminhos; revela-se bravo, beira abismos e aponta a ânsia transcendente, como nos versos *Do mar escuso da morte / para moradas mais livres.*

Com referência à linguagem figurada em torno do rio e do fluir de suas águas nos versos henriquetianos, constata-se ao mesmo tempo, a temática da possibilidade universal e da fluidez das formas, da morte e da renovação. Com o uso de personificação e de símile, Lisboa reforça tais ideias. Aproxima-se da teoria de Heráclito, quando ele declara *Aqueles que entram nos mesmos rios recebem a corrente de muitas e muitas águas, e as almas exalam-se das substâncias úmidas* e do pensamento de Platão, para quem, de modo mais sucinto, dizia que não conseguiríamos entrar duas vezes no mesmo rio, pois suas águas são diferentes.

Simbolicamente, Henriqueta sabe que penetrar ou mergulhar em um rio, significa, para a alma, entrar em um corpo. O corpo tem uma existência precária, escoá-se como a água, e cada alma possui seu corpo particular – a parte efêmera de sua existência – seu rio próprio. Eis a ideia que o fragmento reforça: *O rio flui desconhecendo o cadáver de suas próprias águas mortas.* Mas, nem sempre essas águas correm livremente abençoando a terra: *os ventos gemeram, uivaram, soluçaram, abraçados ao tronco das árvores / os campos foram devastados pela seca, / os campos reverdeceram alagados pelo suor da humana esperança.*

São as águas doces dos rios que vão germinar a árvore, representação da vida, em perpétua evolução e em ascensão para o céu. Ela carrega todo

simbolismo da verticalidade, todavia reforça o aspecto cíclico da evolução cósmica: morte e regeneração.

A árvore, universalmente considerada também como símbolo das relações que se estabelecem entre a terra e o céu, aparece na poética de Lisboa destacada com a conotação positiva: *Árvore, teu fastígio: / Essa beleza gesto transcendente / acima do horizonte pela graça / de atar e desatar as longas tranças. / Essa beleza vinda de teu cerne, / o róseo cerne a veios trabalhado: / seiva de amor em prometida carne. / Árvore, teu mistério a surpreender.*

Conjunto harmônico de elementos arbóreos, naturais, na lírica de Lisboa, o bosque se presentifica ora como metáfora de alegria, revelada por meio da dança das folhas e pelos homens ou pelos animais em torno de seu tronco, ora como personificação, dubitação, mistério, suspense a instigar o homem a decifrar os enigmas e segredos que ele oculta: *Dancem / com inocência de borboletas / à entrada do bosque. / E ouve o segredo desses bosques / em que se calaram os ventos. E ainda (O bosque, o antigo bosque / cerrado está na sombra de si mesmo / com seus acúleos entre liames).*

Relacionada ao reino vegetal, seu licor da vida, sua própria essência, a seiva da planta simboliza o despojamento do invólucro do corpo, da liberação, do surgimento do *self* fora de sua casa. Análoga à importância do sangue que transporta a alma para o corpo humano, nos poemas de Lisboa, a seiva é essência vital, seja no transcurso existencial do eu poético, em seu labor literário, seja ainda, em suas constatações e dubitações. Esta essência pulsante na natureza é capaz de fecundar a terra negra, *palpita às ocultas / o calor da seiva*. No entanto, pode surgir como o prenúncio da catástrofe, do sofrimento e da morte. Assim, a seiva ao nutrir os seres vivos e em especial, o homem, faz eclodir neste último o desejo transcendente: *Entretanto algures latente / a essência da água permanece: / no tecido humano se instala / à seiva das plantas preside / dá de beber aos seres vivos / à transcendência se dispõe*. Esta simbologia também está presente na homenagem que a poeta faz ao amigo Mário de Andrade *Poesia com a seiva dos trópicos / e a dolência da imensidade*.

Representação do amor e da harmonia que caracterizam a natureza primordial, em muitos poemas de Henriqueta Lisboa, a flor identifica-se à

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

infância e, de certo modo, ao do estado edênico. Revela-se, em algumas circunstâncias, como saudade; em outras, qual profilaxia catártica. Vale ressaltar que a flor também representa, muitas vezes, a alma dos mortos. É o que se nota nos versos: *Vida frágil / corpo de haste / alma de flor / se esfolhou...* E também nos excertos *Por milagre, a flor mais suave, / não a colheram os ventos. / Ficou na haste toda a noite, / trêmula e alta sob a chuva.*

A chuva, universalmente considerada o símbolo das influências celestes recebidas pela terra, é o agente fecundador do solo. Na *Lírica* henriquetiana, o vocábulo chuva algumas vezes aparece com a conotação mencionada e, em outras, ocorre com a acepção metafórica de pranto, sofrimento *Chuva torrencial / carregada de frutos. / Chuva exausta / de longos braços / pendentes. Chuva nos campos da fatalidade / entregando bandeiras. / Chuva, plenitude amarga / de derrota.* Evidencia-se nesses versos o aspecto destruidor, desolador da chuva. O mesmo sentimento aparece abrandado em *Poças d'água, muita chuva, / rios, lagos, noites úmidas. / Bosques escorrendo orvalho, / frias auroras molhadas. / Cachoeiras vivas do pranto / pelas escarpas rolando.* E ainda *Sabe que o vento acaricia as plantas / e através do solo desliza a chuva / e as raízes secretamente se unem / para que as flores acordem pela manhã.* O lirismo de Henriqueta, todavia surge com dubitação com vistas à transcendência: *Lá fora – ao sol, à chuva, ao frio – / rastejarei à flor do chão? / Estarei no ar em clorofila?...*

Os animais que, em sua qualidade de arquétipo, representam as camadas profundas do inconsciente e do instinto, nos poemas henriquetianos os animais estão relacionados à religiosidade e à transcendência: Entre os animais, destacam-se os que usam o espaço celeste para viverem: a águia, rainha das aves, conotando encarnação surge como mensageira da mais alta divindade e do fogo celeste – o sol, que só ela ousa fixar sem queimar os olhos. Aparece relacionada ao homem com força, liberdade, mas que se vê tragado pelo infinito. Os fragmentos a seguir, ilustram: *Quem asas de águia nos ombros, que rapinas / nos frágeis membros de homem, compusera / a graça contra o cosmos?* Vale recordar que os animais compõem os símbolos teriomórficos no regime diurno da imagem.

A pomba, em consonância com os estudos de Durand(1997), na *Lírica* de Henriqueta Lisboa é símbolo de pureza, de simplicidade e está relacionada ao Espírito Santo. Ela representa ainda a sublimação do instinto e, especificamente, do amor: uma ave eminentemente sociável, com valorização positiva do seu simbolismo: *São as asas / do anjo cerradas pela paz. É a pomba / que em palma oferecida pousa.*

Passando para a leitura da natureza humana, no grande conjunto dos elementos naturais, os poemas na obra de Lisboa enfatizam as relações familiares e seu cotidiano: a infância, enquanto promessa de alegria, esperança, mas também de medo; os momentos sublimes da maternidade e da paternidade seguidos de dor, de sofrimento pela doença e morte de seus rebentos; e ainda o luto pela ausência do pai e/ou da mãe de família arrebatados pela morte.

Na obra *Azul Profundo* a poeta explora alguns temas que nos remetem a uma multiplicidade imagética, bem como à sua aguçada compaixão diante das diferenças e anomalias que o ser humano carrega. Pelos títulos apreende-se a preocupação solidária para com os semelhantes: *Do Idiota, Do Mutilado, Do Cego, Do Surdo*. A sensibilidade de Henriqueta – perante as questões sociais e, sobretudo, no tocante às diferenças humanas, em especial, as deficiências – possibilita ao leitor a reflexão a respeito de que as limitações físicas não devem coincidir com as deficiências psíquicas na forma de olhar o outro.

Cada ser humano deve valorizar as suas potencialidades e perceber as diferenças com respeito, naturalidade e espírito de humanidade. É o que se constata nos excertos: *As mãos ignoram que profundas / garras possui a carícia. Como pesaria uma pluma / sobre o espírito!* E ainda *Quando alta noite insone / pensas na parte de ti mesmo / que a teu corpo já não pertence / – perna que jaz apodrecida / do outro lado do oceano...* Ela procura desvelar os sentidos da trajetória humana, seus enigmas, percalços e desafios; revela ao leitor sua cosmovisão acerca das relações que o homem tece em sua existência.

Outros versos mencionam, também, os laços fraternos de um Irmão Maior que iluminou a trajetória dos que o cercaram e que continuará a fazer nos que n'Ele creem. Segundo o eu lírico, dentro do tempo e do espaço e além da vida, nota-se a presença suave dessa fraternidade, em que uma vez mais a

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

religiosidade e a transcendência se fazem presentes: *Eu te saúdo Irmão Maior / pelo que tens sido e serás / dentro do tempo espaço afora / e além da vida: luminar / homem simples da terra / aprisionado no íntimo / para libertador de pássaros / e agenciador de símbolos.*

Por fim, é constante o sentimento de religiosidade nos poemas de Henriqueta Lisboa: *Nossa Senhora Mãe dos Homens, / a tua igreja está de pé. / a todos vos amo / com esse infinito amor com que o pai nos amou. Que poder obscuro / governa teu povo, ó Deus?*

Para fechar estas considerações sobre a natureza humana, vale recordar o poema Alma:

*Etéreo véu  
diáfano e solto  
para a levitação  
do corpo*

#### 4.3.2 Sentimentos dominantes

O ser humano, desde os primórdios de sua passagem pelo planeta Terra até os dias atuais, sempre revelou aptidão para sentir, disposição para se comover, se impressionar, perceber e apreciar algo. Ao longo de sua evolução foi desenvolvendo a sensibilidade, a consciência para atitude mental ou moral, caracterizada por afeição, bem como um estado ou condição psicológica e suas manifestações, originadas das pulsões de afeto ou aversão.

A literatura, enquanto arte da palavra, e a poesia, expressão de uma mundividência, são campos fecundos para a materialização dos sentimentos. As diversas obras dos períodos literários têm confirmado tais afirmativas. Na poética de Henriqueta Lisboa os sentimentos são variados e estão relacionados aos da maioria dos poetas nacionais e universais. Ler os sentimentos é evidenciar para, da forma, extrair a substância dos poemas.

O verbete sentimento(s) na poesia de Henriqueta está associado à névoa, à lágrima, à tristeza *Sereno da madrugada / espiando pela neblina. / Uma lágrima entre lágrimas / rompendo através dos cílios.* Em outros versos, liga-se à ausência de manifestação emocional: frieza, indiferença, apatia *Para os outros*

*encontro frases suaves, / tons em surdina de violino ao luar. / Para ti tenho apenas ritmos graves, / plangências rudes, a increpar / no mesmo entono bárbaro do mar.*

Entre os sentimentos mais frequentes está a esperança (e o verbo cognato) conotando a força-motriz que impulsiona a existência do eu poético, seja no aguardo carinhoso e constante do ser amado, seja na ânsia de libertação dos seus temores e das suas dores noturnas, comparadas às das mães em aflição. Por outro lado, desvelam, uma vez mais, a certeza de outras paragens, de outras caminhadas em que há de alcançar a felicidade almejada: *Névoa do alvorecer, perspectiva de viagem / para um lindo país todo azul, todo vago, / onde a felicidade nos espera...*

Assim, a busca pela elevação surge qual um símbolo ascensional que aponta para a transcendência. O eu lírico aspira a elevar-se por meio da autoiluminação. Há fortes indícios de religiosidade nesse propósito. Destacam-se, ainda, as personificações que corroboram para a ênfase dos verbetes. Ilustramos com os versos: *Quero nas plagas anônimas / deixar marca de meus joelhos, / para subir ao Tabor. / Quero acender minha lâmpada / nas profundezas da terra, / para os céus iluminar.*

É de adoração o sentimento demonstrado pelo eu poético diante do ser amado: dedicação, total entrega, afinidade, submissão. É o que os fragmentos revelam: *Mas haverá em todo o meu ser / tanto abandono, / tanta adoração nos meus olhos, / tanta afinidade da minha atitude com o teu ambiente, / que sentirás meu coração bater / dentro de tuas mãos.*

Algumas vezes o eu lírico constata que as promessas de prazer, de felicidade se mostraram decepcionantes, dolorosas e efêmeras. Mesmo assim, está consciente de que a ilusão insiste e implora um rastro seu, a fim de prosseguir vivendo: *Essa ilusão que persiste / e que a si própria se basta / sem matéria, sem futuro.*

A procura da felicidade para Henriqueta Lisboa apresenta variadas facetas: no ato de ser amada, nos momentos efêmeros, na calmaria, no perdão aos infelizes, na certeza serena da chegada da morte e na transcendência simbolizada na perspectiva de viagem para um país todo azul. Os versos

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

confirmam tais afirmativas: *Eu sou feliz, Senhor, neste momento, / como nunca imaginei ser feliz na vida. / Cessaram todas as minhas lutas. / Desapareceram aqueles gritos da distância à noite.*

No entanto, a saudade é percebida como um sentimento melancólico, devido ao afastamento de uma pessoa, que a morte arrebatou. Tal sentimento cresce, e a lembrança do ente querido parece se materializar, pois o eu lírico tem a impressão de ouvir-lhe a voz, sentimento que traz serenidade e bênção perene para o seu coração e para o ambiente que outrora habitara: *cada dia a saudade avulta e cresce / de tal maneira que parece, / ao abrir de uma porta, que ele surge / de súbito, sereno / como quando habitou entre nós.*

Os verbetes triste e tristeza remetem a um estado afetivo caracterizado pela melancolia diante do mar, pela morte de crianças, perante o crepúsculo que conduz à lágrima por um sonho irrealizado, nos templos vazios e na chegada da morte: *Na tristeza e na obscuridade, / quando os homens se distraírem de Ti / e se forem para a faina ou para o ócio, / deixando os teus templos vazios, / então Senhor, / minha hora será chegada.* Já a alegria apresenta uma acepção distinta da que comumente entendemos como satisfação, júbilo, regozijo. Ao contrário, a alegria se imbrica com a tristeza, uma vez que não é realizada. É uma alegria tristonha, visto que o eu poético expressa repetidas vezes que sua alegria é sempre efêmera, seguida de dores, de expectativa, muito diferente da qual sonhou: *Minha alegria deveria ser assim: / pequenina doçura delicada, / gota de orvalho em pétala de flor, / sempre serena lâmpada velada / que me diluísse as brumas do interior.*

Para o eu lírico, o amor é irrealizado, porque está sempre à espera do ser amado, que se encontra desaparecido, distante, desconhecido. Em consequência, sente o amargor da desilusão a ponto de declarar que se um dia o amor resplandescente chegasse, seria despedido: *Se viesse o Amor, no plaustro brônzeo, como os fulgores do meio-dia, / o Amor, que em estos nos outros tempos resplandecia, / abstrata em cismas, num gesto vago, despedi-lo-ia...*

Devido ao amor irrealizado, o eu poético se declara em plena solidão, visto que se encontra em uma situação de quem vive em meio a um grupo social, porém em total isolamento. Para tanto, as metáforas e símiles reforçam tal estado profundo, incômodo, mortal, que é pura realidade, como nos versos: *Estou só de solidão absoluta / à feição de um morto qualquer. / Porque sabia que era tudo em vão, / minha profunda solidão. / tenho o consolo da meditação / ao sentir a alma como um barco à vela / no oceano da solidão.*

Dessa feita, é oportuno declarar que a existência nesta terra é pintada por sentimentos variados, como de tristeza, melancolia, solidão, saudade, ilusão; contudo, a esperança em uma nova vida é motivo de alegria, de felicidade, de realização afetiva e de encontro com Deus.

#### 4.3.3 Religiosidade

A religião é a expressão de que a consciência humana registra a sua relação com o inefável, demonstrando a convicção nos poderes que lhe são transcendentais. Esta transcendência é tão forte, que povoa a cultura humana.

Profundamente religiosa, Henriqueta Lisboa foi educada conforme a tradição cristã no início do século XX; ela crê que a religião configura-se muito além do cumprimento de ritos e assiduidade à igreja. Sua religiosidade se expressa, muitas vezes, no desejo de estar sozinha e em silêncio com o Criador, na exploração do mistério que o Cristo e Seus ensinamentos realmente significam para ela, na reflexão pacífica, nos momentos de grande felicidade.

Os verbetes relativos à religião evidenciam respeito ao conjunto de escrúpulos morais ou de valores éticos que apresentam certo teor para as coisas sagradas. Em muitos versos, o eu lírico almeja sentir-se integrado na fé, banhado nas águas batismais, sentindo o amparo divino. Isto se dá não pela matéria orgânica, mas pela reflexão, pelo silêncio, pela comunhão com o Criador. Desapegado dos cultos exteriores, o eu lírico entende e sente a religião/religiosidade como algo sagrado, que se opera no íntimo do ser e que o liga a Deus.

Deus simboliza o UM, para o qual tendem todas as manifestações, a Vida, na qual se realiza toda a vida. Todos os mistérios da existência, da graça são,



*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

para os crentes, participações na natureza mesma de Deus. Nos versos henriquetianos este vocábulo remete, em algumas circunstâncias, ao Criador de tudo o que há, desde os tempos imemoriais; ao Pai misericordioso, que ampara, consola e que tudo sabe e vê, uma vez que faz germinar nos corações humanos o fermento da fé, da força, da renovação. E os homens, por sua vez, se fortalecem moral e espiritualmente *Um homem na solidão / – que perene solilóquio! – / fala profundo a si próprio. / Fala a Deus em termos claros.* Em outras ocorrências Deus liga-se à Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo, segundo a fé católica romana. E ainda a poética representa-O como um deus humano, colérico, terrível, metaforizado na imagem marítima. Este fragmento exemplifica: *A força / com que se prendem ao solo / as emaranhadas raízes / tem origem talvez / nesse mundo remoto / antes das águas, muito antes / da criatura em face dos céus, / e acaso simplesmente prolonga / o ato criador de um deus.*

Nos poemas de Lisboa, o vocábulo santo reporta-se à Santíssima Trindade, bem como a um ser humano que vive conforme a lei de Deus e a moral religiosa, de conduta exemplar. Liga-se, também, à imagem de uma criança morta que, devido à idade, simboliza a pureza. Já o santuário, significa o lugar dos segredos e entrar nele designa a penetração nos mistérios divinos. Para o eu poético é a entrada no templo, na igreja, ou na natureza, para refletir, estar em comunhão com o Senhor, sentado ao chão, despojado de rituais e convenções. Confessa em alguns momentos que não rezará, mas sente-se feliz por permanecer na presença do Criador, a Natureza: *Entrarei devagarinho no teu santuário, / acenderei de mãos trêmulas a tua lâmpada de óleo / e sentar-me-ei no chão, junto ao teu tabernáculo, / imersa em pensamentos inefáveis... / Não rezarei, talvez, Senhor.*

Ser intermediário entre Deus e o mundo, dotado de um corpo etéreo, o anjo ocupa para Deus as funções de mensageiro, guardião, condutor de astros, executor de leis, protetor dos eleitos. Na poesia de Henriqueta Lisboa, a figura do anjo surge como símbolo de liberdade, consolação, paz, revelação, mensagem que desperta consciências: *A face do Anjo se refletiu em todas as*

*consciências como num espelho, / cada criatura se lembrou de haver assistido à fuga do Anjo. Também nos versos: O' anjos de Deus, / baixai vossos olhos / por entre as estrelas, / contemplai, suspensos / aos elos da graça, / o irmãozinho tenro / – sem céu e sem asas – / que de joelhos reza.*

Céu ou firmamento é uma manifestação direta da transcendência, do poder, da perenidade, da sacralidade: aquilo que nenhum vivente terreno é capaz de alcançar. É ainda o símbolo complexo da ordem sagrada do universo, que o céu revela pelo movimento circular dos astros, e que esconde sugerindo apenas a noção de ordens invisíveis, superiores ao mundo físico; a ordem transcendente do divino e a ordem imanente do humano. O céu é, universalmente, o símbolo dos poderes superiores ao homem; é também a morada dos bem-aventurados e, ainda, um símbolo da tomada de consciência. Nos versos henriquetianos é possível constatar tudo isso: *E na esteira, a esperança / de que se eternizasse / o céu da terra: O Dómine.* Também nos fragmentos *força para reter tudo que o céu me deu, / capacidade para amar o que foi criado!*

Segundo a mitologia, o inferno indica local subterrâneo habitado pelos mortos. Conforme os cristãos, é um lugar em que as almas pecadoras se encontram após a morte, submetidas a penas eternas. A essência íntima do inferno é a desventura absoluta, a privação de Deus e da vida. Em acepção conotativa, refere-se a extremo sofrimento, martírio, tormento infligido por certas circunstâncias, sentimentos ou pessoas. Na poesia de Henriqueta estas considerações podem ser identificadas. O eu lírico menciona a descida do homem às regiões/situações infernais como meio de purificação, de despertamento para encontrar-se a si mesmo, a salvação em Cristo. Ilustramos com os versos seguintes: *Ai! que foste ferido: / teu descimento aos infernos / tua imersão nos rios / tua escolha nas grotas. / Em contraste a vertigem / dos ideais. Acima das nuvens / o devir. Nos homens / o divino. Em nome da pátria / a Grécia.*

*E entre os mitos / intacto o Cristo / com seu pão e seu vinho / habitante terreno.*

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

#### 4.3.4. Morte e Transcendência

A morte, para Henriqueta Lisboa, resgata-se pela poesia e pela entrega ao Absoluto por meio da fé e da metafísica. Impregnado da ideia da morte, o eu lírico sabe decifrar a grande esfinge e superá-la na perspectiva hegeliana de negá-la e, depois, negando a negação, recuperá-la em uma significação em que o antigo ressurgiu de outra maneira, sem as negatividades anteriores, no novo. No tempo em que a morte de algum modo a habitava, (período em que faleceram seu pai e amigos) além de *A Face Lívida*, Henriqueta escreveu, de conformidade com os estudiosos e críticos de sua obra, talvez seu livro mais perfeito, *Flor da Morte*. Esta obra representa as sensações e as emoções que a morte lhe desperta. Henriqueta descreve o mundo do além e suas relações com clareza e confiança, com tamanha intimidade que singulariza seu tratamento do assunto.

Nesta poética, a morte floresce de maneira sóbria, às vezes objetiva, ou subjetivamente, representando a força de coesão de seu poetar. Assim, Lisboa soube tratar da morte, enxergá-la de todos os lados (a face do morto, a paisagem do morto, o véu, a residência, a ilha do morto), sem se perder nisso; antes, aprendendo a recuperar, por intermédio da morte, os valores da vida. Sua poesia surge transfigurada, com a capacidade de ver a vida, como quem percebe o outro lado das coisas e as transcende. Henriqueta luta para restituir ao ser humano a capacidade de cumprir seu destino de transcendência. Desse modo, combina ela uma profunda compreensão da mensagem cristã que lhe faculta aceitar a mortalidade e a transitoriedade da vida com a imortalidade e a eternidade do espírito.

Enquanto símbolo, a morte é o aspecto perecível e destrutivo da existência. Ela indica aquilo que desaparece na evolução irreversível das coisas: está ligada ao simbolismo da terra. Todavia é também a introdutora aos mundos desconhecidos dos infernos ou paraísos; isso revela a sua ambivalência, como a da terra, e a aproxima, de certo modo, dos ritos de passagem. Morte é revelação e introdução. Uma vez que possui inúmeras significações, ela não é um fim em si; abre o acesso ao reino do espírito, à vida verdadeira.

Na poesia de Lisboa, este verbete ora se manifesta com assombro, temor. *Foi então que o raio / caiu sobre o cedro. Seiva de minha seiva / corria dentro do cedro. / Carne de cera fria / com minhas mãos toquei. / Náusea, horror, despojamento, / primeiro corpo sem brio!* Ora aparece com natural aceitação pelo eu lírico; com serenidade, ele encara este rito de passagem. *A princípio os mortos / eram dois ou três. / Os mortos pertenciam à morte / como as pedras e as plantas / a seus reinos. / Com isso aos poucos / foi crescendo o número. / De então a vida / pertence à morte.* Em outros momentos, ainda, o eu poético adverte que não se deve romper com os mortos abruptamente. *Diante da morte não sou de água / nem sou de vento, mas de pedra. Órbitas frígidas de estátua, / boca cerrada de quem nega. / Diante da morte sou espessa / rocha de oceano – desconheço / que espécie de onda ou mar se atira / contra meu peito empedernido.* Por fim, declara, metaforicamente, que o ar azul invisível é vitória sobre a morte, por significar ressurreição, visto que a artista acredita em outra vida etérea: *Ar azul de azul invisível / feito de espírito e matéria / tu és vitória sobre a morte. / Pois além dessa vida etérea / que existe em função do amanhã / significas ressurreição.*

Decorrente da morte, para os que ficam, o luto designa nos versos sentimento de profunda tristeza, amargura, desgosto pelo falecimento de alguém (normalmente um ente querido). Liga-se, também, ao conjunto de sinais externos, tais como soluço, confidências e o vestuário negro: *E também, para lazeres, / vinham vestidos de luto, / confidências, soluços, / delicados bocejos.*

Os vocábulos defunto e procissão reportam-se a uma fileira de mortos cujas almas se encontram em penitência. Estas recebem a luz noturna emanada das sepulturas e dos pântanos e buscam a salvação. Os versos exemplificam: *Já vem vindo em lento cortejo / a Procissão do Miserere. / Não se abram portas nem janelas / que a rua pertence aos defuntos. / Almas em grau de penitência, / envoltas em manto e capuz / carregando velas de cera / pisando áscuas de fogo fátuo, / exprobam os sete segredos / por que finalmente se salvem. / Guia espiritual da Província.*

Enterro, nos versos de Henriqueta Lisboa, ora ocorre com a acepção literal de enterrar, sepultar o corpo, ora em sentido conotativo de doar-se, envolver-se em sacrifício. Em relação aos símbolos da intimidade, que integram

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

o regime noturno da imagem, a valorização da morte e do sepulcro é invertida e sobredeterminada pelo complexo do regresso à mãe. Tal inversão possibilita o isomorfismo sepulcro-berço, visto que a terra torna-se o berço mágico e benfazejo, pois se configura como o lugar do último repouso. O sepulcro é um dos marcos da representação que agrega, ainda, o simbolismo da gruta, da caverna, do túmulo, entre outros. *Sinto que és retorno, / corpo cansado de espírito, / corpo vencido, / corpo / que se entrega / pesadamente / à terra.*

Já o verbete caixão, liga-se às ínfimas condições do morto e, em outras circunstâncias, à paisagem chuvosa, tristonha que conduz um pai de família. Ilustramos com o seguinte fragmento *Léguas e mais léguas / o caixão sem peso / sobre ombros doridos. / Corpo preservado / qual planta de cheiro. / Nuvens debruçadas / numa chuva lenta. / Nosso pai dormido / para todo o sempre.*

Quanto ao túmulo, é lugar de metamorfose do corpo em espírito ou do renascimento que se esboça; mas é também o abismo onde o ser é devorado pelas trevas passageiras e fatais. *O que dorme renasce: confia / em Deus, nos animais, nos homens. / No teto erguido sobre a sua fronte, / na segurança das paredes que o cingem. / Não há mistérios para o que dorme. / De seu semblante desaparecem / os vincos do cansaço e a amargura. / E é pouso de pluma sobre o mármore / sua respiração compassada.* Há disso indícios na poesia de Lisboa, quando o eu poético refere-se, metaforicamente, ao túmulo do poeta como um canteiro florido.

Nos versos de Henriqueta, o vocábulo absoluto diz respeito a uma realidade plena, ilimitada, essencial, que remete a Deus. O exemplo reforça a afirmativa: *Não lhe façais qualquer pergunta / que neste instante o seu segredo / mergulhou no absoluto.* O espaço sagrado possui o notável poder de ser multiplicado indefinidamente. O ser, desse modo, afirma o seu poder de eterno recomeço, pois este espaço torna-se o modelo do tempo sagrado.

Ascensão (e o verbo cognato) liga-se ao desejo de alçar, subir, elevar espiritualmente. *O solo, fermento de angústias: / quer na ascensão, quer no declive, / anseiam penhascos e abismos / por inenarráveis esferas.* Nos versos de Lisboa o eu poético menciona tal desejo, almejando transpor as situações de

dificuldades terrenas para atingir outras esferas tranquilas: *O abandono do corpo – não à atração telúrica - / à transcendência da natureza. / E o coração da criatura pulsando uníssono / de encontro ao vivo coração do Criador. Há de chegar o dia em que em todo o universo / não restará de mim nem uma poeira de ossos. / E como hoje, tal qual, haverá noite e lua, / e um vulto a uma janela e um sofrimento e um verso, / e um sabor de imiscuir desejos e destroços, / e este estranho prazer que me exalta e extenua / de surpreender o ruído tímido de uma asa, / de ver a sombra que se alastra pela casa, / de beber o perfume e a umidade de fora, / de ter vertigens quando o sono aos outros basta, / de ser só como um deus dentro da noite vasta, / de ser eterna por uma hora, / de viver, de viver!...*

O vocábulo fim associa-se à outra vida, visto que o fim na poesia de Henriqueta diz respeito à cessação da existência física, à libertação; só que de uma maneira serena, sem ansiedade nem temores, em plena paz, com vistas a moradas mais livres. É o que se percebe nos excertos: *Do mar escuso da morte / para moradas mais livres. / Não me faleis de resíduos / nem de enredos pelas grotas. / Dai-me violinos e pianos / pelo sem-fim deslizando. E ainda Alguém para outra existência / caminha, vencendo espiras / no azul, aos últimos haustos / da esperança no eterno. / Alguém, que me supre o hálito / à hora do letargo profundo / e no tempo me precedeu / com as puras auras do instinto / rumo a estranhas auroras.*

O eu poético, ao aceitar serenamente a morte, crê e deseja outra vida em outro espaço, nos quais poderá sentir-se integrado na fé e amparado pelo amor divino e, assim, dar continuidade à sua evolução: *aliança mais duradoura / de outra vida noutra espaço. E também com os fragmentos Aleluia. Talvez exista um novo reino / para muito além das fronteiras / do mineral, do vegetal, do animal. / Talvez a desaguar do oceano / salpicada de primevas espumas / outra aurora se faça. Talvez. / Aleluia por esse talvez. Aleluia.* O eu lírico pondera acerca dos três reinos e almeja a existência de um outro, novo reino: seria o hominal/espiritual. E rende graças por esta feliz possibilidade. Eis, uma vez mais, a presença marcante da transcendência ardentemente almejada pela poeta ao longo de sua obra.

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

Por fim, as passagens que evidenciam transcendência, nos versos de Henriqueta Lisboa, remetem ao desejo do eu lírico de elevar-se, de superar-se, de ultrapassar limites, indo ao encontro do Criador: *Flor da morte, salva das águas, / de corruptas sementes nutrida, / única forma de ser, / eterna, / renascendo inicial, desde sempre / nas mãos de Deus – fechada. E ainda Mas um dia (quando?) / rumo vertical / transcendentemente / subirá nos ares / a estruturação exata / solidária e fiel / não apenas dócil / nem jamais rebelde / por escravidão / não vil instrumento / mas primeiro agente / por germinação / decifrada esfinge / túnica inconsútil / não engenho mas / livre e puro vôo / diretriz e instinto / complemento do homem / parte do seu todo.* Neste fragmento é possível constatar a reflexão do eu poético a respeito da criação, de sua existência e pequenez diante do Criador e de sua obra. Questiona e assinala que num dia indeterminado, para além das fronteiras do tempo e do espaço, de modo transcendente, decifrados os enigmas, purificada, livre, sua alma alcançará o puro voo e a paz perfeita.

Ante o exposto, fica evidenciada a crença do eu lírico em uma outra dimensão, liberto das agruras terrestres, onde a tão sonhada felicidade será possível de ser alcançada, visto que estará integrado ao Absoluto.





## 5. A RECEPÇÃO DO TEXTO DE HENRIQUETA LISBOA

*O verbo é a engrenagem do relacionamento espiritual na Terra, sempre o mesmo, pleno de revelações e prodígios na renovação do Mundo e da Vida.*

*Por isso mesmo, possuímos conceitos, os mais diversos, ao redor de assuntos determinados que as palavras definem por si, na simples enunciação mecânica que lhes é própria:*

*Palavras-construções e palavras-pedras.*

*Palavras-luzes e palavras-embalagens.*

*Palavras-sementes e palavras-charruas.*

*Palavras-bênçãos e palavras-mensagens.*

*Palavras-explicações e palavras-estruturas.*

*Palavras-medicamentos e palavras-bisturis.*

*Palavras-lâminas e palavras-auxílios.*

*Palavras-sinais e palavras-advertências.*

*Palavras-melodias e palavras-protestos.*

*Palavras-esperanças e palavras-terminações.*

Emmanuel/ Francisco Cândido Xavier  
*in Instrumentos do Tempo, 1974.*

### 5.1 O objetivo da pesquisa

Para aferir a recepção do texto de Henriqueta Lisboa, não necessariamente relacionada à transcendência, uma vez que a apreensão do significado se faz pela atuação do leitor, mas com o propósito de testar a fala de alguns críticos que apresentam grande hermetismo nos textos da Autora, propusemos um poema a grupos<sup>74</sup> de professores, estudantes de graduação em letras e alunos do ensino médio, para que evidenciassem – sem qualquer direcionamento – o entendimento que dariam a um texto lisboeta.

Foram explicitados os objetivos da pesquisa, resumidamente, e apresentado o texto sem informações complementares referentes à autora, nem alusões à temática da pesquisa. Dessa feita, os informantes realizaram a leitura e a análise textual, sabendo apenas que iriam contribuir para uma investigação acadêmica.

O texto selecionado foi o poema “O tempo é um fio”, de Henriqueta Lisboa. (Henriqueta Lisboa *in Obras Completas – I Poesia Geral / 1929 – 1983*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1985, p.90). A opção por este poema deu-se em função de sua relação com o tema da pesquisa que se centra na questão da transcendência, e é em função dessa temática que será feita a leitura das respostas dos informantes à seguinte pergunta discursiva, livre: De que trata o texto?

<sup>74</sup> Os quatro grupos de informantes estarão relacionados pela ordem cronológica da resposta ao instrumento de coleta da interpretação.

## 5.2 O texto

Eis o texto: O TEMPO É UM FIO

*O tempo é um fio  
bastante frágil.  
Um fio fino  
que à toa escapa.*

*O tempo é um fio.  
Tecei! Tecei!  
rendas de bilro  
com gentileza.  
Com mais empenho  
franças espessas.  
Malhas e redes  
com mais astúcia.*

*O tempo é um fio  
que vale muito.*

*Franças espessas  
carregam frutos.  
Malhas e redes  
apanham peixes.*

*O tempo é um fio  
por entre os dedos.*

*Escapa o fio,  
perdeu-se o tempo.*

*Lá vai o tempo  
como um farrapo  
jogado à toa!*

*Mas ainda é tempo!*

*Soltai os potros  
aos quatro ventos,  
mandai os servos  
de um pólo a outro,  
vencei escarpas,  
dormi nas moitas,  
voltai com o tempo  
que já se foi.*

(1985:90)

## 5.3 Os informantes

### Grupo 01

No mês de junho de 2009, na cidade de Campinas-SP, propusemos a um grupo de professores a tarefa de análise textual. Esta ocorreu por ocasião do segundo encontro de formação continuada de professores dos anos finais do ensino fundamental do Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – GESTAR II – em Língua Portuguesa, do Ministério da Educação e com a consultoria pedagógica da Universidade de Brasília,

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

situação em que atuamos na condição de tutora. Os cursistas que aceitaram o convite foram 19 professores e coordenadores pedagógicos, em sua maioria com habilitação em letras, todos com especialização, sendo que 02 são mestres, 01 mestrando e 01 doutorando.

Vale destacar que 13 eram do sexo feminino e 06 do sexo masculino e que a faixa etária dos mesmos variava dos 25 aos 68 anos<sup>75</sup>. Eles foram identificados por um código com duas letras que representam o estado em que atuam; uma letra para indicar o sexo F ou M (feminino e masculino, respectivamente) e dois números para a sequência da interpretação do texto escrito. Exemplo: SPF01 (o primeiro texto produzido por uma mulher de São Paulo).

### **Grupo 02**

No mês de outubro de 2009, na cidade de Fortaleza - CE, propusemos aos cursistas presentes a mesma análise textual, ou seja, o poema “O tempo é um fio”, de Henriqueta Lisboa. Na ocasião ocorreu a segunda etapa de formação continuada do Programa GESTAR II (anteriormente mencionado). Cabe ressaltar que a turma foi composta por 22 professoras e coordenadoras pedagógicas que atuavam no ensino fundamental e médio e todas aceitaram o convite. Metade da turma possuía habilitação em Letras. A outra parte era habilitada em Pedagogia, e uma em História. 50% possuíam especialização. A faixa etária das mesmas variava dos 26 aos 53 anos.

### **Grupo 03**

No mês de novembro de 2010, na cidade de Brasília-DF, propusemos a uma turma de estudantes de Letras da Universidade de Brasília a mesma análise textual. Este grupo, composto por 26 jovens universitários, era constituído por graduandos e bacharelandos em Letras de diversos semestres, do segundo ao nono, com habilitação em português, francês, português e inglês, e tradução. A faixa etária dos mesmos estava entre 18 e 30 anos. Cabe destacar que 12 eram do sexo feminino e 14, do masculino.

### **Grupo 04**

No mês de novembro de 2010, na cidade de Arinos-MG, foi proposta a uma turma de professores e de estudantes do ensino médio a análise textual do poema. Na ocasião estavam ocorrendo na cidade sessões de comunicação, palestras e minicursos. Estas atividades foram desdobramentos do III Congresso Latino-Americano de Compreensão Leitora, cujo tema central foi: *Ler para produzir mais cultura*<sup>76</sup>.

Em Arinos, uma turma foi selecionada para a análise textual. Vale ressaltar que a mesma era composta de 17 professores que atuavam na zona urbana e na rural. Seis possuíam especialização, nove eram graduados nas áreas de Letras, História e Normal Superior. Dois cursaram apenas o ensino médio (antigo magistério). 15 eram do sexo

<sup>75</sup> Embora não se pretenda comparar desempenho entre pessoas de sexos diferentes, resgatamos a variável sexo para observar, ao término da análise, se houve destaque (para melhor) de um sexo perante o outro nas respostas de qualidade superior.

<sup>76</sup> Tal Congresso aconteceu na Universidade de Brasília entre os dias 12 e 15 de outubro de 2010.

feminino e 02, do masculino. Os estudantes eram 07 e estavam cursando o ensino médio. Alguns conciliam o propedêutico com cursos técnicos nas áreas de informática e de agropecuária. 06 eram do sexo feminino e 01, do masculino. A faixa etária dos informantes estava entre 16 a 40 anos.

Cada informante revelou sua competência leitora a partir de seu horizonte de experiência em análise poemática. Foram aferidos os seguintes níveis de competência em leitura: paráfrase, generalização, abstração, inferência, categorização, avaliação e intertextualidade explícita<sup>77</sup>. Cumpre, assim, caracterizar cada um, à luz da Teoria Literária, e exemplificá-los com as análises textuais dos informantes de cada grupo pesquisado.

#### Paráfrase

Paráfrase é um termo de origem grega *para-phrasis*, que significa continuidade ou repetição de ideias. É o nível mais elementar, pois o leitor fica restrito às palavras do texto, repetindo-as. Em caso de narrativas, é o nível da reprodução da história, não evidenciando a compreensão do texto e, sim, a decodificação das palavras. Corresponde à leitura das primeiras séries do ensino fundamental.

Vejam-se respostas dadas pelos informantes, após a leitura de *O tempo é um fio*, de Henriqueta Lisboa, a partir da questão “De que trata o texto?”

- SPF13: *“De tempo que passa rapidamente e sem que percebemos, passou. O tempo é valioso.”*
- SPM05: *“O tempo é comparado como um fio e este é fino e acaba sempre escapando de nossas mãos.”*

Vejamos, neste nível de desempenho, como se posicionou o grupo do Ceará.

- CEF13: *“O texto fala sobre o aproveitamento do tempo. Compara-o com um fio e de sua fragilidade. colheremos os frutos de nossas ações.[...] Não podemos desprezar o tempo, ele é valioso.”*
- CEF14: *“Que a vida é passageira, delicada, frágil que é preciso cuidá-la, preservá-la e acima de tudo aproveitá-la pois o tempo não espera, ele escorre, quando se vê, já foi..”*

Identifiquemos, a seguir, como se posicionou o grupo do Distrito Federal.

- DFF05: *“O texto trata-se do tempo, que é frágil e precioso. Então não deve-se desperdiçar dele porque é muito valioso. Se perdemos o tempo, perdemos tudo, porque ele não volta atrás.”*
- DFF06: *“O texto trata de como o tempo é comparável com um fio. Frágil, pode ser maleado e moldado de acordo com o nosso empenho.[...] Pode ser farrapo ou uma rede mas não deixa de ser o tempo em seu aproveitamento.”*

Analisemos o posicionamento do grupo mineiro.

---

<sup>77</sup> Estes níveis de competência leitora foram amplamente difundidos pela professora, teórica e crítica da literatura Hilda Orquídea Hartmann Lontra em sua trajetória acadêmica iniciada no Rio Grande do Sul, depois em Brasília e Brasil a fora. Vale consultar sua tese de doutorado: *Com ciência e arte: O ensino da literatura em segundo grau*. Porto Alegre: PUC do Rio Grande do Sul, 1991.

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

- MGF03: “O texto retrata a vida comparada ao tempo. Bastante frágil e passageira.”

- MGF10: “O texto fala do tempo e que ele é como um fio.”

É oportuno destacar que entre os quatro grupos pesquisados houve um total de 51 paráfrases. Vejamos o segundo nível de desempenho em leitura, a seguir caracterizado, o de generalização.

#### Generalização

É a primeira camada de apreensão da estrutura subjacente às palavras. Nesse nível, o leitor entende que o texto não se refere a um caso singular, mas à totalidade das pessoas. Em decorrência, o leitor usa expressões como a sociedade, as pessoas, os cidadãos, etc., incluindo-se, no universo ficcionado, pelo uso do pronome “eu” ou pela forma plural “nós”. Corresponde à leitura esperada pelos estudantes das séries finais do ensino fundamental ou as do nível médio.

- SPF01: “É preciso aproveitar cada tempo em nossa vida, seja ele bom, de momentos positivos ou ruim, de momentos negativos.”

- SPM06: “a importância de saber valorizar as situações belas e positivas que o tempo nos proporciona”

Identifiquemos o posicionamento do grupo cearense.

- CEF09: “Que precisamos planejar e avaliar o nosso tempo, pois não podemos deixar a desejar, quando se trata do desempenho e dos objetivos que pretendemos alcançar, temos que reconhecer que o tempo não para e nem volta atrás para obtermos as oportunidades que passaram.”

- CEF16: “O tempo é algo precioso. Cada momento na vida é importante, por isso é que devemos vivê-lo intensamente. Não devemos deixar de lado as nossas angústias e nem mesmo os nossos desejos. O tempo é agora. Ter habilidade para administrar esse tempo nos faz pessoas importantes e de grande teor positivo.”

Observemos o posicionamento do grupo do Distrito Federal.

- DFF04: “O texto mostra que o homem por mais que queira, não tem como controlar o tempo. Pois o tempo nunca irá parar para lhe servir.”

- DFM06: “Nós podemos usar o tempo da maneira que desejarmos. Com o bom uso dele podemos fazer amigos, cuidar de quem gostamos e colher bons frutos. Se o tempo escapa, se o deixarmos, não colheremos nada quando ele passar.”

O posicionamento do grupo mineiro foi o seguinte:

- MGF02: “O texto trata do tempo que é fundamental na nossa vida, pois se ficarmos parados no tempo, poderemos perder as oportunidades que a vida nos oferece.”

- MGEM01: “O texto trata do tempo e como ele pode ser utilizado. Se for bem usado nos adquirimos coisas produtivas e se não for bem usado é tempo perdido.”

## Abstração

Palavra originária do latim *abstractio-onis*. Nesse nível, desejado para os estudantes que estão ingressando no ensino superior, o leitor já consegue entender que, por detrás dos objetos materiais, físicos, empregados pelo autor há ideias abstratas sendo veiculadas, porque qualquer autor deseja partilhar ideias e visões de mundo. Assim o leitor deve extrair das imagens o sentido imaterial, aquilo que, efetivamente, aproxima-se do idealizado pelo autor.

- SPF05: *“De acordo com nossas pequenas, simples atitudes, colheremos frutos e dos grandes, ousados, fortes passos, apanharemos peixes que nos alimentam, garantem nossa sobrevivência física e intelectual”.*

- SPM03: *“Ela expressa a brevidade da vida e também a idéia de que o tempo é implacável se não for bem aproveitado. A impressão que me causou foi que a construção do poema remete ao nascimento, crescimento e à morte.”*

Analisemos o posicionamento do grupo cearense.

- CEF11: *“Para que serve um fio? Para unir pontas, formar redes, juntar partes. O tempo serve para transformar as pessoas, desenvolver potencialidades, curar feridas ou mesmo abri-las, mas seja qual for a situação não podemos parar pois o tempo passa, mas nossas ações permanecem .”*

- CEF15: *“Tecer com sonhos, pois são eles que nos inspiram no caminhar, a olhar um amanhã de possibilidades pautadas em cada ação do agora.”*

Leiamos o posicionamento do grupo do Distrito Federal.

- DFF02: *“A mensagem que fica é a de que o tempo passa depressa, mas é preciso experienciá-lo com cautela e atenção, (“com mais astúcia”) para que o fio do tempo não escape de nossas mãos sem que percebamos e devidamente possamos aprender com ele.”*

- DFM03: *“O texto trata da inexorabilidade da vida, onde o tempo que se passa não pode ser recomposto, nem recuperado. Por outro lado, se o tempo for tecido com ‘astúcia’ e ‘empenho’, podem-se colher bons frutos posteriormente. Enquanto que o tempo que se perde vira um ‘farrapo jogado à toa’.”*

Verifiquemos como se posicionou o grupo mineiro.

- MGF03: *“O tempo é essencial na vida de cada ser, onde não devemos adiar o que é para ser feito no momento. Cada segundo passado, não volta, então é preciso viver com sabedoria e não deixar o tempo passar em vão.*

- MGF11: *“Trata-se do tempo, que apesar de passar tão rápido, há tempo ainda para olhar para trás e recomeçar, repensando e refazendo nossas ações mal resolvidas.”*

## Inferência

Nível que exige do leitor as habilidades de dedução e indução, uma vez que o mesmo deve ser capaz de relacionar a situação do texto com comportamentos em outros contextos. Segundo Márcia Bortone (2010:952) “todo texto carrega inúmeras informações implícitas que são fundamentais para sua compreensão, pois completam o

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

sentido do texto lido. Estas informações são as inferências que vamos construindo no decorrer da leitura.” Bortone acrescenta que as inferências são baseadas em conhecimentos, experiências, crenças, ideologias e contextos socioculturais.

- SPF08: “[...] a semelhança entre a passagem do tempo e o escorregar do fio nas mãos da tecelã: ora se torna delicadas rendas, ora franças espessas e ainda se pode fiar malhas e redes astutas. Na segunda estrofe, percebo momentos da vida: ocasiões que nos exigem diferentes intensidades para diferentes intenções – sensibilidade para apreciação do belo, firmeza na necessidade do trabalho, esperteza para sobreviver ‘às armadilhas da mata escura’. É preciso libertar o indomável potro da juventude, semear aprendizes nos vários tempos e lugares, superar obstáculos e, enfim, tendo todo o fio-tempo se desenrolando do novelo da vida, pronto o Homem, é hora da passagem.”

Fio tempo  
 A vida não é um fio.  
 A vida será um novelo?  
 Talvez novelo de fina linha  
 que enrola  
 e torna a linha lã.  
 O novelo de lã.  
 Fio a desenrolar com o tempo,  
 a lã se esvai  
 e, no final, não é mais lã (se transforma)  
 se renova  
 em bela arte,  
 utilitários diversos,  
 no calor de uma proteção.

A vida começa,  
 o novelo se expande;  
 sabiamente  
 se doa...  
 E, parecendo vida mais não haver,  
 a passagem se dá  
 e toda a construção  
 em memória  
 renasce.

(Poema criado por SPF 08)

- SPF10: “Através do tempo, fazemos escolhas – certas ou não – e a vida segue. Os diferentes tecidos simbolizam diferentes formas de viver. Às vezes este fio escapa por entre os dedos. A esta altura, percebe-se uma visão pessimista da vida como se não fossem oferecidas opções a não ser aceitar passivamente a passagem do tempo e a deteriorização do tecido.”

Analisemos como se posicionou o grupo cearense.

- CEF04: “Da urgência de aproveitar as oportunidades, de vencer as dificuldades e acreditar no agora já, não desperdiçar os momentos porque eles se vão e quando menos esperamos não podemos fazer mais nada. É preciso correr atrás do prejuízo, “Voltai com o tempo que já se foi...” Trazendo para o nosso contexto GESTAR II, é acreditar no sucesso, na melhoria para o processo ensino-aprendizagem.”

- CEF08: *“O texto fala do tempo que passa sutilmente e que é preciso sabedoria para saber aproveitá-lo bem. No nosso dia-a-dia, é mister cuidar de nossas atribuições com carinho e a preocupação em comprometer-se com o que deixaremos para trás. Não deixemos poeira, mas rochas firmes capazes de dar continuidade aos projetos dos que virão depois de nós.”*

Verifiquemos como se posicionou o grupo do Distrito Federal.

- DFF08: *“O texto trata da fugacidade do tempo. Neste ponto, o leitor pode ter o reencontro de si mesmo com o tempo que já se foi: a reconciliação com o passado.”*
- DFM02: *“E assim é o tempo. Tentamos manejá-lo, entretanto ele em sua sutileza, em suas nuances, parece apresentar subterfúgios para fugir as nossas mãos.”*

Vejam os posicionamentos do grupo mineiro.

- MGEF02: *“O texto trata da nossa vida como ela é passageira e de como devemos fazer o possível para aproveitá-la. Nele percebemos que algumas pessoas fazem pouco da sua vida e mal cuidam delas. A passagem da vida é como o fio fino que a qualquer hora pode se romper e daí em diante só Deus sabe.”*
- MGM01: *“Neste texto é retratada, de maneira enfática, a efemeridade do tempo e também há um apelo a atividades constantes e interessantes para que a vida não passe em vão. Carpe diem.”*

Analisemos o nível seguinte, o de categorização.

O técnico, o especialista, ou seja, o leitor-maduro, ideal, do texto, capaz de transformá-lo em obra, pelo desvelamento do sentido, consegue perceber os recursos empregados pelo autor para comunicar-se artisticamente com o leitor. No entanto, não evidencia a compreensão plena aquele leitor que apenas aponta, pela metalinguagem teórica, os procedimentos estruturais do texto, por exemplo, narrador, metáfora, símile, etc. É necessário que, a partir desses conhecimentos teóricos, o leitor consiga expressar seu entendimento da profundidade (essência) da obra lida.

- SPF02: *“A idéia de tempo enquanto fio tênue da vida que vai aos poucos sendo tecida faz parte do nosso imaginário desde os mitos mais remotos. Cloto, Átropos e Loquesis são as três irmãs guardiãs do tempo e da vida. Uma dava o fio, a outra tecia, a outra cortava o fio. No poema, como no mito, é a matéria-prima da vida. “Tecei! Tecei!” Equivaleria a “Vivei!” “Vivei!” Tempo significaria, então, vida. Mas há outros versos em que o tempo assume sentido próprio: o de tempo livre para se construir, reconstruir, desconstruir a vida. Resumidamente, o poema trata do próprio viver, de como somos.”*

- SPM06: *“A comparação retrata com função emotiva e poética a importância de saber valorizar as situações belas e positivas que o tempo nos proporciona e deixa claro que dessa situação temos que tirar o máximo de prazer!”*

Identifiquemos como se posicionou o grupo do Ceará.

- CEF01: *“O texto poético numa linguagem metafórica nos faz refletir sobre a questão do tempo. Ela (a autora) repete o verso “O tempo é um fio” com o intuito de que o leitor perceba o que pode construir ao longo de sua história, tecendo o fio da meada para que o tempo não seja mal aproveitado.”*



*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

- CEF12: “O texto ‘O tempo é um fio’, de Henriqueta Lisboa, é uma metáfora utilizada para retratar o tempo ‘cronológico’. Se faz uma comparação com o fio que serve para fazer rendas de bilro, malhas e redes.”

Constatemos o posicionamento do grupo do Distrito Federal.

- DFF01: “O texto trata de como o tempo flui, como ele é valioso e deve ser bem utilizado, pois quando se perde tempo à toa perde-se a oportunidade de usufruir das coisas boas. O poeta alerta sobre a importância de cuidar do tempo porque ele escapa facilmente quando não é aproveitado. A metáfora do fio mostra que devemos construir o tempo como tecemos, dando utilidade a ele.”

- DFM13: “O poema apresentado procura capturar algo que escapa por entre os dedos. Por isto se utiliza de imperativo para que não se perca o tempo fio fino, é a comparação utilizada que na percepção poética é frágil.”

Verifiquemos qual o posicionamento do grupo de Minas Gerais.

- MGF01: “O texto trata do tempo em vários espaços. O tempo como metáfora da vida.”

- MGM02: “O texto trás consigo a definição de tempo segundo a autora.”

Foram detectadas apenas 2 intercorrências de categorizações neste grupo. Ao longo da pesquisa foram detectadas a presença de 26 categorizações. Vejamos o nível seguinte, o de avaliação.

Este nível revela a apreciação do leitor-informante acerca do poema/poeta. A resposta apresenta intensa adjetivação.

- SPF07: “Um poema belíssimo de uma sensibilidade incrível que nos toca a alma. Henriqueta Lisboa usa o poema, o final dele (a última estrofe) como um texto prescritivo, nos passa uma receita e nos afirma que não é tarde demais.

*Permitamo-nos viver.  
Permitamo-nos ser felizes.  
Fazer o que gostamos.  
Tecer nossa própria história.  
Saborear os pequenos prazeres da vida.  
Buscar nosso sentido em nós mesmos.  
Fazermos o nosso próprio tempo.”*

(Poema criado por SPF07)

- SPM03: “A poeta compara o tempo à vida. Ela expressa a brevidade da vida e também a idéia de que o tempo é implacável se não for bem aproveitado. A impressão que me causou foi que a construção do poema remete ao nascimento, crescimento e à morte. Tem-se que viver intensamente, valorizar o que tem de precioso, como família, amigos, amores, filhos e a própria vida. Viva enquanto há tempo!”

No grupo do Distrito Federal houve apenas uma ocorrência de avaliação.

- DFM01: “Bela metáfora do tempo como um fio, o eu-poético traz forte imagens da importância e efemeridade do tempo, o que conduz ao fato de que o que passou não pode ser alterado e apenas resta ao indivíduo viver o tempo que ainda está por vir.”

No grupo mineiro detectou-se a presença de 05 ocorrências de avaliação, das quais destacamos.

- MGF09: *“De um tempo precioso, que passa muito rápido, que devemos aproveitar cada minuto.”*

#### Intertextualidade

Este termo foi composto por Julia Kristeva, em 1966, em Paris, no seminário de Roland Barthes, com a finalidade de relatar os trabalhos do crítico Mikhail Bakhtin. A intertextualidade designa, segundo Bakhtin, o diálogo entre os textos. Ela está calcada naquilo que Bakhtin denomina de *dialogismo*, ou seja, as relações que todo enunciado mantém com outros enunciados.

- SPF05: *“Desperdiçamos a oportunidade de sermos felizes quando não vivemos efetivamente nossa vida. “Cada um de nós compõe, constrói sua própria história, carrega o dom de ser capaz, de ser feliz.”*
- SPF06: *“Cecília Meireles, em Ou isto ou aquilo, trabalha com o tema do ciclo que traz esperanças de renovações. Nessa perspectiva “ainda é tempo” pois novo ciclo virá e com ele mudanças que, acreditamos, serão para uma vida melhor.”*

Constatemos como se posicionou o grupo cearense.

- CEF06: *“Portanto é necessário que aproveitemos com sabedoria cada minuto da nossa vida como se fosse o último, é como diz a canção: “nada do que foi será do jeito que dia se foi...”*
- CEF08: *“O texto me faz lembrar um outro texto – “Estradas”, de Manuel Bandeira.”*

Verifiquemos o posicionamento do grupo do Distrito Federal.

- DFM08: *“O texto trata do tempo, da sua relação com as pessoas. No texto vê-se quão valioso é o tempo e que é preciso aproveitá-lo com sabedoria. Nesse ponto pode-se relacionar o tempo ‘jogado à toa’ com a inércia portuguesa após as grandes navegações. Em seguida conclama-se o povo a superar isso.”*

É oportuno esclarecer que, embora o número de respostas parafrásicas e genéricas tenha elevado, constatou-se um bom desempenho interpretativo e linguístico dos que responderam à questão, tendo em vista a diversidade de nível de formação dos informantes.

#### **5.4 Corpus da pesquisa experimental**

Para compor o *corpus* da pesquisa, extraído desse universo de informantes, optou-se por selecionar os três níveis que envolvem uma elaboração mental apurada, que caracterizam um leitor de nível superior. Assim, relacionamos exemplos desses níveis de competência leitora, colhidos nos 4 grupos pesquisados. Encontram-se

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

destacadas também passagens cuja escritura / leitura apontam para uma visão de mundo referente à transcendência, que constituem o *corpus* para análise.

### Abstração

Alguns informantes mencionaram a questão da efemeridade da vida, bem como as suas fases: *“Ela expressa a brevidade da vida e também a idéia de que o tempo é implacável se não for bem aproveitado. A impressão que me causou foi que a construção do poema remete ao nascimento, crescimento e à morte.”* (SPM03) Em consonância com o exemplo supracitado, apresentamos outro, acrescido da ideia de mudança: *“[...]Mas será que o tempo passa ou é o Homem que passa e, então, teríamos um ciclo com dias, meses, anos se renovando e a esperança renascendo a cada dia, mês e ano. Nessa perspectiva “ainda é tempo” pois novo ciclo virá e com ele mudanças que, acreditamos, serão para uma vida melhor.”* (SPF06)

Uma professora destacou a questão das relações construídas ao longo de nossa existência, as ações e o resultado das mesmas refletidas na sociedade: *“Durante toda nossa existência tecemos, envolvendo e transpassando nosso “fio” com outros “fios”, nossas vidas com outras vidas. São as relações que construímos enquanto humanos.*

*Muitas coisas que tecemos são como “rendas de bilro”, delicadas, necessitam de muita dedicação e zelo e as vejo como nossas famílias: a relação com o sexo oposto na busca pelo amor, a relação com nossos filhos, estes sim expressão do amor pleno e incondicional.*

*Tecemos também “franças espessas” que são nossas relações profissionais, onde temos que ousar, construir “malhas” e “redes” firmes que possam suportar os “frutos” e apanhar os “peixes” símbolo de nossas conquistas, mas aqui talvez representado de uma maneira mais profunda como o resultado de nosso trabalho, a contribuição que deixamos para a sociedade.*

*Se pensarmos na idade do universo em termos de tempo cronológico, o que é a nossa vida? Um piscar de olhos? Algo frágil, breve que não podemos e nem devemos deixar nos escapar pelas mãos.* (SPF07)

Outra informante tratou da necessidade de contagiar positivamente as pessoas que nos cercam, vencer as dificuldades surgidas ao longo da trajetória existencial, adquirir sabedoria para a mudança de plano: *“É preciso libertar o indomável potro da juventude, semear aprendizes nos vários tempos e lugares, superar obstáculos e, enfim, tendo todo o fio-tempo se desenrolando do novelo da vida, pronto o Homem, é hora da passagem.”* (SPF08) Este, nos brindou com um poema de sua autoria, realçando suas concepções relativas à passagem do homem pela Terra e a sua transferência para o outro plano.

Em um informante destacou-se a questão do aproveitamento do tempo em relação a si e ao próximo: “O tempo é muito subjetivo [...] Fazendo uma analogia a um fio, o texto trata o tempo com a seguinte reflexão: por mais curto que seja, por menor que seja, por mais liso que seja, por mais voraz que possa ser, não desperdice a oportunidade de fazer do tempo que tem algo proveitoso para a sua vida ou para a vida do outro.”(CEF02)

Outro concitou o leitor a lidar com o tempo sob a perspectiva dos sonhos, uma vez que os mesmos nos fazem vislumbrar o futuro a partir das ações presentes: “Tecer com sonhos, pois são eles que nos inspiram no caminhar, a olhar um amanhã de possibilidades pautadas em cada ação do agora.” (CEF15)

Já outros abordaram a necessidade de se empregar o tempo com proveito, visto que ele passa rapidamente e, se usado com sabedoria, no futuro, serão colhidos os frutos: “O texto trata da inexorabilidade da vida, onde o tempo que se passa não pode ser recomposto, nem recuperado. Por outro lado, se o tempo for tecido com ‘astúcia’ e ‘empenho’, podem-se colher bons frutos posteriormente. Enquanto que o tempo que se perde vira um ‘farrapo jogado à toa’.” (DFM03). “O texto fala a respeito de como devemos aproveitar o nosso tempo, pois ele é como um fio ou algo que passa sem percebermos. Algo que não podemos segurá-lo e escapa, passa e não volta mais.” (MGF16)

Outro referiu-se à possibilidade de se vencer o tempo com o trabalho: “O texto trata da vulnerabilidade do tempo e seu domínio ante a tudo e a todos. Ao mesmo tempo, cabe às pessoas vencerem o tempo com o trabalho, que é o que permite a sobrevivência ao longo dos meses.”( DFM05)

Passemos agora aos exemplos de inferência fornecidos pelos informantes.

Poucos professores destacaram a importância de deixar contribuições para os que não de vir, após nossa passagem para um outro plano: “O texto fala do tempo que passa sutilmente e que é preciso sabedoria para saber aproveitá-lo bem. No nosso dia-a-dia, é mister cuidar de nossas atribuições com carinho e a preocupação em comprometer-se com o que deixaremos para trás. Não deixemos poeira, mas rochas firmes capazes de dar continuidade aos projetos dos que virão depois de nós.”(CEF08) “Para que serve um fio? Para unir pontas, formar redes, juntar partes. O tempo serve para transformar as pessoas, desenvolver potencialidades, curar feridas ou mesmo abri-las, mas seja qual for a situação não podemos parar pois o tempo passa, mas nossas ações permanecem” (CEF11)

Outro informante mencionou o empenho que o ser humano deve envidar para edificar boas ações, pois esta será a bagagem que conduziremos ao outro plano: “Devemos nos empenhar para construir coisas belas, seguras que valham a pena existir, pois esses serão os frutos que levaremos.” (CEF18)

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

Este se referiu ao tempo como possibilidade de autoconhecimento, unindo a partir de reflexões, passado e presente: “O texto trata da fugacidade do tempo. Neste ponto, o leitor pode ter o reencontro de si mesmo com o tempo que já se foi: a reconciliação com o passado.” (DFF08). Em sintonia ao acima exposto, tem-se outro exemplo: “É possível observar a importância da ideia de construção e movimento estabelecida no texto, portanto, pode-se concluir que o tempo é movimento, construído e, reconstruído.” (DFM07)

Outra cidadã ressaltou o receio do desconhecido, o que ocorre após a passagem de plano: “A passagem da vida é como o fio fino que a qualquer hora pode se romper e daí em diante só Deus sabe.” (MGEF02)

A seguir, tem-se exemplos de categorização colhidos na análise textual dos sujeitos pesquisados.

Quando o entrevistado era professor(a) com nível superior, fez-se comum a presença de termos da teoria literária na leitura do poema.

“Ainda se pode considerar o fio como a palavra que tece o texto, o poema. São palavras, frases, períodos, versos e estrofes que, ao final, em tecido forte – rede nos prende, mas então o escrito já não pertence a seu autor, [...]” (SPF06)

“A poeta compara o tempo à vida. Ela expressa a brevidade da vida e também a ideia de que o tempo é implacável se não for bem aproveitado. A impressão que me causou foi que a construção do poema remete ao nascimento, crescimento e à morte.” (SPM03)

“Henriqueta Lisboa usa o poema, o final dele (a última estrofe) como um texto prescritivo, nos passa uma receita e nos afirma que não é tarde demais.

“O texto ‘O tempo é um fio’, de Henriqueta Lisboa, é uma metáfora utilizada para retratar o tempo ‘cronológico’.” (CEF12)

“O eu-poético, mesmo sem ameaçar, assume um tom ameaçador ao tratar da facilidade com que o tempo ‘escapa’. Esse tom ameaçador é abandonado nas duas últimas estrofes do poema, quando o eu-poético oferece a esperança: “Ainda é tempo!” (DFF08)

“O poema trata das diferentes formas de o homem se por diante da vida. A metáfora do fio é empregada para demonstrar a relevância existencial de cada indivíduo, os que ‘tecem redes’ e os que deixam ‘farrapos’.” (DFM11)

“O texto trata do tempo em vários espaços. O tempo como metáfora da vida.”

(MGF01)

“Ao estabelecer a metáfora do fio para o tempo, o autor resalta a importância de utilizá-lo bem, de não deixá-lo ‘jogado à toa’, fazendo ‘rendas’, ‘franças’, ‘malhas’, ‘redes’, etc... aproveitando-o.

“O texto trás consigo a definição de tempo segundo a autora. devido tempo.” (MGM02).

## 5.5 Análise das respostas

Este conjunto de leitores conseguiu perceber no poema de Henriqueta Lisboa os seguintes índices relativos a esta dimensão inerente à natureza humana, que é a transcendência. Passemos à análise de cada uma delas.

As categorias de tempo, espaço e vida estão intimamente relacionadas.

O vocábulo *tempo* costuma ser definido como a sucessão dos anos, dias, horas etc., que envolve, para o homem, a noção de presente, passado e futuro; o curso do tempo.

Simbolicamente, o tempo é representado pela figura da roda, com o seu movimento giratório, pelos doze signos do Zodíaco, que descrevem o ciclo da vida. Os informantes foram unânimes a esse respeito e afirmaram: “*a construção do poema remete ao nascimento, crescimento e à morte.*” (SPM03) “*O tempo representa a linha da vida.*” (SPM04)

Vários se referiram à fugacidade, brevidade, da passagem do tempo “*O texto trata da transitoriedade da vida, [...]*” (SPM01). “[...] *o tempo está aqui apresentado como a nossa vida, a nossa existência que é frágil, fina a toa escapa pela sua brevidade.*” (SPF07). “[...] *o tempo não espera, ele escorre, quando se vê, já foi. Não há retorno, nem segunda chance. É preciso sabermos e não sei como, já que é tão passageiro, a prolongarmos cada instante.*” (CEF14). “*O poema aponta para a brevidade do tempo. A modernidade chegou, (“Perdeu-se o tempo”), deixando a história no passado (“...o tempo que já se foi”).*” (DFF02). “*Neste texto é retratada, de maneira enfática, a efemeridade do tempo e também há um apelo a atividades constantes e interessantes para que a vida não passe em vão. Carpe diem.*” (MGM02).

Alguns informantes, olhando o tempo com uma perspectiva de futuro, declararam: “[...] *tudo que fazemos no presente, refletirá no futuro, bem ou mal, refletirá.*” (CEF03). “*Nessa perspectiva ‘ainda há tempo’, pois novo ciclo virá e com ele mudanças que, acreditamos, serão para uma vida melhor.*” (SPF06). Outros, abordaram a questão do aproveitamento do tempo e a ideia de movimento que ele denota: “[...] *trata da relação entre o tempo que vivemos (aproveitando-o) plenamente e o tempo que não é aproveitado devidamente.*” (CEF07). “*O tempo é muito subjetivo [...] não desperdice a oportunidade de fazer do tempo que tem algo proveitoso para a sua vida ou para a vida do outro.*” (CEF02). “*O texto fala do tempo que passa sutilmente [...] No nosso dia-a-dia, é mister cuidar de nossas atribuições com carinho e a preocupação em comprometer-se com o que deixaremos para trás. Não deixemos poeira, mas rochas firmes capazes de dar continuidade aos projetos dos que virão depois de nós.*” (CEF08). “[...] *mas seja qual*

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

for a situação não podemos parar pois o tempo passa, mas nossas ações permanecem.”(CEF11). “Devemos nos empenhar para construir coisas belas, seguras que valham a pena existir, pois esses serão os frutos que levaremos.” (CEF18)

Verifica-se, na declaração a seguir, a presença do leitor: “Ainda é tempo!”. Neste ponto, o leitor pode ter um reencontro de si mesmo com o tempo que já se foi: a reconciliação com o passado.” (DFF08) É possível observar a importância da idéia de construção e movimento estabelecida no texto, portanto, pode-se concluir que o tempo é movimento, construído e reconstruído.” (DFM08)

Santo Agostinho afirmou que o tempo é a *imagem móvel da imóvel eternidade*. Dessa feita, como já foi visto, todo movimento reproduz uma forma circular, em uma curva evolutiva entre um início e um fim, que recai na possibilidade da medida que é o tempo. Sair do tempo, portanto, é sair completamente da ordem cósmica para entrar em outra ordem, outro universo. Vejamos o que os informantes declararam referente ao supracitado. “O tempo também é algo complexo pois é um mistério de Deus.[...] *E Henriqueta [...] é sutil tecedora de imagens capazes de dar uma dimensão metafísica a seu intimismo radical*”. (SPF01). “[...] a maneira como o tecemos (vivemos) será consequência daquilo que esperamos ‘colher’, [...] o que se faz do tempo é o resultado de como se vive.” (SPF04) “É preciso libertar o indomável potro da juventude, semear aprendiz nos vários tempos e lugares, superar obstáculos e, enfim, tendo o fio-tempo se desenrolado do novelo da vida, pronto o Homem, é hora da passagem.” (SPF08). Constata-se aqui a utilização da linguagem metafórica no discurso dos informantes.

O tempo simboliza um limite na duração do ser humano na terra. Por definição (conforme já exposto com referência a Platão), o tempo humano é finito e o tempo divino infinito ou, melhor ainda, é a negação do tempo, o ilimitado. A unidade de medida do tempo humano é o século; a do tempo divino, a eternidade. Não há entre eles nenhuma medida comum possível. Todavia nem um informante sequer observou nem mencionou tais características.

Em Literatura, mais particularmente na narrativa de ficção, o tempo pode ser percebido como matemático ou cronológico e psicológico; ainda admite cronótopo, anacronia, anisocronia (pausa, sumário, extensão, eclipse), frequência (repetitivo, iterativo, singulativo) e o da narração intercalada. Analisemos os exemplos a seguir, de dois informantes acerca do tempo cronológico. “Se pensarmos na idade do universo em termos de tempo cronológico, o que é a nossa vida? Um piscar de olhos? Algo frágil,

*breve que não podemos e nem devemos deixar escapar pelas mãos.” (SPF07). “O texto ‘O tempo é um fio’, de Henriqueta Lisboa é uma metáfora utilizada para retratar o tempo cronológico.” (CEF12).*

Outro mencionou os tempos cronológico e histórico: *“Soltai os potros”... esta parte nos remete a uma busca incessante de libertação. ‘Potro’ – apesar da pequenez, faz-se necessária a coragem e a ousadia de ir aos quatro ventos. Assim é a vida, marcada pelo tempo histórico e pelo tempo cronológico.” (SPM01)*

Aprofundando a análise, há os que preferiram usar o vocábulo *vida*, em vez de *tempo*. *“O texto trata do tempo [...] como metáfora da vida.”(MGF01). “Trata do tempo comparado com as diversas fases de vida tecida no dia-a-dia.” (MGF08). Outros mencionaram o dialogismo existente entre os vocábulos tempo e vida: “O poema trata de um dialogismo, tempo e vida (fio). Ao longo de todo o poema, há a construção desse dialogismo e a definição de como estas duas razões se interfluenciam e de como uma depende da outra.”(DFM12)*

Muitos outros abordaram a questão da inexorabilidade e da fragilidade da vida. Vejamos os exemplos: *“O texto trata da inexorabilidade da vida.” (DFM03) “O poema trata da efemeridade da própria vida e com a memória que temos do vivido.” (DFM10). Já este, apontou para a visão de futuro: “Da fragilidade da vida [...] tecer com sonhos, pois são eles que nos inspiram no caminhar, a olhar um amanhã de possibilidades pautadas em cada ação do agora.” (CEF15)*

Uma professora destacou a sutil barreira entre vida e morte: *“A mim este poema reporta a linha tênue entre a vida e a morte, [...]”.* (SPF09)

Tempo é ligado espaço, indissociavelmente. As dimensões tempo e espaço constituem limites para demarcar estágios e situações para a mente, nas faixas experimentais da evolução. Dessa feita, vejamos considerações acerca do vocábulo *espaço*.

O espaço, inseparável do tempo, não é somente o lugar dos possíveis – e, sob esse prisma, costuma simbolizar o caos das origens, bem como o das realizações; nessa perspectiva, simboliza o cosmo, o mundo organizado. É como uma extensão incomensurável, cujo centro se ignora e que se dilata em todos os sentidos; simboliza o infinito onde se move o universo, e é simbolizado pela cruz em três dimensões e seis direções, assim como a esfera em movimento e de expansão ilimitada.

Logo, o espaço engloba o conjunto do universo, com suas atualizações e suas potencialidades. De um modo geral, o espaço simboliza o meio exterior ou interior no



*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

qual todo ser se move, seja ele individual ou coletivo. O espaço interior simboliza o conjunto das potencialidades humanas na via das atualizações progressivas, o conjunto do consciente, do inconsciente e dos imprevisíveis possíveis.

A seguir, alguns exemplos dos informantes referentes ao espaço. Analisemos as abordagens referentes a fazer a diferença no meio em que se vive: “[...] *Que devemos aproveitar as oportunidades surgidas e fazer a diferença no que fazemos. Quando se faz com amor, dedicação e empenho, se torna duradouro para você e as outras pessoas. Se consegue deixar marcas, ser significativo.*” (CEF10). “[...] *No decorrer da vida, colhemos frutos e pescamos peixes, mas é no ânimo da aventura, da exploração, da expansão de nossos feitos, nossas vidas no espaço indeterminado que dá vida ao tempo[...]*” (DFM10)

Outro entrevistado refere-se à importância de cada ser humano: “*A metáfora do fio é empregada para demonstrar a relevância existencial de cada indivíduo, [...]*” (DFM11). “*Na vida tudo é muito complexo, tudo é uma questão de oportunidades a ser abraçadas. Devemos tirar proveito do que já passou, (no bom sentido), acreditar que você pode, que você sabe e que você é grande em sua essência.*” (CEF03)

Passemos, agora, à análise do vocábulo *vida*.

A vida é o conjunto de princípios que resistem à morte; é um dom da bondade infinita; pode ser entendida também como o conjunto das funções que distinguem os corpos organizados dos corpos inorgânicos. “É uma grande tecelã e nas suas malhas ajusta os sentimentos ao império da ordem, a fim de que o equilíbrio governe todas as ações entre as criaturas. A vida, na sua expressão terrestre, é como uma árvore grandiosa. A infância é a sua ramagem verdejante. A mocidade é constituída de flores perfumadas e formosas. A velhice é o fruto da experiência e da sabedoria. Perceber o sentido da vida é crescer em serviço e burilamento constantes.”<sup>78</sup>

Identifiquemos o posicionamento dos informantes acerca desse vocábulo. “*a vida é o próprio tempo. Tecê-la é um risco.*” (SPM01). Outros apontaram para a questão da brevidade da vida e da necessidade de ser bem aproveitada: “*Que a vida é passageira, delicada, frágil que é preciso cuidá-la, para preservá-la e acima de tudo aproveitá-la, a prolongarmos a cada instante.*” (CEF14). “*O texto trata da nossa vida como ela é passageira e de como devemos fazer o possível para aproveitá-la. Nele percebemos*

<sup>78</sup> Essas afirmativas se encontram no verbete *vida*, colhido em *O Espiritismo de A a Z*. Geraldo Campetti Sobrinho. (coord.) 4 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010:892-3.

*que algumas pessoas fazem pouco da sua vida e mal cuidam delas. A passagem da vida é como o fio fino que a qualquer hora pode se romper e daí em diante só Deus sabe.*” (MGEF02). Estes dois exemplos servem de ponte para o tópico seguinte, o temor da morte.

Cada ser humano tem um tempo determinado de vida. E quando esse tempo se finda, é chegada a hora da partida: eis que a morte chega e nos transfere de plano. Muitos homens possuem o temor da morte. Este resulta de vários fatores inerentes à natureza humana e à existência corporal. Entre eles ressaltam-se: 1) o instinto de conservação da vida, que constitui força preventiva contra a intemperança, a precipitação e o suicídio, não obstante desconsiderados nos momentos de grandiosos desgostos, revoltas ou desespero. 2) o temporário olvido da vida espiritual donde procede. 3) o conteúdo religioso das doutrinas ortodoxas, que oferece uma visão distorcida que sucede após a ruptura dos laços materiais. 4) o receio do aniquilamento da vida, por falta de informações corretas a respeito do futuro da alma e daquilo que lhe está destinado.

Em síntese, constatou-se que o nível geral das leituras, destacando aspectos acerca da transcendência, é PLENAMENTE SATISFATÓRIO, tendo em vista a grande recorrência (em relação à diversidade dos informantes) dos níveis mais elevados. Apesar de o número de respostas parafrásicas e genéricas ser elevado, verificou-se um bom desempenho interpretativo e linguístico expressivo dos que responderam ao proposto. Não houve destacada supremacia em um grupo (segundo a procedência) perante outro. Todos se posicionaram, aproximadamente, na mesma frequência de desempenho. Assim também não houve (conforme pode ser observada ao longo desta parte) qualquer marca hegemônica comparando os sexos dos informantes.

Com isso, pode-se afirmar que a leitura deste poema (fato que ocorre em muitos da Autora) não se revelou inacessível a professores e alunos, de ensino médio ou superior, balançando as estruturas daqueles que consideram Henriqueta Lisboa uma poeta de configuração poemática hermética.

**6. DA IMANÊNCIA À TRANSCENDÊNCIA: A POÉTICA DE HENRIQUETA LISBOA**

*Diante da morte não sou de água  
nem sou de vento, mas de pedra.*

Henriqueta Lisboa

É hora de firmar a nossa tese que, a partir da hipótese, foi demonstrada ao longo de todo o trabalho: A poética de Henriqueta Lisboa não fica só na imanência das coisas, das pessoas, mas apresenta ânsias de transcendência em vários níveis. Lisboa ocupa-se, em sua obra poética, com questões que sondam os sentidos da vida de modo intenso; com sua aguçada percepção, constituiu um eu poético, ou eu lírico<sup>79</sup>, que lhe facultou construir e expor observações variadas e bastante significativas em pormenores, referentes à existência humana e ao viver em geral.

Relendo o fragmento do poema “Diante da morte”, que se encontra na epígrafe deste capítulo, constatamos que Henriqueta aproxima sua essência de três elementos da natureza: a água, o vento e a pedra. A simbologia primeira da água revela-a como fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência. Todavia não é em água que ela se transmuta diante da morte. O vento, apesar de simbolizar a vaidade, a inconstância, a instabilidade e, ainda, por outro lado, ser sinônimo de sopro e, por conseguinte, do Espírito, do influxo espiritual de origem celeste; também não é com ele que Henriqueta se liga no instante da passagem. Ela afirma: *sou de pedra*.

---

<sup>79</sup> Para estruturar estas considerações finais, percorremos a Lírica de Henriqueta Lisboa averiguando que predicados e circunstâncias a Autora associa ao eu lírico de primeira pessoa do singular. O eu lírico, um recurso que possibilita uma infinidade criativa de sentimentos poéticos, ocorre quando o poeta expressa sentimentos que, necessariamente, não sentiu ou sentiu com outra intensidade que não a da realidade, tratando-se então de não ser seu “eu” real, mas de um “eu” artístico ou poético. O termo lírico, originário do nome de um instrumento musical antigo, a lira foi muito utilizado pelos gregos. Desde o século XII a.C, lírica era toda canção executada ao som da lira, inclusive as expressões poéticas. Porém, no século XV houve um afastamento entre o som da lira e o da palavra poética, que passou a ser declamada. Atualmente, sabe-se que o eu lírico pode ou não expressar as vivências efetivas do poeta, mas a validade estética do texto independe de sinceridade. O eu poético incorpora sentimentos diversos, tal qual um ator faz com suas personagens. O autor representa a pessoa que cria por meio de sua capacidade imaginativa. Diferente, o eu poético, materializa toda a emoção, mediante a magia e o encantamento que a arte poética nos proporciona, assumindo outra voz, outra identidade. Distinto do gênero lírico, o gênero dramático retrata, principalmente, conflitos humanos.

Ser de pedra consiste em ser concreto, visível aos cinco sentidos, palpável, representação da imanência. Mas também simboliza a passagem da alma obscura à alma iluminada pelo conhecimento divino. Existe entre a alma e a pedra uma relação estreita<sup>80</sup>: é forma de matéria e substância imaterial; simboliza o conhecimento. Interessante é notar que, de toda a *Lírica* de Henriqueta analisada no *corpus* da pesquisa, a única ocorrência do verbo ser na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, associada, portanto, ao eu lírico é esta<sup>81</sup>: **sou** de pedra.

Devido aos e derivado dos fatos biográficos, do desencanto, do amor irrealizado, podemos, inquestionavelmente, afirmar que em todas as poucas ocorrências onde aparece o pronome pessoal de primeira pessoa do singular trata-se dos mais íntimos sentimentos da Autora. Isso se estende ao “A paz, a lua”: *Eu quero a paz, a grande paz / da lua sozinha no céu. / eu quero a paz acima / de qualquer sopro humano – ou mácula*. Este mesmo sentimento de ânsia pela paz em meio às gentes pode-se perceber em “Oração no deserto”.

*Pensei que estivesses aqui, Senhor.  
Vim procurar-te longe da miséria e da vaidade dos homens,  
longe do atropelo vulgar dos mercados,  
longe dos artifícios da cidade,  
porque há muito, muito tempo,  
meu coração não adivinhava a tua presença,  
havia gente demais comigo  
e eu não tinha sequer ensejo  
de sentir a minha solidão e a minha tristeza,  
e mesmo a tua palavra se tornara inaudível  
em meio à concorrência das vozes profanas.*

*Se ao menos fosses uma palmeira verde  
a cuja sombra eu pudesse dormir o sono cansado desta jornada  
inútil!...*  
*Eu sonharia por certo com aqueles tempos de ingênua doçura  
em que descias todas as manhãs ao meu peito  
numa partícula de pão.*

<sup>80</sup> A pedra e o homem apresentam um movimento duplo de subida e de descida. O homem nasce de Deus e retorna a Deus. A pedra bruta desce do céu; talhada, acabada, se enobrece. Transmutada, ela se ergue em direção ao Criador.

<sup>81</sup> Em Lamento do soldado morto também aparece essa forma verbal. No entanto o agente do discurso está explícito – é o soldado morto – e não pode ser associado à Autora.

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

Percebemos em muitos poemas, inclusive nesse, pela intensa adjetivação – *miséria e vaidade dos homens / atropelo vulgar dos mercados / artifícios da cidade / gente demais comigo / minha solidão e minha tristeza / palavra se tornara inaudível / concorrência das vozes profanas / o sono cansado desta jornada inútil* – que o eu lírico não sente prazer entre seres e coisas materiais, preferindo, sempre, o etéreo e mesmo o sublime.

A poeta expressa o desejo de um reencontro além da vida terrena em que a realidade metafísica lhe inunde o ser, conforme o poema “Iniciação”:

*Que eu fique assim, de olhos transfigurados,  
a essa luz de crepúsculo em êxtase.  
Que os mais longínquos rumores cheguem tranqüilizados  
ao coração que está de joelhos  
Que todas as palavras sejam puras e suaves  
aos meus ouvidos e nos meus lábios.  
Que de óleos essenciais a minha alma se inunde,  
e eu receba uma bênção total de angelitude  
pelo dia da minha iniciação.*

*Desçam-me sobre a fronte as penumbras untuosas  
da renúncia às cousas efêmeras.  
Uma outra vida, um mundo inédito,  
em que eu possa sentir, integrada na fé,  
banhada na água lustral do batismo,  
a primeira carícia de Deus!*

O eu lírico privilegia sempre as manifestações amorosas, recolhidas em momentos íntimos. Raras são as ocasiões em que o encontro amoroso ocorre entre pares do mundo físico, como o descrito em *E eu vivi a minha hora máxima de lucidez e loucura / sob a chuva torrencial de verão!* É o caso também de “Oração do momento feliz”:

*É tudo suave e reconfortante em torno a mim  
como se não fosse a realidade,  
e eu estivesse sonhando  
com o desabrochar das primeiras flores nas manhãs bíblicas  
ou com o encontro do pastor e da ovelha à hora dos primeiros  
suspiros.  
Se eu fosse ao menos como o bronze  
ressoante, ou como a estrela infiel,*

*rompera as linhas do horizonte,  
despedaçara-me em reflexos.*

*O que te peço  
É que não seja eu a culpada  
Quando se for para sempre este momento  
Que me vai dar forças para sofrer no futuro.*

Todavia, quando o “Ídílio” tem implícita a participação do ser divino, as palavras não são eróticas, mas sinceras:

*Senhor, perdoa que eu não te procure  
nos teus dias de abundância e de púrpura.  
Perdoa que eu não esteja presente  
aos teus rituais de luz e incenso.  
Perdoa que não me associe à turba  
quando és aclamado nas praças públicas.  
E que nunca tenha sido  
porta-estandarte das tuas insígnias.*

*Não é que me envergonhe de Ti, Senhor...  
Foste tu mesmo que me deste esse pudor  
pelas cousas que se oferecem à claridade.  
Não sei cantar em altas vozes.  
Não sei expandir-me das cores fulgurantes.*

*Amo em silêncio, como as monjas...  
Da penumbra, como os que amam sem esperança...  
Com extremas delicadezas,  
como se o meu amor estivesse para morrer...*

Nessa perspectiva, é possível considerar, num prisma literário, que a sensibilidade henriquetiana possibilita ao sujeito-leitor acompanhar a vida e movimento das coisas, porque somente a partir da leitura é que o universo literário poderá ser sentido e, prazerosamente, desfrutado. No momento em que isto ocorre, a imaginação flui e o fictício passa a ter novos contornos advindos de quem o invade por intermédio do ato de ler.

A literatura trabalha com a sensibilidade humana e é em função desta que o ser humano consegue identificar-se e ao mundo circundante, pela exploração dos sentidos e do uso das emoções. Muitas vezes essa identificação se estende ao momento em que, pela leitura do texto literário, o homem perpassa um universo fictício adornado por alguns elementos da realidade factual.

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

Em função dos símbolos, a poeta resgata temas que são pintados com cores tristes, melancólicas quando se referem a esta vida; contudo, quando a ela se refere a outra vida, à espiritual, os tons são mais brandos, ora até suaves.

Devido às ressonâncias do Romantismo, que está intimamente ligado à poética de Henriqueta Lisboa, o diálogo do eu lírico com a natureza se configura em esquemas ascensionais na busca da elevação, do cume, da luz, em oposição à queda que remete às trevas, à escuridão. É o que se percebe em “Chuva”: *Só eu na minha imensidade sem teto, / só eu te suporto o peso, / só eu te sorvo esse gosto / de morte.*

Na poética, o símbolo surge como restabelecedor do equilíbrio vital e psicossocial comprometido com a noção de morte e de transcendência; atua, também, estabelecendo o equilíbrio antropológico que constitui o humanismo ou o ecumenismo da alma humana. Um poema que sintetiza toda a ânsia pelo transcendente, a partir do imanente físico e social e que se instala como paradigmático do sentimento religioso (no sentido de religação com os seus semelhantes) é “Eu te perdô, vida”:

*Eu te perdô, Vida, pela tua estranha beleza!  
- as noites frias que gelaram  
a carne tenra dos órfãos pequeninos,  
os ventos ríspidos que fustigaram  
a choupana dos velhos e dos enfermos,  
as tempestades em que naufragaram  
os barcos leves dos pescadores, nos mares ermos...*

*Perdô a insânia com que distribuis  
- esbanjadora às vezes, outras vezes avara –  
as tuas moedas e os teus códigos,  
a injustiça que acusa a inocência indefesa,  
a insônia das mães que têm filhos pródigos,  
a angústia irremediável que pesa sobre o destino dos poetas.  
E mais ainda te perdoara,  
Vida, pela tua misteriosa beleza!*

*Perdô-te em nome dos mais infelizes,  
daqueles que não tiveram missão a cumprir,  
dos que se deixaram arrastar pela correnteza,  
dos que só conheceram o mundo obscuro das raízes.*

*Perdôo-te em nome de todos os homens, em nome  
dos que já não existem e dos que estão no porvir,  
porque há sempre na vida de cada homem  
um dia de loucura em que és perdoada,  
Vida, pela tua perturbadora beleza!*

*Perdôo-te pela poesia de uma noite enlunarada  
em que houve beijos e juramentos eternos  
sob o arvoredado enflorescido.  
Perdôo-te pela intenção desses juramentos eternos,  
pelo infinito amor desconhecido  
- desconhecido por ser mais belo do que tu,  
Vida, de enigmática beleza!*

*Eu te perdôo por ti mesma, Vida,  
pela tua beleza ardente e inviolável de esfinge!...*

Neste poema, Lisboa coloca-se em posição privilegiada, mais perto do Absoluto que das contingências materiais e humanas. Só por isso, só nessa situação de destaque, ela pode “perdoar” as mazelas que a Vida apresenta a seus semelhantes. Quem perdoa, em templos religiosos, as confissões dos humanos, é o sacerdote, padre, pastor capaz de, investido de poderes sobrenaturais, eximir as culpas.

O mundo, síntese de *as noites frias / órfãos pequeninos, / os ventos ríspidos / a choupana dos velhos e dos enfermos, / as tempestades / os barcos naufragos dos pescadores, / mares ermos...* não faz sentido aos olhos daqueles que percebem a realidade desligada da presença da mão divina.

O mundo, resumido por situações degradantes – *esbanjadora às vezes, outras vezes avara – a injustiça que acusa / a inocência indefesa / a angústia irremediável que pesa sobre o destino dos poetas*, não cumpre para com os seres criados os desígnios do Criador.

A humanidade, reunida por aqueles *que não tiveram missão a cumprir / que se deixaram arrastar pela correnteza / que só conheceram o mundo obscuro das raízes*, não exerce o seu papel aglutinador, harmonizador quando olvidada dos seus desígnios. Por isso, merece perdão.

As relações sociais, envoltas no halo místico da divindade deveriam constituir-se *pela poesia de uma noite enlunarada – em que houve beijos e*



*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

*juramentos eternos – sob o arvoredo enflorescido – pela intenção desses juramentos eternos, pelo infinito amor desconhecido* que provêm do Absoluto. Por isso, o homem, a sociedade, a humanidade merecem perdão, perdão que chega do Alto por alguém que já ascendeu às alturas: Henriqueta Lisboa.

Diante da obra lírica analisada, ficou evidenciado que a poética de Henriqueta Lisboa realmente explora, abundantemente, a transcendência, seja via natureza, seja por intermédio dos sentimentos (solidão, amor, tristeza, alegria, saudade, ilusão, felicidade, adoração, esperança, elevação); e ainda, por meio da religiosidade e da morte com perspectiva transcendente. Os poemas analisados fazem alusão a uma cosmogênese plena, ilimitada e que o eu lírico constantemente revela o desejo de elevar-se, de ultrapassar limites, de habitar outras esferas, novas moradas além das fronteiras do espaço e tempo por nós conhecidas.

Para chegar a estas conclusões foi de suma importância a reflexão teórica, porque não estamos falando do ponto de vista de uma praticante do Espiritismo, de forma dogmática. Todavia, a convicção que possuímos de que existe no homem uma parte imaterial que coabita a parte material, e que o efêmero é aspecto material e que o imaterial é eterno, pois transcende, permearam o texto o tempo todo. Tais convicções foram enriquecidas e fortalecidas pelos teóricos, uma vez que para atingir a verdade é necessário o corpo estar isolado das contingências terrenas na medida do possível (ideia partilhada por Kant e Sócrates), passando pelos filósofos materialistas e pelos filósofos idealistas.

Nessa perspectiva, é oportuno recordar Schelling quando assinala que a identidade profunda entre natureza e espírito deve ser aprendida via intuição estética, revelada na obra de arte, que é a obra do gênio. Somente o gênio artístico atinge e revela o artista misterioso que atua no universo. É válido, também, destacar que não há diferença entre corpo e espírito (além da formal) porque a experiência é produto do espírito, que é imanente ao corpo. A poética henriquetiana, por várias ocasiões evidencia partilhar desse princípio dos pós-kantianos.

Por oportuno, esse diálogo entre ciência e religião que nós vivenciamos nos últimos dois anos deu-se por intermédio da linguagem poética que, segundo Heidegger, é ela que revela a verdade do ser. As construções poéticas de Henriqueta Lisboa revelam-na um ser de seu tempo preocupado com o ser-aí de seus semelhantes, capaz de expor-se sem se esgotar. Julgamos que com o entrelaçamento dos preceitos teóricos e análises literárias conseguimos alcançar os objetivos estabelecidos na apresentação deste trabalho.

Quanto à pesquisa experimental, com a finalidade de aferir a recepção do texto de Henriqueta Lisboa quanto à temática da transcendência junto a um grupo de professores, bacharéis e graduandos em letras e alguns alunos do ensino médio, em três Estados e no Distrito Federal, a partir do poema “O tempo é um fio”, constatamos que o nível geral das leituras foi plenamente satisfatório, tendo em vista a grande recorrência em relação à diversidade dos informantes dos níveis mais elevados. Embora o número de respostas parafrásicas e genéricas tenha sido superior, verificamos um bom desempenho interpretativo e linguístico expressivo dos participantes.

Antonio Cândido ressaltou a perfeição com que a Henriqueta sugere e descreve. Assim, em consonância com Cândido, recordamos Bachelard quando assinala em suas *poética do espaço* e *do devaneio* as ideias de que há poesia dentro do homem e à sua volta. Poesia profunda de sentido metafísico e psicológico. Poesia que pode e deve ser partilhada pelos seres humanos atentos, sensíveis, imaginativos e abertos ao devaneio.

Esperamos, a partir desse novo olhar acerca da poética de Henriqueta Lisboa – Autora para a qual a humanidade representa o perfeito ápice da natureza, visto que a humanidade mantém-se lado a lado com todas as criaturas – contribuir com o crescimento da leitura, de novos leitores, de pesquisadores, e sombrear a linha divisória entre razão e fé. E que isso ilumine os poemas com esta nova dimensão prática do ato de ler. Almejo, ainda, que outros leitores de Henriqueta Lisboa vejam nela não as lamúrias piegas de um discurso feminino no passado, e sim uma postura artística, racional, na exploração de temas difíceis de serem abordados, no presente, ainda.

**BIBLIOGRAFIA:**

ANDRADE, Mário de. Coração Magoadado. In *O empalhador de passarinho*. Obras Completas de Mário de Andrade. São Paulo: Livraria Martins, [s.d.]. p. 219-222.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 2009.

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Casa do estudante do Brasil, 1957.

BERNIS, Yeda Prates. Depoimento. In *Presença de Henriqueta*. CARVALHO, Abigail de Oliveira. SOUZA, Eneida Maria de. MIRANDA, Wander Melo. (Orgs.) Rio de Janeiro: José Olympio - 1992.

BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BOFF, Leonardo. Tempo de transcendência. O ser humano como um projeto infinito. (Palestra) Lumensana publicações eletrônicas. <http://www.scribd.com/doc>. Acesso em 08 de agosto de 2010.

BORTONE, Márcia Elizabeth. O processo inferencial na construção da leitura in CD do III Congresso Latino-Americano de Compreensão Leitora (3.:2010: Brasília, DF).

BOSI, Alfredo. (org.) *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1990.

BRUGGER, Walter. *Dicionário de filosofia*. 4 ed. São Paulo: EPU, 1987.

CAMPOS, Haroldo. *Metalinguagem e outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CARDOSO, Marisa. Os cem anos da poeta Henriqueta Lisboa. *In UNA Minas – Revista-julho de 2001, nº15, p.17 -UNA Editoria- Belo Horizonte*.

CARPEAUX, Otto Maria. *In Lisboa, Henriqueta. Obras completas: I poesia geral 1929 – 1983*. São Paulo: Duas Cidades, 1985.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 9 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1995.

COMPAGNOM, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras, 2002.p.258-261.

DUARTE, Constância Lima. *Henriqueta – uma biografia intelectual*.

<<http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigos/henriqueta.html>. Acesso em 14 de junho de 2010.

DUARTE, José Afrânio Moreira. *Henriqueta Lisboa: Poesia plena*. São Paulo: Editora do Escritor, 1996.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

- HERÁCLITO. *Heráclito: Os pré-socráticos*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. 2009.3
- KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010.
- KOLODY, Helena. *Viagem no espelho e vinte e um poemas inéditos*. 2 ed. Curitiba: Criar Edições, 2004.
- LEÃO, Ângela Vaz. *Henriqueta de Minas, Minas de Henriqueta. Henriqueta Lisboa: o mistério da criação poética*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2004.
- LISBOA, Henriqueta. *Fogo fátuo*. Rio de Janeiro: 1925.
- \_\_\_\_\_. *Obras completas: I poesia geral 1929 – 1983*. São Paulo: Duas Cidades, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Vivência poética*. Belo Horizonte: São Vicente, 1979.
- LOBO FILHO, Blanca. *Interpretação da Lírica de Henriqueta Lisboa*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1965.
- \_\_\_\_\_. *A Poesia de Henriqueta Lisboa*. Belo Horizonte: Edições Movimento-Perspectiva/ Governo do Estado de Minas Gerais, 1966.
- \_\_\_\_\_. *A Poesia de Emily Dickinson e de Henriqueta Lisboa*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1973.
- LONTRA, Hilda Orquidea Hartmann. *Com ciência e arte: O ensino da literatura em segundo grau*. Tese (doutorado). Porto Alegre: PUC do Rio Grande do Sul, 1991.
- LUCAS, Fábio. *A lírica de Henriqueta Lisboa*. <<http://www.lettras.ufmg.br/Henriquetalisboa>>. Acesso em junho de 2010.

MACHADO, Adriana Rodrigues. *Henriqueta Lisboa: a morte como florescimento do ser* in Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas - Comunicações de fóruns PPG- LET- UFRGS- Porto Alegre- vol.03, n.02- jul/dez 2007.

MARQUES, Reinaldo. FARIAS, Maria Eneida Victor. (org.) *Henriqueta Lisboa: Poesia traduzida*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MEDEIROS, Martha. Sem título. <[http:// pensador.uol.com.br/textos\\_de\\_martha\\_medeiros/](http://pensador.uol.com.br/textos_de_martha_medeiros/) Acesso em fevereiro de 2011.

MENDES, Oscar. *Henriqueta Lisboa*. In: MENDES, et al. *Poetas de Minas*. Belo Horizonte: Imp. Publicações, 1970.

MILLIET, Sérgio. "Flor da Morte e lembrança de Rilke" (ensaio). *Jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: 25 de fevereiro de 1950.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: poesia*. São Paulo: Cultrix, 2003.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

MOUTINHO, J. G. in LISBOA, Henriqueta. *Obras completas: I poesia geral 1929 – 1983*. São Paulo: Duas Cidades, 1985.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de filosofia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1977.

MORIN, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

*Nova enciclopédia de filosofia*. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

PALÚ, Lauro. *Henriqueta Lisboa – Poeta do Humano*. Estado de Minas Gerais – Suplemento literário, nº 690-691, 22-29 dezembro de 1979.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PLATÃO. *Fedon*. São Paulo: Athena, 1941. Biblioteca Clássica, XXXV.

\_\_\_\_\_. *Diálogos: Sofistas*. São Paulo: Abril Cultural, 1972. Os Pensadores.

*A poética de Henriqueta Lisboa: abordagem sob uma perspectiva transcendente*

RANGEL, Pascoal. *Essa Mineiríssima Henriqueta*; ensaio de interpretação da obra poética de Henriqueta Lisboa. Belo Horizonte: O Lutador, 1987.

SILVA, Adriana Levino da. *O itinerário do sol: O tempo em Caetano Veloso*. Dissertação (mestrado em Literatura Brasileira). Brasília: UnB, 1998.

SIQUEIRA, Deis. *As novas religiosidades no Ocidente: Brasília, cidade mística*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2003.

SOBRINHO, Geraldo Campetti (coord.). *O Espiritismo de A a Z*. 4 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010.

VÁRIOS. *Estudando o Evangelho segundo o Espiritismo*. Brasília: Ed. Auta de Souza, 2006.

VÁRIOS. *Evolução e revelação*. Brasília: Ed. Auta de Souza, 2011.

VILLOSLADA, R.G. *Santo Inácio de Loyola*. São Paulo: Loyola, 1991.

VIRGILLO, Carmelo. *Henriqueta Lisboa: bibliografia analítico-descritiva (1925-1990)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

XAVIER, Francisco Cândido & Emmanuel (espírito). *Instrumentos do tempo*. São Paulo: GEEEM, 1974.

**Sites consultados:**

[www.agostinianos.org.br](http://www.agostinianos.org.br) Acesso em outubro de 2012.

[www.algumapoesia.com.br](http://www.algumapoesia.com.br) Acesso em outubro de 2012.

[www.caelluminterram.wordpress.com](http://www.caelluminterram.wordpress.com) Acesso em outubro de 2012.

[www.creiaemjesus.com.br](http://www.creiaemjesus.com.br) Acesso em outubro de 2012.

[www.domtotal.com/religiao/exercicios\\_espirituais](http://www.domtotal.com/religiao/exercicios_espirituais). Acesso em outubro de 2012.

[www.educacao.uol.com.br/biografias/martin-heidegger.ihtm](http://www.educacao.uol.com.br/biografias/martin-heidegger.ihtm). Acesso em agosto de 2012.

[www.feparana.com.br/biografias](http://www.feparana.com.br/biografias). Acesso em setembro e outubro de 2011.

[www.filosofia.ufc.br/argumentos/pdfs/edicao-3/03](http://www.filosofia.ufc.br/argumentos/pdfs/edicao-3/03). Acesso em agosto de 2012.

[www.heideggereafilosofiadairrupcao](http://www.heideggereafilosofiadairrupcao). Acesso em agosto de 2012.

[www.ibamendes.com](http://www.ibamendes.com) Acesso em outubro de 2012.

[www.leonardoboff.com/site/lboff.htm](http://www.leonardoboff.com/site/lboff.htm). Acesso em abril de 2011.

[www.marcoareliofilosofia.blogspot.com/2010/12-o-homem-transendencia-na-imanência](http://www.marcoareliofilosofia.blogspot.com/2010/12-o-homem-transendencia-na-imanencia). Acesso em janeiro de 2011.

[www.mundodosfilosofos.com.br/kant.htm](http://www.mundodosfilosofos.com.br/kant.htm). Acesso em abril de 2011.

[www.mundodosfilosofos.com.br/postkant.htm](http://www.mundodosfilosofos.com.br/postkant.htm). Acesso em setembro de 2012.

[www.pt.shvoong.com/humanities/philosophy/1933860-linguagem-simb%C3%B3lica-linguagem-conceitual](http://www.pt.shvoong.com/humanities/philosophy/1933860-linguagem-simb%C3%B3lica-linguagem-conceitual) Acesso em outubro de 2012.

[www.pt.wikipedia.org](http://www.pt.wikipedia.org) Acesso em outubro de 2012.



**ADRIANA LEVINO DA SILVA RAMOS**



**A POÉTICA DE HENRIQUETA LISBOA: ABORDAGEM SOB UMA PERSPECTIVA TRANSCENDENTE**

**ANEXOS**

**Relação dos poemas analisados**

**Brasília –DF, 2012**

## Anexo 1 Relação dos poemas analisados

### AUSÊNCIA DO ANJO

Após a noite em que as sete sombras ergueram  
sete  
[montanhas  
e rasgaram sete abismos  
para impedir a consumação da loucura,  
após a noite em que os relâmpagos chicotearam o  
corpo  
[da treva  
para libertá-la do monstro,  
após a noite em que o homem esbofeteou o rosto  
do  
[Anjo e lhe arrebatou a bandeira,  
a madrugada veio fria como a eternidade da  
estrela,  
fria como o isolamento dos cemitérios,  
fria como o dorso da estátua sob a chuva do  
inverno.

Então um grito lancinante se fez ouvir em todos os  
[recantos da terra,  
o nome do Anjo ecoou de quebrada em quebrada,  
a face do Anjo se refletiu em todas as  
consciências como  
[num espelho,  
cada criatura se lembrou de haver assistido à fuga  
do  
[Anjo.  
A natureza chorou o pranto dos rios e dos mares,  
os ventos gemeram, uivaram, soluçaram,  
abraçados ao  
[tronco das árvores  
os campos foram devastados pela seca,  
os campos reverdeceram alagados pelo suor da  
humana  
[esperança,  
os arados sulcaram o seio da gleba,  
cidadões se levantaram às margens das florestas,  
arregimentaram-se voluntários para a procura do  
Anjo:  
veleiros carregados de púrpura navegando todas  
as  
[águas,  
alpinistas escalando montanhas recobertas de  
neve,  
sábios encanecendo entre a poeira dos  
pergaminhos e  
[dos cálculos.  
E como tardava o encontro,  
menestréis choraram nos seus alaúdes, de solar  
em solar,  
[a saudade do Anjo,  
escultores modelaram o barro em formas que  
[lembrassem o corpo do Anjo,

Beethoven cresceu na grandeza dos desesperos  
por  
[presentir a música do Anjo,  
Francisco de Assis sentou-se à beira da estrada  
para  
[espreitar a volta do Anjo.  
Não houve sequer um vagabundo que não  
gritasse  
[vitória julgando vê-lo um dia entre as tubas,  
nem ser humano que não cometesse destino em  
seu  
[nome.  
Na alucinação da busca,  
máquinas voadoras cortaram o azul como  
tesouras de  
[prata,  
projetores iluminaram a distância a bordo de  
navios  
[dementes,  
arranha-céus subiram pela escada das nuvens,  
poderes demoníacos captaram a mensagem do  
vento,  
almas se ofereceram em troca de desaparecidas  
[atlântidas.

E quanto mais corria o tempo e se apagavam no  
planeta  
[os vestígios do Anjo,  
mais acre se tornava a parábola da vida.

Os homens deram mesmo de procurá-lo em  
sentido  
[oposto:  
banqueteavam os fartos pela mão dos servos  
famintos,  
perturbavam o repouso da infância com a volúpia  
das  
[assombrações,  
mercadejavam a beleza,  
turbavam a água de que bebiam para a  
multiplicação  
[do prazer,  
destruíam templos que o passado teria levado  
séculos  
[para construir,  
trucidavam-se uns aos outros para que o Anjo  
[ressuscitasse do sangue sacrificado.  
E não viam que as estrelas se haviam eternizado  
em  
[cruzes  
para significar a ausência do Anjo.

### AS COLEÇÕES

E primeiro lugar as magnólias.  
Com seus cálices  
e corolas: aquarela

de todas as tonalidades e suma  
delicadeza de toque.  
Pequena aurora diluída  
com doçura – nos tanques.

Depois a música: frêmito  
e susto de pássaro.  
As valsas – que sorradeiras. E as flautas.  
As noites com flauta sob a janela  
inaugurando a lua nascida  
para o suspirado amor.

Mais tardes os campos, as grutas,  
a maravilha. E o caos.  
Com seus favos e suas hidras,  
o mundo. O mar com seus apelos,  
horizontes para o éter  
desespero em mergulho.

Com o tempo, o acaso. As lentas  
plumas, os reposteiros  
com seus moucos ouvidos,  
a tibia madeira para  
o resguardo das cinzas,  
as entabulações – e com que recuos – da paz.

Finalmente os endurecidos espelhos,  
os cristais sob o quebra-luz,  
dos ângulos o verniz,  
o ouro com parcimônia, a prata,  
o marfim com seus esqueletos.

ACONCHEGO  
Chamamento  
de colo fofo  
quando o fruto  
sucede à flor

A CIDADE MAIS TRISTE  
A cidade mais triste a estas horas  
deve ser aquela em que as crianças morreram.  
Oh! A cidade em que as crianças morreram  
será alguma cidade amaldiçoada por Deus,  
alguma nova Sodoma?

Está deserta de inocência, de olhos azuis,  
está deserta de alegria, de risos claros e de  
cânticos,  
está deserta de forres, porque as flores também  
foram  
[enterradas.  
Imagino vultos embuçados em negro,  
soluços arrebetando pertos de ferro,  
o desespero mudo dos que não sabem chorar,  
o irremediável, infinito vazio dos pequenos leitos  
vazios,  
dos lares vazios,  
dos corações vazios!

Dizem que o destino reunira todas as crianças  
talvez numa grande roda girando, girando,  
e de repente – oh! Trágico instante! –  
Quatrocentas alminhas em vôo para o céu,  
quatrocentos caixõezinhos brancos, azuis, róseos,  
a caminho do cemitério.

Agora a vizinhança da escola pode ficar  
sossegada,  
os recreios acabaram,  
não haverá mais grama pisada nos canteiros,  
nem frutas roubadas das árvores,  
nem algazarra de ensurdecer.  
O bairro todo está tranqüilo,  
morto, sem nenhuma esperança.

Quem encherá a boca de caramelos  
gulosamente, à porta das confeitarias?  
Quem pasmará de olhos redondos  
diante das lojas de brinquedos?  
E as avozinhas cegas  
que cabeças afagarão nas noites de inverno?...

Oh! A cidade em que as crianças morreram!...

AS CRIANÇAS  
*A Gabriela Mistral*  
As crianças cantam.  
Quero silêncio  
perfeito.  
Nem folha ao vento,  
nem fontes múrmuras  
entre arbustos.  
Para bem longe  
pássaros,  
risos.  
Ninguém me busque,  
ninguém me beije.  
Quero silêncio  
de antes da gênese.  
Quero silêncio  
profundo e  
amplo  
para o canto  
que se inaugura.  
Dormem as crianças.  
Quero sombra,  
sombra de joelhos.  
Quero sombra  
azul e verde,  
nuvens tênues  
velando o tênue  
lume das águas.  
Nem mesmo a lua  
das ilhas.  
Nem olhos úmidos  
na carícia.  
Quero sombra  
sem matéria,

sombra de Deus,  
de Deus,  
para este sono  
primevo.

#### ADOLESCÊNCIA

Ó alegria de viver  
quando a alma se distende na paisagem,  
sob o cristal da chuva ao sol diluída!  
Quando na verdade mar do nosso ser  
são como as ondas os sentidos, dançam, ágeis,  
pelo simples prazer delicioso da vida!

Ó alegria de viver  
quando no sonho virginal dos campos  
passa uma leve aragem de desejo!  
Quando de olhos fechados, na embriaguez  
dos perfumes, dos vinhos, e dos cânticos,  
a vida se nos oferece, como um beijo!

Ó alegria de viver  
quando a felicidade é multicolor  
e fulge no oiro das manhãs, nas rosas, no ar!  
Quando os clarins sonoros da fronteira  
anunciam a vinda próxima do amor,  
quando ainda é tempo de sorrir e de cantar!

#### ADEUS À LUA

A lua já foi bela,  
já guardou no branco recesso  
o nardo, a música.

Bardos por ela se perderam,  
e choraram as donzelas  
de Plotino, pálidas.

Emaranhou-se no próprio novelo  
de doce lã, redonda e fosca,  
a lua da fábula.

Não mais encarna Ofélia, a virgem louca  
à procura – no seu mister – de pênseis  
flores aquáticas.

Da cornucópia os filtros  
de Circe feiticeira se esgotaram  
por antiqüíssimos.

Contra a noite – verniz de laca –  
a lua simula delicado leque  
de madrepérola.

Porém o circo está bulhento: a pugna  
pelo avesso da lua instaura  
a maravilha, o frêmito.

Acrobata, um instante: o poeta, escusa-o,  
deixa-o que primeiro enxugue  
uma – somente – lágrima.

#### A FACE LÍVIDA

Não a face dos mortos.  
Nem a face  
dos que coram  
aos açoites  
da vida.  
Porém a face  
lívida  
dos que resistem  
pelo espanto

Não a face da madrugada  
na exaustão  
dos soluços.  
Mas a face do lago  
sem reflexos  
quando as águas  
entranha.

Não a face da estátua  
fria de lua e zéfiro.  
Mas a face do círio  
que se consome  
lívida  
no ardor.

#### ÁGUA

Diamante de primeira água  
água melhor do que diamante  
água que brota virginal  
e maternal da própria fonte.  
Ao despenhar-se da pedreira  
em nítidas franjas de espuma  
é vestido de noiva às vésperas  
da inauguração do mundo.  
Tálamo de lírio e açucena  
elo de amor que se recata  
aos acenos da mão de Deus  
palmilha devagar a várzea.  
Água limpa de natureza  
que toda corrupção supera  
após ter lavado gangrenas  
ascende à via láctea em névoa.  
Salta de regatos e esguichos  
alegria jogo de pérola  
no entraves se desperdiça  
água menina que se atreve.  
Humilde forma provisória  
não desbordaria do cântaro  
porém se vai vereda afora  
envolta em caudal de arrogância.  
Já não reconhece fronteiras  
recolhe rios no percurso  
em turbulência se despeja  
nos abismos de sal do oceano  
sobe às nuvens desce em dilúvio.  
Onde o orvalho em translucidez  
a face do lago em remanso

a pureza daquele sorvo  
que nos matara a sede há pouco?

Deslustrou-se a fonte com o tempo?  
Da graça nada mais lhe resta?  
Entretanto algures latente  
a essência da água permanece:  
no tecido humano se instala  
à seiva das plantas preside  
Dá de beber aos seres vivos  
acelera massas e máquinas  
à transcendência se dispõe.  
E amanhã será como foi  
no seu destino de doação.

#### AS LEMBRANÇAS

Mal me recordo. Era um mar  
de encontros e desencontros,  
com suspiros evoados  
do peito aberto das ondas.

Uma voz dizia: Dorme.  
E fardos como de areia  
já se abandonavam doces  
ao sabor da correnteza.

Acorda – outra voz dizia.  
( Talvez fosse a mesma voz)  
E sobre a faina da estiva  
restavam marcas de suor.

Eram outros navegantes  
entre vagas e recifes,  
de dia a noite invocando  
de noite espreitando o dia.

Aos balouços de preamar,  
ardente dos próprios golpes,  
um marinheiro cantava  
apunhalando gaivotas.

Nas praias com brilho de ouro  
dançavam fimbrias de nácar.  
Tanto mar para esse porto  
a que nunca se ancorava!

Que buscariam as nuvens  
juntando-se em torno aos mastros?  
As quilhas gemeram fundo  
batidas do temporal.

Agora é tudo silêncio.  
Salgueiros de ilha in memoriam  
inclinam-se longamente  
– sobre os vivos? Sobre os mortos?

#### ALÉM DA IMAGEM

Além da Imagem: trama do inefável  
para mudar contorno definido.

Ou não bem definido. Além da Imagem  
treme de ser lembrança o que era olvido.

#### ALMA

Etéreo véu  
diáfano e solto  
para a levitação  
do corpo

#### AS MADRUGADAS

Madrugada azul  
diáfana  
cabelos de espiga  
e vestes levadas  
desceu da montanha  
como uma fada,  
corpo de violino  
desapareceu nos lagos.

Madrugada rosa  
cabeça de fogo  
girassol ou dália  
fazendo piruetas  
irrompeu no terreiro,  
acordou os galos  
e saiu correndo  
num pé-de-vento.

Madrugada verde  
com dedos de geadas  
despiu a neblina  
das árvores,  
estendeu as mãos  
bem alto  
e apanhou o sol  
como uma fruta  
verde-cristal.

Madrugada amarela  
cara de sono  
olhou de soslaio  
com vergonha  
o relógio parado  
e arrastou os passos  
na areia.

Madrugada branca  
ainda sonha com os anjos.

#### AMARGURA

Eu chegarei depois de tudo,  
mortas horas derradeiras,  
quando alvejar na treva o mudo  
riso de escárnio das caveiras.

Eu chegarei a passo lento,  
exausta da estranha jornada,  
neste invicto pressentimento  
de que tudo equivale a nada.

Um dia, um dia, chegam todos,  
de olhos profundos e expectantes.  
E sob a chuva dos ápodos  
há mais infelizes do que antes.

as luzes todas se apagaram,  
voam negras aves em bando.  
Tenho pena dos que chegaram  
e a estas horas estão chorando...  
Eu chegarei por certo um dia...  
assim, tão desesperançada,  
que mais acertado seria  
ficar em meio à caminhada.

#### A MENINA SANTA

Com as rosas da madrugada  
e o repique de ouro dos sinos,  
à altura das nuvens se ergue  
a menina santa.

Que puras linhas de alabastro  
deixam no recorte da abóbada  
os ombros, os seios nascentes  
da menina santa.

Que ovalado rosto de pétala,  
que lume nos cabelos leva  
à semelhança dos anjos,  
a menina santa.

Que estranha força reside  
nesse pequeno corpo frágil  
para guardar de toda mácula  
a menina santa.

Homens de densas barbas ruivas  
entorpecidos na lascívia  
tremem ao ver a casta imagem  
da menina santa.

Mulheres de veludo e foscos  
olhos de caverna choram  
as suas próprias ruínas junto  
à menina santa.

Vindos dos extremos da terra  
virgens adolescentes tocam  
em êxtase a fímbria das vestes  
da menina santa.

Milhares de vozes proclamam  
entre soluços a menina  
que por uma flor morreu:  
santa, santa, santa.

#### ANGELITUDE

Azul diluído sobre a paisagem, veladamente...  
A noite, suave como um bálsamo dormente...

Tênue perfume de magnólia unguindo o ambiente...

Brumas voláteis, leves, translúcidas, sob a lua...  
Gôndolas sulcam frágeis espumas brancas de lua...

Penso num cisne que na minha alma, dolente e  
[lânguido, se insinua...  
Vozes longínquas cantando amores em  
confidência...  
Violões longínquos marcando os ritmos  
embaladores  
[numa cadência  
embebedada de dolência...

Quando outra vida? Quando algum sonho?  
Quando

[a paisagem  
foi diferente para os meus olhos que já não  
reagem  
contra a penumbra mansa e envolvente que se  
perlustra  
[no fim da viagem?  
Todos os mundos adormeceram dentro em minha  
[alma...  
Pureza mística, angelitude de êxtase em calma...  
Talvez ao céu suba a haste esguia uma palmeira  
[coroadada em palma.

Se a morte viesse para buscar-me nesses  
nevoeiros

[lângues e braços,  
ai! Com certeza me deixaria sem pensamentos ir  
nos seus  
[braços  
para a cidade dos subterrâneos de terminam  
nossos  
[cansaços...  
Se viesse o Amor, no plaustro brônzeo, como os  
fulgores  
[do meio-dia,  
o Amor, que em estos nos outros tempos  
resplandecia,  
abstrata em cismas, num gesto vago, depedi-lo-  
ia...

Para mais tarde, muito mais tarde, rememorá-lo  
[votivamente...  
para chorá-lo perdidamente...  
perdidamente...

#### AS PROVAÇÕES

É a montanha dos porfiosos granitos,  
é a montanha das vigílias e do sono propiciatório,  
a montanha viva.

O coração humano desconhece repouso.

Cada dia é mister renascer para a luta.

Sem trégua as picaretas golpeiam a racha á procura de  
 [linfa  
 os olhos queimam de sol a sol decifrando enigmas.

E quando á noite o fatigado corpo se abriga no semitorpor cerrando a franja das pálpebras, eis que os ouvidos temerosos se enleiam: o uivo de soltas alimárias atravessa paredes, friamente penetra o sagrado refúgio do homem.

Porém a lâmpada que arde na sombra pendurada a  
 [correntes  
 é seiva de tronco alimentado o rubor de entreabertas  
 [orquídeas,  
 é gota a gota o sangue azul a consumir-se em oblata.  
 Perde-se então aos poucos nas quebradas de serra  
 o uivo longínquo das alimárias.  
 O coração humano desconhece repouso.

O homem se inscreve cada dia na eternidade com uma nova presa debaixo dos pés.

A PAZ, A LUA  
 Eu quero a paz, a grande paz da lua sozinha no céu.  
 A paz sem a menor lembrança, a paz de quem nunca viveu.

A paz que reina nos domínios onde não há musgo nem germes.  
 E não há sulcos nos caminhos.  
 E há seiva debaixo da neve.

A paz sem devaneios, dentro dos seus nítidos horizontes.  
 A paz dos cristais no silêncio sem nenhuma idéia de sim.

A paz que precedeu às sobras, a que antes das tréguas nasceu.  
 A que nos tempos não se encontra, a que foi desejo de Deus.

Eu quero a paz com perfeição de flor e orvalho, quero a paz ao alcance de nossas mãos, com a substância e as cores do nácar.

Porém eu quero a paz acima de qualquer sopro humano - ou mácula.  
 Com delicadezas de vime guardada de todo contacto.

Assim como a lua sem noite e sem espaço, de tão leve, miragem que se desvanece em frente ao anjo anunciador.

A lua sem anjo ou demônio, alheia aos mares que descobre no caminho da solidão para lá da vida e da morte.

Eu quero a lua toda pura, a lua sem venda nos olhos.  
 Enquanto a terra em febre estua, a lua contempla – e não cora.

Eu quero a paz, quero a lua.

A PAISAGEM DO MORTO  
 A paisagem do morto é sem limites.  
 Desdobra-se por vales e montes.  
 Vales de paina sob o torpor do crepúsculo, montes de pouca elevação.  
 Há papoulas florindo e murchando ao longo dos vales – que dormem.  
 O rio flui desconhecendo o cadáver de suas próprias águas mortas.

Sobre as coxilhas sedativas, fofas de grama eterna, pascem bois. Bois vagarentos, ruminando.

À paisagem do morto nada falta de cômodo.

A paisagem de morto é insípida.

AR  
 Plumagem desgarrada em busca de outras plumagens desgarradas o ar voluteia na amplitude e alarga o giro sempre mais no alvoroço das descobertas libertário de plena audácia.  
 Sem itinerário qualquer cantarolando assobiando fremindo rindo retinindo ao balanço das próprias asas em volta de espigas e vinhas, o anunciador da boa nova o portador do amor instável o mesmo transgressor de normas é carícia sobre os cabelos logo é lufada em meio a telhas.  
 No concerto das madrugadas com sustentidos e bemóis é um som de flauta que divaga de tom menor a tom maior.  
 É têmpera de redemoinho abraço não correspondido que envolve o talo da roseira

e que abre as pétalas da rosa  
 com doçura ou desfaçatez.  
 É dádiva que se divide  
 entre esplanada e calabouço  
 visitando cidades e ilhas  
 penetrando poros despertos  
 promovendo velhos encontros.  
 Abram-se portas e janelas  
 para o reinado do invasor.  
 Ar das praias ar das campinas  
 das montanhas de não sei onde  
 talvez de outrora, sê bem-vindo!  
 Quero usufruir tuas delícias  
 até o fundo dos pulmões  
 para que alma e corpo se portem.  
 Ar azul de azul invisível  
 feito de espírito e matéria  
 tu és vitória sobre a morte.  
 Pois além dessa vida etérea  
 que existe em função do amanhã  
 significas ressurreição.

#### ÁRVORE

Árvore, teu sinete:  
 Tua força na terra, as fundas garras.  
 Teu pensamento no alto, erecto o corpo.  
 Tua alegria ao vento, as folhas soltas.

Árvores, teu destino:  
 Essa renúncia, espírito em silêncio  
 a germinar sementes para o tempo.  
 Esse ofício de doar – doce espessura  
 de resina, e de sangue e de agasalho.  
 Essa equanimidade no viver  
 o puro berço e o leito pegajoso.

Árvore, teu fastígio:  
 Essa beleza gesto transcendente  
 acima do horizonte pela graça  
 de atar e desatar as longas tranças.  
 Essa beleza vinda de teu cerne,  
 o róseo cerne a veios trabalhado:  
 seiva de amor em prometida carne.

Árvore, teu mistério a surpreender.

#### À TUA ESPERA

Vou tornar a ver-te em breve!  
 Sinto a saudade tão leve  
 Como um contacto de flor.  
 A distância está vencida,  
 Tanto se prende este amor  
 Aos braços da minha vida!

Já nem sei se estás ausente,  
 Tenho-te n'alma presente,

esqueço tudo ao redor!

Parece que te ouço a fala:  
 quedo, tímida, a escutá-la,  
 sei tuas frases de cor...

Fico a esperar-te a toda hora,  
 como a noite espera a aurora,  
 mergulhada em seu carinho.  
 Foi-se, branca, a última estrela.  
 Ah! Se eu pudesse acendê-la  
 para alumiar-te o caminho!

Bem quisera em minhas preces  
 Teu caminho todo enchê-lo  
 De rosas a trescalar.  
 Para que ao chegar dissesses  
 Sem perceber meu desvelo:  
 - "Foi tão fácil te encontrar!"

#### ÁTRIO

No circuito azul  
 entre róseas névoas  
 um triângulo verde.  
 Não mais do que átrio:  
 campo de mosaicos  
 painel de azulejos.

Aqui no vestíbulo  
 á falta de chave  
 adequada à porta  
 um ar de sigilo.

Não há quem desnude  
 do umbral para fora  
 motivo ou pretexto  
 do azul frontispício  
 dos rosados flocos  
 do esboço verdoso.

E os olhos que miram  
 pesquisando enigmas  
 ardem de tão frios.

#### CAMÉLIA

Vinde ver a camélia  
 pela madrugada nascida,  
 antes que o sol lhe tisne  
 a epiderme.  
 Tão plácida na sua intimidade. É o círculo  
 em que se encontram os corações. É o elo  
 do entendimento recíproco. São as asas  
 do anjo cerradas pela paz. É a pomba  
 que em palma oferecida pousa. A lua  
 que se esqueceu das nuvens e queda  
 em singelo convívio. O nó  
 macio e branco da amizade. O ninho  
 que se fecha sobre si mesmo – completo.

#### CANÇÃO

Noite amarga



sem estrela.

Sem estrela  
mas com lágrimas.

#### CANÇÃO GRAVE

Sobe do vale um soluço  
que desde sempre conheço.  
Com que nostalgia o escuto  
por entre as fontes e o vento!  
Quando parece acabado  
De tristeza na penumbra,  
paira de leve no espaço  
preso aos fios de outra lua.

De acaso não ter amado  
Ou de ter amado muito?

Basta escutar para ouvir  
entre todos os murmúrios  
da natureza e da graça  
o irremediável soluço  
que das grotas para a várzea  
foge com as névoas de envolta  
e com voz tênue de choro  
queda na relva pisada.

De ter amado sem causa  
ou de ter causado amor?

Tantos muros balouçantes  
ao toque das trepadeiras,  
tantos cristais em faceta  
para a conserva da flor,  
quantos soluços discretos  
sob turbilhão de sons.

De estar de posse de amor  
ou de por ele morrer?

Naves pelos céus escampos,  
barcas ao longo dos rios,  
rios pelo mar adentro,  
mar as terras circundando,  
cidades, ruas, canções,  
ai! soluços que não findam.

De andar amor procurando  
ou de a ele haver fugido?...

#### CHUVA

Chuva torrencial  
carregada de frutos.  
Chuva exausta  
de longos braços  
pendentes.

Chuva nos campos da fatalidade  
entregando bandeiras.

Música opulenta de rios  
que se desempenham.

Durante noites e noites.

As criaturas estão à espera  
protegidas pelas paredes  
e a palavra – sol  
unge todos os lábios.

Só eu na minha imensidade sem teto,  
só eu te suporto o peso,  
só eu te sorvo esse gosto  
de morte.

Chuva, plenitude amarga  
de derrota.

Sinto que és retorno,  
corpo cansado de espírito,  
corpo vencido,  
corpo  
que se entrega  
pesadamente  
à terra.

#### CRIANÇAS NO JARDIM

Ao sol que a chuva de ouro espalha  
pela terra fragrante, em doidos  
galeios de luz e de cor,  
as crianças brincam no jardim.  
E entre papoulas, rosas, dalias,  
margaridas e verdes moitas,  
parecem seus olhos azuis  
bolhas de orvalho matutino.

De vez em quando alguma criança,  
cabelo ao vento, lábio fresco,  
levanta a mão num gesto rápido  
tentada por uma corola.

Antes porém que a flor alcance  
é burlada no seu desejo,  
pois já se assustou com a voz áspera  
do jardineiro que não dorme.

#### CALENDÁRIO

Calada floração  
fictícia  
caindo da árvore  
dos dias

#### COMPANHIA

Alguém por mim sobre as ondas  
caminhou, quando a noite  
tateava cega o horizonte.

(alguém que os sentidos negam

mas se delineia em vagas  
reminiscências de outra luz

e por sobre as ondas paira  
quando o timoneiro dorme  
ao naufrágio das barcas

e os corpos tombam de envolta  
com as espumas, e as almas  
ressuscitam do caos.)

Alguém para outra existência  
caminha, vencendo espiras  
no azul, aos últimos haustos  
da esperança no eterno.

Alguém, que me supre o hálito  
à hora do letargo profundo  
e no tempo me precedeu  
com as puras auras do instinto  
rumo a estranhas auroras,

comigo rolará para sempre  
sem mais flores – no ignoto.

#### CASA DE PEDRA

Entre a voz alta da mulher  
e o pertinaz silêncio do homem,  
Casa de Pedra, eras completa.

Recebias do céu o orvalho  
sobre a fronte e, da terra cálida,  
tinhas o musgo pelos joelhos.

À luz da lamparina frouxa  
cada ano teu berço de vime  
embalava um novo rebento

adivinhando-o sem senti-lo  
– fio de seda no casulo,  
pérola nascente na concha.

E eram risadas e eram prantos  
assaltando teus corredores,  
alvoroço-te as janelas

abertas para o mundo vário  
onde pervagavam libélulas  
ao menor aceno da brisa,

enquanto junto à relva os caules  
sustinham as corolas presas  
contra as veleidades do vôo.  
Pelas tempestades, que estranho  
medo impregnado de prazer  
se apoderava dessas crianças

de olhos atentos ao fulgor  
dos raios, de espírito alerta

à fascinação da desordem.  
(Lúcifer, tua rebeldia,  
teus assomos de orgulho, teus  
bruscos anseios de aventura!)

Porém as paredes espessas  
– não apenas de cal e areia –  
sustentavam-se de argamassa

umedecida pelo suor  
dos pais, dos avós, da linhagem  
rediviva ao pé da lareira.

Quando a morte, trêmula escarcha  
a fluir dos membros, com furtivos  
gestos oblíquos de colher

brandia de súbito a foice,  
um grito pela madrugada  
anunciava o final dos tempos.

Então se fazia o mistério  
– igual ao que reina nos pégagos  
após a submersão de um barco.

(Ó vida, ó morte, entrelaçadas  
fibras da humana tessitura,  
onde findais ou começais,

nesses crepúsculos de aurora  
em que a luz exsurge da sombra  
numa sucessão conivente?)

Não sei que o anjo consolador  
aos poucos, uma lua triste  
levantava sobre a colina

por entre pontilhadas jóias  
pendentes, prestes a cair  
em gotas, como as nossa lágrimas.

Datam daí as descobertas  
do silêncio – maior que o verbo:  
toda revelação é inócua

diante do abscondito que expira  
no momento mesmo em que as ondas  
lançam seus segredos à praia.

Tardes mornas de adolescência  
estranhamente estremecida  
desde os refolhos à epiderme,

com novos odores e formas  
inaugurastes um jardim  
de anêmonas, lírios e cardos.

E era (longe ou perto?) uma flauta  
– aquela ovelha desgarrada

pelos noturnos do infinito.

Que amor pudera esse infinito  
colmar – de anelos que exigiam  
existência além do existente?

Que perfeito, essencial amor  
lograra terminar de vez  
o embate do anjo com Jacó?

E as nuvens fugiam e as nuvens  
voltavam sempre mais cerradas  
propondo normas ao destino.

Entanto, a alma se preparava  
para o grave consentimento  
da solidão em companhia.

Vozes de todos os quadrantes  
de teor e línguas diferentes  
compunham a lenta escritura

viajada de longes ventos  
Poe entre bosques e degelos  
de coração a coração.  
(Natureza, teu equilíbrio  
simples, em plano extraordinário  
está nas mãos da Providência:

o corpo e o espírito vivem  
como os esteios da balança  
– de uma compensação de forças.)

Adelçaram-se os sentidos  
para a música das esferas,  
a música, a divina música

mal balbuciada pelos coros  
em que se integra cada ser  
na participação total.

Não mais a ferrugem dos gonzos  
vingaria seus planos surdos  
de cindir a existência e o sonho.

Pois a fidelidade ao pacto  
de conservar o facho à destra  
pairara acima de ti mesma,

Casa de Pedra – imemorial.

DRAMA DE BÁBARA HELIODORA  
“Bárbara bela  
do norte estrela  
que o meu destino  
sabes guiar.”

Quem é esse que assim canta  
como quem está chorando?

Suas faces encovaram,  
seus olhos se amorteceram,  
sobre seus cabelos negros  
cai uma chuva de cinza.  
Ah! E havia tanta brasa  
em torno de seus cabelos,  
tanto sol na sua ilharga,  
tanto ouro nas suas minas,  
tanto potro galopando  
nas suas terra sem fim.

Grão de poeira quando o vento  
a madrugada castiga:  
Já não é mais Alvarenga  
quem foi Alvarenga um dia.

Do galho tomba uma fruta  
verde sobre o lago fundo.  
A árvore guardava a seiva  
toda nessa fruta verde.  
A mão trêmula do poeta  
mal sabe aquilo que escreve:

“Tu entre os braços  
ternos abraços  
da filha amada  
podes gozar.”

A essas horas, na distância,  
vai pela tarde dorida  
sob a chuva, entre salpicos  
de lama, um caixão mortuário  
sem enfeites nem bordados,  
senão os que a lama asperge  
no pano que cobre as tábuas.

Quando a alvura da açucena  
se refugiava nas moitas,  
Maria Ifigênia encontra  
sua gruta para sempre.

É deveras a Princesa  
do Brasil, essa menina  
de madeixas escorridas,

de lábios esmaecidos,  
de túnica mal vestida?

Essa, a mesma por quem vinham  
da corte os melhores mestres  
de dança e língua estrangeira?  
A de damascos e auréolas  
a quem brotavam nos dedos  
tíbios ramos de coral?

Linda, lendária Princesa,  
por quem chora já sem lágrimas  
pobre mulher desvairada  
de olhos que olham mas não vêem.

Chora Bárbara Heliodora  
 Guilhermina da Silveira.  
 E em suas artérias corre  
 o sangue de Amador Bueno!  
 Chora, porém já sem lágrimas.

É de mármore seu rosto.  
 Seu busto cai sobre os joelhos:  
 flores que de trepadeiras  
 pendem murchas para o solo.

Talvez já nem saiba como  
 - para donaire da estirpe –  
 na ponta dos pés erguida  
 em hora periclitante  
 ousou admoestar o esposo:  
 “Antes a miséria, a fome,  
 a morte, do que a traição!”  
 Valem muralhas de pedra  
 para represa dos rios,

certas palavra eternas  
 que decidem do destino

#### DESCOBERTA

Quem fora temerário, quem galgara  
 da compacta montanha  
 os degraus para além da natureza?

Quem as fauces  
 de antros, abismos e desfiladeiros  
 ousara desafiar com o próprio peso?

Quem asas de águia nos ombros, que rapinas  
 nos frágeis membros de homem , compusera  
 a graça contra o cosmos?

Quem atingira o verde vale  
 resguardo entre rochas ,onde outrora  
 negra fornalha vomitava chamas?

Quem pisara o planalto  
 cujas águas imaculadas  
 eram espelho de libélulas?

Quem rompera o silêncio de milênios  
 igual na majestade ao que precede  
 à criação no caos latente

para do peito desarraigar  
 palavras de alicerce que entre as pedras  
 como as pedras se afirmam:

-“Esta é a minha morada para sempre?!”

#### DIFERENÇA

Para os outros encontro frases suaves,  
 tons em surdina de violino ao luar.

Para ti tenho apenas ritmos graves,  
 plangências rudes, a increpar  
 no mesmo entono bárbaro do mar.

Souberam outros que ternura  
 pode abrigar o coração que é teu.  
 Tu tens provado o fel, tens visto escura  
 a estrada por onde andas à procura  
 daquele amor que desapareceu.

Diante dos outros tudo é flor e graça.  
 Diante de ti o meu olhar se embaça,  
 tal como o olhar dos moribundos  
 ou as águas dos rios, mais profundos  
 depois que a tempestade passa.

Se para os outros, sempre hei de boa,  
 E nunca para o que escolhi,  
 antes amasse qualquer um – perdoa! -  
 e tivesse a alma clara para ti.

#### DIANTE DA MORTE

Diante da morte não sou de água  
 nem sou de vento, mas de pedra.  
 Órbitas frígidas de estátua,  
 boca cerrada de quem nega.

Rudes cadeias me restringem,  
 corda enraçada no pescoço,  
 fosco cilício em torno aos rins,  
 ossos fundidos uns nos outros.  
 Diante da morte sou espessa  
 rocha de oceano – desconheço  
 que espécie de onda ou mar se atira  
 contra meu peito empedernido.

Se eu fosse ao menos como o bronze  
 ressoante, ou como a estrela infiel,  
 rompera as linhas do horizonte,  
 despedaçara-me em reflexos.

Flocos de espuma, tenras nuvens  
 descendo o rio, voando na Alba,  
 dulçor aéreo dos dilúculos,  
 azul, fluidez, vago lunar,

levai-me fora de meus âmbitos,  
 amortecei-me com propícios  
 bálsamos, óleos e suspiros,  
 até a aparição da lágrima.

#### DO CEGO

Para mim o mais triste  
 não é ver-te nos olhos  
 esse toldo de névoa  
 que te veda o espetáculo.  
 Porém a tua inépcia, a inépcia  
 com que descuras o espetáculo.

## DO IDIOTA

I

Os olhos são da infância, os mesmos:  
lagos com reflexos de arco-íris.  
Luas crescentes de surpresa  
pelos vergéis que iluminam.

Oásis tenros que esperam  
- talvez há séculos – o instante  
de serem colhidas as tâmaras  
que nem os anjos percebem.

Como a lâmpada de Aladino  
contra as lufadas acesa,  
os olhos guardam a inocência  
suspensa por sobre o abismo.

II

As mãos ousam no ombro amigo.  
Ó doce fluido magnético!  
Acenos de trigal ao zéfiro;  
auras do círculo infinito

no qual em rosas a água e o fogo,  
o céu e a terra se entrelaçam;  
guirlandas contornam mares,  
névoas desprendem chuvas de ouro.

As mãos ignoram que profundas  
garras possui a carícia.  
Como pesaria uma pluma  
sobre o espírito!

III

O peito é como o dos pássaros  
procurando repouso.  
Uma cruz esconde o tesouro  
de pérola, magnólia e nácar.

Ergue-se um punhal contra o peito:  
violino sob o toque do arco  
arqueja e desfere aos jactos  
um trinado mais célere.

A que imprevisíveis mundos  
poderá conduzir,  
pássaro nas grades, a tua  
música para víboras!

## DO MUTILADO

Quando alta noite insone  
pensas na parte de ti mesmo  
que a teu corpo já não pertence  
- perna que jaz apodrecida  
do outro lado do oceano -

acaso não te sentes premido  
pela nostalgia das valas

onde – parcela de retardatário –  
sufocadamente lateja  
o teu monturo de carne  
à espera de completação?...

## DO POETA

O ar que respira é o do vergel.  
Batido de sol, resguarda  
pela espessura dos refolhos  
algo de sombra e orvalho.

Entre os escaravelhos e o arbusto  
do peito frágil existem  
segredos buscando alívio  
através de sussurros.

Do aroma que sobe e desce  
pelas vergõntes em balouço,  
nem concebera o zéfiro  
a delicadeza. A força

com que se prendem ao solo  
as emaranhadas raízes  
tem origem talvez  
nesse mundo remoto

antes das águas, muito antes  
da criatura em face dos céus,  
e acaso simplesmente prolonga  
o ato criador de um deus.

## DO SURDO

Pérola branca, mar de nuvens.  
Como é suave o universo!  
Opaco, opaco.  
Tombam no abismo os fatigados  
búzios.  
Tempo de letargo. Apenas  
por entre reposteiros, dois olhos  
pedem, por misericórdia,  
o silêncio dos astros.

DISCURSO PARA SANTOS DUMONT  
(*inédito*)

Nas asa da imaginação  
vôo contigo, Alberto.  
Em plena luz o teu espírito  
o meu em campo de névoas.  
Ambos sonhando o inexistente  
desde os primórdios da infância.  
Vês uma estrela nas alturas  
que habitarás em breve  
traçando o esboço do destino.  
Eu vejo o orvalho matutino  
na pétala a desprender-se  
nesse tremor de espera  
de instante a instante.  
E as cirandas retornam de outros tempos  
com perguntas que se atropelam:

- Pássaro voa? - voa!  
 Respondem vozes em coro.  
 – homem voa? – voa!  
 Com altivez responde Alberto  
 entre a algazarra dos ingênuos.  
 Um frêmito percorre o corpo  
 de quem mede o que diz  
 a contemplar nuvens além.  
 Nas asas da imaginação  
 o homem voa infinito afora  
 desentranha surtos de vida  
 presente a essência das formas.

Alberto é uma águia, sobrepaira  
 as montanhas mineiras  
 escala os cumes do Brasil  
 alcança o teto do planeta.  
 É Leonardo da Vinci  
 seu nome tutelar.  
 É o Padre Voador  
 Bartolomeu Lourenço de Gusmão  
 seu consórcio exemplar.  
 Com que deslumbramento navega  
 ao lado de Júlio Verne.  
 Gênio com gênio de mãos dadas  
 plasmando o magma do futuro.

Alberto avança nos cálculos.  
 Já não lhe bastam os balões que aos centos  
 se elevam no éter e refluem  
 aos meneios do vento.  
 Aeromante, observa os rumos do ar  
 o segredo das estruturas  
 a força propulsora das hélices.  
 Quer ter a direção no punho.  
 E logo explode em poderio. Sobe  
 resoluto, contorna a Torre Eiffel  
 e vê a multidão a seus pés.  
 Ilumina-se o calendário:  
 mil novecentos e um  
 dezenove de outubro - dia mágico.

Os espaços se uniam por encanto  
 de pólo a pólo. O mundo caberia  
 no coração de um homem.

Alberto santos Dumont, não previste  
 senão a alegria de voar, o fascínio  
 dos encontros de amor, a liberdade.  
 Porém os bárbaros de sempre  
 dentro em pouco urdiriam  
 maquinações de guerra. E o teu invento  
 se transmudou em fábrica de morte.  
 Desintegrava-se em destroços  
 a colunata do universo.  
 – Mea culpa - dizias – Mea culpa,  
 o traspasado coração à beira  
 de um abismo interior.  
 Novo Ícaro, tu te aproximaste

demasiado do sol. E o sol vingou-se  
 crestando tuas asas de cera.  
 Ó gênio alado, ó ser humano,  
 que comandaste tantas aeronaves  
 vitorioso de angústias e tormentas  
 pelos céus à porfia,  
 já não tinhas mais pulso  
 para tua nave terrena.  
 E bruscamente veio o luto  
 que jamais se alivia.  
 Por nossa culpa, nossa culpa

#### ELEGIA

A princípio os mortos  
 eram dois ou três.  
 Não mortos, sombras:  
 um velho, uma criança,  
 mais alguém talvez.

Tranqüilos corpos  
 sob uma lápides.  
 Em cima e em torno  
 flores e pássaros.

Os mortos pertenciam à morte  
 como as pedras e as plantas  
 a seus reinos.

Com isso aos poucos  
 foi crescendo o número.  
 De várias pessoas  
 quedavam lacunas.

E também, para lazeres,  
 vinham vestidos de luto,  
 confidências, soluços,  
 delicados bocejos.  
 Nesse tempo a morte  
 pertencia ao cotidiano.

Foi então que o raio  
 caiu sobre o cedro.  
 Seiva da minha seiva  
 corria dentro do cedro.  
 Carne de cera fria  
 com minhas mãos toquei.  
 Olhos neutros de vidro  
 com meus próprios olhos vi.

Que noite, que tempestade,  
 que impetuosos aquilões,  
 ai! que torrente nos vales,  
 que babel com seus dilúvios,  
 que bando de salteadores,  
 com que espadas, com que foices,  
 com que brutais extorsões,  
 que abutres ávidos, ávidos  
 e com que garras aduncas,  
 que nuvem de gafanhotos

e com que bocas hediondas  
se haviam juntado acaso  
nesse campo devastado?...

Náusea, horror, despojamento,  
primeiro corpo sem brio!

De então a vida  
pertence à morte.

De então na lua  
se acendem verdes  
círios diluentes  
sobre marfim.

De então nas curvas  
das cordilheiras  
surpreendo os mortos  
nos seus espasmos.

De então na mesa  
tenho-os presente:  
cada conviva  
com seu silêncio.

De então nas ruas  
caminham soltos.  
E tocam flautas  
uns pelos outros.

Esse da esquina  
de amplas espáduas  
vede: está morto.  
Porém não sabe.

Mas já na sombra  
secretos dedos  
preparam certo  
ramo de goivos.

#### ELEGIA DE MARIANA (*inédito*)

Doce mariana melancólica,  
a evocação do teu passado  
é um novo Ribeirão do Carmo  
a propiciar centelhas de ouro,  
em redundâncias e reflexos  
do ouro que dava e sobejava  
ao lume das correntes de água  
quando as primeiras descobertas  
eram fascínio para os povos.

Vejo-te ainda como outrora  
encravada no coração  
das Minas-do-ouro, o porte ardente  
das montanhas que serpenteiam  
em torno de planície e vale  
acenando para os de longe,  
defendendo seu patrimônio

da gana dos faiscadores,  
prometendo mundos e fundos  
para a alforria do futuro  
na gangorra do perde-ganha.

Retorno à fonte das saudades:  
a mesma lua a antiga lua  
inaugura a noite em que as Fadas  
de tanto sonho pelo azul  
pairam nos ares vêm baixando  
em revoada de transparência  
para o mergulho à flor do lago  
entre lucilações e espumas.  
Logo erguida nas próprias asas  
Fada formosa entre as demais  
abraça a lira e apura o canto:

Serás Mariana uma Rainha  
sagrada para sempre à chama  
desse “Candor Lucis Aeternae”  
– pergaminho de privilégio  
para teus foros de cristã.

E no “Áureo Trono Episcopal”  
em sintonia de homenagem  
ao Bispo Dom Manuel da Cruz  
vencerás a imaginação  
das cores das formas dos sons.

Tal cerimônia se inicia:  
São flautas pífanos clarins  
são claras vozes de cristal  
cantando antifonas e salmos.  
São arcos e jardins suspensos  
dosséis portando girassóis.  
São cavalos ajaezados  
de ouro e veludo carmesim.  
São figuras de alegoria  
ornadas de plumas e franjas  
de diamantes e de topázios.  
Uma delas ostenta à frente  
um rubi que desfere fogo.  
Vai desfolhando-se a Folhinha  
a marcar um dia e mais outro.  
É sexta-feira da Quaresma.  
Ressoa meia-noite em ponto.  
Já vem vindo em lento cortejo  
a Procissão do Miserere.  
Não se abram portas nem janelas  
que a rua pertence aos defuntos.  
Almas em grau de penitência,  
envoltas em manto e capuz  
carregando velas de cera  
pisando áscuas de fogo fátuo,  
exprobam os sete segredos  
por que finalmente se salvem.

Guia espiritual da Província  
Mariana do primeiro ofício:

Fé Esperança e Caridade  
foram teus dons para que sejam  
remissíveis os teus pedados.

Salvem-se do tempo teus templos  
teus palácios de amplas varandas  
tuas pratarias avoengas  
as messes do teu Seminário  
tuas Irmãs da Providência.  
Salvem-se os exemplos mais altos  
do servo de Deus Dom Viçoso  
de braços abertos em pálio  
pelo sinal que te abençoe.

Teu ouro, oculto nas gavetas  
para surpresa de rivais  
à hora da avaliação do peso  
no confronto diante do Reino,  
além da doação de arrobas  
sobrou para beneficiar  
a florescência do Barroco  
no revestimento de entalhes.

Ouro de maior relevância  
extraído das minas da alma  
entre as brumas da solidão  
pulsa na pena de teus poetas:  
Cláudio desbrava seus penhascos  
mais rudes que os da natureza  
– pastor apascentando musas.  
Alphonsus diante do oratório  
mais celestial do que terrestre  
desfia o rosário de pérolas.

A saudade punge e conforta.

Em meio a vultos que pervagam  
e confidências que se enleiam,  
com mãos trêmulas o crepúsculo  
afaga teus ombros recurvos,  
doce Mariana melancólica.

#### ESPACIAL

Solta pluma no espaço  
quem sou eu?  
sobre o mar e a montanha  
entre nuvens boiantes  
de luz a luz  
aos pés de Deus  
pequenez infinita.  
Levo comigo um nome? Serei  
mais do que um grão de areia  
por ventania arrebatado  
às dunas?  
Guardarei lembrança  
da terra abaixo  
terra que a carne me feriu  
ao brindar-me a rosa?

Terei pisado o ambíguo solo  
terei habitado aldeia  
casa de estreitas portas?  
Plenamente navego  
nas campinas do azul.  
Apenas o tatarar das asas  
do grande pássaro tranqüilo.  
- e quem disse veloz? –  
do pássaro que paira enquanto  
se afeiçoam as nuvens  
em novelos e curvas de moldura  
às lagunas do céu  
fluidez safira.

Entretanto de viés  
ao primeiro balouço  
a morte espreita  
o grande pássaro tranqüilo.  
Peito voltado para o abismo  
desconhece o momento  
de ser tragado sorvido  
manipulado pelo o fogo  
traído por manobra  
de manivela menos dúctil.  
Um deslize de esteio  
tão somente  
e eis o mergulho.

Aventura no espaço. Vidas  
ceifadas por essa força motriz  
manopla incauta  
a manejar os homens.  
Os que na selva pareceram  
á míngua de água e de pão  
os que morreram incompletos  
pela decepção dos membros  
os que se desfizeram negros  
e endurecidos a carvão  
os que às ondas lançados  
para pasto de peixes  
são os olhos de lince  
os adis do inimigo  
as lunetas de agouro  
a aguçarem da sombra.

Mas um dia (quando?)  
rumo vertical  
transcendentemente  
subirá nos ares  
a estruturação exata  
solidária e fiel  
não apenas dócil  
nem jamais rebelde  
por escravidão  
não vil instrumento  
mas primeiro agente  
por geminação  
decifrada esfinge  
túnica inconsútil



não engenho mas  
livre e puro vôo  
diretriz e instinto  
complemento do homem  
parte do seu todo.

#### ESTRELITZIA

*A Yeda Prates Bernis*

Assim te vejo, flor  
de bravura, aportada  
do continente negro:  
Pássaro de asas estalantes  
a rigor o estridor  
dependurado em gancho  
frente a frente ao cavalo  
estrelado que empina  
o pescoço no empenho.  
Labareda violácea  
a trepar pelo morro  
entre flamante e azul. Cortando cerce  
pelo fio do lombo. Este cravelho  
que dos postigos vai zarpar  
para o outro lado - pelo o sol.  
Grito de aurora ecoando  
surdamente no esconso  
em jogo de cristas.  
Agressivo florete à luta  
de estrela a estrela por lampejos  
e latejos de sangue onde bicar.  
Ao despertar dos galos  
açoite contra açoite no fustigo  
de cruzadas e rumos  
em discórdia ancestral.  
Madeira ao fogo de rebentos  
árdida seiva. Sal no fogo  
a crepitar em chispas. Puro fogo  
de guerrear e vencer.

#### EU TE PERDÔO, VIDA...

Eu te perdôo, Vida, pela tua estranha beleza!  
- as noites frias que gelaram  
a carne tenra dos órfãos pequeninos,  
os ventos rípidos que fustigaram  
a choupana dos velhos e dos enfermos,  
as tempestades em que naufragaram  
os barcos leves dos pescadores, nos mares  
ermos...

Perdôo a insânia com que distribuis  
- esbanjadora às vezes, outras vezes avara –  
as tuas moedas e os teus códigos,  
a injustiça que acusa a inocência indefesa,  
a insônia das mães que têm filhos pródigos,  
a angústia irremediável que pesa sobre o destino  
dos

[poetas.  
E mais ainda te perdoara,  
Vida, pela tua misteriosa beleza!

Pedôo-te em nome dos mais infelizes,  
daqueles que não tiveram missão a cumprir,  
dos que se deixaram arrastar pela correnteza,  
dos que só conheceram o mundo obscuro das  
raízes.

Perdôo-te em nome de todos os homens, em  
nome  
dos que já não existem e dos que estão no porvir,  
porque há sempre na vida de cada homem  
um dia de loucura em que és perdoada,  
Vida, pela tua perturbadora beleza!

Perdôo-te pela poesia de uma noite enluarada  
em que houve beijos e juramentos eternos  
sob o arvoredado enfiado.

Perdôo-te pela intenção desses juramentos  
eternos,  
pelo infinito amor desconhecido  
- desconhecido por ser mais belo do que tu,  
Vida, de enigmática beleza!

Eu te perdôo por ti mesma, Vida,  
pela tua beleza ardente e inviolável de esfinge!...

#### É UMA CRIANÇA

Por que tantos soluços?

É uma criança. Brincou  
e adormeceu.

Os anjos estão presentes  
(não soluçais)  
com delicados pés de lã  
e asas de neve.

Que tragam flores outras crianças.

Nada mais lindo que uma pálida  
criança adormecida entre flores.  
E, enquanto os anjos dedilham  
cítaras de ouro, suavíssimas,  
as outras crianças em torno  
da que repousa, dancem.

Dancem com flexibilidade de junco  
à beira do rio. Dancem  
com inocência de borboletas  
à entrada do bosque. Dancem  
com leveza de zéfiro  
levantando cortinas.

Dancem com os cabelos livres  
e os tenros braços no alto  
em forma de foice. Ou de arco.  
(A foice para ceifar espigas,  
o arco para protegê-las.)

Dancem de modo tão perfeito  
(nos lábios coral e pérola)  
que a criança dormida sonhe

e murmure consigo: a morte,  
como é bela.

#### EXPERIÊNCIA

A noite é escura, a noite é escura.  
(a vida, a vida está presente).  
A noite escura os olhos cega,  
os pés resvalam – que miséria!

Não há mais alma, a noite é escura,  
a carne é fraca, tomba o corpo.

No escuro, entanto, a mão tateia,  
procura a lâmpada, suspende-a,  
e a luz se faz, alta e pura,  
sobre o corpo que tomba.

Talvez, talvez amanhã,  
algum peregrino acompanhe  
os passos do que se perdeu.  
E a luz acima do pântano  
recordará o bom caminho  
a esse extraviado futuro.

#### EXPECTATIVA

Neste instante em que espero  
uma palavra decisiva,  
instante em que de pés e mãos  
acorrentada estou,  
em que a maré montante de meu ser  
se comprime no ouvido à escuta,  
em que meu coração em carne viva  
se expõe aos olhos dos abutres  
num deserto de ária,  
- o silêncio é um punhal  
que por um fio se pendura  
sobre meu ombro esquerdo.

E há uma eternidade  
que nenhum vento sopra neste deserto!

#### A FONTE AZUL

Ah! Só quem viu a fonte azul,  
a fonte azul jorrando lágrimas!  
Seria apenas uma fonte  
ou neblina de estrela-d'alva  
de bruços na madrugada?

Em toda dela havia uma aura  
de deslumbramentos estranhos:  
toda uma raça de tulipas  
e orquídeas com perfumes brancos.  
E também havia um segredo  
de finas cordas intangidas,  
remanso de verdes matizes  
tufado pelas alfombras.

Ficava bem longe a estância:  
depois de campos e florestas.

Era mister vencer as ondas  
de largos e largos mares,  
de tempos muitos e muitos,  
para essa visita à gruta  
de que ressumbravam mistérios.

Mas não havia mistério  
que fosse menos distante:  
era uma gruta, era uma fonte  
guardada por uma donzela.  
No interior nublado de azul,  
do azul profundo das pedras  
as bátegas saltavam vívidas  
ressoando, depois tombando  
numa exalação de suspiros.

A água embora fosse a mais límpida  
não realizava milagres

Aquele que dela bebia  
ficava talvez mais pálido.  
Quando de natureza tenra  
aprendia a guardar silêncio.  
Então – e não havia dúvida –  
uma vez por outra voltava.

#### FIM

Baixou a treva sobre o sonho.  
Foi como um pássaro agourento  
junto à janela de um enfermo.  
Alguma coisa de medonho  
que se passou nesse momento  
eternizou-se no meu ermo.

Tudo acabado. Tudo morto.  
É a lua, a ansiar pelo degredo,  
mortalha mórbida que espia.  
pavor do nada. Desconforto.  
Dança macabra do arvoredado  
nos estertores da agonia.

A alma se alonga para o fim  
já sem desejos e sem ânsia  
como um fantasma em noite aziaga.  
E sem poder voltar a mim  
fica perdida na distância  
como uma sombra que se apaga...

#### FLOR DA MORTE

I

De madrugada escuto: há um estalo de brotos,  
de luz atingindo caules.  
Difere do rumor da chuva nas lisas pedras,  
difere do suspiro do vento nas grades.  
É como se a alma se desprendesse da matéria.  
Borboleta que deixa o casulo e se debate  
contra finas hastes de ferro.

Nos dédalos da noite se encontra,  
em atmosfera tibia de reposteiros  
e caçoulas com vacilantes chamas azuis,  
teu momento de êxtase e de holocausto, ó libélula!  
Mãos que se procuram com desespero, pacto  
entre o vivo e o morto, misterioso e rápido  
signo de tempestade do espelho.

Nos caminhos sob a lua, ao ar livre, sinuosa  
insinuação de víbora na relva,  
há uma proximidade de flor e abismo,  
com vertigem cerceando espessa os sentidos  
Flor desejada e temida, promessa do eterno  
de que alguém desvenda o segredo – a estas  
horas.

## II

Flor. A inacessível.  
Do caos, da escarpa, da salsugem,  
da luxúria dos vermes, das gavetas  
do asco, do cuspo, da vergonha.

Flor. A inefável.  
A companheira do anjo.  
A que não foi rorejada de lágrimas.  
A que não tocou sequer o bafejo da aurora.  
A que habita acima das nuvens  
- por sobre abismos projetada!

Não sopra o vento nestas silentes plagas.  
Ainda a luz não se fez, apenas  
paira acordado o Espírito  
na soleira de grandes nódoas lácteas.

E há corcéis, há corcéis de fogo rompendo o  
horizonte,  
há barcos velozes impelindo as ondas do tempo,  
há machados forçando madeira,  
escaramuças, estertores e sangue,  
árdido sangue – pela flor.

Flor da Morte, salva das águas,  
de corruptas sementes nutrida,  
única forma de ser,  
eterna,  
renascendo inicial, desde sempre  
nas mãos de Deus – fechada.

### FASCINAÇÃO DO MAR

Sonhei com o mar. E ele era terrível  
como a cólera de Deus.  
E também era belo e era grande  
como a misericórdia de Deus.

Olhei o mar. E ele era triste  
na solidão e profundeza de suas águas.

E também era louco e poeta  
no seu mistério e nas suas viagens sem caminho.

Aproximei-me do mar. E ele era pérfido  
com suas algas e seus milenares abismos.  
E também era repousante  
com suas ilhas e seus vergéis nascentes.

Fui para o mar. E ele era bárbaro  
no acolhimento rumoroso de suas ondas.  
E era também a graça, o espírito,  
na revoada de suas espumas e gaivotas.

Amei o mar: ele era um deus humano  
com seus demônios e seus anjos em liberdade.

### FOGO

Diadema de desejo que arde  
no rubro coração dos homens  
com envolvimento de nardo  
o fogo é vida em combustão.  
Solto depois de prisioneiro  
em breve se impulsiona e alastra  
não se contenta de si mesmo.  
Vulto de bronze em vertical  
toma da púrpura desata-a  
empunha a tocha e segue a trilha  
que se traçou para a conquista.  
Nume de estrépito e espetáculo  
sustenta lábaros de guerra  
colhe madeira ateia incêndio  
serras e montanhas escala  
ergue-se no último degrau.  
No ápice do orgulho estremece  
labareda vinga o labéu  
ontem ferido de emboscada.  
Às vexes fogo fátuo a furto  
desaparece pelos pântanos  
e numa cupidez de abutre  
nutre-se das próprias entranhas.  
Mas de novo se reverbera  
em fricção de pedra na pedra.  
Mergulha então – tição de pira –  
na água que vai tornar lustral  
propícia ao culto do batismo  
e cerimônias augurais.  
De puro agora purifica  
tem rédeas e tenazes de ouro.  
Junto às humanas cicatrizes  
sofreia os impulsos de touro.  
Recolhe-se aos lares protege-os  
abençoa o pão na fomalha.  
Amor e paz. Como é singelo  
ao acender nos templos vastos  
não mais que a lâmpada votiva!  
Acaso sentindo-se à mingua  
vela de cera tremulante  
da mesma cegueira se extingue.  
E já pela noite se inflama

em jactos e rojões de estilo  
a constelar os céus da infância.

#### FRUTESCÊNCIA

Em solidão amadurece  
a fruta arrebatada ao galho  
antes que o sol amanhecesse.

Antes que os ventos a embalassem  
ao murmurinho do arvoredo.  
Antes que a lua visitasse  
de seus mundos altos e quedos.  
Antes que as chuvas lhe tocassem  
a tênue cútis a desejo.  
Antes que o pássaro libasse  
do palpitar de sua seiva  
o sumo, no primeiro enlace.

Na solidão se experimenta  
a fruta de ácido premida.

Mas ao longo de sua essência  
já sem raiz e cerne e caule  
perdura, por milagre, a senha.

Então na sombra ela adivinha  
o sol que a transfigura em sol  
a suaves pinceladas lentas.  
E ouve o segredo desses bosques  
em que se calaram os ventos.  
E sonha invisíveis orvalhos  
junto à epiderme calcinada.  
E concebe a imagem da lua  
dentro de sua própria alvura.  
E aceita o pássaro sem pouso  
que a ensina, doce, a ser mais doce.

#### A GOTA DE ORVALHO

Alma, a gota de orvalho  
que teus bordos pende  
(ah! Não te olvides)  
nos mares esteve  
entre dunas e pélagos  
anos e anos perdida.  
Do sal provou  
a mais fina amargura.

Na proa viajou  
dos navios e à guarda  
do velame brilhou  
nos adentros da noite.  
Às nuvens ascendeu  
e traspassada pelo sol  
com sete véus dançou  
o arco-íris.  
Em torrentes pluviais  
se envolveu e exausta  
foi atirada com as espumas  
ao léu.

Entre ásperas pedras  
tombou, perclusa,  
e por milagre salvou-se  
absorvida pela atmosfera.  
Delongas suportou  
as mais capciosas para  
condensar-te no seio  
os seus fluidos primevos.

A gota de orvalho  
que de teus bordos  
pende.

#### HORA ETERNA

Esta noite, nem sei... Tenho a janela aberta  
e não quero dormir para sentir a vida.  
Nem um vulto, sequer, pela rua deserta.  
E ao ver a lua no alto, entre nuvens erguida,  
penso que não existe um poder transmissor  
que mais fale da morte e mais fale do amor.

Pois o luar, que ilumina amplos jardins em festa,  
há pouco andou de rastro, unido as lájeas frias.  
Por isso é que tão cedo a alegria se cresta  
e há, na pompa nupcial dos grandes dias,  
luxo de exéquias e quebrar de taças.

Vida que esplendes porque passas!

Quero viver, sentir num turbilhão  
dentro do pensamento a certeza deste eu.  
sofra embora – que importa? – o corpo fatigado,  
quero vida, mais vida, alma, renovação,  
força para reter tudo que o céu me deu,  
capacidade para amar o que foi criado!

Vida que esplendes porque passas,  
e que és amada porque findas!

Ser em ti por ti mesma, aspirar-te, sorver-te,  
integrar no teu ser todas as cousas lindas,  
adivinhar em ti o atropelo das raças,  
subir contigo aos pícaros, num grito  
da vontade que doma a atração do infinito,  
transpor-me, presa do teu hausto,  
e um dia, em frente ao sol, de súbito perder-te  
e rolar pelo caos, como um pássaro exausto!

Há de chegar o dia em que em todo o universo  
não restará de mim nem uma poeira de ossos.  
e como hoje, tal qual, haverá noite e lua,  
e um vulto a uma janela e um sofrimento e um  
verso,  
e um sabor de imiscuir desejos e destroços,  
e este estranho prazer que me exalta e extenua  
de surpreender o ruído tímido de uma asa,  
de ver a sombra que se alastra pela casa,  
de beber o perfume a umidade de fora,  
de ter vertigens quando o sono aos outros basta,

de ser só como um deus dentro da noite vasta,  
de se eterna por uma hora,  
de viver, de viver!...

HOLDERLIN

Belo teu nome em doces lábios  
Holderlin.

Tuas palavras  
nascidas entre dois crepúsculos  
ainda hoje tremem de orvalhadas.

Mas por acaso transpuseste  
as imaginárias fronteiras  
entre a lucidez e a loucura?

Existirá limite  
a demarcar os lisos campos  
e os bosques a princípio tenros  
depois inóspitos  
na enlaçada dos liames?  
Erigiram-se grades de ferro  
para que mal se encontrem  
ao se estenderem as mãos  
o que levita no arroubo  
e o que no limiar do sonho  
temeroso se inscreve?

Ai! que foste ferido:  
teu descimento aos infernos  
tua imersão nos rios  
tua escolha nas grotas.  
Em contraste a vertigem  
dos ideais. Acima das nuvens  
o devir. Nos homens  
o divino. Em nome da pátria  
a Grécia. E entre os mitos  
intacto o Cristo  
com seu pão e seu vinho  
habitante terreno.

Aedo cego, não. Vidente.  
Tu que às estrelas deste um nome  
– uma alma.  
Tu que éter, teu Éter,  
de novo achaste a luz e ao mundo  
chamaste em vão para acolhê-la.

HUMILDADE

Há muito tempo, Vida, prometeste  
trazer ao meu caminho uma doida alegria  
feita de espírito e de chama,  
uma alegria transbordante, assim como esse  
alvo clarão que se irradia  
da orla festiva das enseadas,  
e entre reflexos de ouro se derrama  
do cântaro das madrugadas.

Eu, que nasci para um destino manso  
de coisas suaves, silenciosas, imprecisas,

e que fico tão bem neste obscuro remanso  
onde apenas se infiltra um perfume de brisas,  
imagino a tremer: que seria de mim  
se essa alegria  
esplêndida, algum dia,  
houvesse surpreendido a minha inexperiência!...

A vida me iludiu, mas foi sábia na essência.

Minha alegria deveria ser assim:  
pequenina doçura delicada,  
gota de orvalho em pétala de flor,  
sempre serena lâmpada velada  
que me diluísse as brumas do interior.

Sempre serena lâmpada velada,  
símbolo do meu sonho predileto...  
Se amanhã tu penderes do meu teto  
aureolando minha última ilusão,  
- para que eu viva em teu amor e em tua paz,  
deixa um rastro de sombra pelo chão...  
É nesta sombra que hei de me esconder  
quando sentir a falta que me faz  
a outra alegria que não pude ter!

IDÍLIO

Senhor, perdoa que eu não te procure  
nos teus dias de abundância e de púrpura.  
Perdoa que eu não esteja presente  
aos teus rituais de luz e incenso.  
Perdoa que não me associe à turba  
quando és aclamado nas praças públicas.  
E que nunca tenha sido  
porta-estandarte das tuas insígnias.

Não é que me envergonhe de Ti, Senhor...  
Foste tu mesmo que me deste esse pudor  
pelas cousas que se oferecem à claridade.  
Não sei cantar em altas vozes.  
Não sei expandir-me das cores fulgurantes.

Amo em silêncio, como as monjas...  
Da penumbra, como os que amam sem  
esperança...  
Com extremas delicadezas,  
como se o meu amor estivesse para morrer...

Na tristeza e na obscuridade,  
quando os homens de distraírem de Ti  
e se forem para a faina ou para o ócio,  
deixando os teus templos vazios,  
então Senhor,  
minha hora será chegada.

Entrarei devagarinho no teu santuário,  
acenderei de mãos trêmulas a tua lâmpada de  
óleo  
e sentar-me-ei no chão, junto ao teu tabernáculo,  
imersa em pensamentos inefáveis...

Não rezarei, talvez, Senhor.  
 Meus lábios não sabem pronunciar em vão  
 aquelas fórmulas  
 que o tempo desfigurou na minha imaginação.  
 Meus lábios ficarão imóveis.  
 Mas haverá em todo o meu ser  
 tanto abandono,  
 tanta adoração nos meus olhos,  
 tanta afinidade da minha atitude com o teu  
 ambiente,  
 que sentirás meu coração bater  
 dentro de tuas mãos.  
 Serei então feliz, feliz docemente,  
 como uma enamorada tímida,  
 a quem se adivinha.

#### IRMÃO FREITAS

Na catacumba de gavetas ,do lado da Epístola,  
 jaz Irmão Freitas.  
 Um produto das brenhas nativas - fiel e rústico.  
 Dorme o sono perfeito.

Tinha a tez cor de bronze, os cabelos ásperos,  
 era talvez analfabeto.  
 Engenheiro de truz, construiu a estrada para a  
 chácara.  
 Dorme o sono perfeito.

De um nédio sapo a que chamava “o astrônomo”,  
 recebia com graça e proveito,  
 previsões sobre o tempo e seus fenômenos.  
 Dorme o sono perfeito.

Foi intrépido, prestimoso,agílimo.  
 A espingarda de jeito,  
 no alvo das onças nunca teve símile.  
 Dorme o sono perfeito.

Na sua firme diligencia máscula  
 à realidade afeito,  
 tinha que as horas de viver são rápidas.  
 Dorme o sono perfeito.

#### IRMÃO LOURENÇO

No claustro novo dos monges  
 para lá e pra cá  
 o Irmão Lourenço passeia.  
 Entre o jardim das camélias  
 e o pujante paredão,  
 seus passos largos sem peias  
 batem com força no chão.

Na galeria do pátio  
 para lá e para cá  
 o homem de Deus passeia.  
 Entre o mosaico das telhas  
 e o azul que lhe ergue a visão,  
 seus passos com certo enleio  
 pisam de leve no chão.

No mundo claustro vazio  
 para lá e para cá  
 o velho santo passeia.  
 Entre os flocos de neblina  
 e o vento que uiva á mansão,  
 seus passos já sem esteio  
 vão se arrastando no chão.

#### INTERMEZZO

Do mar escuso da morte  
 para moradas mais livres.

Não me faleis de resíduos  
 nem de enredos pelas grotas.

Dai-me violinos e pianos  
 pelo sem-fim deslizando.

Das cores da tarde o leve  
 tom de cinza, cinza-pérola.

Das flores a rosa branca  
 descansada sobre o mármore.

#### OS INDÍCIOS

No matiz da flor  
 entre cor e cor

aos filtros da seda  
 de furtiva hortênsia,  
 quando o rosa dúbio  
 se esbate na meia  
 candidez do azul,

palpita às ocultas  
 o calor da seiva.

Ao rapto das ondas  
 umas após outras

em fluxo e refluxo  
 tangidas, carreadas  
 pelos ventos vários  
 para além dos âmbitos  
 à escala das nuvens,

preside o volume  
 das águas oceânicas.

Através do frágil  
 suspiro impreciso

que do arfar dos seios  
 ao sopro dos lábios  
 – por simples pudor,  
 mágoa ou desespero –  
 quase nem assoma,

nítidas passeiam  
as garras do amor.

A perfeita fluência  
do instante falaz

– nota unida à fluida  
coroa da música  
em verdes, volúveis  
sob-reptícias redes –

porventura, acaso  
surpreende o perene.

#### INFÂNCIA

E volta sempre a infância  
com suas íntimas, fundas amarguras.  
Oh! Por que não esquecer  
as amarguras  
e somente lembrar o que foi suave  
ao nosso coração de seis anos?

A misteriosa infância  
ficou naquele quarto em desordem,  
nos soluços de nossa mãe  
junto ao leito onde arqueja uma criança;

nos sobrecenhos de nosso pai  
examinando o termômetro: a febre subiu;  
e no beijo de despedida à irmãzinha  
à hora mais fria da madrugada.

A infância melancolia  
ficou naqueles longos dias iguais,  
a olhar o rio no quintal horas inteiras,  
a ouvir o gemido dos bambus verde-negros  
em luta sempre contra ventanias!

A infância inquieta  
ficou no medo da noite  
quando a lamparina vacilava mortiça  
e ao derredor tudo crescia escuro, escuro...

A menininha ríspida  
nunca disse a ninguém que tinha medo,  
porém Deus sabe como seu coração batia no  
escuro,  
Deus sabe como seu coração ficou para sempre  
diante  
[da vida  
- batendo, batendo assombrado!

#### INICIAÇÃO

Que eu fique assim, de olhos transfigurados,  
a essa luz de crepúsculo em êxtase.  
Que os mais longínquos rumores cheguem  
[tranqüilizados  
ao coração que está de joelhos  
Que todas as palavras sejam puras e suaves

aos meus ouvidos e nos meus lábios.  
Que de óleos essenciais a minha alma se inunde,  
e eu receba uma benção total de angelitude  
pelo dia da minha iniciação.

Quisera esquecer os dramas longamente sofridos,  
a miséria dos renegados,  
o ódio latente dos anônimos,  
todo o infinito mal enraizado entre os homens.

Despojar-me das lembranças amargas,  
perder o conhecimento das palavras da terra,  
e conservar apenas, no âmago da alma,  
os últimos conselhos maternos.

Que todo o ambiente tome aspectos novos  
à hora inaugural de minha chegada aos templos.  
Que não ressoem de músicas dissonantes  
as harpas pela primeira vez tangidas.

Desçam-me sobre a fronte as penumbras  
untuosas  
da renúncia às cousas efêmeras.  
Uma outra vida, um mundo inédito,  
em que eu possa sentir, integrada na fé,  
banhada na água lustral do batismo,  
a primeira carícia de Deus!

E que o meu ser encarne uma atitude heráldica  
dominando as paisagens imprevistas,  
igual a um bárbaro que houvesse escalada a  
montanha  
e de repente se petrificasse,  
orientando-se para futuras conquistas.

#### INOCÊNCIA

Eu hoje vi a inocência  
nos olhos do velho bêbado.

Talvez ninguém acredite.

Os olhos do velho bêbado  
sorriam na complacência  
de uma luz que se despede  
como se a luz fosse eterna.

Talvez nem houvesse luz,  
fosse apenas ilusão,  
sombra de aurora, crepúsculo.  
Essa ilusão que persiste  
e que a si própria se basta  
sem matéria, sem futuro.

Talvez ninguém acredite:  
havia um mundo perfeito  
de renúncias instintivas  
nos olhos do velho bêbado.

Uma transfusão gratuita,

mãos dadas, nenhum contacto,  
nenhum pedido mas dádiva,  
dádiva de quem não tem.

Eu hoje vi a inocência.

Não foi nos dentes de leite  
de nenhuma criança loura.  
Nem na flor de laranjeira  
sobre os cabelos da noiva.  
Foi exatamente dentro  
dos olhos do velho bêbado.

Azul do céu, limpidez  
de lírios amanhecendo,  
é preciso com perícia  
ocultar toda malícia  
aos olhos do velho bêbado!

#### INTIMIDADE

Quem descerrou os velários brancos da alma  
para espairecer a inquietude e cantar a efêmera  
alegria,  
diante de uma felicidade calma,  
como diante das grandes amarguras, silencia.

A tristeza ingênua que o crepúsculo nos inspira,  
a lágrima por um sonho que se sonhou de joelhos,  
a ternura que foi um momento de delicada  
mentira,  
tudo isso fulge à superfície dos espelhos.

Mas para a dor, a que feriu como um punhal,  
como para a doçura sem mais leve ressaibo  
de fel, existe longe um reino à porta do qual  
há uma princesa misteriosa de dedo ao lábio.

Meu desespero dorme numa profunda vala  
que ninguém sabe onde fica, senão eu.  
Minha consolação é uma migalha  
que andou em mesas de banquete,  
mas cujo suave sabor nenhum conviva percebeu.

#### INSPIRAÇÃO QUE SE PERDEU

Oh! O segredo, o segredo para sempre,  
o segredo que o Poeta não sabe traduzir  
embora todas as línguas lhe sejam familiares,  
e ele tenha caminhado em todas as direções  
sobre a face  
[da terra,  
e tenha baixado fundo ao seio das águas virgens;  
o segredo indevassável, imutável,  
no qual os homens não acreditariam, frouxos  
como a  
[paina que leva o vento  
ou contra o qual se insurgiriam, ineptos e rudes  
como  
[a própria matéria;  
o segredo que desafia a fatalidade dos ciclos,

que intercepta as leis da ciência,  
que se sobrepõe à mentira das realidades;  
o segredo coberto de nuvens tal a fumarada que  
[escondeu Moisés e o Senhor;  
o segredo que veio sangrando da eternidade  
como o  
[fruto do ventre materno,  
destinado, antes de todos os tempos, a viver  
apenas um  
[segundo,  
clamando, clamando num brado de gerações  
pelas águas  
[do batismo!

Os olhos do Poeta deveriam estar acesos como  
duas  
[brasas na treva informe,  
seus ouvidos deveriam escutar como dois antros  
[inabitados,  
as narinas deveriam tatar como asas frementes,  
as mãos vibrar como as do sacerdote quando  
consagra  
[pela vez primeira o corpo de Cristo

Seus sentidos perceberam nitidamente o milagre,  
a consciência irradiou-se de súbito.  
Ele, contudo, cobriu o rosto  
cheio de espanto e de pavor diante da magna  
revelação,  
acovardou-se para não dar testemunho da  
verdade,  
negou três vezes a si mesmo como Pedro negara  
ao

[Mestre,  
precipitou-se na queda  
semelhante à águia real que se vê tragada pelo  
infinito.  
Ah! Teve a duração de um relâmpago  
o encontro da criatura com o Criador.  
E nada ficou senão a confusão sem limites e a  
desolação

[sem limites:  
lábios ressequidos num silêncio de séculos,  
olhos cegos que não mais poderão contemplar o  
azul,  
passos que ressoam noite e dia entre as paredes  
de um  
[cárcere...  
Nenhuma aragem pressagiando o repouso da  
tarde,  
nenhuma lágrima para umedecer o rochedo,  
nenhuma esperança de sobreexistência na aridez  
dos  
[cardos.  
Alguém ficou tragicamente vivo, enterrado vivo,  
resistirá até o último instante às graças do Santo  
Espírito,



descerá às entranhas do inferno por  
desesperação da  
[salvação.

#### LÁGRIMA

Sereno da madrugada  
espiando pela neblina.  
Uma lágrima entre lágrimas  
rompendo através dos cílios.

- Eu caio, eu caio, eu caio,  
sereno,  
eu caio.

Lago de úmidas safiras,  
oásis com palmeiras tenras.  
Brilho de orvalho suspenso  
pelo zéfiro em balanço.

- Eu caio, eu caio, eu caio,  
sereno,  
eu caio.

O fulgor do lago aumenta,  
lago entre flexíveis juncos.

Gota de cristal boiando,  
as safiras num crescendo.

- Eu caio, eu caio, eu caio,  
sereno,  
eu caio.

Estrias de Alba morrendo  
à borda dos longos cílios.

#### LONGAS CAMINHADAS

Longas caminhadas  
pela terra em fogo.  
Soalheira que estua  
ladeiras abuptas.  
Rosto decomposto  
latejar de têmeoras.  
Longas caminhadas,  
perdi-me no tempo.

Não sei por onde ando.  
Por onde? Pergunto.  
Longas caminhadas,  
resposta nenhuma.

Longas caminhadas,  
solidão incômoda.  
Quero vida em torno,  
preciso de estímulo!  
Cabeça de criança  
para acariciar.  
Passos arrastados  
para conduzir.

Mocidade louca  
sim, para invejar.

Longas caminhadas,  
tenho os nervos gastos.  
Ruas e mais ruas,  
labirintos rudes,  
onde a cada instante  
se esbarram esquinas.  
Praias rumorosas  
sem nenhum descanso,  
vagas em revolta.  
Árvores em marcha,  
fios telegráficos.  
Estadas de ferro  
levando sem trégua  
para outras estâncias  
a áspera certeza  
de que nada existe.

A áspera certeza  
de que nada existe  
senão a esperança  
e a desesperança  
de outras caminhadas...

de outras caminhadas...

de outras caminhadas  
para o nunca mais.

#### LAMENTO DO SOLDADO MORTO

Sob o lajedo entre flores  
de matizes ardente  
numa esfera de sonho  
fora do tempo jaz meu corpo.  
A morte nivelou-me aos mortos.  
Sou apenas um morto. Não mais.  
Que significa o monumento  
entre a cidade e a praia?  
A maciez dos gramados em torno,  
a chama perenemente acesa?  
Estou só de solidão absoluta  
à feição de um morto qualquer.  
Era belo e fremia. Nas espáduas  
o vivo amplexo dos vinte anos.  
À frente o mar que eu cortava de espumas,  
acima o sol que se espelhava em meu rosto.  
E de repente veio a noite.  
A viagem para o caos. Tragou-me  
do outro lado do mundo  
a terra que eu mal pisara.  
Acaso terá sido o fuzil do inimigo  
a manobrar de cócoras?  
Teria eu algum inimigo na sombra,  
eu, coração repleto de música  
sem nenhuma surdina?  
De nada sei agora ancorado a um porto  
a que os mapas não se referem.

Ao longo dos meus restos, no entanto,  
entre as neblinas de âmbar do subsolo,  
visitantes passeiam.

Uns contemplam as letras  
de certo nome sob a minha lápide.  
Outros, sonâmbulos culposos,  
forjam palavra pelos dentes.  
Doces mulheres sem amor  
sem para chorar um filho  
tênuos suspiros refreiam.  
A mim que importa? Nem o pranto  
por milênios do oceano  
me devolvera um só minuto.  
Um minuto! E eu pudera ter libado  
naquela mesma tarde em pomar italiano  
as primícias de um fruto níveo-rosa  
que entre sorrisos namorados pendia  
quase maduro de desejo.

#### MENSAGEM

Estou convosco, Irmãos, à hora das lágrimas,  
à hora em que se apagam as luzes que  
acendestes de

[mãos trêmulas.

Estive convosco, Irmãos, à hora em que lançastes  
na terra

[a semente,

à hora em que procurastes fixar na retina a  
miragem.

Estarei convosco, Irmãos, à hora do triunfo,  
quando pairar sobre toda miséria o anjo da  
consolação  
e o universo for consumido pelas labaredas do  
fogo  
[sagrado.

Irmãos, meus Irmãos, estou sempre convosco,  
sou um de vós, reconhecei-me,  
talvez a mais dócil e terna ovelha esquecida no  
aprisco,  
talvez aquela a quem o orgulho desgarrara da  
estrada

[real.

Ah! Não me crês,  
porque não recebo o frio noturno pelos desvãos  
de vossas  
[choupanas,  
porque não me embriago com o vosso vinho,  
nem de louros vos cingirei a fronte no dia em que  
fordes  
[chamados gloriosos.

Vejo-os em multidão compacta,  
ouço as vossas vozes em coro,  
sinto o pulsar das vossas artérias no mesmo ritmo  
[fatigado e eterno dos oceanos.

Estais todos unidos num bloco de mármore  
prodigioso,  
e a vossa respiração sobe e desce aos meus  
ouvidos  
semelhante à das vagas sob o silêncio inenarrável  
dos

[astros.

Mas não me vedes nem me ouvis:  
quando tentei seguir-vos veio da montanha um  
espesso

[nevoeiro,

sinto-me na solidão como um cego em meio às  
trevas

[que não buscou,

sou como o náufrago segregado do mundo na ilha  
[desconhecida, além.

Recebei, Irmãos, a minha mensagem,  
e ainda que não puderdes jamais distinguir o meu  
vulto

[apagado nos longes,  
chegue até vós o calor das minhas palavras e dos  
meus

[suspiros

quando a aragem do crepúsculo soprar da grande,  
[misteriosa floresta.

Dir-se-ia que nunca nos encontraremos face a  
face:

oh a emoção de comunicar-me convosco no exílio,  
de imaginar que a minha cabeça pudera repousar  
algum

[dia no vosso peito,

que meu nome perpassa à vezes à flor dos vossos  
lábios

[em prece!

Irmãos, meus Irmãos, guardai a minha lembrança  
como

[a de um beijo apenas pressentido:

nada mais sei dizer-vos

senão que a todos vos amo

com esse infinito amor com que o pai nos amou.

#### MIRADOURO

Topázios do crepúsculo.

Grandes nódoas lívidas

e lúcidas

de sol em bruxuleio

ou sol nascente.

Lusco-fusco em revoada

de paina à solta.

Luz liquefeita em bolhas

para cá para lá – boiando.

Auréolas de fugir e de rever

em sucessivas mutações.

Gestos que se abrem e se fecham

pelo engodo da sombra  
para a vida das cores  
desde a angústia à raias  
de uma nova miragem.

Formas sonhando formas  
outras formas  
de novelo em novelo  
numa praia de céu  
– areia espuma.

Contorno exato da insolvência.  
Constelação de humano pranto  
em trajetória  
– da infinitude do aspirar  
às barreiras do conhecer.

#### A MAIS SUAVE

Por milagre, a flor mais suave,  
não a colheram os ventos.  
Ficou na haste toda a noite,  
trêmula e alta sob a chuva.  
Por milagre, a flor mais suave.

Quando foi de madrugada,  
o jardineiro pasmou:  
suas corolas jaziam  
sobre a terra umedecida;  
uma, entretanto, a mais suave,  
sustinha-se contra a aragem.

As outras flores por terra,  
dálías, papoulas, crisântemos,  
- ruivas cabeças – plasmavam  
seus espasmos derradeiros:  
mártires decapitados,  
magdalas em desespero.

Nas fúrias espirituais  
ou nas ardências do sangue,  
dir-se-ia que estavam vivas.  
Entretanto a flor mais suave,  
como que ausente do mundo  
na sua pureza lívida,  
era um pequeno cadáver  
que todo o jardim chorava.

#### MAR DE SOMBRA

Rios pelos prados  
com breves espumas,  
transparentes lagos  
com pedras profundas,  
ai! Todas as águas  
vão, de tarde em tarde,  
confundir-se obscuras  
nesse mar de sombra.

Mar de esquecimento  
com águas amargas  
contagia rios,  
contagia os lagos.

Onde o doce líquido  
de tênues suspiros?  
Cegas se tornaram  
as claras pupilas.

Mar imaginoso  
de algas e sargaços  
sem raiz na terra.  
Mar de lembranças  
com abraços torpes  
inocula germes  
às águas insossas.

Mar dos descaminhos  
ai! quem te vencera,  
quem te atravessara  
nadando incorrupto  
e alcançara intrépido  
um golfo, uma praia!

#### MOMENTO NO TANQUE GRANDE

Com estas águas volumosas e verdes,  
guardadoras do celestial arcano,  
conhecer das nuvens o nome  
e silenciar.

Como estas águas violentas e represadas  
a que se apegam os odores da natureza,  
assistir à deliquescência do tempo  
e orar.

Como estas águas profundas e quietas  
que são o espelho primitivo da divindade,  
contemplar a face do eterno  
e abismar-se.

#### NA MORTE

Na morte nos encontraremos.  
Sim, na morte.  
Tempo de consórcio e de vínculo.

Depois de caminhos extremos.  
Quer pelo sul ou pelo norte.

Ao término de circunstâncias:  
Passos certos ou perdidos.

Sem palavras nem sentimentos.  
Com simplicidade suprema.

Na morte nos encontraremos.  
Remoinhos de água em torno às ilhas  
suspensos na mesma quietude.

Fria resistência de rocha  
absorvida pelas espumas.  
Na morte nos encontraremos.  
Na morte.  
Terra de conquista do sangue.

Braços um dia decepados  
voltando ao torso a que pertencem.

Fios cortados ao nascer  
no reajustamento dos nós.

Na morte nos encontraremos.  
Na morte, sim.  
Toque de recolher em círculo.

#### O AUSENTE

Ele partiu inesperadamente  
sem dizer a ninguém para onde ia  
nem quando regressava.  
Houve soluços à hora da partida.  
Porém ele tranqüilo não chorou.  
Flores estranhas, veludas e roxas,  
envolveram-no todo num adeus.  
Quem tanto amava as flores não sorriu  
nem lhes aspirou o perfume.  
Não houve entre os amigos seus  
talvez um que não viesse vê-lo à despedida.  
Mas desta vez ao que era o mais sensível  
nenhum carinho comoveu.  
Foi-se embora  
caladamente  
no seu mistério para sempre.  
E a vida continuou na mesma ronda  
hora mais hora.  
Talvez um dia com doçura triste  
alguém se lembre olhando longe: E o nosso  
amigo?  
Em resposta dir-lhe-ão simplesmente: Morreu.  
Porém no lar que foi o mundo seu  
cada dia a saudade avulta e cresce  
de tal maneira que parece,  
ao abrir de uma porta, que ele surge  
de súbito, sereno  
como quando habitou entre nós.  
Tem-se a impressão de que fala e sua voz  
conserva a mesma unção de prece  
e seu gesto traduz uma benção perene.

Se acaso perguntar algum estranho  
quem nesta casa ocupa o mais alto lugar,  
quem à mesa preside, que, governa  
atos e corações no redil familiar,  
responderão em coro as seis vozes dolentes  
- a esposa e as filhas para as quais viveu:  
- É ele, o Ausente.

#### O ALVO HUMANO

Porventura abordá-lo.  
Para além de implacável  
distância.  
Em meio a sombras  
fráguas  
delíquios.

O que de bárbaro persiste  
nas entranhas da fera.  
O que de promissor transborda  
em trino de pássaro.  
Esse contínuo revezar de pêndulos  
toques a rebate  
fugas  
liças conjuras  
arribadas  
e regressões ao primitivo:  
torneios de ontem como de hoje.  
Quando acaso o pacto,  
onde o limpo alicerce?  
Tua pedra resvala,  
Sísifo,  
dos nossos ombros  
para o abismo.  
Sobre este caos tão só  
à força de estratagemas  
fugaz e solaz  
alguma  
lucilação na treva, oblonga  
faceta de crista, arco-íris  
por um momento arqueado  
entre dois pólos:  
o engano  
e o desengano.

Sobre este caos apenas  
de zelo e desvelo  
o magma  
se dispõe para o mito  
informe  
disforme  
pela obliteração da forma  
que anelamos a furto.  
Inextricável dédalo.  
E sempre  
do atirador pelo alvo  
o terror de acertar.  
O sobressalto  
de tocar o vazio, a insustentável  
flor da inocência.  
De prever  
a saciedade à espreita.  
O assombro  
de vislumbrar nos olhos de outrem  
o aço do ódio no amor.  
De surpreender  
a demência do santo, a inconsistência  
do herói, a refração do ser  
pelo não ser.  
A angústia  
de alvitrar um deslince  
ainda que claro à custa  
de sangue e suor.  
E sempre a tática  
premonitória renúncia  
para não compreender.

(Ah! compreender!  
 quebra de nossa própria contextura,  
 porta de solidão a mais  
 Porém não! compreender:  
 linho que à mesa se desdobra  
 para o conviva em comunhão de espera)  
 Sobre este caos somente  
 perdido ramo de oliveira  
 entre longos milênios e milênios  
 uma seta

- CRISTO –  
 O alvo humano  
 acerta.

#### O CORTEJO

Para a passagem do cortejo da morte  
 é que se fez a noite  
 com suas tempestades líridas  
 e seus cabelos desnastrados.

Os cavalos da morte são negros,  
 poderosos e negros mais que a noite  
 de relâmpagos e ventos repleta.

Cristalizam-se as águas  
 para a passagem do cortejo da morte.  
 Os rios transformam-se em pistas de gelo,  
 mares e lagos são tablados de musgo e areia.  
 Os cavalos da morte são possantes,  
 pesados e claros  
 como a força das águas descendo a montanha.

Nivelam-se colinas e vales  
 à passagem do cortejo da morte.  
 Tudo são planícies abertas.  
 Deitam-se na relva as árvores  
 acariciando as patas que as flagelam.

Os cavalos da morte são ágeis  
 e traiçoeiros como as serpentes do bosque.

Devassam-se as furnas, as cavernas  
 seus tesouros expõem,  
 searas em flor, subitamente  
 cessam de sonhar: marcou-as  
 o destino dos pastos.

Os cavalos da morte são hediondos  
 e lubriscos  
 na sua fome de eternidade.

Os cavalos da morte, quem os nutre,  
 senão os próprios viajores arrebatados?!

#### O CORO

Sob arcadas votivas  
 alvorecem espigas  
 em feixe contra o vento.

Para o solo se inclinam  
 brandamente, para o alto  
 com arroubo arremetem.

Ao balouço das auras  
 nasce, tímida, a aurora  
 de um azul em crescendo.

Eis que a palavra soa  
 nas vibrações do bronze  
 entre dédalos: Dómine.

Eram vinte, eram cem  
 a cantar? Mas apenas  
 um coração se ouvia.

Tudo o mais pelas foscas  
 alagoas do olvido  
 se espriava sem nome.

Só o canto a singrar  
 - clara gôndola – as águas  
 do silêncio no cosmos.

E na esteira, a esperança  
 de que se eternizasse  
 o céu da terra: O Dómine.

#### O DOM

Esse dom de prever  
 o imprevisível de uma  
 certa forma nenhuma

De elidir o visível  
 ao sol quando à penumbra  
 o invisível explode

Esse dom de sofrer  
 outra vez o sofrido  
 só por mais limpidez

De principiar após  
 o término de tudo  
 sem ter chegado a cabo  
 Esse do reflexo mútuo  
 é o dom de quem mata  
 do que morre

#### ORAÇÃO NO DESERTO

Pensei que estivesse aqui, Senhor.  
 Vim procurar-te longe da miséria e da vaidade dos  
 [homens,  
 longe do atropelo vulgar dos mercados,  
 longe dos artifícios da cidade,  
 porque há muito, muito tempo,  
 meu coração não adivinhava a tua presença,  
 havia gente demais comigo  
 e eu não tinha sequer ensejo

de sentir a minha solidão e a minha tristeza,  
e mesmo a tua palavra se tornara inaudível  
em meio à concorrência das vozes profanas.

Mas eis que me perco num profundo desânimo  
porque não é no deserto que escondes a tua  
morada,  
e parece, pelo aspecto infinitamente desolado  
deste

[ermo,  
que nunca se ouviu aqui uma sentença dos lábios  
teus.

Andar tanto, Senhor, fazer uma viagem tão longa  
e vir ter a terra tão árida,  
que nem conhece a suavidade de uma gota  
d'água,  
uma terra tão árida, que o sol no alto é uma  
trombeta

[de bronze  
anunciando sede!

Se ao menos fosses uma palmeira verde  
a cuja sombra eu pudesse dormir o sono cansado  
desta

[ jornada inútil!...  
Eu sonharia por certo com aqueles tempos de  
ingênua

[doçura  
em que descias todas as manhãs ao meu peito  
numa partícula de pão.  
E depois seguiria rumo a outras plagas,  
a alma purificada e mansa  
como se tivesse vindo novamente da infância.

## OS ESTÁGIOS

1

A arca em bronze – repleta  
de vislumbres ao longo.  
As safiras cintilam deslumbradas  
por seus mesmos espelhos.  
É uma obsessão o mármore.  
O ouro no esquema permanece  
estalão inflexível.  
De ferro batido são as represas. Força  
é demarcar facetas  
quando há cristal de rocha. Desafiar  
à ponta de lança o peito  
da pedra que se recusa. Revolver  
o cárcere dos diamantes.  
Mas que: diamantes. Endurecido  
é o coração que sofreu por migalhas.  
Basta de subterrâneos. Basta  
de perfilar para museus  
a solidão da própria estátua.

2

Porém o verde habitou o espaço. O verde  
de tantos revérberos à luz, de tanto

refrigério em penumbra, tornou-se  
multicolor: azul e cinza, azul  
e rosa, doce pervinca, velatura  
de violáceas e louras tranças.  
A árvore – livre – respirou.  
Em bagos de uva e de pêssego  
indolente pendeu.  
Da madeira dos troncos  
escorria resina e aroma.  
Levantou-se então em sussurro  
a balbuciar uma palavra  
toda bela: entreflor.  
A sensitiva abrigou-se dos ares  
o botão preferiu morrer antes,  
quando os ventos e as chuvas  
em redemoinho castigaram  
o reino acareado e perdido.  
O vegetal é auspicioso. Mas é dúbio.

3

Após o letargo em tapetes  
um meio despertar a franjas.  
Formas moventes de antecâmara  
ao pequeno vai-vêm do zéfiro  
espreitam seja assim a lua o sol.  
Dentro dos ninhos e das grutas  
os animais são lentos e confusos.  
O homem no entanto entre os demais  
em sendas da memória para o anelo  
como que se premune o anônimo  
exercício de ser para ainda ser.  
Geme se o toca no ombro uma pluma  
canta por cego no topo do pelourinho.  
Difícil é discernir como sombra  
o gemido do cântico.  
Em vésperas, longa a estiagem,  
olhos nos olhos do infinito  
o homem calcula de seus imos  
por milésimo a essência  
do intraduzível: beijos,  
pactos, suspiros, lágrimas,  
tremor de música sem notas,  
joelhos que se rendem ao pó.  
E ao fulgor de relâmpagos  
presente algum secreto encontro.

4

Aleluia. Talvez exista um novo reino  
para muito além das fronteiras  
do mineral, do vegetal, do animal.  
Talvez a desaguar do oceano  
salpicada de primevas espumas  
outra aurora se faça. Talvez.  
Aleluia por esse talvez. Aleluia.

## O EXCEPCIONAL

É teu filho. Carrega teu sangue  
nas veias. Leva tua imagem  
no rosto. Belo

anjo rebelde,  
puro  
anjo anunciador.

Terá talvez vinte anos  
a flux. Vinte anos  
de insolência e inocência  
de torpor e de espanto.  
Mas de fato não conta  
senão cinco: é uma criança  
perene, secretamente.

Ardem seus olhos de uma luz  
de fria indormida estrela  
entre cerrados musgos.  
Olha e não se sabe o que vê:  
a pátria dos que não têm pátria  
a despedida do porvir  
a miragem de quem ficou  
destituído de algo  
que antes de ser já foi...

A seus moucos ouvidos  
todas as palavra são vãs  
no auge da compulsão,  
no escaninho da lábia.  
E para que palavras  
se a música interna envolve  
a canção anterior ao nascimento  
e ao ritmo da águas vindo  
imemorial para o tempo?  
Caminha sem pejo, desnudo  
incógnito isento incôscio  
do bem e do mal. Sua cabeça  
gira-girando aos horizontes  
no alto mastro às escuras  
é um santelmo – indicia  
mas ignora o perigo.

É cego quem o reconhece  
tão só no sorriso alvar.  
Esse menino perdido  
em meio à turba que o rejeita  
e subtrai de remorso  
a remorso em cadeia  
é o deus menino por acaso  
encontrado no templo  
– intacto de todo o efêmero.

#### O MILAGRE

Depois de cada noite amarga  
sempre aguardastes o milagre  
sem saber que milagre.

Sempre aguardastes o milagre  
com essa angústia infinita  
de quem sente que morre  
sem ter logrado o que deseja.

Sempre aguardastes o milagre  
com a infinita paciência  
de quem viveu à espera  
e sabe, à hora da morte, por que espera.

O relógio parou na madrugada.  
Sopra um hálito frio no silêncio.  
As mães, as pobres mães estão transidas  
apertando no seio os filhos mortos.

O milagre virá. Não é possível  
ai! Que estas crianças estejam mortas!

#### ORAÇÃO DO MOMENTO FELIZ

Eu sou feliz, Senhor, neste momento,  
como nunca imaginei ser feliz na vida.  
Cessaram todas as minhas lutas.  
Desapareceram aqueles gritos da distância à  
noite.  
E já não sondam as minhas vidraças descidas  
os grandes olhos perscrutadores e negros da  
solidão.

É tudo suave e reconfortante em torno a mim  
como se não fosse a realidade,  
e eu estivesse sonhando  
com o desabrochar das primeiras flores nas  
manhãs bíblicas  
ou com o encontro do pastor e da ovelha à hora  
dos

[ primeiros suspiros.

O orvalho do azul baixou-me ao seio,  
as asas de um anjo roçaram-me a face,  
como flocos de paina soltos na brisa!  
Tenho vontade de cantar mas minha voz está  
perdida,  
sinto que é inútil o meu sorriso de lábios trêmulos,  
quero espalhar alegria e bondade a mãos cheias,  
quero acolher os pequeninos órfãos,  
quero levar aos pobres envergonhados o meu pão  
e o

[ meu vinho,  
quero afagar os cabelos dos que encaneceram  
sem amor,

mas uma força invisível me retém  
para que eu não perca um instante desta  
felicidade

- ah! Que ela talvez seja nos meus braços uma  
criança

[dormindo,  
uma criança que longo tempo acalentei  
e acaso desperte com a minha respiração mesma.

Senhor, Senhor,  
não te peço o impossível  
De prolongar este momento até o meu último dia  
Porque pertence ao céu a eternidade na graça.

O que te peço

É que não seja eu a culpada  
 Quando se for para sempre este momento  
 Que me vai dar forças para sofrer no futuro.  
 Que amanhã, quando ele se for para sempre,  
 Possa eu cobrir o rosto com as mãos, sem rubor,  
 E as minhas lágrimas corram serenas e sem  
 remorso  
 Como as da Mãe que não perde a esperança  
 De ver voltar algum dia o Filho Pródigo.

#### Ó NOITE

Ó noite, ensina-me  
 o teu magno  
 segredo:  
 iluminar da sombra.  
 Da sombra permitir  
 a visão mais profunda.

Projetar pela sombra  
 o roteiro dos astros.

Quanto mais te recolhes,  
 ó noite, nos teus véus,  
 tanto mais fulgem  
 as constelações.

Serás acaso humilde,  
 generosa,  
 ou apenas criadora  
 de beleza?

Ó noite, ensina-me  
 o teu magno  
 segredo.

#### O QUE DORME

O que dorme renasce: confia  
 em Deus, nos animais, nos homens.  
 No teto erguido sobre a sua fronte,  
 na segurança das paredes que o cingem.

Sabe que o vento acaricia as plantas  
 e através do solo desliza a chuva  
 e as raízes secretamente se unem  
 para que as flores acordem pela manhã.

Sabe que o amor vigilante o contempla  
 enternecido pela sua fragilidade,  
 como ao longo dos horizontes baixam  
 as asas da noite maternais e plenas.  
 Não há mistérios para o que dorme.  
 Peregrino da treva, o instinto  
 da estrela em equilíbrio no orbe  
 salva-o da insinuação dos abismos.

De seu semblante desaparecem  
 os vincos do cansaço e a amargura.  
 E é pouso de pluma sobre o Mármore  
 sua respiração compassada.

#### ORAÇÃO

Na alcova com lâmpada  
 e sombras secretas,  
 uma criança reza.

Vento que entre em folhas  
 passas sussurrando,  
 se entrasses na alcova  
 em que reza a criança  
 reconhecerias  
 o mais tenro broto  
 que jamais abriu  
 o orvalho da noite.

O' anjos de Deus,  
 baixai vossos olhos  
 por entre as estrelas,  
 contemplai, suspensos  
 aos elos da graça,  
 o irmãozinho tenro  
 - sem céu e sem asas –  
 que de joelhos reza.

Na alcova com lâmpada  
 e sobras secretas,  
 em que a tua criança  
 de mãos postas reza,  
 nem tu, Mãe, não entres:  
 Menino Jesus  
 deve estar presente.

#### O SILÊNCIO

E só depois da terceira noite  
 no recesso das nuvens  
 ao abrigo de torrentes e burburinhos,  
 principiareis a ouvir o silêncio.  
 Não o rumor de insetos contra os vidros do ar,  
 nem o do talo das plantas crescendo.  
 Nem mesmo a bulha mínima  
 de rocio a escorrer em pétalas.  
 Mas leve aragem da mudez que precede  
 ao balúcio do pensamento.  
 Obscura nostalgia de acorde  
 em fios tensos de violino  
 antes de feri-los o arco.  
 Um apenas prenúncio de passos  
 de amorosos passos divinos  
 caminhando no tempo sobre impalpáveis areias  
 e musgos tácitos  
 e brancas pedras votivas.  
 Um como fugir do sangue  
 à hora da almejada entrevista.  
 O abandono do corpo – não à atração telúrica –  
 À transcendência da natureza.  
 E o coração da criatura pulsando uníssono  
 de encontro ao vivo coração do Criador.

#### O TEMPO É UM FIO



O tempo é um fio  
bastante frágil.  
Um fio fino  
que à toa escapa.

O tempo é um fio.  
Tecei! Tecei!  
rendas de bilro  
com gentileza.  
Com mais empenho  
franças espessas.  
Malhas e redes  
com mais astúcia.

O tempo é um fio  
que vale muito.

Franças espessas  
carregam frutos.  
Malhas e redes  
apanham peixes.

O tempo é um fio  
por entre os dedos.

Escapa o fio,  
perdeu-se o tempo.

Lá vai o tempo  
como um farrapo  
jogado à toa!

Mas ainda é tempo!

Soltai os potros  
aos quatro ventos,  
mandai os servos  
de um pólo a outro,  
vencei escarpas,  
dormi nas moitas,  
voltai com o tempo  
que já se foi!

POEMINHA DO AMARELO  
De noite o amarelo morre.

Por que de noite o amarelo  
morreria se de dia  
paleta de sol que escorre  
com de ouro rútila auréola  
trabalha através de vítreos  
anteparos desde a aurora?

Na sua faina de artista  
o sol com pincéis de espiga  
é o próprio dom do amarelo.  
Pinta num calor de incêndio  
as plumas louras do ipê.  
Logo por mero prazer

pinta pintainhos brancos,  
pinta um por um grãos de areia  
praia de areias ao longo.

Todavia sem o afinco  
do dia que a cor lhe empresta  
para espelhar-se mais belo,  
eis que por alto e longínquo  
o manancial que o socorre  
morre de noite o amarelo.

PASTOR

Ninguém viu quando o estranho transpôs o pórtico  
[sagrado,

nem quando ele atravessou a nave,  
nem quando no âmbito de sua sombra se  
fundiram

[todas as cores num roxo-marinho de  
crepúsculo;  
ninguém sentiu seus passos de lã  
quando ele se esgueirou pela multidão para subir  
os

[degraus do santuário;  
ninguém percebeu que foi o seu cansado sopro  
que

[apagou, uma a uma, as luzes do altar.  
Houve silêncio em torno como à chegada de um  
morto,  
os fiéis baixaram instintivamente a cabeça,  
o vento arrepiou de manso os véus com que se  
cobriam

[as mulheres.

Foi então que ele começou a falar com pudor,  
semelhante ao filho pródigo de volta ao lar.  
Tudo evocava um tempo remoto, de perdas  
miragens,  
tempo em que o visionário marginara declives  
como um cego na estrada, sem menino.  
A palavra reveladora vinha de uma planície  
através da

[neblina,  
curta e sem brilho como um segredo à hora  
extrema.

A tristeza invadiu o ambiente com a fumaça de  
[incontáveis turíbulos;  
caiu do teto uma poeira tênue de prata sobre as  
lajes do

[templo.

O roxo-marinho do crepúsculo ia-se  
transformando aos

[poucos num tom fosco de pérola de  
antemanhã.

E ninguém pensava em partir porque não havia  
mais

[esperança;

a esperança morrera na voz do estranho,  
a voz grave do estranho contaminara todos os  
corações;

no entanto ninguém chorava porque as suas  
palavras

[eram puras e belas.

Ele ensinava, sim, que tudo era inútil,  
porém o seu verbo tinha o dom de suavizar a  
verdade

[mais dura:

era óleo escorrendo do tronco sobre as raízes da  
terra

[seca.

E quando a madrugada chegou, brumosa e lívida  
como

[a vigília da viuvez,  
estavam os peregrinos adormecidos, como  
crianças, aos

[pés do novo pastor.

#### POESIA DE MÁRIO DE ANDRADE

Poesia com a seiva dos trópicos  
e a dolência da imensidade.

O solo, fermento de angústias:  
quer na ascensão, quer no declive,  
anseiam penhascos e abismos  
por inenarráveis esferas.

Voz de trombeta dissonante  
delira com a rosa dos ventos.  
E a solidão recolhe o timbre  
- pela pureza acrimoniosa  
sem redundâncias na paisagem.

Mármore, cores, melodia  
são como afogadas Ofélias.  
Mas no sangue- púrpura e ritmo –  
palpita o esboço das artérias.

Força do mar contra os rochedos  
urge dia e noite, sem peias;  
força do mar que ninguém doma  
e que a fundo conhece o livre  
perigoso jogo das ondas.

O mundo acerbo, sem delíquios  
de lua desviando magnólias  
tem o sabor e a consistência  
da terra, da profunda terra  
golpeada e arada pelo o pulso  
de onde suor abundante escorre.

Às vezes, do insondado caos  
sobe um rumor de ais e soluços,  
como se em grávidos percursos  
rolassem rios subterrâneos.

Às vezes, animais da Bíblia  
repousam na encosta dos montes,  
enquanto um sopro substancial  
percorre o país do Irmão Grande.

Forma gigantesca movendo-se  
em passos como que inseguros,  
afastando lianas espessas,  
desdenhando copiosos frutos  
para seguir no azul o vôo  
de uma extraviada borboleta.

#### PRISIONEIRA DA NOITE

Eu sou a prisioneira da noite.

A noite envolveu-me nos seus liames, nos seus  
musgos,  
as estrelas atiraram-me poeira nas pestanas,  
os dedos do luar partiram-me os fios do  
pensamento,  
os ventos marinhos fecharam-se ao redor de  
minha

[cintura.

Quero os caminhos da madrugada e estou presa,  
quero fugir aos braços da noite e estou perdida.  
Onde fica a distância? Dizei-me, ó Peregrinos,  
onde fica a distância da qual me chegam  
misteriosos

[apelos?

Alguém me espera, alguém me esperará para  
sempre,  
porque sou a prisioneira da noite.

A noite me adormenta com suas flautas esflorando  
[veludos de pêssego,  
a noite me enerva com sua grandes corolas  
desmaiadas  
[nos caules,  
vejo madressilvas com os pequenos dentes de  
pérola

[sorrindo enlaçadas aos troncos fortes,  
e o frio da noite é um desejo de faces  
aconchegadas,  
e há tepidez nas frotas verde-negras, tão  
próximas...

Oh forças para caminhar! Forças para vencer o  
inebriamento da noite,  
forças para desprender-me da areia que conta sob  
meus

[pés como cordas de violino,  
forças para pisar a relva macia e tenra com suas  
gotas de

[sereno,

forças para desvencilhar-me dos afagos  
numerosos do

[vento!

Na noite não posso ficar como uma rosa pendida  
porque o homem solitário viria tomar-me pela mão  
imaginando que sou a que procura amor.

Na noite não ficarei com a túnica esvoaçante e os cabelos  
 [em desordem  
 porque uma criança poderia pensar que sou louca sem  
 [pouso,  
 na noite não, porque a velhinha trêmula viria  
 [perguntar-me se acaso sou a sua filha desaparecida.

Oh! Quem me ensina os caminhos da madrugada?  
 Por que não se acendem agora, sim, agora os  
 [candelabros das igrejas?  
 Por que não se iluminam as casas onde há noivas felizes?  
 Por que de tantas estrelas no céu ao menos uma não se  
 [desprende  
 para vir pousar no meu ombro como um sinal de  
 [esperança?  
 Tenho um encontro marcado há longo, longo tempo...

Mas não chegarei porque sou prisioneira da noite.

PODER OBSCURO  
 Eu ia dizer sim, disse não.  
 Ia levar à boca o sumo  
 do fruto que plantara. Porém  
 uma vez mais tornei-me  
 o anho imolado.

Que poder obscuro  
 governa teu povo, ó Deus?

Pelos indícios talvez haja  
 nas proximidades do humano,  
 surdamente à espreita,  
 entre esconsos desvãos  
 de bosque junto a outro bosque  
 e mais bosque em cerco,  
 uns dedos tensos, finos, ágeis,  
 de maneirosa deflexão,  
 para as tramas do ensejo  
 emaranhá-las. Ou cortá-las.  
 De anjo gratuito, acaso,  
 (ou demônio insidioso)  
 o inconcepto decorre.

E este despojo. E este espanto.

PROCISSÃO  
 Corpo de Deus! Benvindo  
 sejam à terra pelo tempo infindo,  
 rochas movendo, corações ferindo,

límpidos sóis e areias  
 juntando ao mesmo passo nessas veias

pelas quais entre flâmulas passeias.

É a carne, é o Pão, é o Trigo,  
 é a Semente a brotar do solo antigo  
 para acima das nuvens ter abrigo

no firmamento da alma  
 que arde do próprio azul, profunda e calma,  
 sobre os arcos de triunfo e as verdes palmas.

É o mediador que vem  
 das paredes de vidro que O retém  
 para o encontro primevo de Belém.

É o verbo, o Lume, a Flor,  
 o Beijo, o Nardo, o Bálsamo, o Amargor  
 do que se esquiva ao sangue redentor.

Cante brilhe, floresça.  
 Fruto, no seu vergel amadureça,  
 mantenha – Cerne - essa floresta espessa.

Pise a pedra que O adora  
 beba o olhar que se orvalha à branca aurora,  
 roce o musgo do peito que O namora.

POEMA DA SOLIDÃO  
 Cada dia que passa, cada dia  
 que me leva um anseio e que me traz  
 uma fadiga para o coração,  
 sinto mais o perfume de poesia,  
 o êxtase lívido, a pureza e a paz  
 da minha solidão.

Depois das noites carpideiras,  
 quando um queimor de lágrimas enxutas  
 punha goivos na cova das olheiras,  
 ai! quantas vezes me internei nas grutas  
 para esconder a face!  
 E tive sempre alguém que me guardasse  
 a entrada como um cão:  
 minha bravia solidão.

Nos sonhos claros de felicidade,  
 quando quis estar só para a esperança  
 de sorrir e viver,  
 nem mesmo por piedade  
 me disse que o sorriso também cansa,  
 nunca toldou de leve o meu prazer  
 porque sabia que era tudo em vão,  
 minha profunda solidão.

Nas horas doentes de mormaço,  
 quando o jardim já deu todas as flores  
 e as aranhas do tédio, passo a passo,  
 encham de teia os templos interiores,  
 e se pergunta à vida por que é bela,  
 tenho o consolo da meditação  
 ao sentir a alma como um barco à vela

no oceano da solidão.

Quando o vulto da morte, sonolento,  
pousar à flor da terra essa bandeira  
que ergo às nuvens na mão,  
- calma, no orgulho do desprendimento,  
minha palavra derradeira  
quero dizê-la à solidão.

#### I QUARTETO NOSTALGITÁLIA

##### *I / ROMA*

Paredes grossas parede  
levantadas de orgulho.  
Ouro velho  
madeira rosa  
pedra cálida.  
O casario grávido  
de tesouros  
ainda e sempre  
à espera.  
E no profundo estofo  
ao abrigo do tempo  
a flama virgem.  
O passado não conta: está presente  
em dóceis curvas de voluta  
em dobras de panejamento  
em ecos de colunata  
na radiosa nudez  
de corpos sobre pedestais.  
Os sussurros do Tibre  
para as sete colinas  
falam de guardiães invisíveis.  
Águres e vestais caminham  
no antigo passo rítmico  
pelas ruas. O vento  
de outros séculos se ouve  
as ruínas aflorando. No alto  
pairam as aguais da vigília.  
Na água em estilhas sobre as salvas  
perpassa o frêmito da origem.  
Canta de bronze a voz do sangue.  
Cármina rústica.  
Eterno agora.  
Tudo previsto e tanto impacto  
nesta noite igual a si mesma:  
um rapto rútilo de beijos.  
Peso e transcendência de mármore  
na própria carne transitória.

##### *II / FLORENÇA*

Os anjos da invisível balança  
encontraram repouso.  
Florença guarda nos seus imos  
a força estática.  
Nobreza de ponta a ponta  
pedal de tônica.  
Volume e espaço em andamento  
de música, em tessitura

de claridade que apascenta  
claridade maior.  
Módulo coloquial  
granito bronze opala  
em que se afinam e ajustam  
violoncelos ardentes  
e lonjura de flautas.  
Enquanto o sereno plectro  
leva aos cimos o mais leve.  
Assim aos poucos  
o pormenor se desvanece  
evaporam-se os ângulos e as curvas  
aligeiram-se as argamassas  
de palácios e templos  
arredam-se pilastras e pórticos  
anuviam-se capitéis e domos  
uma fímbria de seda  
vela o tom dos retábulos  
das estátuas nos plintos  
transparece o desenho.  
Ei-lo que surge – reversível –  
de um primitivo impulso  
pela entressonhada beleza  
(Brunelleschi)  
de um contemplar primeiro  
a imagem nascitura  
(Ghiberti)  
de uma primeva aurora  
antes da forma antes do azul  
(Michelangelo)  
– o puro espírito criador.

##### *III / VENEZA*

O trampolim. O arco florido.  
O salto a medo. O sol nas águas.  
E esse embalo de gôndola  
que não deixa fixar  
o espetáculo em bloco.  
Baila o oblíquo mosaico  
em voluteio de topázios.  
Ao léu das ondas franja leve  
as muralhas ducais.  
Nenhum apoio contra o tempo.  
As resinas do álamo negro  
escorrem dos altiplanos.  
Onde os carvalhos e os lariços  
de milenar sustentação  
para o peso do mármore?  
Ao vento que vem do deserto  
Veneza oscila o circo em cores  
o corpo encanece e adolece  
de angústia e rubor em réstias  
escarlate e marfim.  
É cedo e é tarde para o amor.  
Ao envolvimento das algas  
vai soçobrar no alagadiço  
de comércios e de ócios  
o cofre-forte do tesouro.  
nada fica. Nada se leva.

Tudo é chegada e partida.  
 Tudo se esfolha á superfície  
 para restar em nostalgia.  
 Então de transparência fluida  
 a estremecer alabastros  
 sobe um canto de cisne.  
 Pelo fascínio de si mesma  
 – a sereia e seu próprio canto –  
 já Veneza está salva  
 na alegria das sete dores  
 nas arcarias de mãos postas  
 na altaneria dos frontões  
 nas escadarias de ouro  
 nas mesmas veias abertas  
 de doce vinho maduro.  
 Ah! Que Veneza é cerne humano  
 a construir pontes e suspiros  
 para que as almas se reencontrem.

#### IV/TRIESTE

A filha da Itália acorda  
 em verdes bosques. E adormece  
 em águas de azul espelho.  
 A fruta mais tenra da horta  
 de doçura que só em Trieste  
 aguarda a mão que a vai colher.

Espreita alguém em Miramare  
 através dos cristais da aurora  
 á orla de um pálido augúrio:  
 Sob a lua de mel e nácar  
 quanto tempo a nave demora  
 que vai do amor para a loucura?

O trigo de ouro irrompe em junho  
 numa revoada de conjunto  
 madeixas ao sol e ao vento.  
 Da solidão posta em vigília  
 sob a neve meses a fio  
 não há memória que se lembre.

Rios pavoneiam as caudas  
 entre eucaliptos esgalgos  
 e gordos tufos de macieira.  
 Entretanto um pé de oleandro se inclina  
 a ver se surpreende o sigilo.  
 dom pequenino rio Zero.

Junto ás ilhargas da colina  
 pedras têm nome de batismo  
 escrito a sangue ainda cálido.  
 Cada vez que as silabas tremem  
 de recolher alguma lágrima  
 nasce uma flor para o diadema.

#### RAIZ AMARGA

Sinto que sou raiz amarga.  
 Terra gretada é minha sede.  
 Núcleo de sombras é meu cárcere.

Lá fora – ao sol, á chuva, ao frio –  
 rastejarei à flor do chão?  
 Estarei no ar em clorofila?...

Não sei se há a graça do tronco,  
 pássaros abrigados nas franças,  
 escaravelhos zumbindo nos brotos.

Não sei se há doçura de pétalas,  
 nem aconchego de folhagem  
 dormindo sobre espelhos d'água.

Seja de ouro o pólen ao vento,  
 de ouro o mel a escorrer do cerne,  
 de ouro a flama em torno da lenha!  
 Sonho a paisagem do meu quadro:  
 vale seivoso entre montanhas  
 e o céu – acima de minha fronde.

Porém meus gestos precingidos  
 como os nós cegos das amarras  
 furtam-me a toda revelação.

Talvez – condenada ao deserto –  
 eu realize apenas miragem  
 na imaginação dos homens.

#### RESSONÂNCIA

Os ventos passam  
 estalam cordas.  
 Os astros cantam  
 as cordas gemem.  
 Dançam os mundos  
 a dor é a música  
 nessa inaudita  
 raiva infinita  
 de revelação.

E veio um tempo  
 em que houve espectros  
 e espelhos de aço  
 na escuridão.  
 Nas noites árduas  
 à treva expostos  
 vivos e mortos  
 se confundiam.

E as cordas tensas  
 mal se continhas,  
 surdas uivavam  
 com o mar bravo  
 vendo os espectros  
 beirando abismos,  
 Vendo os espelhos  
 que se partiam  
 de encontro às rochas  
 na escuridão.

Cordas revoltas  
em ressonância  
na ânsia profunda  
de revelação.

E vieram lagos  
de água estagnada  
com verdes limos  
escorregando.  
Cítaras longas  
tangem melódicas  
nas ilhas longe  
nasceram vimes.

Que força, ó corda,  
vos prenuncia,  
delicadeza  
de borboleta  
ou covardia  
de coração,  
na ânsia tremenda  
de revelação?

Tudo diríeis,  
tudo direis  
nessa inaudita  
raiva infinita  
de revelação.

ROMANCE DO ALEIJADINHO  
Antônio Francisco Lisboa  
no catre de paralítico.  
Antônio Francisco Lisboa  
está nos últimos dias.

- Sobre meu corpo, ó senhor,  
põe teus divinos pés.  
Ao penitente perdoa  
ira, luxúria e soberba.

Os grossos lábios murmuram  
secos, gretados de terra.  
Tateiam os olhos cegos  
as moedas falsas da luz.  
Estende os braços, estende-os,  
não tem mãos para sentir  
a carnadura de estrelas  
de sua pedra vencida.  
E anseia substâncias plásticas  
sob dedos renascidos.

- Mais que volutas, rosáceas,  
mais do que as flamas e as curvas  
flexuosas dos meus delírios,  
em segredo amei as virgens  
de leves túnicas brancas,  
formas essenciais do sonho  
que fez de meu corpo uma alma.  
E mais do que os rijos músculos

desses guerreiros que atroam  
nuvens e ares com trombetas,  
amei a graça e a doçura

dos anjos, dos ruflos de asas,  
a delicadeza em flor  
das crianças que não me amaram.

Queda um momento perplexo:  
De um lado o mar infinito  
de vagas que se desdobram  
verdes, verdes sempre verdes,  
e os seus passos firmes de homem  
caminhando, caminhando  
sobre as ondas caminhando.

À esquerda a floresta, o abismo:  
fulvas serpentes se enroscam  
nos troncos dóceis dos cedros  
atravancando a passagem.  
E recorda as vezes tantas  
em que seus pés se enredaram.

- Filtros, filtros de cardina,  
filtros, prodigiosos filtros!  
De catre imundo e revolto  
Joana Lopes se aproxima:  
- Que queres tu, Pai Antônio?

- Para onde foi teu marido  
filho ingrato que gerei?  
- O mundo levou teu filho  
mas uma filha te deu.

- Januário, onde está Januário?  
É meu escravo ou não é?  
- Januário de tantas mágoas  
descansa no cemitério.

- Ganhei dinheiro às carradas  
e minha arca está vazia.  
- Eras amigo dos pobres,  
são pobres os teus amigos.

-Quero a Bíblia, a minha Bíblia!

Mãos compassivas depõem  
no peito coberto de úlceras,  
restos do sagrado livro.  
- Sobre meu corpo, ó Senhor,  
põe teus divinos pés.

O moribundo sem força  
move os lábios num sussurro.

E da distância dos séculos  
anjos e virgens o escutam.

RINCÃO DE PAZ, ILHA DE SOMBRA

Rincão de paz, ilha de sombra,  
olho ao redor, não os encontro.

Talvez fosse há muito mais tempo,  
antes do meu conhecimento.

Rincão de paz, ilha de sombra  
se projetaram na distância...

Rincão de paz com seiva de árvores  
ardendo por outros pináculos?

Ilha de sombra com tais víboras  
pela música adormecidas?

Rincão de paz, ilha de sombra,  
nada haveria de mais cômodo.

Rincão de paz para ignorar  
estas coisas que são tão claras.

Olha de sombra para abrir  
o seio ao consolo dos tristes.  
Não vos aproximeis, viajantes!  
Guardai apenas a visão.

Rincão de paz antes inóspito,  
ilha de sombra depois da morte!

#### SERENA

Essa ternura grave  
que me ensina a sofrer

em silêncio, na suavidade  
do entardecer,  
menos que pluma de ave  
pesa sobre meu ser.

E só assim, na Levitação  
da hora alta e fria  
por que a noite me leve,  
sorvo, pura, a alegria  
que outrora, por mais breve,  
de emoção me feria.

#### SAUDAÇÃO A DRUMMOND

Eu te saúdo Irmão Maior  
pelo que tens sido e serás  
dentro do tempo espaço afora  
e além da vida: luminar  
homem simples da terra  
aprisionado no íntimo  
para libertador de pássaros  
e agenciador de símbolos.  
Pela pedra no caminho  
que foi ato de bravura  
e foi cabo de tormentas.  
Pelo brejo das almas  
em verde com margaridas.

Pelo sentimento do mundo  
com que orvalho o linho  
da comunhão geral.  
Pelas fazendas do ar  
em que brindas cultivos  
de transcendentais dimensões.  
Pelos claros enigmas  
que decifras e que armas  
em desdobrados ciclos.  
Pela vida passada a limpo  
em lâmina de cristal.  
Pela rosa do povo  
com que humanizais o asfalto.  
Pela lição de coisas  
que nos ensinas a aprender.  
Pelo boitempo este sabor  
de renascimento da infância.  
Em nome de Mário de Andrade  
– até as amendoeiras falam –  
em nome de Manuel Bandeira  
em nome de Emílio Moura  
presentes embora silentes  
no alto da Casa em outros  
mais cômodos aposentos  
de onde nos contemplam líricos  
a nós abaixo no vestibulo.  
Saúdo-te mineiro Carlos  
de olhos azuis como os da criança  
guardada sempre mais a fundo  
em candidez e malícia  
ao largo de lavouras hispídas  
ao longo de setenta outubros  
vincados de diamante e ferro  
sem nostalgia de crepúsculo.  
Saúdo-te com sete rosas  
em botão as mais puras  
colhidas de madrugada  
antes do sol em suas pétalas  
por teu sétimo aniversário  
outrora  
de menino poeta.

#### SEGREDO

Andorinha no fio  
escutou um segredo.  
Foi à torre da igreja,  
cochichou com o sino.

E o sino bem alto:  
delém-dem  
delém-dem  
delém-dem  
dem-dem!

Toda a cidade  
ficou sabendo.

#### SERENIDADE

Serenidade. Encantamento.

A alma é um parque sob o luar.  
Passa de leve a onda do vento,  
Fica a ilusão no seu lugar.

Vem feito flor o pensamento,  
Como quem vem para sonhar.  
Gotas de orvalho. Sentimento.  
Névoas tenuíssimas no olhar.

Tombam as horas, lento e lento,  
Como quem não nos quer deixar.  
Êxtase. Vésperas. Advento.

Ouve! O silêncio vai falar!  
Mas não falou... Foi-se o momento...  
E não me canso de esperar.

#### SINAL

Sinal de loucura. Sinal dos tempos. Sinal, apenas.

Perdido nas nuvens e nas areias.  
Sacudido pelo vento nos galhos.  
Jogado de uma para outra estrela.  
Todavia perfeito  
Nada mais que sinal. Interrogação, reticência.  
Flâmula branca, verde fulgor, olheiras turvas.  
Vagaria sem rumo, sem roteiro.  
Pelo infinito, pelos séculos.  
Na treva deixando rastros de sangue.  
Contra a luz o perfil das sombras marcando.  
Todavia secreto.

Nada mais que sinal. Velariam por ele  
os deuses, os heróis, os sábios.  
Fim de mundo, prenúncio de amor  
acaso na órbita encerrara.  
As multidões o fitariam perplexas  
do outro lado do oceano.  
Todavia – dragão de caverna –  
pusilânime.

#### SINGULAR

Em vez de amar singelamente  
uma casa pequena com jardim,  
uma varanda com pássaros,  
uma janela em que ao sereno há uma bilha de barro  
um pessegueiro, uma canção e um beijo  
- o pessegueiro de seu pomar,  
a canção popular  
a o beijo que poderia alcançar-  
a minha musa ama precisamente  
o que não existe neste lugar.

#### SOLIDÃO

Um homem na solidão  
- que perene solilóquio! –  
fala profundo a si próprio.

Fala a Deus em termos claros  
a fluírem das mesmas águas  
pela eternidade em curso.

Fala com tremor na voz  
para que relvas e musgos  
a palavra testemunhem.

Fala com ventos diversos  
para que a mensagem levem  
aos ouvidos do horizonte.

Fala com o penhor das rochas  
para que as estrelas o ouçam  
desde a pedra em que se assenta:  
“Da pedra de solidão  
hei de levantar um templo.”

#### SANT'ANA DOS OLHOS D'ÁGUA

Sant'Ana dos olhos d'água  
tem razão para chorar.  
A terra é um vale de lágrimas,  
sant'Ana dos olhos d'água.

Poças d'água, muita chuva,  
rios, lagos, noites úmidas.

Bosques escorrendo orvalho,  
frias auroras molhadas.  
Cachoeiras vivas do pranto  
pelas escarpas rolando.  
Lívido estuário de areias  
dizendo adeus aos veleiros.

Pontes onde se encontraram  
os corpos tristes dos naufragos.

Ondas fugindo com as ondas,  
flores expostas à lama.

Sant'Ana dos olhos d'água,  
nunca chorais demasiado.

#### TRÊS AMORES

Amor primeiro. Amor? Sonho, reflexo, imagem...  
Gôndola de ouro à flor de um verde lago  
engastado no coração da primavera.  
Névoa do alvorecer, perspectiva de viagem  
para um lindo país todo azul, todo vago,  
onde a felicidade nos espera...

Segundo amor. Talvez o único amor na vida.  
Frêmito estranho de harpa em concertos soturnos.  
Onde a terra do sol? Tudo são labirintos.  
A alma é uma rocha solitária, erguida  
em meio às ondas tempestuosas e os noturnos  
ventos que uivam no caos como lobos famintos.

Terceiro amor. A paz, a ternura, o impreciso



desprendimento. A escolha mais que suave...  
Parque de outono trescalando ao luar.  
A lágrima do céu entristece o sorriso.  
Carícia leve como vôo de ave,  
pobre ventura ideal de saber renunciar.

#### TEMPESTADE

Dentro da noite violenta e negra,  
cheia de gritos abafados,  
há um navio – esqueleto branco ressurgido do  
ossário.

Ondas coleantes andam-lhe em torno,  
lambem-lhe o casco, uivam lascivas,  
escabujando como lobos  
nos arredores de um cemitério.

As nuvens estão carregadas de chumbo  
como os crepes do tempo dos dias da paixão.

Em vão  
os mastros erguem os braços desnudos ao céu  
no desespero de todas as potências  
para fugir à voragem dos elementos,  
para sobreviver à própria miséria.

Numa heroicidade última,  
lá no alto,  
uma bandeira tremula – um farrapo de véu –  
se une raivosamente ao mastro  
que é sua tábua de salvação.

De súbito,  
no íntimo d'alma um turbilhão  
maior que o caos do céu e o mar!  
Oh! mas a insinuação alucinante!...  
Dir-se-ia que a felicidade  
está no relâmpago verde  
que vai arrebatá-la daquela bandeira  
às entranhas da tempestade!

#### TEU FILHO

Teu filho acaba de nascer.

Este, Mãe, é o momento  
da tua plenitude. Enlaça-o  
no doce frêmito; ajusta  
sua cabeça à tua, assim de orvalho  
umedecida; transfunde  
a febre desses largos olhos  
aos olhos encobertos de neblina.  
Tua criatura te pertence agora  
de maneira perfeita. Face a face  
ao primeiro contacto filho e mãe  
são um todo carnal à maravilha:  
a flor diante do espelho – o fruto  
a seus próprios reflexos devolvido.

Dois elos de corrente que se parte

entretanto contínua, que se rompe,  
elo sobre elo desdobrado, absorto,  
um a verter, outro a sorver  
– perene sangue – a música da espécie.

( O sábio dedo preme a tecla  
antes que solta vibre a nota)

Que matiz sobre tela, que madeira  
com seus nobres entalhes, ou que pedra  
lavrada a escopro conservara  
pelas efluências da beleza  
o puro ato materno?

(A roca fiou a estriga e ainda retém  
para remate a tecedura)

O filho é teu enquanto suga  
o néctar de teu seio. E anseia  
pelo teu morno arfar. E nem escutam  
seus ouvidos senão o murmurinho  
de embalo ( sempre o limbo) da penumbra.

Ah! Todavia...

(A semente do joio  
já se instala no trigo. A leve brisa  
já não se aquieta entre avencas)

Ao novo ser tateante  
tentam formas voláteis, vagos nimbos,  
verdes campos pressentem  
seus instintos. Em breve  
( uma gota de fel)  
seus vagidos, mais bruscos,  
exigirão a limpidez dessa água  
que não lhe deste; e o açúcar que à delícia  
lhe evolve a língua em tênue véu.

No jogo do primeiro obstáculo  
teu filho estranhamente  
se afirmará, de vez, estranho.  
E seus impulsos serão fortes  
em direção contrária a teus desejos.

( O bosque, o antigo bosque  
cerrado está na sombra de si mesmo  
com seus acúleos entre liames)

Não te perturbes, Mãe: fizeste  
uma criatura à imagem do Homem.

#### TERRA NEGRA

Numa terra negra  
que mal acredito,  
num planeta alheio  
a este céu tão lúcido,  
num planeta fora  
de todas as órbitas,

a horas que não ousam  
fixar os relógios,  
se derramam lívidas  
torrentes de sangue  
para o bom cultivo  
de jardins recônditos.

A flora macabra  
com legados de honra  
precisa de sangue para  
alimentar-se!

Dális e papoulas  
de um parque vindouro  
surgirão do solo  
para que outros seres  
- chegado o seu turno –  
calados pereçam.

Mais sangue, mais seiva  
para a terra negra!  
A festa é de púrpura?  
Quereis sangue rubro?  
Tomai-o dos poetas  
que se retemperam,  
as líras ao fogo.  
Quereis sangue claro  
de nascente rosa?  
Tomai-o das crianças,  
tomai-o das jovens  
mulheres redondas  
que exibem segredos  
de felicidade.  
Sangüíneas inéditas  
de várias espécies!

Um dia que eu vejo  
em futuro próximo  
romperá o sol  
sufocando a terra  
negra, negra terra,  
babujando-a com  
lodosos, espessos  
vômitos de sangue.

#### TUAS PALAVRAS, AMOR

Como são belas e misteriosas tuas palavras,  
Amor!

Eu não as tinha pressentido,  
eu era como a terra sonolenta e exausta  
sob a inclemência do céu carregado de nuvens,  
quando, igual a uma chuva torrencial de verão,  
tuas palavras caíram da altura em cheio  
e se infiltraram nos meus tecidos.

O' a minha plethora de alegria!...  
As árvores bracejaram recebendo as bâtegas  
entre as  
[ramas,

as corolas bailaram numa ostentação de taças  
repletas,  
os frutos amadurecidos rolaram bêbedos no solo.  
E eu vivi a minha hora máxima de lucidez e  
loucura  
sob a chuva torrencial de verão!

Como são belas e misteriosas tuas palavras,  
Amor!...  
Minha alma era um rochedo solitário no meio das  
ondas,  
perdido de todas as cousas do mundo,  
quando, ao passar dentro da noite na tua caravela  
fugaz,  
tu me enviaste a mensagem suprema da vida.  
A tua saudação foi como um bando de  
alvorçadas  
[ gaivotas  
subindo pelas escarpas do rochedo, contornando-  
lhe as  
[arestas,  
aureolando-lhe os cumes.

E a minha alma esmoreceu ao luar dessa noite,  
ilha branca da paz, num sonho acordado...

Amor, como são belas e misteriosas as tuas  
palavras!...

#### VALOR

Eu quero a vida mais cálida,  
mais incisiva, mais densa,  
para um esforço maior.

Quero a realidade lúcida  
de provações e misérias  
para então me engrandecer.

Quero o veneno das áspides,  
a vertigem dos abismos,  
para me purificar.  
Quero um tumulto de máscaras  
nos labirintos da treva,  
para ver claro o meu ser.

Quero as tempestades lívidas  
em que me perca no oceano,  
para mais longe me achar.

Quero nas plagas anônimas  
deixar marca de meus joelhos,  
para subir ao Tabor.

Quero acender minha lâmpada  
nas profundezas da terra,  
para os céus iluminar.

#### OS VALORES

Imperativo estranho encontrá-los

em meio a trevas.  
 Peso medida altura  
 em patamar balança diapasão  
 possivelmente ponderáveis.  
 Que sortilégio capaz  
 de deslindar o teor de tais valores  
 uma vez que são outros?  
 No lado obscuro na natureza  
 percebem-se embustes. Na superfície  
 das nevadas uns passos fugidios.  
 Insurgem-se contra as feras  
 na ânsia de recorrência, aqueles valores  
 que se desgastaram no século  
 e seriam perenes por suposto.  
 Os enigmas interferem no plano  
 da nova esfinge.  
 Desborda o mural inflado de tons  
 onde o turquesa faz-se rubro.  
 Reinventam-se apocalipses  
 em termos de numerário.  
 E os sentidos humanos já não captam  
 o sentido da vida.  
 Cega surda e muda a criatura  
 não mais reconhece o mundo  
 – esfera compacta e opaca  
 sem ressonâncias interiores.  
 O sentido da vida está por um fio.  
 Frágil entre os mais frágeis:  
 talo de flor em pugna com os ventos  
 primeiro brinquedo em mãos de criança  
 franja de pranto adolescente.  
 O sentido da vida palpita – quem sabe? –  
 no derradeiro prolongado alento  
 do visionário pronto ao sacrifício  
 pelo que lhe resta de humano.

#### VIDA BREVE

Vida frágil  
 corpo de haste  
 alma de flor  
 se esfolhou...

Vida curta  
 gesto de onda  
 barco em fuga  
 mar levou...

Olhos de orvalho  
 raio de sol  
 enxugou...

Voz de brisa  
 sobre o lago  
 serenou...

Vida breve  
 por amor  
 fruto em nácar  
 nas entranhas

carregou...

Vida aérea  
 corpo de alma  
 nenhum rastro  
 deixou...

#### VISITA

No alto do morro há um cemitério humilde  
 onde o Poeta foi enterrado.  
 O túmulo do Poeta é um canteiro de corolas  
 silvestres.  
 E na cruz de madeira igual às outras  
 o seu nome se apaga.

Ao lado do cemitério humilde  
 há uma igreja em silêncio.  
 O mato irrompe em torno, quente e aromal.  
 Pássaros cantando nítidos  
 tecem fios de prata entre as árvores.  
 E o céu brilha como um puro cristal.

Na descida do morro se apinham casebres.  
 A cidade lá embaixo nada percebe.  
 E as cousas são irremediáveis.

Pois amanhã os homens farão justiça:  
 e substituirão por mármore alvídolos  
 e alegorias numerosas  
 isso que faz tão leve a terra  
 sobre o corpo do Poeta.

#### VOCÁBULO

Som azul claro  
 que trescala  
 de uma caçoula  
 em espiral

#### VIDA, PAIXÃO E MORTE DO TIRADENTES

Entre rios e cascalhos  
 nasceu.

No berço das águas  
 cinco estrelas claras.

Ó infante, depressa,  
 as margaridas te esperam para a ciranda,  
 madrinha lua te espera para as vigílias.

Pejavam-se as nuvens, as nuvens fugiam,  
 cruzavam as tardes borboletas lentas.  
 Na sombra, setas oblíquas.

Antônia da Encarnação Xavier  
 não deixes teu menino crescer.  
 Ele não terá pouso certo,  
 será chamado o corta-vento,  
 exalará o hálito da revolta,  
 perecerá de morte infamante.

Talos e vergôntees ríspidas cresciam.  
Seivosas touceiras com frutos cresciam.

Mãe morta. Pai morto. Campo limpo.  
O caminho do louco está livre.  
A terra pertence ao louco,  
a terra é um punhado de poeira na palma da mão  
do  
[louco,  
por entre abismos levita o louco,  
as serras são trabalhadas pelo louco,  
os rios são dirigidos pelo louco,  
a imagem da Santíssima Trindade acena ao louco,  
a brasa de Isaías queima os lábios do louco,  
vai pelo mundo o louco apregoando verdades!

As verdades como pedras  
chovem pelo monte abaixo.  
Cravejada de sementes  
ergue-se a planície grávida.

Veio a tempestade, o incêndio,  
a derrubada dos troncos.

Vai-se consumando aos poucos  
o holocausto do cordeiro.

- Agora sei. Nenhum pouso  
me prometia sossego:  
as paredes da masmorra  
não me poderão conter.

Nos socavões e nas grotas  
dorme o ouro da madrugada.  
Minhas algemas são de ouro  
para servirem de aldrava.

Sinos de cristal ardente  
acordarão a distância  
com os fios desse enredo  
para daqui a cem anos.

Céu azul, vejo-te ainda  
nas orvalhadas da noite,  
através da pura gota  
que meus olhos chorariam.

Do roxo de minhas pálpebras  
não tarda a nascer a rosa  
em cujo pequeno cálix  
mal cabe meu sangue todo.

Aurora da cor do sangue,  
quantas rosas eu não dera  
para que raïasses antes  
que meu suspiro morresse.

## Anexo 1

**LEVANTAMENTO DAS PRINCIPAIS PASSAGENS DA OBRA POR LEXEMAS QUE TÊM PROFUNDA  
IMBRICAÇÃO COM A TEMÁTICA DA TRANSCENDÊNCIA**

**1 – NATUREZA**

<b>VERBETE / Ocorrência</b>	<b>Exemplos</b>	<b>Poemas</b>
<b>NATUREZA / 22</b>	<i>(Natureza, teu equilíbrio / simples, em plano extraordinário / está nas mãos da Providência: / o corpo e o espírito vivem / como os esteios da balança / – de uma compensação de forças.)</i>	CP
	<i>A natureza chorou o pranto dos rios e dos mares,</i>	AA
	<i>Quando de natureza terra / aprendia a guardar silêncio.</i>	FA
	<i>da natureza e da graça / o irremediável soluço</i>	CG
	<i>Quem fora temerário, quem galgara / da compacta montanha / os degraus para além da natureza?</i>	DE
	<i>Como estas águas violentas e represadas / a que se apegam os odores da natureza, / assistir à deliquescência do tempo / e orar. / No lado obscuro na natureza / percebem-se embustes.</i>	MT
<b>SOL / 52</b>	<i>transcendência da natureza</i>	OS
	<i>o sol com pincéis de espiga / é o próprio dom do amarelo.</i>	PA
	<i>Às nuvens ascendeu / e traspassada pelo sol / com sete véus dançou / o arco-íris.</i>	GO
	<i>Então na sombra ela adivinha / o sol que a transfigura em sol / a suaves pinceladas lentas.</i>	FR
<b>LUA / LUAR / 106</b>	<i>De elidir o visível / ao sol quando à penumbra / o invisível explode</i>	OD
	<i>A alma é um parque sob o luar.</i>	SE
	<i>E ao ver a lua no alto, entre nuvens erguida, / penso que não existe um poder transmissor / que mais fale da morte e mais fale do amor.</i>	HE
	<i>aos poucos, uma lua triste / levantava sobre a colina / por entre pontilhadas jóias / pendentes, prestes a cair / em gotas, como as nossa lágrimas.</i>	CP
	<i>A lua / que se esqueceu das nuvens e queda / em singelo convívio.</i>	CA
<b>MAR / 36</b>	<i>a lua simula delicado leque / de madrepérola.</i>	ADL
	<i>Quando na verdade mar do nosso ser / são como as ondas os sentidos, dançam, ágeis, / pelo simples prazer delicioso da vida!</i>	AD
	<i>com o mar bravio / vendo os espectros / beirando abismos,</i>	RE
	<i>Mar de esquecimento / com águas amargas / Mar imaginoso / de algas e sargaços / Mar de lembranças / Mar dos descaminhos</i>	MS
	<i>Do mar escuso da morte / para moradas mais livres.</i>	IN
	<i>o mundo. O mar com seus apelos, / horizontes para o éter / desespero em mergulho.</i>	AC
<b>RIO / 32</b>	<i>Mal me recordo. Era um mar / de encontros e desencontros, / com suspiros evoados / do peito aberto das ondas.</i>	AL
	<i>os ventos gemeram, uivaram, soluçaram, abraçados ao tronco das árvores / os campos foram devastados pela seca, / os campos reverdeceram alagados pelo suor da humana esperança,</i>	AU
	<i>Os rios transformam-se em pistas de gelo, / mares e lagos são tablados de musgo e areia.</i>	OC
	<i>O rio flui desconhecendo o cadáver de suas próprias águas mortas.</i>	APM
<b>NOITE / 158</b>	<i>Valem muralhas de pedra / para represa dos rios, / certas palavras eternas / que decidem do destino</i>	DBH
	<i>e como hoje, tal qual, haverá noite e lua, e um vulto a uma janela e um sofrimento e um verso,</i>	HE
	<i>Eu sou a prisioneira da noite.</i>	PN

	<i>Alguém me espera, alguém me esperará para sempre, porque sou a prisioneira da noite. / A noite me adormenta com suas flautas esflorando veludos de pêssego,</i>	PN
	<i>de ser só como um deus dentro dar vasta, / de se eterna por uma hora,</i>	HE
	<i>E a minha alma esmoreceu ao luar dessa noite, / ilha branca da paz, num sonho acordado...</i>	TPA
	<i>A alma se alonga para o fim / já sem desejos e sem ânsia / como um fantasma em noite aziaga.</i>	FI
	<i>A noite, suave como um bálsamo dormente...</i>	AN
	<i>A noite é escura, a noite é escura. / (a vida, a vida está presente). / A noite escura os olhos cega, / os pés resvalam – que miséria! / Não há mais alma, a noite é escura,</i>	EX
<b>SEIVA / 22</b>	<i>Mais sangue, mais seiva / para a terra negra!</i>	TN
	<i>Rincão de paz com seiva de árvores / ardendo por outros pináculos?</i>	RP
	<i>Seiva da minha seiva corria dentro do cedro.</i>	EL
	<i>Porém a lâmpada que arde na sombra pendurada a correntes / é seiva de tronco alimentado o rubor de entreabertas orquídeas,</i>	AP
	<i>Poesia com a seiva dos trópicos / e a dorlência da imensidade.</i>	PMA
	<i>Entretanto algures latente / a essência da água permanece: / no tecido humano se instala / à seiva das plantas preside</i>	AG
<b>ÁRVORE / 31</b>	<i>A árvore – livre – respirou.</i>	OE
	<i>CALENDÁRIO / Calada floração / fictícia / caindo da árvore / dos dias</i>	CL
	<i>Madrugada verde / com dedos de geadas / despiu a neblina / das árvores, / estendeu as mãos / bem alto / e apanhou o sol / como uma fruta / verde-cristal.</i>	AM
	<i>Deitam-se na relva as árvores / acariciando as patas que as flagelam.</i>	OC
<b>BOSQUE / 18</b>	<i>Dancem com flexibilidade de junco / á beira do rio. Dancem / com inocência de borboletas / à entrada do bosque. Dancem / com leveza de zéfiro / levantando cortinas.</i>	EU
	<i>Que poder obscuro / governa teu povo, ó Deus? / Pelos indícios talvez haja / nas proximidades do humano, / surdamente à espreita, / entre esconsos desvãos / de bosque junto a outro bosque / e mais bosque em cerco, / uns dedos tensos, finos, ágeis, / de maneirosa deflexão, / para as tramas do ensejo / emaranhá-las. Ou cortá-las.</i>	PO
	<i>E ouve o segredo desses bosques / em que se calaram os ventos.</i>	FR
	<i>(O bosque, o antigo bosque / cerrado está na sombra de si mesmo / com seus acúleos entre liames)</i>	TF
<b>FLOR / 139</b>	<i>Sinto a saudade tão leve / Como um contacto de flor.</i>	AT
	<i>gota de orvalho em pétala de flor, / sempre serena lâmpada velada / que me diluísse as brumas do interior.</i>	HU
	<i>Quando o vulto da morte, sonolento, / pousar à flor da terra essa bandeira / que ergo às nuvens na mão,</i>	PS
	<i>É tudo suave e reconfortante em torno a mim / como se não fosse a realidade, / e eu estivesse sonhando / com o desabrochar das primeiras flores nas manhãs bíblicas</i>	OMF
	<i>Vida frágil / corpo de haste / alma de flor / se esfolhou...</i>	VB
	<i>Por milagre, a flor mais suave, / não a colheram os ventos.</i>	MSU
<b>CHUVA / 36</b>	<i>Ao sol que a chuva de ouro espalha / pela terra fragrante, em doidos / galeios de luz e de cor,</i>	CJ
	<i>Lá fora – ao sol, à chuva, ao frio – / rastejarei à flor do chão? / Estarei no ar em clorofila?...</i>	RA
	<i>Poças d'água, muita chuva, / rios, lagos, noites úmidas. / Bosques escorrendo orvalho, / frias auroras molhadas. / Cachoeiras vivas do pranto / pelas escarpas rolando.</i>	SOD
	<i>Sabe que o vento acaricia as plantas / e através do solo desliza a chuva / e as raízes secretamente se unem / para que as flores acordem pela manhã.</i>	OQ
<b>ANIMAL / IS / 5</b>	<i>O que dorme renasce: confia / em Deus, nos animais, nos homens.</i>	OQ
	<i>Às vezes, animais da Bíblia / repousam na encosta dos montes, / enquanto um sopro substancial / percorre o país do Irmão Grande.</i>	PMA

	<i>Aleluia. Talvez exista um novo reino / para muito além das fronteiras / do mineral, do vegetal, do animal.</i>	OE
<b>ÁGUIA = 6</b>	<i>Quem asas de águia nos ombros, que rapinas / nos frágeis membros de homem, compusera / a graça contra o cosmos?</i>	DES
	<i>semelhante à águia real que se vê tragada pelo infinito.</i>	IQ
<b>POMBA - 3</b>	<i>São as asas / do anjo cerradas pela paz. É a pomba / que em palma oferecida pousa. A lua / que se esqueceu das nuvens e queda / em singelo convívio.</i>	CA
<b>NATUREZA Humana</b>	<i>quem à mesa preside, que, governa / atos e corações no redil familiar, / responderão em coro as seis vozes dolentes / - a esposa e as filhas para as quais viveu: / - É ele, o Ausente. /</i>	OA
	<i>Oh! O segredo, o segredo para sempre, / o segredo que o Poeta não sabe traduzir / embora todas as línguas lhe sejam familiares, /</i>	IQ
	<i>E para que palavras / se a música interna envolve / a canção anterior ao nascimento / e ao ritmo das águas vindo / imemorial para o tempo?</i>	OEX
<b>INFÂNCIA / 1</b>	<i>Ó infante, depressa, / as margaridas te esperam para a ciranda, / madrinha lua te espera para as vigílias. /</i>	VPM
<b>MÃE / 9</b>	<i>a insônia das mães que têm filhos pródigos,</i>	ET
	<i>Este, Mãe, é o momento / da tua plenitude. Enlaça-o / no doce frêmito; ajusta / sua cabeça à tua, assim de orvalho / umedecida; transfunde / a febre desses largos olhos / aos olhos encobertos de neblina. /</i>	TF
<b>FILHO / A / 23</b>	<i>Possa eu cobrir o rosto com as mãos, sem rubor, / E as minhas lágrimas corram serenas e sem remorso / Como as da Mãe que não perde a esperança /</i>	OMF
<b>CRIANÇA / 38</b>	<i>nos soluços de nossa mãe / junto ao leito onde arqueja uma criança; / nos sobrecenhos de nosso pai / examinando o termômetro: a febre subiu; / e no beijo de despedida à irmãzinha / à hora mais fria da madrugada. / A infância melancolia / ficou naqueles longos dias iguais, /</i>	INF
	<i>As mães, as pobres mães estão transidas / apertando no seio os filhos mortos. / O milagre virá. Não é possível / ai! Que estas crianças estejam mortas! /</i>	OM
	<i>Nossa Senhora Mãe dos Homens, / a tua igreja está de pé. /</i>	OR
	<i>Tua criatura te pertence agora / de maneira perfeita. Face a face / ao primeiro contacto filho e mãe / são um todo carnal à maravilha: /</i>	TF
	<i>De vez em quando alguma criança, / cabelo ao vento, lábio fresco, / levanta a mão num gesto rápido / tentada por uma corola. /</i>	CJ
	<i>Quereis sangue claro / de nascente rosa? / Tomai-o das crianças, / tomai-o das jovens / mulheres redondas / que exibem segredos / de felicidade. /</i>	TN
<b>PAI / 4</b>	<i>senão que a todos vos amo / com esse infinito amor com que o pai nos amou.</i>	ME
	<i>Joana Lopes se aproxima: / - Que queres tu, Pai Antônio? / - Para onde foi teu marido / filho ingrato que gerei? / - O mundo levou teu filho / mas uma filha te deu.</i>	ROA
	<i>Mãe morta. Pai morto. Campo limpo.</i>	VPM
<b>IRMÃO / 5</b>	<i>Eu te saúdo Irmão Maior / pelo que tens sido e serás / dentro do tempo espaço afora / e além da vida: luminar / homem simples da terra / aprisionado no íntimo / para libertador de pássaros / e agenciador de símbolos. /</i>	SD
	<i>Na catacumba de gavetas, do lado da Epístola, / jaz Irmão Freitas. / Um produto das brenhas nativas - fiel e rústico. / Dorme o sono perfeito. /</i>	IF
<b>MENINO – MENINA / 29</b>	<i>A menina ríspida / nunca disse a ninguém que tinha medo, / porém Deus sabe como seu coração batia no escuro, / Deus sabe como seu coração ficou para sempre diante da vida / - batendo, batendo assombrado! /</i>	INF
	<i>Tudo evocava um tempo remoto, de perdidas miragens, / tempo em que o visionário marginara declives / como um cego na estrada, sem menino. /</i>	PAS
	<i>Milhares de vozes proclamam / entre soluços a menina / que por uma flor morreu: / santa, santa, santa. /</i>	AMS

## SENTIMENTOS

<b>SENTIMENTO(S) / 5</b>	<i>Gotas de orvalho. Sentimento. / Névoas tenuíssimas no olhar.</i>	SE
	<i>Sem palavras nem sentimentos. / Com simplicidade suprema. / Na morte nos encontraremos.</i>	NM
	<i>Pelo sentimento do mundo / com que orvalho o linho / da comunhão geral.</i>	SD
<b>SOLIDÃO / SOLITÁRIA / 42 /</b>	<i>Minha alma era um rochedo solitário no meio das ondas, / perdido de todas as cousas do mundo, / quando, ao passar dentro da noite na tua caravela fugaz, / tu me enviaste a mensagem suprema da vida. /</i>	TPA
	<i>minha profunda solidão. /</i>	PS
	<i>no oceano da solidão. /</i>	PS
	<i>sinto-me na solidão como um cego em meio às trevas que não buscou, /</i>	ME
	<i>solidão incômoda. /</i>	LC
	<i>"Da pedra de solidão / hei de levantar um templo." /</i>	SO
	<i>Em solidão amadurece / a fruta arrebatada ao galho / antes que o sol amanhecesse.</i>	FR
	<i>Estou só de solidão absoluta / à feição de um morto qualquer. /</i>	LSM
<b>AMOR / 135</b>	<i>- para que eu viva em teu amor e em tua paz, / deixa um rastro de sombra pelo chão...</i>	HU
	<i>Perdô-te pela intenção desses juramentos eternos, / pelo infinito amor desconhecido</i>	ET
	<i>Tu tens provado o fel, tens visto escura / a estrada por onde andas à procura / daquele amor que desapareceu.</i>	DI
	<i>Terceiro amor. A paz, a ternura, o impreciso / desprendimento. A escolha mais que suave... / Parque de outono trescalando ao luar.</i>	TA
	<i>Se viesse o Amor, no plaustro brônzeo, como os fulgores do meio-dia, / o Amor, que em estos nos outros tempos resplandecia, / abstrata em cismas, num gesto vago, despedi-lo-ia...</i>	AN
	<i>Fim de mundo, prenúncio de amor / acaso na órbita encerrara. /</i>	SI
<b>ALEGRIA / 25</b>	<i>trazer ao meu caminho uma doida alegria / feita de espírito e de chama, / uma alegria transbordante, assim como esse / alvo clarão que se irradia / imagino a tremer: que seria de mim / se essa alegria / esplêndida, algum dia, / houvesse surpreendido a minha inexperiência!...</i>	HU
	<i>na alegria das sete dores /</i>	QNV
	<i>Por isso é que tão cedo a alegria se cresta / e há, na pompa nupcial dos grandes dias, / luxo de exéquias e quebrar de taças. /</i>	HE
	<i>sorvo, pura, a alegria / que outrora, por mais breve, / de emoção me feria. /</i>	SA
	<i>Minha alegria deveria ser assim: / pequenina doçura delicada, / gota de orvalho em pétala de flor, / sempre serena lâmpada velada / que me diluísse as brumas do interior. /</i>	HU
<b>TRISTE / ZA / 20</b>	<i>Na tristeza e na obscuridade, / quando os homens de distraírem de Ti / e se forem para a faina ou para o ócio, / deixando os teus templos vazios, / então Senhor, / minha hora será chegada. /</i>	ID
	<i>A tristeza ingênua que o crepúsculo nos inspira, / a lágrima por um sonho que se sonhou de joelhos, /</i>	INT
	<i>e eu não tinha sequer ensejo / de sentir a minha solidão e a minha tristeza, / e mesmo a tua palavra se tornara inaudível / em meio à concorrência das vozes profanas.</i>	ODE
	<i>Olhei o mar. E ele era triste / na solidão e profundidade de suas águas.</i>	FM



	<i>Dizem que o destino reunira todas as crianças / talvez numa grande roda girando, girando, / e de repente – oh! Trágico instante! – / Quatrocentas alminhas em vôo para o céu, / quatrocentos caixõezinhos brancos, azuis, róseos, / a caminho do cemitério.</i>	ACM
<b>SAUDADE / 5</b>	<i>Sinto a saudade tão leve / Como um contacto de flor. /</i>	AT
	<i>cada dia a saudade avulta e cresce / de tal maneira que parece, / ao abrir de uma porta, que ele surge / de súbito, sereno / como quando habitou entre nós. / Tem-se a impressão de que fala e sua voz / conserva a mesma unção de prece / e seu gesto traduz uma benção perene.</i>	OA
	<i>Retorno à fonte das saudades:</i>	ELM
<b>ILUSÃO / 4</b>	<i>Passa de leve a onda do vento, / Fica a ilusão no seu lugar. /</i>	SE
	<i>aureolando minha última ilusão, / - para que eu viva em teu amor e em tua paz, / deixa um rastro de sombra pelo chão... /</i>	HU
	<i>fosse apenas ilusão, / sombra de aurora, crepúsculo. / Essa ilusão que persiste / e que a si própria se basta / sem matéria, sem futuro.</i>	INO
<b>ADORAR / ADORAÇÃO / 6</b>	<i>Mas haverá em todo o meu ser / tanto abandono, / tanta adoração nos meus olhos, / tanta afinidade da minha atitude com o teu ambiente, / que sentirás meu coração bater / dentro de tuas mãos. /</i>	ID
	<i>Pise a pedra que O adora / beba o olhar que se orvalha à branca aurora, / roce o musgo do peito que O namora. /</i>	PRO
<b>FELIZ FELICIDADE INFELICIDADE / 23</b>	<i>Serei então feliz, feliz docemente, / como uma enamorada tímida, / a quem se adivinha. /</i>	ID
	<i>Perdô-te em nome dos mais infelizes, / daqueles que não tiveram missão a cumprir, / dos que se deixaram arrastar pela correnteza, / dos que só conheceram o mundo obscuro das raízes. /</i>	ET
	<i>Névoa do alvorecer, perspectiva de viagem / para um lindo país todo azul, todo vago, / onde a felicidade nos espera...</i>	TA
	<i>E sob a chuva dos ápodos / há mais infelizes do que antes. / as luzes todas se apagaram, / voam negras aves em bando. /</i>	AMA
	<i>Dir-se-ia que a felicidade / está no relâmpago verde / que vai arrebatá-la daquela bandeira /</i>	TEM
	<i>Quem descerrou os velários brancos da alma / para espairecer a inquietude e cantar a efêmera alegria, / diante de uma felicidade calma, / como diante das grandes amarguras, silencia.</i>	INT
	<i>Eu sou feliz, Senhor, neste momento, / como nunca imaginei ser feliz na vida. / Cessaram todas as minhas lutas. / Desapareceram aqueles gritos da distância à noite. /</i>	OMF
<b>ESPERAR / ESPERANÇA / 58</b>	<i>Fico a esperar-te a toda hora, / como a noite espera a aurora, / mergulhada em seu carinho. /</i>	AT
	<i>Da penumbra, como os que amam sem esperança... /</i>	ID
	<i>Névoa do alvorecer, perspectiva de viagem / para um lindo país todo azul, todo vago, / onde a felicidade nos espera... /</i>	TA
	<i>Como as da Mãe que não perde a esperança / De ver voltar algum dia o Filho Pródigo. /</i>	OMF
	<i>Alguém me espera, alguém me esperará para sempre, / porque sou a prisioneira da noite. /</i>	PN
	<i>Sempre aguardastes o milagre / com a infinita paciência / de quem viveu à espera / e sabe, à hora da morte, por que espera. /</i>	OM
	<i>A áspera certeza / de que nada existe / senão a esperança / e a desesperança / de outras caminhadas... /</i>	LC
<b>SUBIR / SUBIDA / ELEVAR / ELEVAÇÃO / 15</b>	<i>Quero nas plagas anônimas / deixar marca de meus joelhos, / para subir ao Tabor. / Quero acender minha lâmpada / nas profundezas da terra, / para os céus iluminar. /</i>	VA
	<i>ninguém sentiu seus passos de lâ / quando ele se esgueirou pela multidão para subir os degraus do santuário; / ninguém percebeu que foi o seu cansado sopro que / apagou, uma a uma, as luzes do altar.</i>	PAS
	<i>arranha-céus subiram pela escada das nuvens, / poderes</i>	AA

	<i>demoníacos captaram a mensagem do vento, /</i>	
	<i>Já não lhe bastam os balões que aos centos / se elevam no éter e refluem / aos meneios do vento. /</i>	<i>DSD</i>

## RELIGIOSIDADE

<b>RELIGIÃO / RELIGIOSIDADE</b>	<i>Uma outra vida, um mundo inédito, / em que eu possa sentir, integrada na fé, / banhada na água lustral do batismo, / a primeira carícia de Deus! /</i>	INI
<b>DEUS / 59</b>	<i>Deus sabe como seu coração ficou para sempre diante da vida / - batendo, batendo assombrado!</i>	INF
	<i>Sonhei com o mar. E ele era terrível / como a cólera de Deus. / E também era belo e era grande / como a misericórdia de Deus. /</i>	FM
	<i>Amei o mar: ele era um deus humano / com seus demônios e seus anjos em liberdade. /</i>	FM
	<i>Quero sombra / sem matéria, / sombra de Deus, / de Deus, / para este sono / primevo. /</i>	ACR
	<i>A força / com que se prendem ao solo / as emaranhadas raízes / tem origem talvez / nesse mundo remoto / antes das águas, muito antes / da criatura em face dos céus, / e acaso simplesmente prolonga / o ato criador de um deus. /</i>	DOP
	<i>O que dorme renasce: confia / em Deus, nos animais, nos homens. /</i>	OQD
	<i>PROCISSÃO / Corpo de Deus! Bem-vindo / seja à terra pelo tempo infindo, / rochas movendo, corações ferindo, / límpidos sóis e areias / juntando ao mesmo passo nessas veias / pelas quais entre flâmulas passeias. / É a carne, é o Pão, é o Trigo, / é a Semente a brotar do solo antigo /</i>	PRO
<b>SANTO / SANTUÁRIO / 29</b>	<i>Entrarei devagarinho no teu santuário, / acenderei de mãos trêmulas a tua lâmpada de óleo / e sentar-me-ei no chão, junto ao teu tabernáculo, / imersa em pensamentos inefáveis... / Não rezarei, talvez, Senhor. /</i>	ID
	<i>a imagem da Santíssima Trindade acena ao louco, /</i>	VPM
	<i>Que ovalado rosto de pétala, / que lume nos cabelos leva / à semelhança dos anjos, / a menina santa. / Que estranha força reside / nesse pequeno corpo frágil / para guardar de toda mácula / a menina santa. /</i>	AMS
	<i>No mundo claustro vazio / para lá e para cá / o velho santo passeia. /</i>	IL
<b>ANJO / 65</b>	<i>Amei o mar: ele era um deus humano / com seus demônios e seus anjos em liberdade. /</i>	FM
	<i>Na transparência da luz, / como um lago em palidez, / talvez deslize o anjo da paz. /</i>	RA
	<i>Estarei convosco, Irmãos, à hora do triunfo, / quando pairar sobre toda miséria o anjo da consolação /</i>	ME
	<i>Então um grito lancinante se fez ouvir em todos os recantos da terra, / o nome do Anjo ecoou de quebrada em quebrada, / a face do Anjo se refletiu em todas as consciências como num espelho, / cada criatura se lembrou de haver assistido à fuga do Anjo.</i>	AA
	<i>Assim como a lua sem noite / e sem espaço, de tão leve, / miragem que se desvanece / em frente ao anjo anunciador. / A lua sem anjo ou demônio, / alheia aos mares que descobre / no caminho da solidão / para lá da vida e da morte. /</i>	APL
<b>CÉU / 61</b>	<i>força para reter tudo que o céu me deu, / capacidade para amar o que foi criado! /</i>	HE
	<i>sob a inclemência do céu carregado de nuvens, / quando, igual a uma chuva torrencial de verão, / tuas palavras caíram da altura em cheio / e se infiltraram nos meus tecidos. /</i>	TPA
	<i>Porque pertence ao céu a eternidade na graça. /</i>	OMF
	<i>E o céu brilha como um puro cristal. /</i>	VI
	<i>E na esteira, a esperança / de que se eternizasse / o céu da terra: O Dómine. /</i>	OCO
<b>INFERNO / 2</b>	<i>Ai! que foste ferido: / teu descimento aos infernos / tua imersão nos rios / tua escolha nas grotas. / Em contraste a vertigem / dos ideais. Acima das nuvens / o devir. Nos homens / o divino. Em nome da pátria / a Grécia. E entre os mitos / intacto o Cristo / com seu pão e seu vinho / habitante terreno. /</i>	HOL
	<i>Alguém ficou tragicamente vivo, enterrado vivo, / resistirá até o último instante</i>	IQ

	<i>às graças do Santo Espírito, / descerá às entranhas do inferno por desesperação da salvação. /</i>	
--	---	--

### MORTE E TRANSCENDÊNCIA

<b>ASCENDER / 2</b>	<i>E ascendes todavia do sangue / para o tranqüilo azul. /</i>	CAN
	<i>O solo, fermento de angústias: / quer na ascensão, quer no declive, / anseiam penhascos e abismos / por inenarráveis esferas. /</i>	PMA
<b>TRANSCENDER / TRANSCENDÊNCIA / 5</b>	<i>INOCÊNCIA / Um hino que carece de algo / a transcender de imaculado /</i>	INO
	<i>Um como fugir do sangue / à hora da almejada entrevista. / O abandono do corpo – não à atração telúrica – / À transcendência da natureza / E o coração da criatura pulsando unísono / de encontro ao vivo coração do Criador. /</i>	OS
	<i>Peso e transcendência de mármore / na própria carne transitória. /</i>	QNR
	<i>Dá de beber aos seres vivos / acelera massas e máquinas / à transcendência se dispõe. / E amanhã será como foi / no seu destino de doação. /</i>	AG
<b>MORTE / 144 /</b>	<i>Ar azul de azul invisível / feito de espírito e matéria / tu és vitória sobre a morte. / Pois além dessa vida etérea / que existe em função do amanhã / significas ressurreição. /</i>	AR
	<i>Porém acima de qualquer assombro / aquele assombro vindo de antanho / para atravessar o século / de ponta a ponta – flecha escusa – e ser / perene assombro dos mortais / – a morte. /</i>	ASS
	<i>Se a morte viesse para buscar-me nesses nevoeiros langues e baços, / ai! Com certeza me deixaria sem pensamentos ir nos seus braços / para a cidade dos subterrâneos de terminam nossos cansaços... /</i>	AN
	<i>Não se rompe com os mortos / de uma vez. É preciso / que a fina areia do ápice / teme toda a ampulheta. /</i>	ROM
<b>OUTRA VIDA / 3</b>	<i>Uma outra vida, um mundo inédito, / em que eu possa sentir, integrada na fé, / banhada na água lustral do batismo, / a primeira carícia de Deus!</i>	INI
	<i>Quando outra vida? Quando algum sonho? Quando a paisagem / foi diferente para os meus olhos que já não reagem</i>	AN
	<i>aliança mais duradoura / de outra vida noutra espaço.</i>	EM
<b>LUTO / 18</b>	<i>Por temer a vida / por fugir à morte / Amor nas ondas da praia / dura o que espuma entre os dedos. / Já no recesso dos vales / é morto de sombra e peso. /</i>	TEO
	<i>Êxtase. Vésperas. Advento. /</i>	SE
	<i>Dama de luto fechado / caminha pelos meus passos</i>	DRV
	<i>E também, para lazeres, / vinham vestidos de luto, / confidências, soluços, / delicados bocejos. /</i>	EL
	<i>E bruscamente veio o luto / que jamais se alivia. / Por nossa culpa, nossa culpa. /</i>	DSD
	<i>Já vem vindo em lento cortejo / a Procissão do Miserere. / Não se abram portas nem janelas / que a rua pertence aos defuntos. / Almas em grau de penitência, / envoltas em manto e capuz / carregando velas de cera / pisando áscuas de fogo fátuo, / exprobam os sete segredos / por que finalmente se salvem. / Guia espiritual da Província /</i>	ELM
<b>ENTERRO CAIXÃO TÚMULO / 13</b>	<i>O túmulo do Poeta é um canteiro de corolas silvestres. / E na cruz de madeira igual às outras / o seu nome se apaga. /</i>	VI
	<i>Alguém ficou tragicamente vivo, enterrado vivo, /</i>	IQ
	<i>Caminhas em terreno / arenoso, a um tropeço / poderás enterrar- te / na ara do sacrifício. /</i>	IDO
	<i>sob a chuva, entre salpicos / de lama, um caixão mortuário / sem enfeites nem bordados, / senão os que a lama asperge / no pano que cobre as tábuas. /</i>	DBH
	<i>Léguas e mais léguas / o caixão sem peso / sobre ombros doridos. / Corpo preservado / qual planta de cheiro. / Nuvens debruçadas / numa chuva lenta. / Nosso pai dormido / para todo o sempre. /</i>	POA

	<i>Urgia misericórdia / como se confusos augúrios / redundassem daquele encontro / de homens egressos do túmulo. /</i>	VP
<b>ABSOLUTO / 6</b>	<i>E a todas as querelas / põe o selo absoluto. /</i>	AVC
	<i>Aproximai-vos com cautela / porque do transe as várias fúrias / lhe rasgaram os véus. / Não lhe façais qualquer pergunta / que neste instante o seu segredo / mergulhou no absoluto. /</i>	VIC
	<i>Os homens buscavam violentos / da força o reino absoluto / para exaurirem de dentro / as vinhas – flores e frutos. /</i>	OLI
<b>FIM / 21</b>	<i>A alma se alonga para o fim / já sem desejos e sem ânsia /</i>	FI
	<i>Do mar escuso da morte / para moradas mais livres. / Não me faleis de resíduos / nem de enredos pelas grotas. / Dai-me violinos e pianos / pelo sem-fim deslizando. /</i>	IN
	<i>Quando outra vida? Quando algum sonho? Quando a paisagem / foi diferente para os meus olhos que já não reagem / contra a penumbra mansa e envolvente que se perlustra / no fim da viagem? /</i>	AN

## Anexo 2

### Transcrição literal das respostas dos informantes e relação nominal dos participantes da pesquisa

#### Grupo 01

A seguir, encontra-se a transcrição<sup>1</sup> literal das respostas com os devidos códigos<sup>2</sup>. Alguns trechos foram negritados por identificarmos relação com a temática da pesquisa.

SPF01:“É um belo poema de Henriqueta Lisboa que fala sobre o ‘o tempo’. Tempo este que é um “fio” e vale muito. É preciso aproveitar cada tempo em nossa vida, seja ele bom, de momentos positivos ou ruim, de momentos negativos. Também é necessário voltarmos no tempo, lembrarmos momentos, ter lembranças, ora boas ora ruins, porém lembradas. O tempo também é algo complexo pois é um mistério de Deus. E Henriqueta sempre usa, trata de temas assim (ar, fogo, água, tempo), mas de maneira singela e profunda, pois é sutil tecedora de imagens capazes de dar uma dimensão metafísica a seu “intimismo radical.”

SPF02:“A idéia de tempo enquanto fio tênue da vida que vai aos poucos sendo tecida faz parte do nosso imaginário desde os mitos mais remotos. Cloto, Átropos e Loquesis são as três irmãs guardiãs do tempo e da vida. Uma dava o fio, a outra tecia, a outra cortava o fio.

No poema, como no mito, é a matéria-prima da vida. “Tecei! Tecei!” Equivaleria a “Vivei!” “Vivei!” Tempo significaria, então, vida. Mas há outros versos em que o tempo assume sentido próprio: o de tempo livre para se construir, reconstruir, desconstruir a vida. Resumidamente, o poema trata do próprio viver, de como somos responsáveis por nossas vidas. Da importância de se vivenciar a própria vida. Podemos fazer do tempo nosso aliado ou simplesmente deixá-lo correr por entre os dedos.

SPF03:“De tanta preocupação com o tempo, não há tempo de tecer as metas para as coisas boas da vida.”

SPF04:“É um lindo poema que nos remete a várias reflexões, porém me chamou atenção a 2ª e 4ª estrofe pois se o tempo é um fio, o que fazemos com esse fio, a maneira como o tecemos (vivemos) será consequência daquilo que esperamos “colher”, ‘franças espessas carregam frutos’, o que se faz do tempo é o resultado de como se vive.”

SPF05:“Para mim o texto trata da vida.

O que estamos fazendo com nossa vida? Nós “tecemos” nossa vida. De acordo com nossas pequenas, simples atitudes, colheremos frutos e dos grandes, ousados, fortes passos, apanharemos peixes que nos alimentam, garantem nossa sobrevivência física e intelectual.

Desperdiçamos a oportunidade de sermos felizes quando não vivemos efetivamente nossa vida. “Cada um de nós compõe, constrói sua própria história, carrega o dom de ser capaz, de ser feliz.”

Ainda dá tempo! É preciso resgatar as coisas boas que já se foram. Ficar atento se permitindo conhecer de um pólo a outro, vencendo obstáculos e construindo a cada dia seu fio, sua vida.”

SPF06:“O título do poema nos induz a perceber que o tempo é algo tênue, algo que se pode romper sem dificuldades e, por isso mesmo, devemos vivenciá-lo da melhor forma possível.

Nesse poema, O tempo é um fio, Henriqueta Lisboa compara o tempo com o fio que vai tecendo, primeiramente, a renda de bilro, mais frágil e, por isso mesmo, se nos descuidarmos, o fio se rompe, “escapa da agulha”, e o tecido se desfaz. Mas o fio tece, ainda, as franças espessas, malhas e redes, essas mais fortes, astuciosas, pois recolhem o de comer. Parece-nos, até então, que a poeta quer nos mostrar o homem criança, o homem adulto que sustenta a casa, mas, sem que ele perceba, esse tempo, de repente, passou e ele está velho e jogado, esquecido como um farrapo jogado fora.

No final, tem-se a sensação de que Henriqueta Lisboa nos aconselha a viver a vida em sua plenitude, pois “ainda é tempo!”. Devemos aproveitar o tempo no sentido de vivê-lo de forma plena, trabalhando sim, mas também desfrutando dos momentos de descanso e lazer. Não é o desencanto da morte, mas chegar a ela tendo vivido aquilo que a vida quer que vivamos.

<sup>1</sup> A transcrição será literal por respeito aos informantes. O meu leitor terá que recolher e valorizar as ideias apesar dos desvios da forma.

<sup>2</sup> Eles foram identificados por um código com duas letras que representam o estado em que atuam; uma letra para indicar o sexo F ou M (feminino e masculino, respectivamente) e dois números para a sequência da interpretação escrita. Exemplo: SPF01.

Também podemos considerar o poema no sentido popular de tempo de plantar, de colher, “está formando tempo de chuva”, etc. Nesse caso, o fio que tece é a terra que aos poucos é preparada para receber a semente, é a planta que nasce, cresce e produz seus frutos que serão colhidos, são as nuvens que se juntam até a chuva cair.

Mas será que o tempo passa ou é o Homem que passa e, então, teríamos um ciclo com dias, meses, anos se renovando e a esperança renascendo a cada dia, mês e ano. Cecília Meireles, em *Ou isto ou aquilo*, trabalha com o tema do ciclo que traz esperanças de renovações. Nessa perspectiva “ainda é tempo” pois novo ciclo virá e com ele mudanças que, acreditamos, serão para uma vida melhor.

Ainda se pode considerar o fio como a palavra que tece o texto, o poema. São palavras, frases, períodos, versos e estrofes que, ao final, em tecido forte – rede nos prende, mas então o escrito já não pertence a seu autor, o sentido do texto está naquele que o lê, por isso mesmo “ainda é tempo”: refazer o texto, burilá-lo, conservá-lo como algo só seu e, só então deixá-lo ir, pois ele terá que ir algum dia. Este é o texto, o poema que, verdadeiramente, nos prende, nos arreata, e, quando de sua leitura, podemos dizer: vale a pena viver. Mas o que é o presente? Um fio tênue que separa passado/futuro. Nem mesmo o presente contínuo nos é assegurado; apenas do passado temos certeza.”

SPF07: “Um poema belíssimo de uma sensibilidade incrível que nos toca a alma.

O tema é o tempo, mas o que é o tempo? Segundos, minutos, horas, dias, meses e anos? Dias ensolarados, chuvosos, quentes ou frios? Não, o tempo está aqui apresentado como a nossa vida, a nossa existência que é frágil, fina a toa escapa pela sua brevidade.

O título “O tempo é um fio” é uma metáfora que representa tudo isso.

Durante toda nossa existência tecemos, envolvendo e transpassando nosso “fio” com outros “fios”, nossas vidas com outras vidas. São as relações que construímos enquanto humanos.

Muitas coisas que tecemos são como “rendas de bilro”, delicadas, necessitam de muita dedicação e zelo e as vejo como nossas famílias: a relação com o sexo oposto na busca pelo amor, a relação com nossos filhos, estes sim expressão do amor pleno e incondicional.

Tecemos também “franças espessas” que são nossas relações profissionais, onde temos que ousar, construir “malhas” e “redes” firmes que possam suportar os “frutos” e apanhar os “peixes” símbolo de nossas conquistas, mas aqui talvez representado de uma maneira mais profunda como o resultado de nosso trabalho, a contribuição que deixamos para a sociedade.

Se pensarmos na idade do universo em termos de tempo cronológico, o que é a nossa vida? Um piscar de olhos? Algo frágil, breve que não podemos e nem devemos deixar nos escapar pelas mãos.

Henriqueta Lisboa usa o poema, o final dele (a última estrofe) como um texto prescritivo, nos passa uma receita e nos afirma que não é tarde demais.

Permitamo-nos viver.

Permitamo-nos ser felizes.

Fazer o que gostamos.

Tecer nossa própria história.

Saborear os pequenos prazeres da vida.

Buscar nosso sentido em nós mesmos.

Fazemos o nosso próprio tempo.”

SPF08: “A extrema sensibilidade da poetisa me leva a refletir sobre a semelhança entre a passagem do tempo e o escorregar do fio nas mãos da tecelã: ora se torna delicadas rendas, ora franças espessas e ainda se pode fiar malhas e redes astutas.

Na segunda estrofe, percebo momentos da vida: ocasiões que nos exigem diferentes intensidades para diferentes intenções – sensibilidade para apreciação do belo, firmeza na necessidade do trabalho, esperteza para sobreviver” às armadilhas da mata escura”.

Tempo e fio são valiosos, pois cada ocasião rende seu fruto: alimento para o corpo, alimento para a alma (peixe).

Mas, se a tecelã deixa escapar o fio, o trabalho se perde; se se deixa escapar o tempo, a vida se esvai.

“Mas ainda é tempo”... o tempo (momento) não aproveitado continua a ser tempo, ainda passível de ser retomado.



É preciso libertar o indomável potro da juventude, semear aprendizagens nos vários tempos e lugares, superar obstáculos e, enfim, tendo todo o fio-tempo se desenrolando do novelo da vida, pronto o Homem, é hora da passagem.”

Fio tempo  
*A vida não é um fio.  
 A vida será um novelo?  
 Talvez novelo de fina linha  
 que enrola  
 e torna a linha lã.  
 O novelo de lã.  
 Fio a desenrolar com o tempo,  
 a lã se esvai  
 e, no final, não é mais lã (se transforma)  
 se renova  
 em bela arte,  
 utilitários diversos,  
 no calor de uma proteção.*

*A vida começa,  
 o novelo se expande;  
 sabiamente  
 se doa...  
 E, parecendo vida mais não haver,  
 a passagem se dá  
 e toda a construção  
 em memória  
 renasce.*  
 (Poema criado por SPF 08)

SPF09:“A mim este poema reporta a linha tênue entre a vida e a morte, a importância da importante maneira de viver da melhor forma, para a garantia do melhor viver...”

Assim uma professora, na década de 80 escreveu em meu diário:

Viva a vida  
 Vá só ou com outrem  
 Caminhe o seu caminho  
 De forma que possa  
 Olhar para frente sem temores  
 E para trás sem remorsos...

P.S.: E na década de 90 nos tornamos colegas de trabalho na mesma escola!”

SPF10:“O poema inicia-se com uma visão didática do tempo comparando-o a um fio que tece a vida além de elencar elementos que a preenche. Através do tempo, fazemos escolhas – certas ou não – e a vida segue. Os diferentes tecidos simbolizam diferentes formas de viver. Às vezes este fio escapa por entre os dedos. A esta altura, percebe-se uma visão pessimista da vida como se não fossem oferecidas opções a não ser aceitar passivamente a passagem do tempo e a deteriorização do tecido. A partir da penúltima estrofe, o eu lírico conchama o leitor a uma segunda chance “Mas ainda é tempo!” Os próximos versos são praticamente uma convocação a reviver, evidenciada pelo emprego do imperativo (“soltaí”, “mandai”, “venceí”). Pode-se dizer que é mais que um “reviver” e sim, um “reviver com prazer” saboreando cada momento.”

SPF11:“A princípio queria deixar claro que não gosto muito das obras de Henriqueta Lisboa. Ao começar a leitura, no meu entendimento, distingi vários momentos: uma leitura e compreensão do todo e num segundo momento a interpretação diferenciada de cada estrofe, que forma o conjunto. Melhor explicando: na primeira estrofe, entende-se sobre o quão tênue e passageiro é o tempo, que dura tão pouco e escapa das nossas mãos; na segunda, a comparação com o fio, com as rendas de bilro, quem já viu as rendeiras trabalharem, sabe que é um trabalho encantador, é um cruzamento de nós, fortes, que não se desfazem e o trabalho final é duradouro, totalmente contrário do sentido da primeira estrofe; na terceira, o valor do fio. Que valor? Na próxima estrofe as rendas são substituídas pelas redes, o que elas trazem, remeto mais uma vez às regiões das rendeiras de bilros, onde os homens fazem suas redes e trazem seus lucros e alimentos do mar; na continuação, vejo os fios (tanto o tempo quanto os fios mesmo) passaram pelas mãos, pelos dedos; ah! Escapou o fio, errei o ponto, naquela situação perdi o tempo, aqui perder o tempo não é aprendizado; porém, dá tempo de recuperar o ponto e porque não o tempo?; finalmente, estou livre, nada mais me prende, nem os fios nem o tempo, até as paragens agora são outras, do mar fui para as campinas, de cabelo ao vento, em contato com a natureza com seus odores, sons e beleza.”

SPF12:“Apesar de sua fragilidade, é forte, deve ser aproveitado ao máximo e seu objetivo nunca passa, sempre há possibilidades de resgatá-lo e utilizá-lo para aquilo que desejar. Não o deixe de lado como um trapo, sem ele nada se pode fazer.”

SPF13:“De tempo que passa rapidamente e sem que percebemos, passou. O tempo deve ser bem aproveitado, planejado, pois sem planejamento se vai por entre os dedos. O tempo é valioso.”

SPM01:“ A vida é tempo?

O tempo é vida?

A vida é um fio?

Qual o fio da vida?

O fio da vida...

O tempo com sentido.

Interessantíssimo o texto. Pode-se dividi-lo em duas partes: A vida frágil tecida pelo automatismo. A proposta de uma vida construída na liberdade do tempo.

“...Soltai os potros/Aos quatro ventos,/Mandai os servos/De um pólo a outro,/Vencei escarpas,/Dormi nas moitas”. Esta parte do texto expressa a intenção da autora de convocar o leitor a uma revisão de vida x tempo, ou seja, uma análise de vida x sobrevivência.

“Soltai os potros”... esta parte nos remete a uma busca incessante de libertação. “Potro”. – apesar da pequenez, faz-se necessária a coragem e a ousadia de ir aos quatro ventos. Assim é a vida, marcada pelo tempo histórico e pelo tempo cronológico.

Não há tempo para a vida, pois a vida é o próprio tempo. Tecê-la é um risco. Vivê-la é fundamental. O tempo de risco é a vida mal vivida. A vida por um fio é o tempo tecido pela fragilidade do fio da ação.”

SPM02:“O texto trata da transitoriedade da vida, por conseguinte como isto pode influenciar as relações.

A perenidade das nossas interações se estabelece a partir daquilo que se pode configurar o nosso tempo que é a vida.

Por mais paradoxal que possa parecer, apesar da vida estar ligada ao fio das nossas relações, é a própria vida que compõe, ou que permite a composição desse fio.”

SPM03:“ A poetisa compara o tempo à vida. Ela expressa a brevidade da vida e também a idéia de que o tempo é implacável se não for bem aproveitado.

A impressão que me causou foi que a construção do poema remete ao nascimento, crescimento e à morte.

Tem-se que viver intensamente, valorizar o que tem de precioso, como família, amigos, amores, filhos e a própria vida. Viva enquanto há tempo!”

SPM04:“O tempo representa a linha da vida. Ao ler não me vem outra imagem senão a linha do tempo inserida na vida de alguém.

Ao final, o autor clama o resgate do tempo perdido ou do tempo que já passou.”

SPM05:“O tempo é comparado como um fio e este é fino e acaba sempre escapando de nossas mãos.

O tempo por sua vez também é um fio que acaba escapando de todos.

Mas o que fazer para segurar o fio?

O que fazer para não perder esse tempo que de todos escapa?

Segurar mais o fio para não escapar é saber aproveitar o tempo, usá-lo de maneira eficaz, construir nele marcas positivas e caso tenha também as negativas essas possam ser reavaliadas e dessas tornarem experiências ricas.

Sempre é tempo de segurar o tempo, é valioso e marcante. Marcar o seu tempo, é soltar os potros aos quatro ventos que já se foi.”

SPM06:“A comparação retrata com função emotiva e poética a importância de saber valorizar as situações belas e positivas que o tempo nos proporciona e deixa claro que dessa situação temos que tirar o máximo de prazer!”

## Grupo 02

CEF01:“O texto poético numa linguagem metafórica nos faz refletir sobre a questão do tempo. Ela (a autora) repete o verso “O tempo é um fio” com o intuito de que o leitor perceba o que pode construir ao longo de sua história, tecendo o fio da meada para que o tempo não seja mal aproveitado.

Às vezes nas situações adversas deixamos o tempo passar por mero comodismo e não estamos abertos às mudanças.”

CEF02:“ A idéia central do texto é a rapidez com que o tempo passa e se não estivermos atentos para utilizá-lo, não recuperamos mais. O tempo é muito subjetivo, e cada um de nós é responsável pelo que fazemos dele e com ele. É individual, e se perdemos um minuto, não dá para recuperar. Pode até recuperar aquilo que poderia ter sido feito naquele determinado momento, mas o tempo em si, é irrecuperável. Quando passa não volta mais. Por isso, o texto deixa claro que devemos aproveitar cada minuto do tempo que temos. Fazendo uma analogia a um fio, o texto trata o tempo com a seguinte reflexão: por mais curto que seja, por menor que seja, por mais liso que seja, por mais voraz que possa ser, não desperdice a oportunidade de fazer do tempo que tem algo proveitoso para a sua vida ou para a vida do outro.”

CEF03:“O texto de Henriqueta Lisboa fala da vida que escolhemos para nós. Na vida tudo é muito complexo, tudo é uma questão de oportunidades a ser abraçadas. Devemos tirar proveito do que já passou, (no bom sentido), acreditar que você pode, que você sabe e que você é grande em sua essência.

Escolhendo ou não, temos ciência do que fazemos e estamos fazendo. Portanto, vamos fazer o melhor hoje, para não tecermos nossas próprias redes (armadilhas), porque tudo que fazemos no presente, refletirá no futuro, bem ou mal, refletirá. Precisamos viver sempre em reflexão, trabalhar o eu, para construir uma vida melhor a cada dia.”

CEF04:“Da urgência de aproveitar as oportunidades, de vencer as dificuldades e acreditar no agora já, não desperdiçar os momentos porque eles se vão e quando menos esperamos não podemos fazer mais nada.

É preciso correr atrás do prejuízo, “Voltai com o tempo que já se foi...” Trazendo para o nosso contexto GESTAR II, é acreditar no sucesso, na melhoria para o processo ensino-aprendizagem.”

CEF05:“O tempo da vida de alguém, um alguém que trabalha, que é simples, vive uma vida tranquila. Sobrevive do artesanato, que percebe a natureza, animais e pessoas a sua volta.

Um alguém que percebe a sutileza da vida. O gosto dos frutos, o barulho do vento.

Um alguém que tem recordações de bons momentos que teve em sua vida. Lembranças que devem sempre ser recordadas para alimentar o corpo e a alma. Lembra e compara o tempo com um fio que é frágil e pode a qualquer momento partir, quebrar, ou morrer. “Tecei, tecei...” pode marcar o tempo passando e o que você vai construindo ao longo da vida.”

CEF06“Do valor, da importância e da fragilidade do tempo, como algo maravilhoso mas que não volta.

A autora compara o tempo como sendo um fio valioso, que está nas nossas mãos, precisamente entre os nossos dedos que devemos cuidar com muito carinho para se dá um sentido diferente a nossa vida .

Portanto é necessário que aproveitemos com sabedoria cada minuto da nossa vida como se fosse o último, é como diz a canção: “nada do que foi será do jeito que dia se foi...”

CEF07:“O texto “O tempo é um fio”, de Henriqueta Lisboa, trata da relação entre o tempo que vivemos (aproveitando-o) plenamente e o tempo que não é aproveitado devidamente.

O texto deixa claro que muitas vezes conseguimos fazer algo que achávamos que não mais podíamos fazer, devido o tempo da realização daquele projeto já ter passado, mas a coragem, a garra e a vontade contribui para que o tempo se torne nosso aliado.

CEF08: "O texto me faz lembrar um outro texto – "Estradas", de Manuel Bandeira.

O texto fala do tempo que passa sutilmente e que é preciso sabedoria para saber aproveitá-lo bem. No nosso dia-a-dia, é mister cuidar de nossas atribuições com carinho e a preocupação em comprometer-se com o que deixaremos para trás.

Não deixemos poeira, mas rochas firmes capazes de dar continuidade aos projetos dos que virão depois de nós."

CEF09: "Que precisamos planejar e avaliar o nosso tempo, pois não podemos deixar a desejar, quando se trata do desempenho e dos objetivos que pretendemos alcançar, temos que reconhecer que o tempo não para e nem volta atrás para obtermos as oportunidades que passaram e que temos que atribuir, a esse tempo aos nossos educandos, almejando todo o aprendizado e conhecimento que esse tempo nos proporcionou para nós educadores "

CEF10: " O texto nos remete a reflexão de que o tempo é algo que passa rápido e que deve ser bem aproveitado. Que devemos aproveitar as oportunidades surgidas e fazer a diferença no que fazemos.

Quando se faz algo com amor, dedicação e empenho, se torna duradouro para você e as outras pessoas. Se consegue deixar marcas, ser significativo.

Temos que fazer por nós e pelo o próximo, para que o tempo não seja perdido e sim aproveitável, suficiente e permanente para todos.

Por fim, devemos ter esperança, diante dos obstáculos, fazendo valer a pena, e aproveitar todo o tempo que nos é disponível na vida, que é tão passageira."

CEF11: " O que é um fio?

É algo bem frágil, que pode escapar a qualquer momento de nossas mãos. Assim é o tempo, não podemos esperar, é preciso agir, antes que o tempo passe, vá embora. Temos que aproveitar as oportunidades pois elas não acontecem duas vezes.

Quando sabemos fazer bom uso do tempo, ganhamos muito, nem sempre em dinheiro, muitas vezes a recompensa não é visível aos olhos.

Para que serve um fio?

Para unir pontas, formar redes, juntar partes. O tempo serve para transformar as pessoas, desenvolver potencialidades, curar feridas ou mesmo abri-las, mas seja qual for a situação não podemos parar pois o tempo passa, mas nossas ações permanecem ."

CEF12: "O texto 'O tempo é um fio', de Henriqueta Lisboa, é uma metáfora utilizada para retratar o tempo 'cronológico'. Se faz uma comparação com o fio que serve para fazer rendas de bilro, malhas e redes. De acordo com o texto, os dois, tempo e fio tem suas utilidades, suas funções, embora um dia sejam algo do passado, que já não servem mais

Levando para o lado pedagógico nos leva a refletir sobre nossas posturas como educadores; nos faz acordar para reconhecermos que é 'tempo' de mudarmos nossas práticas pedagógicas de nos atualizarmos e vencermos o medo das mudanças, pois o tempo é um fio que por entre os dedos nos escapa ."

CEF13: "O texto fala sobre o aproveitamento do tempo. Compara-o com um fio e de sua fragilidade. Que precisamos usá-lo para tecer os momentos com gentileza, mas com muito empenho, bem traçado. Se não cuidarmos de aproveitar o tempo, ele perde-se.

Mas, nunca é tarde para que recomeçemos. Sempre é tempo de nos dedicarmos, fazer bem feito, com vontade, pois só assim colheremos os frutos de nossas ações. Não podemos desprezar o tempo, ele é valioso."

CEF14: "Que a vida é passageira, delicada, frágil que é preciso cuidá-la, preservá-la e acima de tudo aproveitá-la pois o tempo não espera, ele escorre, quando se vê, já foi. Não há retorno, nem segunda chance. É preciso sabermos e não sei como, já que é tão passageiro, a prolongarmos cada instante ."

CEF15: "Trata do pequeno espaço que é a vida. Da fragilidade da vida. Do cuidado que devemos ter com as nossas relações e conosco. O tempo passa muito rápido e que portanto devemos saborear todas as oportunidades que nos é concedida. Tecer com sonhos, pois são eles que nos inspiram no caminhar, a olhar um amanhã de possibilidades pautadas em cada ação do agora."

CEF16: "O tempo é algo precioso. Cada momento na vida é importante, por isso é que devemos vivê-lo intensamente. Não devemos deixar de lado as nossas angústias e nem mesmo os nossos desejos. O

tempo é agora. Ter habilidade para administrar esse tempo nos faz pessoas importantes e de grande teor positivo.”

CEF17:“O texto trata da brevidade do tempo, passa rápido e de tal forma que devemos aproveitar cada momento, praticando boas ações e tendo belas atitudes para aproveitá-lo em sua totalidade.”

CEF18:“Da fragilidade do tempo que passa muito rápido e a cada segundo que vai-se devemos aproveitar para construir algo. Não podemos perder tempo – tempo – tão precioso – tecendo coisas desagradáveis. Devemos nos empenhar para construir coisas belas, seguras que valham a pena existir, pois esses serão os frutos que levaremos. Não podemos perder o tempo que nos é tão rico, pois este está passando, porém nunca é tarde para soltarmos nossas capacidades de construção e vencer as barreiras que nos impedem de ser bons educadores.”

CEF19:“O texto fala da importância do tempo em nossa vida, comparando um fio que é frágil, fino, mas que vale muito. Por isso não devemos parar contra o tempo, pois ele é valioso. Temos que administrar muito bem o nosso tempo. Temos que ter tempo para tudo. No nosso trabalho, na nossa casa, nas oportunidades que surgem em nossa própria vida, temos que aproveitar, pois o tempo não volta atrás.

O fio é comparado porque serve para juntar pontos, transformar, unir, curar etc. Muitas vezes o resultado não é visível aos nossos olhos. Acontece de repente.”

CEF20:“Estamos sempre em constante luta contra o tempo, pois ele, realmente é frágil, quantas vezes nos pegamos a falar não tenho tempo pra isso, não tenho tempo para aquilo. E não percebemos que o problema muitas vezes não é o tempo, geralmente é a nossa impaciência que atropela as coisas e se soubermos usá-lo a nosso favor ele será um grande companheiro.”

CEF21:“O texto nos fala da rapidez que passa o tempo, por isso não devemos nos acomodar, temos que acompanhá-lo. Mas se por acaso alguém o perdeu, deixou que ele sumisse, ainda há tempo, é só ter coragem e correr atrás dele.”

CEF22:“De modo geral, este texto em si já nos remete à acordar. Nós professores temos que estar atento a tudo. E me deixa triste saber que tem questões com muitos professores, que à bastante tempo descobriu, mas até hoje ainda se lamenta e não resolve.

Trago também para minha realidade como formadora do GESTAR II, que mesmo eu tendo argumentos, embora sabendo como fazer não é suficiente.

Temos que ser verdadeiros educadores que vive, e realiza HOJE, se preocupa HOJE . Pois depois será tarde demais.”

### **Grupo 03**

DFF01: “O texto trata de como o tempo flui, como ele é valioso e deve ser bem utilizado, pois quando se perde tempo à toa perde-se a oportunidade de usufruir das coisas boas. O poeta alerta sobre a importância de cuidar do tempo porque ele escapa facilmente quando não é aproveitado. A metáfora do fio mostra que devemos construir o tempo como tecemos, dando utilidade a ele.”

DFF02: “O poema aponta para a brevidade do tempo. A modernidade chegou, (“Perdeu-se o tempo”), deixando a história no passado (“... o tempo que já se foi”).

A mensagem que fica é a de que o tempo passa depressa, mas é preciso experienciá-lo com cautela e atenção, (“com mais astúcia”) para que o fio do tempo não escape de nossas mãos sem que percebamos e devidamente possamos aprender com ele.”

DFF03: “O texto fala sobre a efemeridade da vida, sobre o tempo que nunca pára. Ao estabelecer a metáfora do fio para o tempo, o autor ressalta a importância de utilizá-lo bem, de não deixá-lo ‘jogado à toa’, fazendo ‘rendas’, ‘franças’, ‘malhas’, ‘redes’, etc... aproveitando-o. Afinal, não importa o que aconteça, esse tempo vai continuar correndo, mas antes ter construído uma ‘rede’ ou ‘malha’, que deixar apenas ‘farrapos’ ou um fio solto, ‘que escapa à toa’. Essa velocidade do tempo, que quando se vê ‘já se foi’ é percebido com o ritmo rápido e os versos curtos, pontuais.”

DFF04: “O texto mostra que o homem por mais que queira, não tem como controlar o tempo. Pois o tempo nunca irá parar para lhe servir.”

DFF05: “O texto trata-se do tempo, que é frágil e precioso. Então não deve-se desperdiçar dele porque é muito valioso. Se perdemos o tempo, perdemos tudo, porque ele não volta atrás.”

DFF06: “O texto trata de como o tempo é comparável com um fio. Frágil, pode ser maleado e moldado de acordo com o nosso empenho. O tempo é o que fazemos dele, como uma matéria prima, como um fio.

Pode ser farrapo ou uma rede mas não deixa de ser o tempo em seu aproveitamento.”

DFF07: “O texto trata de como o tempo pode ser visto ou utilizado pelas pessoas. Que ele é frágil como um fio e que não pára para esperar aquele que o perde, mas pelo fato de estar sempre presente na vida de todos e sempre a correr, pode ainda ser aproveitado.

O tempo deve ser conduzido como um fio, a fim de produzir/tecer belas coisas, mas a depender de sua utilização, tais coisas podem não ficar tão belas e até mesmo envelhecer e cair no esquecimento, até a hora em que se desperte e se dê conta do que passou despercebido, e tente-se recuperar o que já foi.”

DFF08: “O texto trata da fugacidade do tempo. O eu-poético, mesmo sem ameaçar, assume um tom ameaçador ao tratar da facilidade com que o tempo ‘escapa’. Esse tom ameaçador é abandonado nas duas últimas estrofes do poema, quando o eu-poético oferece a esperança: “Ainda é tempo!” Neste ponto, o leitor pode ter o reencontro de si mesmo com o tempo que já se foi: a reconciliação com o passado.”

DFF09: “O tempo é frágil que pode escorrer entre os dedos. Porém, é forte no sentido de que dele podem ser tecidos redes e malhas. No entanto, há que se tomar cuidado porque por ser volátil e efêmero ‘perde-se’ ou é ‘jogado à toa’, passa rapidamente como um pano que envelhece e é jogado fora.”

DFF10: “O texto trata do tempo que é um fino e frágil fio mas que ainda assim pode ser forte e carregar frutos, malhas e redes que apanham peixes. Porém este mesmo tempo precioso pode perder-se escorrendo pelos dedos.”

DFF11: “O texto fala da fragilidade do tempo, do passageiro e que por isso vale muito. Por ser tão frágio, tão escorregadio, é necessário que se saiba aproveitá-lo, porque ele passa logo e se não é aproveitado, não há frutos, só o vazio de um tempo à toa, que não volta mais.”

DFF12: “O eu-poético descreve o tempo como um fio que às vezes se mostra fluído escapando entre os dedos e sendo assim um tempo perdido, mas ainda sim tempo gasto, que não se recupera. O tempo como algo frágil, fino de grande valor mas muito desperdiçado.”

DFM01: “O poema aborda problema enfrentado pela modernidade em relação ao tempo, que passa a ser um item escasso e valioso. Bela metáfora do tempo como um fio, o eu-poético traz forte imagens da importância e efemeridade do tempo, o que conduz ao fato de que o que passou não pode ser alterado e apenas resta ao indivíduo viver o tempo que ainda está por vir.”

DFM02: “O tempo é um fio, parece ser uma metáfora para expressar que embora palpável, o fio não é plenamente manejável. O fio é muito leve para o nosso manusear. E assim é o tempo. Tentamos manejá-lo, entretanto ele em sua sutileza, em suas nuances, parece apresentar subterfúgios para fugir as nossas mãos.”

DFM03: “O texto trata da inexorabilidade da vida, onde o tempo que se passa não pode ser recomposto, nem recuperado. Por outro lado, se o tempo for tecido com ‘astúcia’ e ‘empenho’, podem-se colher bons frutos posteriormente. Enquanto que o tempo que se perde vira um ‘farrapo jogado à toa’.”

DFM04: “O autor compara o tempo com um fio. Com um fio ‘tempo’ podemos fazer objetos úteis, malhas, redes, ou podemos construir farrapos. Podemos ignorá-lo, deixando-o escorrer por entre os dedos. Ou seja, nada construímos com o tempo que temos.

Temos ao final uma mensagem otimista. Buscar recuperar o tempo perdido. Para isto precisamos agir, nos mover.

DFM05: “O texto trata da vulnerabilidade do tempo e seu domínio ante a tudo e a todos. Ao mesmo tempo, cabe às pessoas vencerem o tempo com o trabalho, que é o que permite a sobrevivência ao longo dos meses. O tempo também parece carregar algo que o eu-poético deseja ter de volta. Um passado glorioso com muita fartura (potros, servos).”

DFM06: “Nós podemos usar o tempo da maneira que desejarmos. Com o bom uso dele podemos fazer amigos, cuidar de quem gostamos e colher bons frutos. Se o tempo escapa, se o deixarmos, não colheremos nada quando ele passar.

Mas sempre ainda é o momento de recomeçar e fazer o que se deixou pra trás.”

DFM07: “O texto trata de uma comparação feita entre um tecido, seus elementos constituintes e o tempo. É possível observar a importância da ideia de construção e movimento estabelecida no texto, portanto, pode-se concluir que o tempo é movimento, construído, reconstruído.”

DFM08: “O texto trata do tempo, da sua relação com as pessoas. No texto vê-se quão valioso é o tempo e que é preciso aproveitá-lo com sabedoria. Nesse ponto pode-se relacionar o tempo ‘jogado à toa’ com a inércia portuguesa após as grandes navegações. Em seguida conclama-se o povo a superar isso.”

DFM09: “O texto retrata a respeito do tempo como um elemento real em que sua perda está condicionada à menor bobeira em, deste, não tirarmos proveito.

Apesar de toda a importância que concedemos a inúmeras outras coisas, a autora nos chama a atenção para o tempo como elemento que vivenciamos, e que seu proveito deve ser pleno, pois este não retorna mais.”

DFM10: “O poema trata da efemeridade da própria vida e com a memória que temos do vivido. No decorrer da vida, colhemos frutos e pescamos peixes, mas é no ânimo da aventura, da exploração, da expansão de nossos feitos, nossas vidas no espaço indeterminado que dá vida ao tempo, e nos faz na memória, fio tão frágil mas tão valiosa como o tempo, temos o tempo conosco, que já se foi.”

DFM11: “O poema trata das diferentes formas de o homem se por diante da vida. A metáfora do fio é empregada para demonstrar a relevância existencial de cada indivíduo, os que ‘tecem redes’ e os que deixam ‘farrapos’.”

DFM12: “O poema trata de um dialogismo; tempo e vida (fio). Ao longo de todo poema, há a construção desse dialogismo e a definição de como estas duas razões se interfluenciam e de como uma depende da outra.”

DFM13: “O poema apresentado procura capturar algo que escapa por entre os dedos. Por isto se utiliza de imperativo para que não se perca o tempo fio fino, é a comparação utilizada que na percepção poética é frágil. Vai e não se percebe. Então, a única forma de capturar o tempo, é desprender-se dele. Assim, enquanto foi escrito, capturou e soltou o mesmo tempo.”

DFM14: “O fio/tempo como analogia do trabalho, no sentido do uso que se faz do tempo, está sob o controle das pessoas (‘por entre os dedos’), porém não é algo inerente ao ser humano, pois não constitui parte do corpo. Exige, portanto, certa dedicação (‘Que à toa escapa’). Dependendo da forma como é utilizado, com gentileza, empenho ou astúcia, terá finalidades específicas que constituem as necessidades cotidianas (no caso, alimentos). Não se pode deixar escapar o fio, uma potencialidade humana, mas caso escape, é possível resgatá-lo a muito custo (‘vencei escarpas’). Porém nunca será o mesmo (‘Voltai com o tempo /Que já se foi’).

#### **Grupo 04**

MGF01: “O texto trata do tempo em vários espaços. O tempo como metáfora da vida.”

MGF02: “O texto trata do tempo que é fundamental na nossa vida, pois se ficarmos parados no tempo, poderemos perder as oportunidades que a vida nos oferece.”

MGF03: “O tempo é essencial na vida de cada ser, onde não devemos adiar o que é para ser feito no momento. Cada segundo passado, não volta, então é preciso viver com sabedoria e não deixar o tempo passar em vão.

Quando não há nada a se fazer, é aí o tempo de se amar, mais e mais e dizer que o tempo não volta jamais.

Não deixe o tempo escapar.”

MGF04: “O texto fala de habilidades das pessoas, que o tempo é curto mas que se subermos organizar nossos trabalhos com carinho, amor, delicadeza, temos um grande tempo para desenvolver tudo o que queremos, assim podemos ir além do que queremos. Ele quiz mostrar que devemos correr atrás dos nossos objetivo que o tempo passa mas nunca devemos desanimar...”

MGF05: “Brevidade. O tempo é passageiro que devemos aproveitar o máximo enquanto é tempo.”

MGF06: “Trata do tempo comparado com as diversas fases de vida tecida no dia-a-dia.”

MGF07: “O texto fala do tempo e que ele é como um fio.”

MGF08: “O texto fala sobre a brevidade e a importância do tempo.”

MGF09: “De um tempo precioso, que passa muito rápido, que devemos aproveitar cada minuto.”

MGF10: “O tempo é precioso e deve ser aproveitado ao máximo pois é passageiro.”

MGF11: “Trata-se do tempo, que apesar de passar tão rápido, há tempo ainda para olhar para trás e recomeçar, repensando e refazendo nossas ações mal resolvidas.”

MGF12: “O tempo é muito importante, devemos tecer nossa vida, e não perder tempo, pois o que passa não volta mais.”

MGF13: “O texto desperta para a importância do tempo. Mesmo percebendo que pode ser tarde para algo, mas ainda é tempo.”

MGF14: “O texto trata do nosso precioso tempo.”

MGF15: “O texto fala sobre a brevidade das coisas, tudo tem um tempo certo, e tudo passa rapidamente.”

MGF16: “O texto fala a respeito de como devemos aproveitar o nosso tempo, pois ele é como um fio ou algo que passa sem percebermos. Algo que não podemos segurá-lo e escapa, passa e não volta mais.”

MGEF01: “A vida. Pois retrata o tempo durante a vida, e destaca o quanto a vida é curta.”

MGEF02: “O texto trata da nossa vida como ela é passageira e de como devemos fazer o possível para aproveitá-la. Nele percebemos que algumas pessoas fazem pouco da sua vida e mal cuidam delas. A passagem da vida é como o fio fino que a qualquer hora pode se romper e daí em diante só Deus sabe.”

MGEF03: “O texto retrata a vida comparada ao tempo. Bastante frágil e passageira.”

MGEF04: “O texto trata-se do tempo em função de nossas vidas, onde a semelhanças entre o que se faz com um fio, como é feito em nosso cotidiano.”

MGEF05: “A vida é pequena; e passamos por muitas dificuldades, mas vale a pena viver-la.”

MGEF06: “O texto se trata do tempo. O tempo, no seu mais amplo sentido. Do que ele pode fazer, como ele pode passar, as marcas que ele pode deixar.”

MGM01: “Neste texto é retratada, de maneira enfática, a efemeridade do tempo e também há um apelo a atividades constantes e interessantes para que a vida não passe em vão. Carpe diem.”

MGM02: “O texto trás consigo a definição de tempo segundo a autora. Chama a atenção para o fato de que deve-se aproveitar do tempo de que a nós é disponibilizado para tecermos a nossa existência. Ainda que esse tempo é passageiro e precioso, bastando um pequeno vacilo para que ele escape (se perca tempo precioso) daí faz-se-à necessário grande esforço para se recuperar aquilo que foi deixado de ser feito no seu devido tempo.”

MGEM01: “O texto trata do tempo e como ele pode ser utilizado. Se for bem usado nos adquirimo coisas produtivas e se não for bem usado é tempo perdido.”



**Anexo 3****PESQUISA EXPERIMENTAL (INFORMANTES)**

*A todos manifesto meu sincero agradecimento, na forma de uma citação nominal.*

Adriana Rosim Marra-SP  
 Adriele Pereira Mendes-MG  
 Alaes Rodrigues da Silva-MG  
 Aldair Dias Pereira-DF  
 Aline Paiva de Lowcena-DF  
 Amanda Silva Oliveira-MG  
 Andrea Cristian Fusco-SP  
 Andréa Morato de Faria-SP  
 Arthur Andrade-DF  
 Aurilene Torres- CE  
 Bárbara Caroline de Oliveira-MG  
 Beatriz S. Rego Silveira-SP  
 Benedita Maria Loiola Bastos-CE  
 Benedita Sônia Teixeira-CE  
 Camila Alves Romualdo-MG  
 Carlos Rodrigo Modena-SP2  
 Caulay Sâmara S. B. Moura-CE  
 Chirliane Maria Vital dos Santos-CE  
 Clarissa Ariadne Orrico-SP  
 Claudete M. Rocha-SP  
 Clorinda A.Lanfranchi-SP  
 Dânia Costa Pires-DF  
 Darcikênia Conceição Calabro Viana-MG  
 Débora Luiz-DF  
 Débora Salvador Chaves de Campos-SP  
 Denis José Martins-SP  
 Denise Dias Pimentel-MG  
 Edileuza Gomes-CE  
 Ericson Seno-SP  
 Eva Cristina de Oliveira-MG  
 Francisca Exnária Gomes Cavalcante-CE  
 Francisca Silvanda Mota-CE  
 Guilherme de Sousa Santos-DF  
 Idalzina Cardoso da Silva-MG  
 Isis Layanne de O. Machado-DF  
 Ivete de Paula Silva Dias-SP  
 Jordana Peixoto Felisberto-DF  
 Juliana Azevedo Arneitz-DF  
 Juliana Zanco Leme da Silva-SP  
 Júlio Antônio Moreto-SP  
 Kenyu Alexandre Kanegusuku-DF  
 Laryssa Carvalho-CE  
 Lindaura Rodrigues de Oliveira Fonseca-MG  
 Lorena Evin Nazareth Brandizzi Carvalho-DF  
 Luiz Felipe -DF  
 Márcia Maria Girão Monteiro Alves-CE  
 Marcelo Araújo de Sales Aguiar-DF  
 Márcilio Rocha-DF  
 Marcos José da Fonseca-MG  
 Marcos Paulo Pereira Salgado-MG  
 Marcos Vinícius Ferreira passos-DF  
 Maria Apolinário dos Santos Chagas-CE  
 Maria Cláudia Santos de Sousa-CE  
 Maria da Conceição Silva Matos-CE  
 Maria Delciely Lopes Barbosa-CE  
 Maria das Graças Oliveira Ramos-CE  
 Maria José Aguiar de Souza-MG  
 Maria Lenita Alves Macêdo-MG  
 Maria Vanusa P. L. Guimarães-MG  
 Maria Zilmar T. Teixeira Aragão-CE  
 Mariza Carneiro Dias-MG  
 Michele Mikanda da Costa Couto-DF  
 Nilson Domingos Bueno da Cunha-SP  
 Pâmela Laís Oliveira da Mata-MG  
 Paulo Santiago-DF  
 Paulo Sérgio Rodrigues-SP  
 Pedro Henrique Arazine de Carvalho Costandrade-DF  
 Pricila da Silva Rocha-DF  
 Quitéria do Nascimento-CE  
 Renato Gomes da Silva -DF  
 Ricardina Magalhães-CE  
 Rita de Cássia Cruz Pinto-CE  
 Rosana Araújo Quintino-DF  
 Rosana Iauci Lamas-SP  
 Rosemere Freire Fonseca-MG  
 Rozeni-MG  
 Rozina de Araújo Barbosa-MG  
 Sheila Elias-MG  
 Sílvia Helena Sanders-CE  
 Sílvio Stavidki-DF  
 Simone Pereira de Souza-SP  
 Solange Pereira dos Santos Valadares-MG  
 Sue Caroline Shintaku Tschindel-DF  
 Thaís Marciela Rocha Leão-DF  
 Thauane Ariel Valadares de Jesus-MG  
 Telma Maria Mota Frota-CE  
 Terezinha Batista de Oliveira-MG  
 Valéria Fernanda-DF  
 Vanda Maria Magalhães-CE  
 Vaneti Valles Assaf-SP  
 Willian Cristof Correia Queiroz-MG  
 Yuri Nakakura Palmeira-DF